

UNIVERSITÉ LUMIÈRE – LYON 2
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANA

ALLANA RAFAELA ANDRADE DE SOUZA BERTHELEMY

**A REPRESENTAÇÃO SOCIOCULTURAL DO BRASIL NO JORNAL *LE MONDE* DEPOIS DA CRISE
ECONÔMICA DE 2008**



LYON / CURITIBA

2017

ALLANA RAFAELA ANDRADE DE SOUZA BERTHELEMY

A representação sociocultural do Brasil no jornal *Le Monde* depois da
crise econômica de 2008



Mémoire de Master 2 en Études lusophones
et de

Mestrado em Letras

Préparé sous la direction de Monsieur João Carlos Vitorino Pereira,
maître de conférences habilité à diriger des recherches,

et sous la codirection de Monsieur Walter Lima Torres Neto,
professeur à l'Université Fédérale du Parana

UNIVERSITÉ LUMIÈRE – LYON 2
FACULTÉ DES LANGUES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

Juillet 2017/Julho 2017



Universidade Federal do Paraná
Setor de Ciências Humanas
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras
Tel./Fax: +55 41 3360-5102

PARECER

Defesa de dissertação de mestrado de **ALLANA RAFAELA A. DE SOUZA BETHELEMY** para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Os abaixo-assinados Walter Lima Torres Neto, Presidente, Viviane Araújo A. da Costa Pereira, João Carlos Vitorino Pereira e Fernando Floriani Petry, arguíram, nesta data, a candidata, que apresentou a dissertação “**A REPRESENTAÇÃO SOCIOCULTURAL DO BRASIL NO JORNAL LE MONDE DEPOIS DA CRISE ECONÔMICA DE 2008**”.

Procedida à arguição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a candidata está apta ao título de **Mestre em Letras**, conforme especificações abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADA Não APROVADA
Dr. Walter Lima Torres Neto (Presidente)		<i>aprovada</i>
Dr ^a Viviane Araújo A. da Costa Pereira		<i>Aprovado</i>
Dr. João Carlos Vitorino Pereira		<i>Aprovado</i>
Dr. Fernando Floriani Petry		<i>APROVADA</i>

Curitiba, 07 de julho de 2017.

Prof^a Dr^a Denise Cristina Kluge
Vice-Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

SUMÁRIO

RESUMO	2
RESUMÉ	3
INTRODUÇÃO	4

PRIMEIRA PARTE

I. A QUESTÃO DA IDENTIDADE CULTURAL BRASILEIRA	10
1. Definição dos conceitos	10
1.1. A noção de cultura	11
1.2. O conceito de diversidade cultural	13
1.3. O conceito de identidade	15
2. A identidade cultural brasileira	18
2.1. A cultura brasileira nacional	19
2.2. A ideia de Nação	21
2.3. A construção da identidade nacional brasileira	25

SEGUNDA PARTE

II. O BRASIL NO EXTERIOR	35
1. A relação interna	35
1.1. A abertura para transações comerciais e culturais internacionais	36
1.2. O fortalecimento das relações internacionais brasileiras	41
1.3. O reconhecimento internacional do Brasil	43
2. A imagem do Brasil no exterior do país	48
2.1. O Brasil que é mostrado	48

TERCEIRA PARTE

III. A IMAGEM DO BRASIL NO JORNAL <i>LE MONDE</i>	54
---	----

1. O discurso midiático e a realidade	54
2. Os jornais franceses: um breve histórico	56
3. O jornal <i>Le Monde</i>	59
3.1. Metodologia de análise do jornal <i>Le Monde</i>	63
3.2. A análise dos artigos do <i>Le Monde</i> – de outubro de 2008 até outubro de 2009	68
3.3. A análise dos artigos do <i>Le Monde</i> – de junho de 2013 até julho de 2014	81
CONCLUSÃO	97
BIBLIOGRAFIA	100
I. Textos do <i>Corpus</i> :	100
II. Textos de consulta geral e específica:	105
ANEXOS	109

AGRADECIMENTOS

A Gauthier pelo amor, confiança, compreensão e sobretudo pela paciência na "fase dissertação". À minha família que mesmo distante continua presente e sempre me apoiando. Em especial à Larissa, minha irmã, pelo incentivo e correções. À ma famille française pour les moments de partage autour des bons repas.

Ao professor João Carlos Vitorino Pereira pelas correções e conselhos extremamente pertinentes não apenas na fase de orientação, mas ao longo do mestrado. Ao professor Walter Lima Torres Neto pela disponibilidade, pelas observações e pelo apoio na UFPR.

Aos meus amigos de Brumado, Aracaju e Curitiba que continuam presentes mesmo com a ausência física. Em especial à Joanne, à Eloy, à Alisson e à André Batista pelas referências bibliográficas. Aos membros da Cacimba pelas conversas, às meninas da Ceuc pelos tantos momentos de alegria e de tristeza. Por fim, aos amigos franceses e de várias partes do mundo que encontrei na França.

Espero que o meu trabalho esteja à altura de seus investimentos e de suas expectativas.

RESUMO

Partindo da ideia de que grande parte do que sabemos sobre um determinado país provém do discurso midiático, o presente trabalho discute a representação sociocultural do Brasil no jornal *Le Monde* em dois períodos: de outubro de 2008 até outubro de 2009 e de junho de 2013 até julho de 2014. Ao fazer a análise dos artigos publicados nos períodos mencionados, observamos que o Brasil que é atualmente não é o mesmo apresentado anteriormente à crise econômica de 2008. Na primeira parte da pesquisa, definimos os conceitos de cultura, de diversidade cultural, de identidade e de nação. Na segunda parte, estudamos as relações econômicas e diplomáticas do Brasil com o exterior. Segundo Yves Gervaise e Hervé Théry o Brasil conheceu um rápido crescimento econômico à partir dos anos 2000 que não passou despercebido nos países desenvolvidos. Os resultados apresentados na terceira parte da pesquisa revelam essa mudança de perspectiva com relação ao Brasil. Apenas um fator alterou negativamente a imagem do Brasil nos textos estudados: as manifestações sociais de junho de 2013. Notamos também que existem ainda estereótipos e informações incompletas ou incorretas a cerca do Brasil na França.

Palavras-chave: estereótipos, representação do Brasil, jornal *Le Monde*, crise econômica de 2008.

RESUMÉ

Partant de l'idée qu'une grande partie de ce que nous savons d'un pays vient du discours médiatique, le présent travail questionne la représentation socioculturelle du Brésil dans le journal *Le Monde* sur deux périodes: d'octobre 2008 jusqu'à octobre 2009 et de juin 2013 à juillet 2014. A partir de l'analyse des articles publiés durant les périodes mentionnées, nous avons observé que le Brésil présenté actuellement n'est pas le même que celui d'avant la crise économique de 2008. Dans la première partie du travail, nous avons défini les concepts de culture, de diversité culturelle, d'identité et de nation. Dans la deuxième partie, nous avons étudié les relations économiques et diplomatiques du Brésil avec l'extérieur. Selon Yves Gervaise et Hervé Théry, le Brésil a connu une croissance économique rapide depuis les années 2000, ce qui n'a pas échappé aux pays développés. Les résultats présentés dans la troisième partie du travail montrent ce changement de perspective par rapport au Brésil. Seul un facteur a changé de façon négative l'image du Brésil dans les textes étudiés: les manifestations et mouvements sociaux de juin 2013. Nous remarquons aussi qu'il existe encore des stéréotypes et des informations incomplètes, voire incorrectes concernant le Brésil en France.

Mots-clés: stéréotypes, la représentation du Brésil, le journal *Le Monde*, la crise économique de 2008.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista que o contexto econômico e sociopolítico do Brasil adotou por muitas vezes o modelo escolhido pelas principais potências internacionais, o modelo europeu nunca deixou de fazer parte do ideal brasileiro de cultura, literatura, moda e vanguardas. Mesmo tendo tomado posicionamentos diversos ao longo da história, e vivido períodos politicamente difíceis principalmente durante a ditadura militar, o Brasil, seja pelo tamanho territorial ou pela diferenciação cultural, se desenvolveu de forma diferente dos outros países da América do Sul. Continuamos, porém, a encontrar aspectos nos quais o Brasil preserva laços com os costumes europeus, muitas vezes sem perceber essas particularidades.

Além das influências das tradições indígenas e africanas, o fato de que a massa de imigrantes não foi distribuída de maneira uniforme nas diferentes regiões e Estados do país fez com que ao longo dos anos os próprios brasileiros e estudiosos nacionais tivessem dificuldade em compreender e principalmente definir como é realmente dividida socialmente a população brasileira, para onde vão a economia, a política e a sociedade desse país-continente e, principalmente, qual é a identidade cultural brasileira.

Depois do início da crise de 2008 que atingiu principalmente os países do oeste Europeu, onde as economias há tempos já passavam por déficits, um novo olhar foi lançado em direção aos países que aparentemente conseguiram contornar de maneira positiva a crise como é o caso dos membros do BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul) ou aos países que conseguiram superar a crise sem grandes problemas, como alguns países da antiga URSS e do Oriente Médio, mesmo sabendo que hoje, em 2017, a crise já repercute na economia desses países com a mesma intensidade que atingiu a Europa em 2008. É o caso do Brasil que conta com quase 12% de desemprego da população economicamente ativa, ou seja cerca de 12 milhões de pessoas desempregadas¹. A crise econômica de 2008 que tanto prejudicou os países europeus, principalmente Espanha, Portugal, Grécia e Itália, foi sentida de forma diferente nos países da América do Sul, principalmente no Brasil. Esse gigante territorial, que até pouco tempo exportava uma imagem de país tropical, de belas mulatas que ficam o dia inteiro nas praias e das músicas em todos os lugares, rapidamente começa a ser visto como um possível investidor, país promissor, economicamente forte e fiável.

¹ Dados da pesquisa divulgada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em matéria do G1 disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/desemprego-ainda-deve-subir-mais-em-2017-antes-de-comecar-a-cair.ghtml>>. Acesso em 15/02/2017.

A estabilidade econômica, os atrativos comerciais e a competitividade internacional aliados à possibilidade da realização de eventos esportivos mundiais aumentou e deu força a essa imagem de país capaz de assumir grandes responsabilidades internacionais. Porém, sabe-se que não é apenas por meio de ações pontuais que é possível resolver os problemas sociais, econômicos e políticos, principalmente aqueles relacionados com a distribuição de renda e melhorias concretas das condições de vida para a população.

Tendo em conta uma época na qual as incertezas econômicas e políticas desencadeiam conflitos em várias partes do mundo, o Brasil e os outros países do BRICS aparecem como possíveis agentes nas decisões futuras, seja fazendo parte dos principais blocos econômicos existentes, ou fundando novos e se relacionando com países que passam por situações políticas e econômicas próximas. Neste caso, o Brasil parece ter escolhido bem os seus parceiros comerciais.

O objetivo desta pesquisa é observar o discurso midiático de um dos principais jornais impressos franceses, o *Le Monde*, e analisar se a forma como esse veículo de informação abordou o Brasil nos períodos estudados é similar à imagem do país antes da crise econômica de 2008. Quando o Brasil era apenas visto como um país turístico, em função de um roteiro turístico já preestabelecido por agências de turismo brasileiras e/ou estrangeiras, o que se mostrava sobre o Brasil era principalmente relacionado à cultura, às festas populares, às belezas naturais, às comidas típicas e às mulheres bonitas. Depois, com uma mudança no contexto e o aumento da crise econômica, a visão sobre o Brasil ultrapassou os fatores socioculturais e gastronômicos e, portanto, a pressão internacional tende a aumentar, já que agora os interesses passam a ser outros.

Acreditamos que os estereótipos relacionados ao Brasil também sofreram modificações depois de 2008. Essas modificações são, principalmente relacionadas ao trabalho de divulgação do país através do setor turístico como apontamos na segunda parte deste trabalho. A noção de estereótipo foi primeiramente ligada à atividade de impressão. As primeiras ocorrências aparecem na segunda metade do século XIX nos dicionários. As autoras Amossy e Harschberg Pierrot (2014) citam a definição do verbo "estereotipar" no dicionário *Larousse* em 1875: "Imprimer avec des planches dont les caractères ne sont pas mobiles, et que l'on conserve pour de nouveaux tirages" (p.25). O substantivo "estereótipo" continua ligado à sua etimologia enquanto que o particípio passado do verbo traz uma explicação acompanhada de um sentido figurado: "Fig - Qui ne se modifie point, qui reste toujours de même." (p. 25).

Esta segunda definição, muitas vezes utilizada na literatura do século XIX, sublinha o caráter permanente e repetitivo do conceito de estereótipo, das imagens e dos padrões que ele carrega.

No século XX, o conceito de estereótipo foi central nos trabalhos e pesquisas cujos objetos eram as relações sociais. A ideia é que para conhecer melhor o mundo e os aspectos que fazem parte dele, o indivíduo desenvolve uma atividade de categorização e de comparação. Esse procedimento dá forma aos estereótipos usados pelo indivíduo como sugere Leyens, Yzerbyt & Schadron: "il s'agit de croyances partagées concernant les caractéristiques personnelles, généralement des traits de personnalité, mais souvent aussi des comportements, d'un groupe de personnes". (1994, p. 24).

Essas "crenças compartilhadas" dão ao indivíduo uma tendência a generalizar e a incluir os outros em categorias preestabelecidas. Os estudos em psicologia social oferecem uma primeira definição do estereótipo e do seu papel nas relações sociais. O estereótipo é, portanto, o estabelecimento de uma concepção pejorativa e até nociva no procedimento de compreensão e de ação do indivíduo. Para Gustave-Nicolas Fischer, o estereótipo é: " une manière de penser par clichés, c'est-à-dire l'ensemble des catégories descriptives simplifiées basées sur des croyances et par lesquelles nous qualifions d'autres personnes ou d'autres groupes sociaux ". (FISCHER, 1996, p. 133).

O estereótipo passa a ser diretamente ligado à noção de preconceito. Por participar de um procedimento de simplificação e de categorização da realidade, o estereótipo, neste caso, dá forma ao preconceito que é uma atitude negativa em relação a outro indivíduo ou a outro grupo. Apesar dos aspectos negativos, o estereótipo é também apresentado como essencial às relações humanas. Em *Opinion publique*, Walter Lippmann define por estereótipo as imagens na nossa mente que mediatizam nossa relação à realidade. Segundo ele, essas imagens são representações culturais preexistentes a partir das quais cada um interpreta a realidade de acordo com suas próprias referências. Lippmann explica que os estereótipos são essenciais na vida em sociedade. Eles permitem a categorização e uma aproximação mais rápida da realidade. Ambas são necessárias para agir sobre os fatos e as problemáticas encontradas pelos membros de uma sociedade. Sem tempo e sem recursos suficientes para analisar cada aspecto específico de uma situação, cada indivíduo guarda um traço que caracteriza o outro e se apoia nos estereótipos que já possui em sua mente. Assim, são criadas categorias que definem diferentes setores da sociedade e que facilita a escolha da postura mental e social do indivíduo em diferentes situações. Mesmo se ele pode provocar uma generalização excessiva, o estereótipo é necessário para a cognição, pois precisamos comparar o que vemos à modelos

já conhecidos. Essas comparações servem para entender o mundo, fazer previsões e adaptar a nossa relação à situação. Podendo evoluir em função da experiência do indivíduo, o estereótipo é uma base de interpretação da realidade que ele encontra.

De fato, a noção de estereótipo há de ser considerada na análise das produções jornalísticas, elas mesmas sendo o resultado do trabalho de jornalistas que também possuem uma categorização específica para interpretar a realidade. Assim, ao analisar o discurso da imprensa, podemos perceber representações coletivas que remetem a um imaginário usado para apreender a realidade relatada. O funcionamento das mídias, bem como suas linhas editoriais, adotam modos de produções específicos de informação. Esses modos incluem os assuntos tratados pelos jornalistas, os ângulos aplicados, os formatos dos textos, mas, também, a organização da redação, os recursos humanos e materiais.

Devem ser considerados também a influência da estrutura econômica da mídia analisada e o contexto político no qual se executam as missões dos jornalistas. Enfim, o perfil e a experiência do jornalista devem ser levados em conta para entender plenamente o conteúdo das matérias publicadas. A sua relação com os leitores pode igualmente entrar em jogo na orientação das matérias e mobilizar mecanismos de interpretação e de relatos baseados em estereótipos. Brunet resume o uso do estereótipo na imprensa da seguinte forma:

Les médias encourent à tout moment le risque —qui s'est révélé fondé ces dernières années— d'être pris en flagrant délit de mensonge et d'erreur, de n'être pas crus. D'où cette recherche éperdue d'états, de domaines consensuels, de lieux de reconnaissance que sont les locutions figées, les liaisons préfabriquées, les modes de formulation fixés une bonne fois pour toutes (BRUNET, 1996, p. 248).

Ao se referir à definição defendida por Lippmann, segundo a qual o estereótipo é uma ferramenta para que o indivíduo tenha uma base de interpretação da realidade e de leitura das relações, o uso das representações sociais é um recurso suplementar para o jornalista de reforçar a veracidade dos seus relatos.

O trabalho pretende observar o jornal *Le Monde* e o que foi dito nele sobre o Brasil do ponto de vista sociocultural em dois períodos. O primeiro vai de outubro de 2008 até outubro de 2009 ano da crise econômica que atingiu grande parte dos países europeus e que, por outro lado, fez com que o Brasil se aproximasse de países considerados emergentes, como a Rússia e a China. O segundo vai de junho de 2013 até julho de 2014 com os movimentos sociais nas

ruas, as reivindicações e propostas do Governo, a realização da Copa do Mundo e as eleições presidenciais.

O primeiro período que vai de outubro de 2008 a outubro de 2009 foi escolhido para a análise pelo fato de ter sido o início da crise econômica e também porque foi nesse período histórico que o Brasil mostrou as possibilidades que o país tinha a oferecer no campo internacional, como a entrada no BRICS, a presidência do G-20, a escolha do Rio de Janeiro como sede das Olimpíadas de 2016. O ano de 2008 foi marcado por fatos positivos no Brasil: conquistas na distribuição de renda, crescimento comparável aos do milagre econômico entre 1968 e 1973, aumento da porcentagem da classe média.

Já em 2009, ano marcado pelos verdadeiros impactos da crise econômica que explodiu no ano anterior, o Brasil, que também foi atingido, resolveu rapidamente o problema, incentivando o consumo interno da população com a redução do imposto sobre produtos industrializados e a baixa dos juros, o que fez com que o PIB terminasse positivo. E, mais uma vez, o então presidente Luís Inácio Lula da Silva chamou a atenção na cena política internacional ao abrir o diálogo com o Oriente Médio. Para isso, ele recebeu a visita de representantes do Irã, da Palestina e de Israel.

Além disso, do ponto de vista do crescimento econômico, o ano de 2008 foi interessante para o Brasil, que teve um crescimento econômico de 5,2%,² enquanto que a França teve apenas 0,3%. Já em 2009 houve uma queda econômica em ambos com crescimento negativo de -0,6% no Brasil e -2,5% na França.

O segundo momento que vai de junho de 2013 a julho de 2014, foi escolhido porque são os meses nos quais o Brasil viveu grandes mudanças e em pouco tempo. A partir de abril de 2013, devido ao aumento das passagens de ônibus, grupos de manifestantes apoiados pelos movimentos sociais e sindicais começam a protestar nos principais estados do Brasil. Em pouco tempo, as manifestações se tornam nacionais e outros motivos políticos, educacionais e sociais ganham destaque.

Em 2013 também o novo diretor da Organização Mundial do Comércio (OMC) é o brasileiro Roberto Azevêdo sendo o ano marcado pelos acordos econômicos entre a França e o Brasil. Em 2014, a realização de um evento internacional, a Copa do Mundo, deu destaque durante meses ao Brasil não apenas do ponto de vista esportivo, como também social, cultural e econômico; finalmente, realizaram-se as eleições presidenciais. Do ponto de vista

² Os dados foram obtidos no site Statistiques Mondiales. Disponível em: http://www.statistiques-mondiales.com/taux_de_croissance.htm. Acesso em 17/10/2015.

econômico, novamente o Brasil superou a França em termos de crescimento econômico. Em 2013, registrou-se 2,5% para o Brasil enquanto que a França teve apenas 0,3% .

PRIMEIRA PARTE

I - A QUESTÃO DA IDENTIDADE CULTURAL BRASILEIRA

A sociedade industrial vem sofrendo constantes modificações, principalmente quando se considera a revolução tecnológica e o modelo econômico e político vigente no mundo: o modelo capitalista. Esses fatores analisados em conjunto com a globalização (nesse caso referente à propagação informacional), levam a um questionamento que consiste em observar e analisar a forma como os meios de comunicação estão não só agindo como modificando a maneira como as notícias são comunicadas, interpretadas e absorvidas instantaneamente pela população. Do ponto de vista cultural, o que se questiona não é apenas o conceito de cultura, mas como o fato de pertencer a outra cultura direciona o nosso olhar e interpretação quando há um encontro com uma situação diferente da qual se está habituado a observar e aceitar.

1- Definição dos conceitos

Nesta primeira parte do trabalho é importante tentar definir alguns dos termos que consideramos interessantes para entender melhor os costumes brasileiros. Para isso, estudaremos noções como cultura, diversidade cultural, identidade cultural, imagem e representação com o intuito de as problematizar e tentar definir até que ponto podemos falar em identidade cultural brasileira atual. Para tanto, é necessário estabelecer a própria visão dos brasileiros sobre o assunto. Utilizaremos para isso ações desenvolvidas seja por meio das instituições governamentais, como os Ministérios da Cultura, Turismo e Comunicação ou nas próprias manifestações culturais, nas tradições e nos costumes. Finalmente mostraremos como essa cultura e identidade cultural brasileira é percebida, abordada e transmitida na França. Para tal, analisaremos os artigos publicados pelo jornal *Le Monde* durante dois períodos: o primeiro compreende os meses de outubro de 2008 até novembro de 2009 e o segundo vai de junho de 2013 até julho de 2014.

1.1 - A noção de cultura

Se até o século XVIII³ o termo "cultura" possuía apenas a conotação original de cultivo da terra, somente no final do século XVIII é que o conceito passa a ser utilizado como sinônimo do termo "civilização" - do latim *civitas*, nome feminino, formado de *civis* que significa cidadão. O termo "civilização" era utilizado no sentido de "organização social" e tendo como antônimo o estado natural da barbárie. É o que sugere o ainda muito utilizado conceito de cultura proposto em 1871 por Edward Taylor: "A cultura ou civilização, entendida no seu sentido etnográfico mais amplo, é o conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, o costume e toda a demais capacidade ou hábito adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade" (TAYLOR, 1920, p. 01)

Dessa forma, Edward Taylor entendia que a cultura poderia ser vista como um fenômeno natural, podendo ser estudada de forma sistemática com a formulação de leis que se aplicariam em todas as situações. Para ele, a diversidade cultural nada mais era do que uma desigualdade na evolução dos estágios da sociedade.

No discurso iluminista francês dessa época, a ideia de civilização desenvolvia-se em torno da "fé" na razão e da valorização da ciência. Portanto, caberia aos próprios iluministas conduzir as sociedades ao progresso. Enquanto isso, as cortes europeias seguiam principalmente o modelo francês de civilidade, entendendo esse termo como um domínio sobre o corpo e sobre as aparências (maneira de falar, gestos, língua francesa, condutas). A língua francesa passa a ser a língua da corte e a realeza só utilizava as outras línguas para dirigir-se aos subalternos.

O domínio da língua francesa, bem como a polidez nos gestos e a ideia de ser civilizado foi criticada não apenas pelo francês Jean-Jacques Rousseau como também pelos intelectuais alemães que eram contra essa concepção elitista da civilização. Os alemães defendiam o termo "Kultur" que designava a tradição nacional, tendo como base os escritos de Immanuel Kant. Nesse caso, a palavra "cultura" traduz-se por algo interno, próprio de cada um. Não são as realizações exteriores que contam, mas sim a interioridade dos indivíduos. Esse conceito, portanto, não tem relação com a ideia francesa de civilização e com o progresso econômico e material:

³ Dicionário Aurélio Online. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/cultura>.

Surgem assim os primeiros passos verdadeiros desde a brutalidade para a cultura, que consiste propriamente no valor social do homem; desenvolvem-se a pouco e pouco todos os talentos, forma-se o gosto e, através de uma incessante ilustração, o começo transforma-se na fundação de um modo de pensar que, com o tempo, pode mudar a grosseira disposição natural em diferenciação moral relativa a princípios práticos determinados e, por fim, transmutar ainda, deste modo, num todo moral uma consonância para formar sociedade, patologicamente provocada. (KANT, 1784, p. 8).

Kant explica ainda um posicionamento que terá grande impacto na Alemanha dentre os intelectuais que passam a valorizar a língua alemã e, assim, as raízes germânicas medievais. Para isso, eles demarcaram suas diferenças, deixando espaço para a exteriorização e expansão das expressões artísticas e culturais próprias e, o mais importante, independentemente da civilidade vinda dos outros países:

Estamos cultivados em alto grau pela arte e pela ciência. Somos civilizados, até ao excesso, em toda a classe de maneiras e na respeitabilidade sociais. Mas falta ainda muito para nos considerarmos já moralizados. De facto, a ideia da moralidade faz ainda parte da cultura; mas o uso de tal ideia, que se restringe apenas aos costumes no amor matrimonial e na decência externa, constitui simplesmente a civilização. (KANT, 1784, p. 14).

O termo "cultura" é difícil de ser definido, principalmente quando se leva em consideração as significativas transformações que o termo sofreu desde o seu surgimento, como foi explicado anteriormente. Para Raymond Williams a cultura precisa ser vista de uma forma convergente a com um "sistema de significações" dependente de cada ordem social:

Assim, há certa convergência prática entre (i) os sentidos antropológico e sociológico de cultura 'como modo de vida global' distinto, dentro do qual se percebe, hoje, um 'sistema de significações' bem definido não só como essencial, mas como essencialmente envolvido em *todas* as formas de atividade social, e (ii) o sentido mais especializado, ainda que também mais comum, de cultura como 'atividades artísticas e intelectuais', embora estas, devido à ênfase em um sistema de significações geral, sejam agora definidas de maneira muito mais ampla, de modo a incluir não apenas as artes e as formas de produção intelectual tradicional, mas também todas as 'práticas significativas' – desde a linguagem, passando pelas artes e filosofia, até o jornalismo, moda e publicidade – que agora constituem esse campo complexo e necessariamente extenso. (WILLIAMS, 1992. Grifos do autor, p. 13).

Assim, o termo "cultura" passa a ter um caráter universal e amplo, o que faz com que ela passe a abranger outros tipos de manifestações, desde as menos aprimoradas, consideradas como populares até as mais significativas, a cultura erudita, sem que haja, porém, uma valorização ou uma hierarquização de um determinado tipo de cultura no sentido de considerar uma cultura superior a outra e aceitando a diversidade entre elas.

E finalmente, a antropóloga e politóloga francesa Dominique Schnapper (1986) fala da cultura como sendo uma criação contínua que mantém relações com o mundo exterior e é esse conceito que preferimos analisar ao falarmos dessa relação entre a França e o Brasil:

Toute culture en effet, loin d'être un donné, est le résultat de négociations continuelles avec le monde extérieur, négociations à travers lesquelles s'affirme, comme un horizon, une identité qu'on ne peut définir que comme une création continue. La culture ne peut être conçue que comme condition et conséquence de l'action sociale et des interactions avec la société globale (SCHNAPPER, 1986, p. 151)

Nesse caso, podemos pensar a cultura de forma evolutiva e constante, de modo que existam interações culturais. Essas interações nos leva a pensar a cultura dentro do que a autora chama de “reinterpretations culturelles” através de um sistema dinâmico, contínuo e diversificado. Dessa forma, pensamos em observar também os conceitos de diversidade cultural com o intuito de compreender as possíveis inter-relações entre o Brasil e a França.

1.2 - O conceito de diversidade cultural

O termo "cultura" tem inúmeras definições. Fala-se de cultura dos povos, de cultura de países, de massa, popular, dentre tantas outras subdivisões. Mas é importante ressaltar também que do ponto de vista antropológico, as culturas são diversas. Elas são diferentes em cada país, região, povo e até mesmo dentro de um mesmo território é possível encontrar diferenças culturais. Essa diversidade foi estudada por muitos teóricos para tentar entender as relações e diferenças entre as culturas.

Foi o antropólogo Franz Boas (1887) que propôs a ideia de que cada sociedade tem a sua própria cultura, com sua história também própria e que ela não pode ser comparada ou julgada a partir de um modelo de cultura pertencente a uma outra sociedade. Dessa forma, Boas utilizava a história particular de cada cultura para explicar as diferenças culturais

existentes. Ideia semelhante pode ser encontrada em Raymond Williams (1971) e em Lévi-Strauss (1952). Lévi-Strauss conseguiu descrever precisamente as culturas diferentes da sua, falou também sobre a diversidade cultural e, tal como Boas, Lévi-Strauss considera o aspecto histórico das sociedades como algo de essencial para entender a pluralidade cultural.

É importante salientar que Lévi-Strauss conseguiu dar a dimensão do movimento ao falar sobre a diversidade cultural. Se teóricos como Edward Tylor acreditavam que a cultura era própria de um povo de um território, Lévi-Strauss, ao contrário, percebeu não apenas as particularidades de cada cultura, como conseguiu demonstrar que é quase impossível manter uma cultura sem que haja comunicações e trocas com grupos externos, a não ser que essa determinada cultura consiga desenvolver-se totalmente isolada das outras.

"On voit donc que la notion de la diversité des cultures humaines ne doit pas être conçue d'une manière statique. Cette diversité n'est pas celle d'un échantillonnage inerte ou d'un catalogue desséché. Sans doute les hommes ont-ils élaboré des cultures différentes en raison de l'éloignement géographique, des propriétés particulières du milieu et de l'ignorance où ils étaient du reste de l'humanité; mais cela ne serait rigoureusement vrai que si chaque culture ou chaque société était liée et s'était développée dans l'isolement de toutes les autres." (LÉVI-STRAUSS, 1952, p. 41).

Para entender uma cultura exterior a outra é necessário adaptar-se às diferenças. Utilizando como exemplo um personagem literário em *Hybridités discursives dans les amériques*, Patrick IMBERT⁴ mostra que o personagem, em vez de se tornar híbrido diante de diferentes culturas, ele escolhe ser um camaleão. A ideia pode ser vista de duas formas. Pode ser encarada como uma adaptação forçada que não traz benefícios à pessoa em questão (podendo chegar a um processo de aculturação, mas não é nosso objetivo debater aqui esse conceito) e muito menos para a cultura do país de chegada porque em vez de se operar um enriquecimento com trocas, passa-se a ter um processo de inserção unilateral. Por outro lado, este exemplo pode significar que é necessário se adequar, mas sem deixar de lado os valores pessoais. O debate ganha importância principalmente depois de todo o processo de globalização, com as diferentes formas de perceber o mundo, um mundo em que os países desenvolvidos perdem lugar na competitividade com outros países como o Brasil:

4 IMBERT, Patrick *Hybridités discursives dans les Amériques* in. *Le grand récit des Amériques polyphonie des identités culturelles dans le contexte de la continentalisation* pps 85-101, Les éditions de l'IQRC, Canadá, 2001.

"Dans cette dynamique de déplacements et de contacts interculturels et compétitifs où certaines sociétés marginalisées, Inde, Mexique, Brésil, produisent richesses et diplômés en masse, il devient impossible aux pays riches de ne pas tenir compte des savoirs de l'autre sous peine de ne pouvoir être eux-mêmes compétitifs." (IMBERT, 2001, p. 88).

Essa adaptação das culturas leva-nos a falar também em identidade. Enquanto que até meados da década de 1980 falava-se ainda em aculturação e assimilação, vários autores, como Dominique Schnapper, criticam o fato de que alguns imigrantes ainda sejam submetidos a uma aculturação sem pôr em causa a sua própria identidade mais profunda. Portanto, achamos importante estudar também o conceito de identidade.

1.3 O conceito de identidade

A identidade pode ser definida através de características próprias permitindo diferenciar animais, pessoas, plantas, etc., à partir de diferenças ou semelhanças. Para a sociologia, a identidade pode ser vista como um conjunto de caracteres que define um grupo. A identidade é, entre outros elementos, responsável pela formação da personalidade e pela interação social com o meio em que se vive.

O conceito nasceu nos Estados Unidos na década de 1960, principalmente para tentar preencher acadêmica e socialmente as discussões sobre o problema da segregação racial no país. Os grupos sociais vítimas dos mais variados tipos de discriminações eram principalmente as mulheres e os negros. Vale lembrar que na época pouco se falava da questão imigratória (latinos). A identidade era, portanto, uma tentativa de identificar as diferenças dentro do próprio país e não de comparar com costumes estrangeiros. Os discursos da época eram mais voltados para o "problema" de ter uma sociedade cada vez mais diversificada e quem diz diferenças pensa também em mistura, convivência entre diferentes grupos que integram uma região e, principalmente, a troca de conhecimentos.

Até então a ideia de identidade era pensada mais de um ponto de vista unilateral: o sujeito com ideias únicas seria influenciado ou ameaçado por agentes externos não necessariamente externos ao país, mas de condições sociais, políticas ou culturais diversas. Essa ideia foi substituída por uma nova fase de deslocamento, na qual os elementos identitários passam a ser móveis e fluidos. O indivíduo passa a se identificar com referências culturais externas e distintas. Apesar disso, não podemos deixar de questionar as questões

políticas que entram no processo de identificação e o redefinem de acordo com opiniões que não mais pertencem ao todo e sim a um grupo político-econômico. Essas opiniões que passam a gerenciar a noção individual de identidade para transformá-la em nacional privilegia os costumes de apenas uma parte dessa população e tenta silenciar os outros grupos.

A identidade nacional é um dos conceitos mais discutidos atualmente. Na Europa, inúmeros países defendem sua identidade e muitos são os partidos políticos que se aproveitam do conceito para gerar debates em torno da imigração e de uma possível "perda de identidade". Nos países da América Latina a questão é ainda mais recorrente devido ao contexto histórico de construção de identidade nacional baseada no que se considera uma reunião de elementos de diferentes culturas.

O dicionário Caldas Aulete⁵ tem sete definições para a palavra:

sf. 1. Característica ou qualidade de idêntico (identidade de interesses); IGUALDADE [Antôn.: diferença] 2. Semelhança, analogia (identidade de interpretação). 3. Concordância: Nossa identidade de pontos de vista é total. 4. Conjunto de características próprias de uma pessoa, um grupo etc. que possibilitam a sua identificação ou reconhecimento [+ com, de, entre : admitiu sua identidade com ela: identidade de estilos: identidade entre Machado de Assis e Sterne] 5. Bras. O mesmo que carteira de identidade ou cédula de identidade. 6. Ling. Para Saussure, igualdade de um elemento consigo mesmo, ainda que em circunstâncias diferentes. 7. Lóg. Fil. Característica pela qual dois ou mais objetos de pensamento apresentam as mesmas propriedades, embora designados de forma distinta. [F.: Do lat. tard. *identitas*, a *tis*]

Para o presente estudo tornam-se pertinentes duas definições: A definição número 4 que explica o conceito como sendo um conjunto de características que nos permite identificar uma pessoa ou grupo e a definição 6 que na linguística significa um elemento com características semelhantes mesmo que as circunstâncias não sejam as mesmas.

Na França, a questão promove debates constantemente sobretudo no seio de grupos políticos conservadores que acreditam numa ameaça da então "tradição francesa", principalmente com relação aos imigrantes e às diferentes crenças religiosas. Para o sociólogo francês Jean-Claude Kauffman, a identidade é um processo. Ela é um conjunto de referências de cada ser humano que lhe dá força para avançar e que dá sentido à vida:

⁵ Caldas Aulete, dicionário: disponível em: <http://www.aulete.com.br/>

Certains chercheurs ont essayé de définir les territoires de l'identité, il y a l'identité sociale, l'identité personnelle, l'identité collective et très vite on se perd. L'identité ce n'est pas cela.

L'identité est un processus. C'est ce qui permet de recoller les morceaux, c'est ce qui permet de donner sens à sa vie, dans chaque situation, dans chaque contexte, c'est un travail. L'individu développe un travail identitaire pour avancer dans la vie.

Autrefois les individus étaient portés par des institutions, ils étaient cadrés, ils n'avaient qu'à suivre le chemin de leur vie qui était tracée d'avance. Aujourd'hui l'individu, de plus en plus, se met en questions, il doit lui-même fabriquer les cadres de son action future, il faut qu'il ait une idée de lui-même. C'est pour cela que l'identité est si importante dans la société d'aujourd'hui. (KAUFFMAN, s/d)

Por identidade cultural, o autor Stuart Hall entende que é a forma como as pessoas se sentem ao pertencer a uma cultura, a uma etnia, a uma religião ou a uma região. Esse sentimento se insere no que ele chama de "culturas nacionais", sendo a cultura nacional "um sistema de representação cultural"

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* — um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...] (HALL, 2006, p. 50 e 51).

Porém, devido às mudanças na sociedade e, sabe-se que, com a globalização os indivíduos estão passando pelo que Hall chama de "crise de identidade". Já não se trata de saber qual é a sua própria identidade cultural. Para isso, o autor cita três conceitos de identidade:

- A do sujeito do Iluminismo - baseada na racionalidade do ser humano que é unificado e centrado;

- A do sujeito do sociológico - é nessa etapa que é formada a interação do "eu" com a sociedade, sendo essa fase um caminho para o sujeito pós-moderno;

- A do sujeito do pós-moderno - nascido a partir do processo anterior, que não possui uma identidade fixa, que se molda à história e se transforma.

Dessa forma, não podemos falar apenas em identidade no singular. Passamos a abordar identidades em função do assunto em questão. Um indivíduo passa a se identificar com elementos que inicialmente não pertenciam à sua identidade cultural, mas como houve

uma interação, passa a identificar-se com eles. Segundo Kauffman, os indivíduos atualmente, não têm mais o caminho da vida já traçado. Hoje, os questionamentos são cada vez mais frequentes.

2 - A identidade cultural brasileira

Parece complicado definir uma identidade nacional em países que foram colonizados e que ao longo dos séculos receberam influência e imposições culturais dos mais diversos povos. É difícil por causa da própria configuração das misturas étnicas. É difícil também porque essas mesmas populações sentem dificuldades em se definirem. É nesse tipo de sociedade altamente miscigenada, com culturas híbridas e sincréticas que se encontra o Brasil.

Em *O Povo Brasileiro*, o antropólogo Darcy Ribeiro é confrontado com a mesma problemática e, sem encontrar uma resposta concreta para o questionamento, propõe uma anulação de identificações individuais para dar nascimento ao que ele considera como sendo a "identidade coletiva brasileira":

O surgimento de uma etnia brasileira, inclusiva, que possa envolver e acolher a gente variada que aqui se juntou, passa tanto pela anulação das identificações étnicas de índios, africanos e europeus, como pela diferenciação entre as várias formas de mestiçagem, como os mulatos (negros com brancos), caboclos (brancos com índios), ou curibocas (negros com índios). Só por esse caminho, todos eles chegam a ser uma gente só, que se reconhece como igual em alguma coisa tão substancial que anula suas diferenças e que os opõe a todas as outras gentes. Dentro do novo agrupamento, cada membro, como peça permanece inconfundível, mas passa a incluir sua pertença a certa identidade coletiva. (RIBEIRO, 1995, p. 133)

Darcy Ribeiro considera, pois, que a identidade brasileira teria que deixar de ser individual para se tornar coletiva. Ela pertenceria a cada pessoa individualmente, mas ao mesmo tempo ela faria parte de um todo, que finalmente, seria a sociedade brasileira. Assim, as diferenças que poderiam existir individualmente seriam "anuladas" e todos se reconheceriam como pertencentes a um todo comum. De fato, se pensarmos em atividades comuns, hinos, feriados, competições esportivas ou datas comemorativas poderíamos inicialmente concordar com a ideia proposta por Ribeiro. Porém, essa ideia de pertencimento a algo comum ainda hoje não pôde ser colocado em prática no Brasil.

O autor Kabengele Munanga, por sua vez, é mais pragmático e fala da necessidade de construção de uma nova identidade, principalmente no caso do movimento negro. Para tal, é necessário que os indivíduos sejam capazes de proporem uma "autodefinição" para então desencadear "um processo de construção de sua identidade ou personalidade coletiva".

Essa identidade, que é sempre um processo e nunca um produto acabado, não será construída no vazio, pois seus constitutivos são escolhidos entre os elementos comuns aos membros do grupo: língua, história, território, cultura, religião, situação social, etc. Estes elementos não precisam estar concomitantemente reunidos para deflagrar o processo, pois as culturas em diáspora têm de contar apenas com aqueles que resistiram, ou que elas conquistaram em seus novos territórios. (MUNANGA, 1999, p. 14)

O que vemos com mais intensidade são os inúmeros problemas identitários presentes no território brasileiro. Um fator, por exemplo, que deve ser levado em conta é o da população continuar se subdividindo de acordo com o que consideram ser seus próprios pertencimentos econômicos e sociais, além é claro, das heranças culturais.

Essas subdivisões ou reivindicações de pertencimento específicas ocasionam problemas que vão desde a dificuldade em aceitar a diversidade cultural presente no país até ataques ideológicos de cunho racista. O que acontece no Brasil hoje é uma dificuldade em garantir a todos os habitantes o que está previsto na Constituição Federal. A partir dessa falha constitucional, podemos observar dificuldades em aceitar as diferenças. Por exemplo, rejeita-se as tradições ligadas às populações indígenas. Há uma dificuldade em integrar essas populações e em desenvolver políticas públicas adequadas à sua realidade. Temos também dificuldades em integrar e valorizar as atividades ligadas às tradições de matrizes africanas, desde a música até a religiosidade, passando é claro, por todo tipo de preconceito racial e social.

2.1 - A cultura brasileira nacional

A cultura é dinâmica, pois se relaciona com outras culturas, se modifica, se transforma, ela permite a adaptação das pessoas no meio em que vivem, seja na forma de vestir, falar, alimentar.

A cultura brasileira é diversificada. As influências desde a época da colonização foram múltiplas, a extensão territorial é muito grande de forma que é difícil definir essa cultura sem

que para isso se entre nos estereótipos ou na valorização de uma cultura dominante em detrimento de tantas outras. A Constituição Brasileira de 1988 não define a noção de cultura brasileira, mas fala de patrimônio cultural brasileiro, da necessidade de sua preservação e da "memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira". No título VIII - Da Ordem Social, Capítulo III - Da Educação, da Cultura e do Desporto, Seção II - Da Cultura lemos o segmento:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I - as formas de expressão;
- II - os modos de criar, fazer e viver;
- III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, 1988, p. 43)

O brasileiro Alfredo Bosi explica que o termo "cultura" se aproxima da educação, ato através do qual o povo transmite o conhecimento garantindo a sobrevivência de suas práticas:

Se pelo termo *cultura* entendemos uma herança de valores e objetos compartilhada por um grupo humano relativamente coeso, poderíamos falar em uma cultura erudita brasileira, centralizada no sistema educacional (e principalmente nas universidades), e uma *cultura popular*, basicamente iletrada, que corresponde aos *mores* materiais e simbólicos do homem rústico, sertanejo ou interiorano, e do homem pobre suburbano ainda não de todo assimilado pelas estruturas simbólicas da cidade moderna. (BOSI, 1936, p. 309)

Porém, ainda segundo Bosi, não podemos falar de cultura brasileira no singular como se fosse algo homogêneo e único. Para ele, é mais interessante falar em "culturas brasileiras" no plural por causa da diversidade cultural e das influências de uma cultura na outra:

Estamos acostumados a falar em *cultura brasileira*, assim, no singular, como se existisse uma unidade prévia que aglutinasse todas as manifestações materiais e espirituais do povo brasileiro. Mas é claro que uma tal unidade ou uniformidade parece não existir em sociedade moderna alguma e, menos ainda, em uma sociedade de classes. Talvez se possa falar em *cultura bororo* ou *cultura nhambiquara* tendo por referente a vida material e simbólica desses grupos antes de sofrerem a invasão e aculturação do branco. Mas depois, e na

medida em que há frações do interior do grupo, a cultura tende também a rachar-se, a criar tensões, a perder a sua primitiva fisionomia que, ao menos para nós, parecia homogênea. (BOSI, 1936, p. 308)

Bosi, aqui fala de "frações do interior do grupo" das quais já falamos, ou seja, de subdivisões presentes na sociedade brasileira. Para o autor, essas frações podem causar "tensões" e posteriormente uma perda de fisionomia. Isto significa que a cultura inicial não existe mais de forma pura. Ela passa a ser o resultado de misturas e divisões o que nos leva a desmistificar a ideia que alguns autores propõem ao citar a cultura e identidade brasileira como sendo única e uniforme.

2.2 - A ideia de Nação

Apesar do seu vasto território de 8.515.767,049 de km², ou seja, o quinto país do mundo em termos de extensão, e de uma população estimada em 2014 de 202.768,562 habitantes, o Brasil conseguiu o que inúmeros países infinitamente menores, tanto do ponto de vista da dimensão territorial como populacional como, por exemplo, a Bélgica, não foram ainda capazes de realizar: fazer com que a população acreditasse e aceitasse a ideia de fazer parte de uma nação. A nação, segundo a Constituição Brasileira de 1988, é "formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal", embora a nação brasileira não seja homogênea e igualitária em todas as regiões do país. Para entender melhor a forma como essa ideia de nação indissolúvel nasceu no imaginário do povo brasileiro pensamos ser pertinente estudar o conceito de nação. Ernest Renan, em sua célebre conferência proferida em 1882 na Sorbonne intitulada *Qu'est-ce qu'une nation ?*, define assim a nação:

La nation, comme l'individu, est l'aboutissant d'un long passé d'efforts, de sacrifices et de dévouements. Le culte des ancêtres est de tous le plus légitime ; les ancêtres nous ont faits ce que nous sommes. Un passé héroïque, des grands hommes, de la gloire (j'entends de la véritable), voilà le capital social sur lequel on assied une idée nationale. Avoir des gloires communes dans la passé, une volonté commune dans le présent ; avoir fait de grandes choses ensemble, vouloir en faire encore, voilà les conditions essentielles pour être un peuple. [...] Dans le passé, un héritage de gloire et de regrets à partager, dans l'avenir un même programme à réaliser ; avoir souffert, joui, espéré ensemble, voilà ce qui vaut mieux que des douanes communes et des frontières conformes aux idées stratégiques ; voilà ce que l'on comprend malgré les diversités de race et de langue. [...] Une nation est donc une grande solidarité, constituée par le sentiment des sacrifices qu'on a faits et de ceux qu'on est

disposé à faire encore. Elle suppose un passé ; elle se résume pourtant dans le présent par un fait tangible : le consentement, le désir clairement exprimé de continuer la vie commune. L'existence d'une nation est (pardonnez-moi cette métaphore) un plébiscite de tous les jours, comme l'existence de l'individu est une affirmation perpétuelle de vie. (RENAN, 1882, p. 50)

No Brasil, esse sentimento de pertencer, de fazer parte de um conjunto, mesmo que ainda fraco, teve início ainda com a chegada da família real no Brasil. O historiador José Murilo de Carvalho⁶ fala da dificuldade em manter a "unidade" brasileira e da importância do deslocamento da corte portuguesa para o Brasil. Para Carvalho, sem a transferência real, haveria hoje vários países e não apenas um. Essa "legitimidade da monarquia" à qual se refere também foi mantida com o primeiro reinado de D. Pedro. Para além da força real havia também a força intelectual da elite que retornava ao Brasil após anos de formação em Coimbra. Os membros dessa elite, num primeiro momento financeira e depois intelectual já se conheciam "e começaram a desenvolver em Coimbra um esboço de uma elite política nacional antes que houvesse uma nação brasileira". Além disso, o historiador explica que até a ideia de Brasil e de brasilidade não existiam ainda.

Veja bem, não havia ideia de Brasil. Havia essa figura chamada "Brasil", que era uma colônia, mas a sensação de brasilidade não existia. Inclusivamente, a palavra "brasileiro" não era muito usada. Usava-se "brasiliense" ou "brasílico". "Brasileiro", durante muito tempo, era uma palavra feia — designava os comerciantes de pau-brasil e quem era comerciante já era uma pessoa... Eu li uma vez numa história dos jesuítas um conflito que houve num convento em São Paulo, no século XVII, porque um jesuíta chamou outro de "brasileiro" (CARVALHO, 2013)

Com a independência do país em 1822, o território deu mais um passo em direção à ideia de unificação. Até então, cada núcleo colonial podia se comunicar independentemente com a metrópole em Lisboa, sem precisar passar pelo intermédio da sede que ficava no Rio de Janeiro. Basta citar as revoltas separatistas, tais como a revolução Farroupilha (1835-1845) no Rio Grande do Sul, a Sabinada (1837-1838) na Bahia e a Cabanagem (1835-1840) na província do Grão-Pará, atual estado do Pará, que ocorreram em várias partes do país para confirmar a autonomia de cada região e essa vontade de independência. Além disso, essas áreas eram também importantes economicamente como explica Carvalho:

⁶CARVALHO, José Murilo. Entrevista concedida ao site do jornal Público por a o jornalista Manuel Carvalho: In "A elite de Coimbra que manteve o Brasil unido. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2015/03/03/culturaipilon/noticia/a-elite-de-coimbra-que-manteve-o-brasil-unido-1687202>>. Acesso em: 15/03/2017.

A localização do poder económico é sempre importante na criação de um novo estado. Onde estava o poder económico? Os grandes focos do poder económico naquela época eram Pernambuco, mas sobretudo Bahia e Rio de Janeiro, por causa da mineração. (CARVALHO, 2013)

Podemos ressaltar ainda que o fato de ter vários núcleos econômicos espalhados pelo Brasil dificultava a centralização e principalmente a criação de uma ideia de unificação territorial como explica o pesquisador Demétrio Magnoli:

Nesse momento, a unidade das colônias brasileiras representava a única alternativa capaz de assegurar o prosseguimento dos processos de apropriação e valorização territorial em curso. Mas essa alternativa dependia da existência de um centro político poderoso e, ainda, da legitimação da soberania territorial proporcionados pelo Estado imperial. No momento da ruptura dos laços coloniais, o novo Império brasileiro não dispunha de um território unificado prévio, mas de um conjunto heterogêneo de territórios coloniais herdados da colonização. A unidade territorial aparece, então, como um desafio e um programa histórico. Esse programa, contudo, correspondia aos interesses concretos gerados pela marcha de apropriação e valorização de terras empreendida pelos colonos. (MAGNOLI, 2003, p. 8)

Foi com os conflitos externos, principalmente com a Guerra do Paraguai (1864-1870) e a vitória brasileira que apareceram os símbolos do hino e da bandeira nacional. É importante mencionar também a figura do próprio imperador D. Pedro II que influenciou muito a construção dessas memórias coletivas, de uma ideia de história em comum de todos os brasileiros. Para isso, a própria figura do imperador, bem como a construção dos heróis brasileiros (como o Duque de Caxias), foi essencial. Além disso, a criação do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB), em 1838, da Academia Imperial de Belas Artes com obras que exaltavam os feitos brasileiros, como o quadro *O Grito do Ipiranga* de Pedro Américo em 1888, contribuíram para a formação desse pensamento.

De 1910 até 1940, os meios de comunicação de massa, principalmente o rádio e o cinema e posteriormente a televisão (1960), eram ferramentas utilizadas pelos políticos brasileiros como instrumentos de divulgação da cultura, da educação, da formação da ideia de povo brasileiro e, é claro, da propaganda institucional. Esses veículos de comunicação tiveram muita importância na época, principalmente por duas razões: a necessidade política de resumir e simplificar ao máximo a mensagem política e a alta taxa de analfabetismo da população. Em

1940, o índice de analfabetismo⁷ da população brasileira acima de 15 anos era de 56,1%. É válido ressaltar que nessa porcentagem não aparecem, por exemplo, os analfabetos funcionais.

O isolamento de algumas regiões e de muitas cidades do país, principalmente no período da Segunda Guerra Mundial, despertou o interesse político em solucionar o problema do distanciamento. Assim, foram criados planos de desenvolvimento regional com a criação de ferrovias, rodovias, com investimento na telecomunicação e planos para industrializar o interior brasileiro. Além disso, os debates sobre a transferência da capital brasileira (que até então era o Rio de Janeiro) e a construção de Brasília intensificaram o debate. Everaldo Costa explica o seguinte:

A partir da segunda fase do modernismo (de 1924 em diante), o ataque ao passadismo é substituído pela ênfase na elaboração de uma cultura nacional, ocorrendo uma redescoberta do Brasil pelos brasileiros. Os modernistas (paulistas) acreditavam que atingiriam a universalidade a partir da leitura do nacional, do encontro e afirmação da chamada “brasilidade”; buscava-se nacionalizar ou abrasilizar o país em prol de uma projeção universal. (...) O interior do Brasil passa a ser visto como celeiro da cultura e da identidade nacionais, uma identidade que se forja pelo território concreto, pelas lembranças materiais de um passado marcado pela complexização territorial, de forma a se reconhecer que o sertão guardou, como que em um desígnio, as possibilidades do caráter de nacionalidade latente. As cidades coloniais e a arte barroca são apresentadas como elementos de nossas raízes, da memória nacional e de identidade genuína brasileira. (COSTA, 2012, p. 8).

Apesar dessa valorização do interior e a lembrança do passado não podemos considerar como algo positivo pois esse nostalgismo instaurado traz a tona também uma relação de desigualdade de desenvolvimento entre as regiões. Há um desequilíbrio entre o que foi vivido no passado e nesse caso, a relação com os resquícios arquiteturais da exploração, da escravidão e da falta de desenvolvimento com a atualidade progressista com regiões industrializadas, desenvolvimento econômico, entre outros.

Alguns aspectos, segundo Hervé Théry, podem ser analisados como responsáveis pelo fortalecimento da ideia de unidade territorial no Brasil. O principal deles é o fato de ter apenas uma língua oficial em todo o território, o português, o que facilita a comunicação e o processo

7 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2003) *Mapa do analfabetismo no Brasil*. Brasília: MEC/INEP. Disponível em: <<http://www.oei.es/quipu/brasil/estadisticas/analfabetismo2003.pdf>>. Acesso em: 28/10/2015

administrativo. Théry não considera as inúmeras línguas indígenas existentes no país, o que pode ser considerado como normal visto que praticamente não são ensinadas nas escolas.

O segundo aspecto está relacionado à cultura brasileira: apesar de todas as particularidades de cada região, Estado e, às vezes, de cidades, é ainda possível falar de elementos de reconhecimento cultural, como por exemplo, as grandes manifestações populares: o carnaval, eventos nacionais como o desfile de 7 de setembro (dia da independência do país) ou tradições de cunho religioso como a Semana Santa e o Natal.

Há ainda o aspecto esportivo que segundo Hervé Théry, não é apenas ligado ao futebol mesmo que ele admita que é o principal responsável pela união esportiva. O futebol, é desde a época de Getúlio Vargas um forte símbolo do "nacional". Podemos acrescentar ainda as radionovelas (e posteriormente as telenovelas) que ainda hoje são enredos de enorme sucesso no país.

Assim, a construção da nação no Brasil vai de encontro à ideia de nação proposta por Renan. De fato, enquanto no Brasil temos uma imposição por parte das classes dominantes dos elementos que constituem o que consideramos ser hoje a nação brasileira, Renan prefere falar de nação do ponto de vista de um sentimento de pertencimento, "malgré les diversités de race et de langue".

2.3. A construção da identidade nacional brasileira

O Brasil foi colonizado por europeus, adotou um regime escravocrata e uma política de extermínio dos indígenas. Se na época colonial não era permitido fundar instituições culturais e de ensino, foi a partir de 1808 que D. Pedro I começou a impulsionar no território alguns elementos de nacionalidade. Porém, a dependência em relação à cultura internacional era ainda muito forte. Além disso, os artistas nacionais dependiam quase que exclusivamente de encomendas do Estado.

O conceito de brasilidade já era discutido desde a época da monarquia. Todavia, é à partir da Semana de Arte Moderna de 1922 e do Modernismo, com uma cultura artística mais comprometida com a produção nacional, que houve a necessidade por parte dos artistas e intelectuais de se liberarem das influências estrangeiras e de se questionarem sobre o sentimento de identidade nacional. Escritores como Mário de Andrade se preocuparam em fazer do Brasil um país homogêneo do ponto de vista da identidade, ideia essa que foi utilizada e reforçada no governo de Getúlio Vargas.

Na época de Getúlio Vargas (1930-1945), com a criação de meios culturais (jornais, rádios universidades, instituições etc.) a situação começou a se modificar. Getúlio Vargas queria unificar o Brasil, e nada melhor do que utilizar a ideia de pertencimento a uma nação para conseguir criar o sentimento de "brasilidade" na população. A construção de espaços culturais para que os intelectuais pudessem trabalhar foi uma das ideias do governo de Getúlio Vargas.

A primeira medida consistiu em transformar o racismo contra negros e mestiços em uma ideia de mestiçagem positiva. Para isso, o governo utilizou como cartilha o livro *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre (1933), que apontava a mestiçagem como responsável pela "democracia racial" no Brasil:

A miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que de outro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical; entre a casa-grande e a senzala. O que a monocultura latifundiária e escravocrata realizou no sentido de aristocratização, extremando a sociedade brasileira em senhores e escravos, com uma rala e insignificante lambujem de gente livre sanduichada entre os extremos antagônicos, foi em grande parte contrariado pelos efeitos sociais da miscigenação. A índia e a negra-mina a princípio, depois a mulata, a cabrocha, a quadrarona, a oitavona, tornando-se caseiras, concubinas e até esposas legítimas dos senhores brancos, agiram poderosamente no sentido de democratização social no Brasil. Entre os filhos mestiços, legítimos e mesmo ilegítimos, havidos delas pelos senhores brancos, subdividiu-se parte considerável das grandes propriedades, quebrando-se assim a força das sesmarias feudais e dos latifúndios do tamanho de reinos. (FREYRE, 1933, p. 33)

Nasce então a ideia do homem brasileiro que é o resultado de uma população mestiça que pertence a três "raças". Essa ideia de brasilidade não foi criação do governo Vargas, mas foi utilizada como ferramenta política por ele. É importante ressaltar que muitos outros intelectuais já haviam encarado a mestiçagem como algo positivo, como algo que fazia parte do brasileiro. Por exemplo, Sílvio Romero (1888) escreve o seguinte:

"A historia do Brazil, como deve hoje ser comprehendida, não é, conforme se julgava antigamente e era repetido pelos entusiastas lusos, a historia exclusiva dos portuguezes na America. Não é também, como quiz de passagem suppôr o romanticismo, a historia dos tupis, ou, segundo o sonho de alguns representantes do africanismo entre nós, a dos negros em o Novo Mundo. E' antes a historia da formação de um typo novo pela acção de cinco factores, formação sextiaria em que predomina a mestiçagem. Todo brasileiro é um mestiço, quando não no sangue, nas idéas. Os operários deste facto inicial hão sido: o portuguez, o negro, o indio, o meio physico e a imitação estrangeira.

Tudo quanto ha contribuído para a diferenciação nacional, deve ser estudado, e a medida do mérito dos escriptores é esse critério novo." - (ROMERO, 1888, p. 7)

É nesse momento de valorização da população que ocorre também uma valorização da cultura popular brasileira. O Estado Novo foi o responsável pela construção da cultura nacional através da apropriação de elementos da cultura popular como o samba, o carnaval e o futebol. Nessa época, o folclore passa a ser visto como algo que pode unir as diversidades regionais. Nessa época são criados diversos órgãos culturais: o Serviço Nacional de Teatro (1936-1945) e o Instituto Nacional do Livro (INL) fundado em 1937, que tinha como objetivo criar uma enciclopédia e um dicionário da língua brasileira (que nunca ficaram prontos) com o intuito de retratar a identidade e a memória nacional e dar apoio à implantação de bibliotecas em todo o país. Mencionam-se também o Instituto Nacional do Cinema Educativo (1936-1966), com uma produção de mais de 400 filmes entre curtas e médias, o SPHAN criado em 1937 e o Departamento de Imprensa e Propaganda (1939-1945) que tinha como objetivos a censura e a propaganda do Estado Novo.

Depois desse período, vem a Ditadura Militar Brasileira (1964-1985) que, assim como muitos outros governos autoritários, preocupava-se com as manifestações artísticas e culturais populares. Porém, devido a uma ideologia de integração, a cultura nesse período passa a defender e propagar a ideia de nacionalidade no Brasil.

A cultura popular ganha destaque e passa a ser valorizada pelo governo ditatorial para que a população se sinta unificada por meio de manifestação artística em comum. Movimentos artísticos e ritmos até então destinados às camadas mais pobres da população começam a fazer parte da cultura das classes dominantes e com isso passa a representar a cultura do país. Temos, por exemplo os bailes carnavalescos que até então eram realizados pela população nas ruas e que passam a realizar-se em clubes fechados. A ideia da miscigenação passa a ser vista como capaz de unificar a cultura brasileira, que começa a ser encarada como harmônica, plural e democrática. Cria-se o Ministério da Educação (MEC). Em 1975 é lançado o Plano Nacional da Cultura (PNC) e o que é plural na cultura brasileira passa a ser diluído na ideia de sincretismo e, portanto, reforça ainda mais a ideia de brasilidade.

Assim, a cultura brasileira é tão plural que consegue integrar-se a todas as outras, aceitá-las e absorvê-las dentro da sua. Os governos posteriores à redemocratização deram continuidade à política de incentivo cultural, mas sempre mantendo a relação entre o governo

e a cultura e, desde os anos 1980, fazendo com que o setor privado pudesse também investir, através de leis de incentivo fiscal para as empresas.

Finalmente, os movimentos sociais, principalmente políticos, de esquerda, no período da redemocratização do país, retomaram as discussões sobre "nacionalismo" e "brasilidade". Nesse momento a sociedade civil organizada participa de forma ativa na luta por direitos sociais influenciando as decisões políticas. A própria Constituição Federal de 1988 abriu espaço para esse tipo de diálogo como explica Scherer-Warren

Nesse período houve um aumento considerável do número de ONGs e do terceiro setor de responsabilidade social. As associações de bairro, representantes de periferias e de moradores de classe média, também em expansão, reivindicam a concessão de direitos sociais [...] As duas grandes mobilizações nacionais deste período foram o Movimento pelas Diretas Já (1983-1984) e a mobilização da sociedade civil organizada [...] para a inclusão de novos direitos na Constituição brasileira, a qual veio a ser denominada de "Constituição Cidadã" (SCHERER-WARREN, 2008, p. 11-12).

Os movimentos sociais que surgiram à partir dos anos 1990 são fruto das demandas sociais como o Movimento das Mulheres, o movimento LGBT, o Movimento Indígena e, claro, o Movimento Negro. Juarez Guimarães (2004) fala em cinco movimentos que contribuíram para a construção identitária nesse período. O primeiro movimento é o comunitarismo cristão, com a fundação, em 1982 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) liderada por Dom Hélder Câmara. Segundo Scherer-Warren assistimos nesse processo o nascimento da esquerda católica brasileira. O segundo movimento é a cultura nacional-desenvolvimentista, "herdeira do primeiro ciclo varguista", o que ocasionou a combinação de "projetos sistêmicos de nação com uma agenda de inclusão social e florescimento dos sentimentos e criações de identidade cultural".

O terceiro movimento é socialismo democrático encabeçado pelo Partido dos Trabalhadores (PT) por três motivos: primeiro por ser um partido tardio quando comparado ao estalinismo e à social-democracia europeia tornando-o plural e com a possibilidade de "se desenvolver em um alto grau de pluralismo e de divergências internas". O segundo pelo fato de ter sido capaz de recusar o "dualismo sociedade/Estado, movimentos sociais/institucionalidade" sendo portanto criativo ao combinar essas dimensões e, terceiro pela a dimensão que o partido alcançou nos anos 1990, tornando-se "brasileiro, acolhendo em seu interior diferentes dimensões étnicas, regionais e religiosas". O quarto movimento é o

liberalismo ético através de "um reformismo constitucional, em geral direcionados por uma pauta neoliberal". Sendo portanto, uma ordem institucional dinâmica e aberta à renovação. Finalmente, o ensaísta aponta para a cultura popular que alimenta um "sentimento comunitarista":

"Excluído da comunidade política, não tendo reconhecida a dignidade de seu trabalho, o povo brasileiro, refez-se através da cultura. Ali ele foi, ao longo do tempo, republicanizando o país, cindido pela escravidão, pela diferença social e pelo mercado. Conformou, assim, uma espécie de casa comum dos brasileiros, para além da adscrição de raça, origem, credo, classe, sexo ou ideologia." (GUIMARÃES, 2004, p. 10).

O sentimento de comunitarismo apontado por Juarez Guimarães faz-se perceber de duas formas. A primeira, como uma segmentação do todo e valorização daquilo que é próximo ou local. Nesse caso, percebemos uma tendência internacional do chamado "retorno à fonte", a busca por um modo de vida que se assemelha aos relatos da sociedade anterior às grandes guerras, quer dizer, uma sociedade local consumindo produtos regionais, uma vida associativa ou comunitária forte e marcada por ajudas e trocas. A segunda forma, seria um fechamento ao Outro; com a centralização e valorização de apenas o que nos pertence e, neste caso, o verbo "pertencer" no sentido de "ser característico, inerente e sem uma abertura ao Outro". Em um mundo globalizado, esse segundo aspecto soa artificial. Seria uma tentativa, às vezes, mal sucedida de manter um padrão local, como se fosse possível não sofrer interferências externas.

A própria *internet* e os meios sociais de comunicação atuam, neste caso, como difusores de tendências, de aspectos culturais, sociais e identitários. Assim, mesmo que um pequeno grupo tente manter-se em conformidade com as tradições específicas, é preciso ter consciência do desenvolvimento realizado em outros lugares. Podemos citar, como exemplo, três "comunidades" que foram visitadas ao longo do período de captação de dados e desenvolvimento da parte "brasileira" da pesquisa, durante um semestre acadêmico, na Universidade Federal do Paraná. São elas, a comunidade de Jenipapo, membro do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), a comunidade indígena Kuaray Haxa e a comunidade quilombola da Maloca. O objetivo das visitas não foi decompor antropologicamente a vida dos membros dessas comunidades, tampouco de realizar longas entrevistas para compor os anexos do presente trabalho. Pensamos em visitas mais voltadas para a observação e com poucas interferências e sugestões. Passamos, pelo menos um dia, em cada uma das

comunidades escutando e tentando compreender seus pontos de vista sobre a própria comunidade e suas relações com a sociedade brasileira.

A comunidade de Jenipapo localiza-se no município de Correntina, a oeste do Estado da Bahia. Atualmente a comunidade é composta por 200 famílias - cerca de 600 pessoas - que vivem da agricultura de subsistência e ajudam a abastecer com legumes e frutas o município sede. Não se tem estudos oficiais sobre o início da povoação, mas os relatos dizem que em 1830 já existiam pessoas na comunidade. É uma comunidade tradicional; os moradores vivem em casas simples e, além da venda da produção, são beneficiários de programas sociais como o Bolsa Família e o Seguro Safra. A problemática principal enfrentada é a possível expulsão das terras devido à construção da barragem do Rio Corrente; trata-se de um projeto sem data prevista para a iniciação das obras. Um segundo problema é a falta de oportunidade de desenvolvimento, como explica Isabel Ferreira, um dos membros da comunidade:

Na minha comunidade existe grande êxodo para as cidades (Brasília, Goiânia, São Paulo) e isso faz parte dessa exclusão que você disse. O camponês sempre foi em busca de oportunidades e as oportunidades nunca procurou [*sic*] o camponês. Isso reflete na relação do campo com a cidade, o campo citado como o inculto, mas a única diferença são as oportunidades e isso sempre aparece nas conversas que tenho com a minha comunidade.

A comunidade Kuaray Haxa está localizada entre os municípios de Antonina com Guaraqueçaba, no estado do Paraná. São cinco famílias (17 pessoas), da etnia guarani Mbya, que ocupam uma área de um parque florestal não demarcada como terra indígena. As dificuldades vão além da falta de recursos e de território fixo. O principal motivo de insegurança são as ameaças que eles recebem por parte da indústria madeireira paranaense. Apesar disso, a comunidade consegue manter suas tradições: as crianças são criadas em um ambiente bilingue (tupi-guarani e português). Os membros da comunidade plantam uma parte do que consomem, constroem seus próprios instrumentos musicais, fazem artesanatos e contam lendas e crenças. O sentimento de pertencimento é, primeiramente, com a etnia guarani, embora lutem por maior reconhecimento na sociedade brasileira. O objetivo não é viver na cidade ou trabalhar no setor comercial. O que os motiva é a possibilidade de poder manter e transmitir suas tradições e continuar a luta em defesa do patrimônio imaterial. Os jovens, por sua vez, vão à escola e sonham em ingressar numa faculdade ou conseguir um concurso público.

Para tentar manter uma renda mais constante, uma vez que os benefícios a que eles têm direito nem sempre são depositados, a comunidade vende objetos artesanais. No início, as

transações eram realizadas por meio de intermediários que recebiam uma porcentagem da renda e exigiam uma produtividade em massa. Em 2015, concretizou-se o projeto de criação de uma loja no centro de Curitiba. A Xondaro Arte Indígena trabalha com arte e artesanato de 13 etnias oriundas de 23 comunidades do Estado do Paraná. A loja funciona como Microempreendimento Individual (MEI); os funcionários são voluntários e são os indígenas que fixam os preços de comercialização dos produtos. Em geral, 70% do valor de venda retorna para o produtor. O próximo projeto é criar uma casa de estudantes em Curitiba para viabilizar os estudos dos jovens indígenas que ingressarem na faculdade.

A comunidade remanescente de quilombo da Maloca está localizada no centro da cidade de Aracaju, capital de Sergipe. Em 2007, a Maloca foi reconhecida como comunidade quilombola urbana, sendo a segunda do país. Não se sabe ao certo a data de criação da comunidade. Porém, relatos orais dos moradores falam do início do século XX. Os primeiros moradores vieram de antigos engenhos do interior de Sergipe e começaram a se agrupar numa área delimitada em 150 metros quadrados hoje em dia. A receptividade na comunidade é grande, há uma manutenção das tradições de origem africana, da religiosidade, ao mesmo tempo em que se realizam debates e ações para fazer frente ao racismo. A Maloca proporciona aos moradores uma vida comunitária que, ao mesmo tempo, está totalmente inserida dentro da capital do Estado. As relações sociais são cotidianas e o retorno para casa no fim do dia é, também, o retorno a toda uma origem, a outra forma de ver o mundo. As relações são mais diretas e eles dividem não só o espaço urbano, como também uma luta comum pelo seu reconhecimento. O pesquisador Frank Marcon explica essa dualidade:

A apropriação dos espaços como significantes comuns de um dado grupo emerge de situações específicas, que a partir de escolhas circunstanciais pode ressaltar ícones e torná-los significativos, como sentidos de identificação. A própria atividade econômica ou o trabalho exercido fora dos limites territoriais da comunidade também se tornam agregadores desse sentimento coletivo compartilhado, pois tais trajetórias de vida mesmo que aconteçam em espaços distintos, se assemelham pelas ocupações, pelas relações de trabalho estabelecidas, pelos rendimentos econômicos obtidos e pelas rotinas do ir e vir dos moradores da comunidade. (MARCON, 2008, p. 96).

Percebe-se que as lutas não são as mesmas, nem o modo de vida, mas as três comunidades têm em comum o sentimento de serem brasileiros e, neste caso, não apenas através de símbolos, idioma ou representações. O segundo aspecto é o ativismo, a consciência da luta em outras regiões e, até mesmo, em outros países, a necessidade de preservar os

aspectos identitários sem deixar de lado a inclusão no sistema maior, no caso, na sociedade brasileira.

As exemplificações anteriores podem ser consideradas pontuais e não representativas da imensa quantidade de comunidades existentes no Brasil. Propomos, agora, mais dois exemplos que não se focalizam mais em grupos e reivindicações específicas, falam em nome de territórios definidos: os Estados da Bahia e de Sergipe, bem como os gentílicos.

A baianidade ou a identidade baiana não é um conceito homogêneo, nem poderia ser, já que o Estado contabiliza 27 Territórios de Identidade reconhecidos pelo governo e constituídos a partir das especificidades de cada região. A baianidade diz respeito apenas a Salvador e ao Recôncavo da Baía de Todos os Santos. Alguns autores acreditam que existiu uma baianidade natural, vinda do próprio povo, mas que foi rapidamente englobada pela ideia comercial do conceito, o produto baianidade. Em outras palavras, a baianidade é um conceito construído de forma voluntária por artistas, empresas de turismo e o poder público. O resultado não é apenas positivo: há várias críticas ao modo de vida, aos costumes e conserva-se uma ideia de atraso econômico, cultural e social, como sugere Joachin Kroner:

Existem, portanto, dois discursos de baianidade, um dominante, aceito e eficiente em termos de atratividade e potencial de homogeneização, sedução, geração de vantagens e lucros. A baianidade seria o resultado da chamada mistura das (famosas três) raças e culturas, fazendo nascer uma mentalidade coletiva como que por geração espontânea, [...] Evidentemente, trata-se de uma ficção, largamente difundida, a qual todos são obrigados a se habituar e que convida à identificação para com ela, parecendo verossímil aos olhos do senso comum. (KRONER, 2007, p. 11).

A baianidade enquanto marca é interessante do ponto de vista comercial principalmente durante o carnaval, à exceção dessa época específica. O que sobra são estereótipos. Há uma falsa valorização da cultura negra para que haja uma ideia de integração, como, também, maior rentabilidade da "marca" que generaliza e padroniza a população. O termo já não corresponde aos anseios da população. Porém, como está inserido numa lógica comercial, ainda é interessante manter certas características para atrair o público.

O conceito de sergipianidade, por sua vez, surgiu muito depois da baianidade e, portanto, o referencial bibliográfico é ainda pequeno. A própria relação dos sergipianos com o termo é ainda frágil. Por um lado, é compreensível pois o termo foi criado há menos de 30 anos, em um momento em que a cultura no Estado estava em desvalorização e praticamente sem financiamento. Podemos nos perguntar se a falta de sentimento de pertencimento a uma

sergipanidade não entraria também na mesma problemática da baianidade: o de criar um conceito para inserir uma população que, talvez, nunca se questionou sobre o real sentimento em ter nascido em terras delimitadas pela União Brasileira. Mesmo sendo o menor Estado da federação, Sergipe se subdivide em micro-regiões que não compartilham das mesmas características. Portanto, seria vago falar em um sentimento único de sergipanidade quando as lutas não são as mesmas.

A diferença quando comparamos com a baianidade é que, apesar de ter sido "imposta" pela cena cultural do Estado, inicialmente não havia interesse por parte do setor público e, menos ainda, do setor privado em incurrir na população esse entusiasmo em ser sergipano e fazer parte da sergipanidade, Tanto mais que a iniciativa demorou a se desenvolver por falta de financiamento e, até mesmo, de credibilidade.

O que transforma a sergipanidade em uma verdadeira marca em Sergipe são os três seguintes fatores. O primeiro é a instituição do Dia da Sergipanidade em 2010. A data é comemorada todo dia 24 de Outubro (historicamente dia da emancipação da Bahia) com manifestações populares e eventos. A data tem força simbólica não pela independência, mas pela ideia de emancipação identitária. O segundo é o movimento criado pela mídia sergipana, em 2009, com a criação de programas de rádio, de televisão e de sites específicos para valorizar a cultura local. E finalmente, a construção do Museu da Gente Sergipana – aliás, único museu no Brasil especificamente voltado para a população de um Estado e não sobre as etnias que fazem parte do lugar. Inaugurado em 2011, o museu é único no gênero, interativo, moderno, representativo da população com inúmeras referências culturais e históricas do Estado e, principalmente, povoado de gente. Pessoas simples, histórias populares e conversas gravadas, uma identidade do sergipano como explica Mirtes da Conceição:

Sendo assim, o Museu da Gente Sergipana tem contribuído para o resgate da identidade local, uma vez que este espaço vem tentando reconstruir a herança cultural, apontando o cotidiano e elementos que fazem parte da vida dos sergipanos, muitas vezes esquecidos ou deixados sem valor diante desta modernização e dos processos que nos envolvem dentro dessa 'redoma global'. (CONCEIÇÃO, 2013, p. 8).

No caso, a sergipanidade foi um conceito criado para fins culturais, inicialmente sem apoio, mas que conseguiu não apenas apoio financeiro, como também a aceitação e, posteriormente, o sentimento de orgulho da própria população. Enquanto que a baianidade nasceu de uma situação espontânea e foi inserida no sistema econômico para transformá-lo

numa marca, o produto baianidade para exportação de uma imagem fragmentada do Estado no exterior como explica Cláudia Pereira Vasconcelos:

A imagem da Bahia feliz, disseminada para baianos e não baianos, ganhou maior força e definiu melhor os seus contornos pela forma como a mesma foi sendo atualizada e reificada por artistas de gerações posteriores aos citados e, principalmente, pela concepção e implementação de uma política cultural do Estado, que empreendeu de forma contundente uma prática voltada para o consumo cultural e turístico do chamado *Produto Bahia*, veiculado cotidianamente pela grande mídia. Essa lógica política conseguiu construir um texto unificador em torno da idéia de Bahia presente até os nossos dias, através de uma eficaz estratégia da positividade pela qual se recorta e evidencia aquilo que interessa na obra dos intérpretes (citados) e se esconde ou esquece o que não convém. (VASCONCELOS, 2008, p. 10).

Para prosseguir a análise do jornal *Le Monde*, é pertinente estudar as relações internacionais brasileiras bem como o reconhecimento e as representações do Brasil no exterior, através de informações transmitidas pelo próprio país e, nesse caso, através da presença consular ou dos órgãos turísticos oficiais.

SEGUNDA PARTE

II- O BRASIL NO EXTERIOR

1- A relação interna

Os dois governos do presidente Luís Inácio Lula da Silva pretenderam diferenciar-se dos governos anteriores com a ideia de usar a “mudança” como palavra-chave desse novo momento político brasileiro. Do ponto de vista das relações internacionais, foi um momento de diversificação nas negociações. O Brasil se abriu a novos parceiros comerciais, principalmente intensificando as relações com os países emergentes (Índia, Rússia e África do Sul) e com os países vizinhos na América Latina, como explicam Vigevani e Cepaluni. "Com a Índia e a África do Sul, o governo brasileiro formalizou uma relação estratégica e de cooperação ao criar o IBAS1 ou o G-3. Com a Rússia e a China, tem buscado ampliar os intercâmbios comerciais, tecnológicos e militares." (VIGEUVANI e CEPALUNI, 2007, p. 274).

A crítica a essa abertura internacional acontece em relação à própria política interna brasileira, que foi deixada em segundo plano, indo de encontro à ideia da "Teoria dos Jogos de Dois Níveis" proposta por Putnam em 1988. Essa teoria considera uma forte ligação, até mesmo um "emaranhado", entre as políticas internas e externas de um país. Portanto, olhando o Brasil do ponto de vista de suas forças e não apenas como um ator unitário, dissociando a política interna da externa, mas como uma força no plural. Simplificando: essa teoria fala da necessidade de um Estado em fazer as relações entre o governo e a sociedade.

Nesse caso, as relações estabelecidas com os países foram consideradas, por Vigevani e Cepaluni, como sendo desdobramentos das políticas anteriores do governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC) sem, de fato, terem sido pensadas também do ponto de vista interno e social do Brasil. Um exemplo, que foi muito criticado na época, foram os acordos com a China, país que não possui o mesmo nível de relação de trabalho que o Brasil. "Vale ressaltar que a questão das relações com a China é objeto de críticas dos setores afetados pela concorrência considerada desleal, não sendo objeto de resistência generalizada no país". (VIGEUVANI e CEPALUNI, 2007, p. 274 e 275). Os autores não enumeram, porém, as relações políticas dos governos anteriores, o que consideramos problemático visto que, desde o período anterior à redemocratização, mais precisamente na era de Vargas, podemos encontrar atuações das relações internacionais brasileiras. Portanto, uma análise mais

profunda poderia ter sido feita para melhor problematizar os desdobramentos que podemos encontrar na era de Lula.

1.1- A abertura para transações comerciais e culturais internacionais

De acordo com as informações do Ministério das Relações Exteriores, o Brasil possui hoje 139 embaixadas, 53 consulados-gerais, 11 consulados, 8 vice-consulados, 13 missões ou delegações e 3 escritórios. O Brasil se relaciona com todos os Estados-membros da Organização das Nações Unidas, ou seja, 193 países e, mesmo que não reconheça Taiwan, ele mantém um escritório especial na sua capital, Taipei.

Do ponto de vista econômico, as primeiras relações econômicas do Brasil datam da abertura dos portos às nações amigas de Portugal, em 1808, com a chegada da família real portuguesa para que tinha fugido do exército francês de Napoleão Bonaparte, no contexto da Guerra Peninsular (1807–1814). Essa medida pôs fim ao Pacto Colonial que obrigava a passar todos os produtos da colônia pela alfândega, em Portugal, antes de serem vendidos aos outros países. No mesmo ano, foi permitida a instalação de manufaturas na colônia.

A autorização concedida por Portugal para que o Brasil iniciasse intercâmbios comerciais e, também, artísticos e culturais fez com que diversos países se interessassem por essas trocas, principalmente a Inglaterra e os Estados Unidos. No caso da Grã-Bretanha, a assinatura do Tratado de Cooperação e Amizade de 1810 fez com que este país fosse o maior beneficiado nas relações comerciais. Essas duas datas, 1808 e 1810 podem ser consideradas como marcos na história do liberalismo econômico brasileiro. No decorrer dos anos, o comércio se intensificou cada vez mais, mas, sempre com uma ligação forte e direta com Portugal.

O Brasil tardou muito em expandir as suas relações com outros países. Mesmo independente de Portugal depois de 1822, o país teve dificuldade em se separar do monopólio comercial português, situação que muda apenas com o fim da ditadura em Portugal, em 1974,

Cette fidélité aux origines portugaises a longtemps pesé très lourd, même après l'indépendance, dans la définition de la politique étrangère du pays. Le Brésil n'a commencé vraiment à s'en écarter qu'à partir de la fin du régime Salazar et surtout lorsque la question de l'indépendance, tardive et mouvementée, des colonies portugaises d'Afrique est venue. Le choix s'est alors posé entre la fidélité à son ancienne métropole et l'adhésion aux valeurs

de la décolonisation. Que le Brésil, un siècle et demi après l'indépendance, ait pu hésiter, est particulièrement révélateur! (GERVAISE, 2012, p. 143)

A influência portuguesa, principalmente do ponto de vista cultural, é citada também por Bastide (1999, p. 340). "On sait que jusqu'à la guerre de 1914 le Brésil était plus étroitement rattaché à l'Europe qu'à l'Amérique, en particulier au Portugal par l'influence de sa littérature, de ses arts, de ses modes. Lisbonne se trouve à la même distance que New York de Rio de Janeiro".

Essas relações de dependência, de troca e de favoritismo econômico evoluíram até chegar a um modelo comercial atual que produz as matérias primas necessárias para que os outros países desenvolvam seus produtos: como explica Gervaise (2012, p. 137) :

C'est la caractéristique la plus marquante de l'économie brésilienne: le Brésil est le pays qui fournit les économies évoluées et émergentes en matières premières. C'est ce que explique la réactivité du pays au développement de la mondialisation. Le Brésil a profité à plein de l'essor des volumes et, plus encore de celui des prix, malgré la valorisation de sa monnaie.

Apesar das enormes críticas a esse sistema, principalmente no que diz respeito ao fato do Brasil exportar matérias primas a países subdesenvolvidos criando, nesses territórios, a necessidade de aumentar o consumo, o Brasil mantém uma situação de exportação e importação favoráveis, justificando-se pela expansão dos desmatamentos e pela busca por minérios: "En revanche, l'apparition du Brésil, au début des années 2000, au sein des puissances qui orientent ou participent à la politique mondiale a constitué une surprise. La surprise a été d'autant plus marquée que l'apparition a débordé le champ géographique jusqu'alors restreint de son activité diplomatique." (GERVAISE, 2012, p. 143)

O modelo tradicional que consiste em conceber as relações internacionais como sendo exclusivamente relações econômicas, comerciais e políticas já não é mais suficiente para manter as relações entre Estados, principalmente quando levamos em conta as peculiaridades de cada país. Por isso, nas últimas décadas, fez-se um esforço com vista a uma presença maior de entidades não governamentais nas negociações. Essa nova forma de governo multilateral é complexa, mas, ao mesmo tempo, possibilita a inclusão de outros componentes sociais como as universidades, as organizações não governamentais, as associações e, claro, a sociedade civil organizada.

Nesse contexto de mudanças, a cultura aparece como um recurso que não segue a mesma lógica linear das outras relações já mencionadas. Neste caso, é importante mencionar que a própria UNESCO adotou em 2005 a "Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais" que, *grosso modo*, é o primeiro tratado internacional a conceder à cultura para um estatuto jurídico. Portanto, as diretrizes apresentadas na convenção são voltadas principalmente para a proteção e a promoção da diversidade cultural entre os Estados.

A convenção foi criada após várias iniciativas da UNESCO com relação à cultura. Inicialmente, a questão cultural nas relações internacionais surgiu numa época de expansão desenfreada do fenômeno da globalização na qual uma das preocupações era o combate à homogeneização cultural e à "indústria do entretenimento". Na primeira metade do século XX, o cinema já era um produto industrial e comercial. Na década de 1940 países como a França, a Inglaterra e a Alemanha propõem "as cotas de tela" que excluía os conteúdos audiovisuais nos tratados de livre comércio entre a União Europeia e os Estados Unidos. O "Acordo Geral sobre Aduanas e Comércio" (do inglês GATT) foi assinado em 1947 por 23 países com o objetivo de facilitar as transações comerciais. O acordo GATT estava centrado em três princípios: o livre acesso do mercado com o fim das taxas alfandegárias; a cláusula de tratamento nacional, segundo a qual um produto importado não deve ser penalizado com relação aos produtos nacionais e a cláusula de nação mais favorecida, na qual uma nação receberá o mesmo benefício recebido por uma outra nação.

O acordo gerou debates e muitas preocupações aos europeus que se sentiam ameaçados do ponto de vista cultural. Neste caso, foram incluídas três cláusulas de segurança que davam aos países em desenvolvimento a possibilidade de aumentar o valor alfandegário cultural, com o intuito de proteger suas próprias indústrias culturais por meio de cotas.

Neste caso, a UNESCO começou a redigir recomendações, declarações e convenções que podem ser consideradas como um marco regulador das políticas culturais nacionais e internacionais. Dentre as inúmeras recomendações, podemos citar a Convenção Universal sobre os Direitos do Autor de 1952, a "Declaração de princípios da Cooperação Cultural Internacional" de 1966, a "Convenção sobre o Patrimônio Mundial, Cultural e Natural" de 1972. Posteriormente, em 1982, a Mondiacult (Conferência Mundial sobre Políticas Culturais) da UNESCO dá um novo foco às questões culturais ao dar importância à proteção dos bens culturais e outras formas de patrimônio e produção cultural. Em 1988, a Organização das Nações Unidas cria a Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento com individualidades como Claude Lévi-Strauss e Celso Furtado. Em 2003, é criada a Convenção sobre a proteção

e promoção do Patrimônio Imaterial e, finalmente, é criada a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais.

A convenção de 2005 tinha como objetivo de preservar a diversidade cultural através do incentivo à diversidade e da manutenção da paz entre as nações. Assim, os Estados continuam soberanos para criar ou desenvolver políticas públicas na área da cultura. Assiste-se também, à vitória dos Estados que lutaram para que os bens culturais e valores sociais não fossem apenas considerados como bens mercadológicos. Segundo o texto a diversidade cultural é uma "característica essencial da humanidade" e é importante que a cultura faça parte da política interna e externa dos Estados. Na página 8 da convenção de 2005 encontra-se o artigo 12 sobre a "Promoção da cooperação internacional":

As Partes procurarão fortalecer sua cooperação bilateral, regional e internacional, a fim de criar condições propícias à promoção da diversidade das expressões culturais, levando especialmente em conta as situações mencionadas nos Artigos 8 e 17, em particular com vistas a:

- (a) facilitar o diálogo entre as Partes sobre política cultural;
- (b) reforçar as capacidades estratégicas e de gestão do setor público nas instituições públicas culturais, mediante intercâmbios culturais profissionais e internacionais, bem como compartilhamento das melhores práticas;
- (c) reforçar as parcerias com a sociedade civil, organizações não-governamentais e setor privado, e entre essas entidades, para favorecer e promover a diversidade das expressões culturais;
- (d) promover a utilização das novas tecnologias e encorajar parcerias para incrementar o compartilhamento de informações, aumentar a compreensão cultural e fomentar a diversidade das expressões culturais;
- (e) encorajar a celebração de acordos de co-produção e de co-distribuição.

A UNESCO põe assim a tônica na diversidade cultural, principalmente no que diz respeito não apenas à soberania nacional, como o reforço e a promoção dos bens culturais materiais e imateriais dos Estados signatários do documento. Do ponto de vista cultural, o Ministério das Relações Exteriores brasileiro mantém como um dos eixos de trabalho a Diplomacia Cultural, cujo papel consiste em implementar as recomendações da UNESCO e desenvolver o setor de divulgação da cultura brasileira no Brasil e no exterior. Uma parte do site do Itamaraty é dedicado a diplomacia cultural. No documento de apresentação, encontramos a seguinte missão do departamento cultural do ministério:

No exterior, a difusão da cultura brasileira é executada por meio dos setores culturais das Embaixadas e Consulados. Cabe-lhes coordenar-se com instituições culturais estrangeiras, entre as quais universidades, museus, festivais de cinema, salas de concerto e teatros. Para a consecução dos objetivos culturais, o Ministério vale-se do Programa Anual do Departamento Cultural, das Comissões Mistas Culturais e dos Programas Executivos Culturais. Na esfera pública, são tradicionais parceiros do Itamaraty o Ministério da Cultura, a Fundação Biblioteca Nacional, as Universidades federais e estaduais e as Secretarias de Cultura dos Estados e Municípios.

O Departamento Cultural do Itamaraty possui cinco unidades, cada uma com funções distintas, porém, complementares: A Divisão de Promoção da Língua Portuguesa (DPLP) tem como objetivo promover a difusão da língua portuguesa na vertente falada no Brasil. Este setor coordena também a gestão da Rede Brasil Cultural que é um instrumento para a promoção do português no exterior por meio de centros culturais, de núcleos de estudos e de leitorados. Os centros culturais brasileiros são extensões das embaixadas. Os primeiros centros datam da década de 1940 e atualmente existem vinte e quatro unidades. Os Centros oferecem cursos de língua e realizam os preparatórios para o exame de proficiência CELPE-Bras. Os Núcleos de Estudos, por sua vez, são menores do que os Centros Culturais e também promovem a cultura brasileira, bem como o ensino da língua portuguesa. Por último, os Leitores Brasileiros são professores universitários selecionados por concurso público para atuarem em universidades estrangeiras.

A Divisão de Operações de Difusão Cultural (DODC) promove a cultura e arte brasileiras e negocia os acordos bilaterais de cooperação cultural através de três programas: o Programa de Difusão Cultural (PDC) que é a programação realizada anualmente pelas Embaixadas e Consulados, os Acordos Bilaterais de Cooperação Cultural com ações como intercâmbios culturais entre os países, e um terceiro programa, mais abrangente, constituído por Projetos Temáticos voltados para a promoção da nova geração de músicos, artistas visuais e dramaturgos brasileiros. Este programa se subdivide em três subprojetos: o Novas Vozes do Brasil que 2011 promove artistas nacionalmente conhecidos no exterior, o Projeto de Residências Artísticas no Exterior que consiste em um intercâmbio de artistas brasileiros em instituições estrangeiras tais como museus, centros culturais e escolas de arte, e a Nova Dramaturgia Brasileira que visa ampliar a difusão internacional do teatro brasileiro.

A Divisão de Promoção do Audiovisual (DAV), essa, promove o cinema, a produção independente para TV e a publicidade brasileira no exterior. Criado em 2006, o programa tem articulação com outros órgãos como a Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura

(SAV) e a Agência Nacional do Cinema (Ancine). O DAV apoia a participação do Brasil em festivais de cinemas, mostras e eventos audiovisuais, além de realizar eventos sobre o assunto nos Postos no exterior. Há, ainda, capacitação de jovens talentos, oficinas de roteiros, intercâmbio de profissionais e o incentivo em coproduções.

Foi criada também a Divisão de Acordos e Assuntos Multilaterais Culturais (DAMC) que trata da cultura e da negociação de conteúdos no âmbito internacional. É a divisão responsável pela participação do Brasil em convenções culturais da UNESCO, como as convenções mencionadas anteriormente, bem como as áreas de atuação das negociações.

Por fim, a Divisão de Temas Educacionais (DCE) que possui várias subdivisões as quais promovem parcerias entre os países para a troca de experiências que contribuam para a projeção do Brasil no exterior. Dentre elas, temos o Programa Ciência sem Fronteiras que foi criado em 2011 e que concedeu mais de 80 mil bolsas de estudos a estudantes e pesquisadores para instituições no exterior. O Programa de Apoio a Estudantes Brasileiros (PAEB) visa a realização de eventos e seminários nas universidades parceiras.

Na França, a diplomacia cultural brasileira se faz por meio da embaixada brasileira em Paris e dos consulados. Existem quatro projetos de cunho cultural promovidos pelo Itamaraty na França. O *Bulletin Culturel*, editado todos os meses, tem como objetivo difundir as principais manifestações culturais e eventos relacionados ao Brasil. A revista *Brésil Culture*, criada em 2015, divulga as ações do serviço cultural da Embaixada do Brasil na França. O projeto *Le Brésil à Livre Paris* é uma página à parte no site do Itamaraty dedicada à participação do Brasil no Salon du Livre de Paris e, finalmente, existe um programa de bolsas de estudos para a tradução e publicação de autores brasileiros na França através do programa criado pela Biblioteca Nacional Brasileira.

1.2. O fortalecimento das relações internacionais brasileiras

Hoje o Brasil ocupa uma posição de destaque no que diz respeito aos outros países considerados como "emergentes", mesmo que o autor Hervé Théry sustente a ideia de que o Brasil não é mais emergente pois ele já emergiu. Observando-se o peso econômico e político internacional do Brasil, podemos até concordar com o conceito de "emergido". Porém, é importante ressaltar que o conceito ainda não foi adotado por grande parte dos pesquisadores,

visto que a emergência de um país não pode ser atribuída apenas devido a um aspecto, neste caso, o fator econômico.

De toda forma, é importante frisar que o Brasil, diferente de outros países também classificados na categoria de países emergentes, não teve um desenvolvimento lento, constante e crescente, como é o caso da China, mas sim um súbito desenvolvimento no curso dos últimos anos. Esse crescimento brasileiro foi percebido pelos países europeus com o início da crise econômica de 2008. O contexto de crise fez com que o Brasil começasse a ganhar destaque e ser constantemente citado, principalmente nos meios de comunicação social.

Hervé Théry explica que o desenvolvimento econômico brasileiro, nos anos 2000, não foi diretamente notado pelos países desenvolvidos. O autor considera que, de fato, a imagem que esses países têm do Brasil é nebulosa. Essa imagem é determinada pelos estereótipos e preconceitos veiculados pela mídia.

Se quiséssemos analisar todo o crescimento econômico brasileiro até chegar ao momento atual, seria necessário retornar a todo o processo pós-colonial que o Brasil sofreu. Inicialmente, com a divisão territorial em capitanias hereditárias que, como o próprio nome evoca, é um sistema de transferência de território entre os familiares durante gerações ocasionando a concentração de terras. Em seguida, os ciclos econômicos, do açúcar, do café, do minério e da borracha ocasionaram um desenvolvimento desigual das regiões do país. Esses dois sistemas favoreceram o desenvolvimento de poucas famílias – representadas historicamente na figura dos coronéis – que são os mesmos herdeiros das terras desde 1534.

O patriarcado ainda é muito presente na sociedade brasileira. Com efeito, as relações sociais e de poder se assemelham às relações que a Europa viveu nos séculos XIII e XIV com o sistema feudal. Há que não esquecer a dificuldade ou melhor, a falta de vontade política de integrar as populações indígenas e os descendentes de africanos depois da abolição da escravidão, o que gera problemas sociais e identitários até hoje. Não podemos deixar de citar também os fluxos migratórios, principalmente no sul e sudeste do Brasil, nos séculos XIX e XX, o que ocasionou o processo de industrialização e desenvolvimento econômico dessas regiões.

Os vestígios desse modelo podem ainda ser percebidos em uma sociedade que está muito longe de vencer a barreira da desigualdade social. Se olharmos os dados publicados pelo Banco Mundial relacionados ao Coeficiente de Gini, que calcula a desigualdade de distribuição de renda, podemos observar que houve leve evolução positiva no Brasil. Se em 2001 o coeficiente era de 59,3, uma década depois, em 2012, passamos a 52,7. Mesmo

levando em consideração todo o avanço político e social nos últimos anos – principalmente depois da chegada de Lula em 2003 ao poder, por meio do Partido dos Trabalhadores (PT) – ainda há muito trabalho a ser realizado.

Um dos principais problemas do Brasil ainda é a luta contra a má distribuição de renda. Ele ocupa a sétima posição entre os países do mundo em relação ao seu Produto Interno Bruto⁸ (PIB), ficando na frente de países historicamente desenvolvidos como a França (8ª posição) e o Reino Unido (10ª posição). Todavia, quando analisamos a Paridade de Poder de Compra (PPC), o país recua e ocupa com a 76ª posição de acordo com os dados do FMI de 2013.

1.3. O reconhecimento internacional do Brasil

Na década de 1950, o antropólogo francês Roger Bastide já apontava a possibilidade do desenvolvimento do Brasil e a sua possível liderança na América do Sul. Com um discurso que mais se assemelha a uma profecia, Bastide enumera alguns fatores que efetivamente podem ser observados com o desenvolvimento do Brasil nos anos 2000. Primeiramente, ele fala da posição do Brasil na América Latina. Sabendo que o território do Brasil é quase a metade de toda a América Latina (40,4%) e que a sua população representa quase 35% da população latino-americana, Bastide (1999, p. 338) acredita que "Ce pays pourrait donc jouer dans le sud de l'Amérique le même rôle de *leader* que les Etats-Unis jouent dans le nord" (BASTIDE, 1999, p. 338).

Porém, Bastide aponta também desvantagens nessa relação. A primeira diz respeito à língua que, para ele, é também um fator de separação entre o Brasil país lusófono e os outros países latino-americanos hispanófonos. À exceção do Uruguai, as outras fronteiras geográficas ainda hoje estão localizadas em áreas definidas como "espaces désertiques" que são áreas pouco habitadas e quase sem infraestruturas o que dificulta a interação entre os fronteiriços.

Neste caso, Bastide tinha razão ao propor uma integração regional. Esta ideia se concretiza com a criação do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) em 1991 e, com a assinatura do Tratado de Assunção pela Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. Segundo informações do site do Mercosul:

⁸ *Banque Mondiale*: Dados disponíveis em:

<<http://donnees.banquemondiale.org/indicateur/NY.GDP.PCAP.CD>>. Acesso em 10/04/2016.

O objetivo primordial do Tratado de Assunção é a integração dos Estados Partes por meio da livre circulação de bens, serviços e fatores produtivos, do estabelecimento de uma Tarifa Externa Comum (TEC), da adoção de uma política comercial comum, da coordenação de políticas macroeconômicas e setoriais, e da harmonização de legislações nas áreas pertinentes.

Com seus dez países membros, não se pode negligenciar o grande peso internacional que o bloco possui. Ao analisar os blocos econômicos existentes, o MERCOSUL poderia ser classificado em terceira posição, ficando atrás do Nafta e da União Europeia.

Apesar de todos esses fatores que, erroneamente, podem nos fazer crer numa homogeneidade, é importante destacar que, a começar pela divisão territorial, as regiões norte e centro-oeste são pouco povoadas. Por outro lado, o Estado de São Paulo conta 21,6 %⁹ da população do país.

Ao analisar a distribuição da renda e da riqueza do país, os dados ainda surpreendem. Com efeito, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Brasil ainda precisa ser melhorado. Em 2013, o país ocupava a 79ª posição com um IDH de 0,744, juntamente com a Geórgia e Granada, ficando atrás de países que estiveram guerras ou conflitos internos, como o Irã (75ª posição) e a Turquia (69ª posição). Comparando-o com outros países desenvolvidos, percebemos que o Brasil ainda está muito longe, por exemplo, da França (20ª posição) e do Reino Unido (14ª posição).

Segundo os dados do Atlas Brasil de 2010, o IDH do Estado de São Paulo é considerado alto com 0,783 – equivalente ao de países como a Líbia e o Omã, que ocupam, respectivamente as posições 55 e 56 – e a cidade paulista de São Caetano do Sul ocupa o primeiro lugar na classificação com um IDH de 0,862, próximo do da Espanha e da República Tcheca, que ocupam respectivamente as posições 27 e 28. Observa-se, por outro lado, uma disparidade quando analisamos os dados dos Estados menos desenvolvidos, como o Pará, onde se localiza o município de Melgaço com um IDH de 0,418 – semelhante ao do Malawi (que ocupa a 174ª posição) – e Fernando do Falcão, no Maranhão, com um IDH de 0,443, próximo do da Gâmbia (0,441) que ocupa a posição 172 na classificação internacional.

⁹ Segundo os dados do IBGE (<http://www.ibge.gov.br>) do censo de 2010, a população do Brasil é de 203976459 habitantes e a população de São Paulo é de 44035304 habitantes. Acesso em 16/03/2014.

Nos seguintes quadros encontra-se, a lista das 20 cidades com os melhores ou os piores IDHs do Brasil comparadas com os países com idênticos IDH. Nota-se bem que na primeira tabela estão presentes apenas cidades das regiões do sudeste e do sul do Brasil, com exceção das capitais Brasília e Vitória. Na segunda tabela, as cidades pertencem às duas regiões historicamente menos desenvolvidas: o norte e o nordeste.

Tabela 1: os melhores IDH no Brasil:

Cidade (Estado)	IDH	País Correspondente (Continente)	IDH do País
São Caetano do Sul (São Paulo)	0,862	República Checa (Europa)	0,861
Águas de São Pedro (São Paulo)	0,854	Grécia (Europa)	0,853
Florianópolis (Santa Catarina)	0,847	Chipre (Europa)	0,845
Vitória (Espírito Santo)	0,845	Chipre (Europa)	0,845
Balneário Camboriú (Santa Catarina)	0,845	Chipre (Europa)	0,845
Santos (São Paulo)	0,840	Estônia (Europa)	0,840
Niterói (Rio de Janeiro)	0,837	Arábia Saudita (Ásia)	0,836
Joaçaba (Santa Catarina)	0,827	Emirados Árabes Unidos (Ásia)	0,827
Brasília (Distrito Federal)	0,824	Chile (América do Sul)	0,822
Curitiba (Paraná)	0,823	Portugal (Europa)	0,822

Cidades brasileiras com o melhor IDH. Fonte: Atlas do Brasil¹⁰ e Pnud¹¹

¹⁰ Atlas Brasil. Disponível em <<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/ranking/>>. Acesso em 24/05/2017.

¹¹ Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Disponível em <http://www.pnud.org.br/IDH/Default.aspx?indiceAccordion=1&li=li_AtlasMunicipios>. Acesso em 24/05/2017.

Tabela 2: Os piores IDH no Brasil

Cidade (Estado)	IDH	País Correspondente (Continente)	IDH do País
Melgaço (Pará)	0,418	Malawi (África)	0,414
Fernando Falcão (Maranhão)	0,443	Gâmbia (África)	0,441
Atalaia do Norte (Amazonas)	0,450	Costa do Marfim (África)	0,452
Marajá do Sena (Maranhão)	0,452	Costa do Marfim (África)	0,452
Uiramutã (Roraima)	0,453	Costa do Marfim (África)	0,452
Chaves (PA)	0,453	Costa do Marfim (África)	0,452
Jordão (Acre)	0,469	Afganistão (Ásia)	0,468
Bagre (Pará)	0,471	Haiti (América Central)	0,471
Cachoeira do Piriá (Pará)	0,473	Togo (África)	0,473
Itamaraty (Amazonas)	0,477	Benim (África)	0,476

Cidades brasileiras com o pior índice de IDH. Fonte: Atlas do Brasil e Pnud.

Apesar de todos os aspectos mencionados anteriormente, Théry Hervé acredita que na competição internacional o Brasil possui vantagens principalmente relacionadas aos recursos naturais e à faixa etária da população:

"Dans la compétition mondiale, le Brésil dispose de quelques avantages comparatifs de poids, dont les principaux sont sa population - jeune, urbanisée, de plus en plus éduquée -, une enviable autosuffisance énergétique - grâce à ses ressources en pétrole, hydroélectricité et énergie tirée de la biomasse - et surtout d'abondantes terres disponibles, grâce à l'immensité de son territoire." (HERVE 2014, p. 83)

O Brasil vem ganhando espaço nas relações econômicas, bem como nas relações diplomáticas e culturais também. Roger Bastide já se interrogava sobre a possibilidade de criar uma relação mais próxima entre os países de língua portuguesa. O autor sugere, quase 50 anos antes de efetivamente ser criada, uma associação entre o Brasil e os outros países de

língua portuguesa. O autor fala na possibilidade de o Brasil assumir uma posição de mediador entre Portugal e as colônias portuguesas da África, principalmente por causa da sua população miscigenada e da proximidade com Angola:

Dans ce bloc, le Brésil a sa place. Mieux encore, il a un rôle particulièrement important à jouer et qu'il es peut-être le seul à pouvoir jouer. Tout humanisme qui ne se renouvelle pas dépérit, et notre civilisation latine risque, en Europe, de se scléroser dans des formes archaïques. Le Brésil peut aider à le rajeunir, par sa volonté dynamique de jeune république américaine. (BASTIDE, 1999, p. 342).

De fato, a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), criada em 1996, reúne os países de língua portuguesa para um projeto de cooperação com o seguinte objetivo¹²:

A CPLP assume-se como um novo projecto político cujo fundamento é a Língua Portuguesa, vínculo histórico e património comum dos Nove – que constituem um espaço geograficamente descontínuo, mas identificado pelo idioma comum. [...] A CPLP tem como objectivos gerais a concertação política e a cooperação nos domínios social, cultural e económico.

Bastide finaliza questionando sobre o futuro do Brasil, se o país iria se tornar uma grande potência em meio às principais nações:

Le Brésil, qui ne sait encore trop que faire de sa jeune puissance, qui se lève dans le concert des grandes nations, sera-t-il demain la grande nation médiatrice, entre l'Amérique, l'Afrique et l'Europe? On peut le penser et je crois, quant à moi, que c'est là sa grande mission de demain". (BASTIDE, 1999, p. 343).

¹² Informação disponível no site da CPLP: <http://www.cplp.org/id-2752.aspx>

2. A imagem do Brasil no exterior do país

2.1. O Brasil que é mostrado

Para este trabalho, partimos da hipótese de que houve uma mudança na forma como a imprensa internacional retrata o Brasil. Esta modificação teve impacto na opinião pública e nos meios de comunicação europeus, mais precisamente nos meios de comunicação franceses. Se levássemos em conta apenas o ponto de vista dos jornalistas que trabalham como correspondentes internacionais para jornais estrangeiros no Brasil, poderíamos explicar como solução essa imagem através do etnocentrismo e dos preconceitos dos jornalistas estrangeiros sobre o Brasil. No entanto, acreditamos ser imprescindível averiguar também a própria representação que as entidades públicas brasileiras responsáveis pelo setor do turismo, da cultura e do patrimônio brasileiros projetam no exterior. Para tal, optamos por analisar os canais de divulgação do turismo brasileiro para tentar entender a mudança da imagem interna, ou seja, a própria percepção do Brasil quanto à imagem que dá de si próprio no exterior. Por isso, comentaremos as políticas governamentais em diferentes décadas. É inegável o interesse por parte do Estado brasileiro em atrair investidores, empresas e turistas estrangeiros em geral. Apesar desse crescimento, ainda não existe uma política verdadeiramente consolidada na área do turismo principalmente se compararmos com as ações desenvolvidas em outros países, inclusive na França. Observa-se o crescimento turístico brasileiro e uma diversificação da oferta: turismo de negócios, de lazer, local, entre outros.

O Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur) foi criado através do Decreto-Lei nº55, de 18 de Novembro de 1966 – durante a ditadura militar; trata-se de uma empresa pública inicialmente vinculada ao Ministério da Indústria e do Comércio. A Embratur foi criada para ter um papel normativo e disciplinador das atividades turísticas do país. Inicialmente, o objetivo era criar estratégias para o desenvolvimento da indústria do turismo e incentivar o desenvolvimento de um país prejudicado pela instabilidade econômica. O Estado brasileiro procurava também instrumentalizar o turismo pondo-o ao serviço das atividades realizadas pelo governo, a fim de combater a ideia de que o Brasil vivia sob um regime ditatorial. Enquanto o país vivia numa época de censura e repressão, a propaganda turística difundia uma imagem ufanista e privilegiada:

Assim, a EMBRATUR aparece aqui como fornecedora e divulgadora de imagens da nação. Acompanhando a história da entidade, esta dissertação aponta suas formas de atuação, conforme as políticas dos governos para o setor, e de que maneira estas interferiram nas imagens trabalhadas pela própria EMBRATUR como representativas da nacionalidade brasileira. (ALFONSO, 2006, p. 6).

A Embratur teve, desde sua criação, um papel importante na construção da imagem do Brasil, tanto na consolidação de imagens já existentes, como também no abrandamento de outras. Para Louise Alfonso, o organismo conseguiu influenciar a formação simbólica do que é nacional, da cultura, da identidade e dos valores brasileiros.

A divulgação buscava esconder traços que fossem negativos, como a preguiça, a ignorância etc., e valorizar aqueles que pudessem contribuir para uma boa imagem do período militar – como, por exemplo, os que demonstrassem o crescimento e desenvolvimento econômicos, a idéia de um brasileiro pacífico, bom e desprovido de preconceitos, a idéia de um lugar bonito e rico, o “país do futuro”, que viria a se igualar às nações desenvolvidas. (ALFONSO, 2006, p. 43).

Para a pesquisadora Kelly Kajihara, o material de divulgação da Embratur pode ser dividida em cinco momentos. O primeiro momento é o de sua criação, em 1966; basicamente as ações foram dedicadas à organização e elaboração de normas que a autora explica como sendo "a elaboração de normas tanto para a aplicação dos incentivos criados quanto para o registro e a fiscalização das agências de viagens". O segundo momento corresponde à década de 1970, época em que o Brasil vivia, por um lado, o "milagre econômico" e, por outro, a institucionalização da censura, a perseguição de presos políticos e a repressão dos movimentos sociais. O material criado pela Embratur veiculava essencialmente três estereótipos: o Rio de Janeiro, o carnaval e a mulher brasileira. A "Cidade Maravilhosa" foi utilizada como atrativo paisagístico: através do Pão de açúcar e do Cristo Redentor. O carnaval foi representado quase que exclusivamente pelas escolas de samba, com muitas cores e alegria. Finalmente, a Embratur promoveu a "beleza e a sensualidade da mulher brasileira" através de mulheres de biquíni e dançando no carnaval.

O terceiro momento corresponde à década de 1980. Durante este período histórico, há uma abertura política, eleições diretas, mas, também, a maior dívida externa brasileira. Portanto, as ações da Embratur visavam os países com maior potencial financeiro, principalmente os Estados Unidos e os países da Europa. A Embratur lança a linha

promocional "*Fly to Brazil*" em vários idiomas, mas mantém a campanha centralizada nas mulheres seminuas nas praias, no clima tropical e no futebol. Em 1987, o jogador Pelé se torna embaixador do turismo no Brasil com uma estratégia de marketing voltada para a Europa através do slogan: "*Emotion has a name: Brazil*".

O quarto momento compreende as décadas de 1990 e 2000 e caracteriza-se pela mudança de estratégia ao promover o Brasil como um destino de riquezas naturais. O turismo ecológico ganhou destaque e foi considerado como o propulsor para a preservação do patrimônio ecológico brasileiro. A realização da Eco-92 no Rio de Janeiro fortaleceu a estratégia de ecoturismo e, pela primeira vez, observou-se uma preocupação do governo com o problema do turismo sexual e da exploração infantil. Em 1997 foi criado um programa de combate à exploração do turismo sexual infanto-juvenil.

O quinto e último momento, depois de 2003, começa com o Plano Aquarela, elaborado pelo governo Lula que criou pela primeira vez um ministério exclusivamente dedicado à atividade turística: o Ministério do Turismo. Ainda em 2003 foi criado o Plano Nacional do Turismo (PNT) e a Embratur deixa de se encarregar da política pública para o turismo e passa a se dedicar exclusivamente ao turismo internacional. Neste período, ganha destaque a diversidade cultural e natural do Brasil, com a elaboração de materiais específicos para todos os Estados brasileiros, a criação de um DVD em seis idiomas e a diversificação dos mercados turísticos em cinco segmentos: sol e praia, ecoturismo, cultura, esporte, negócios e eventos. No Plano Aquarela, distinguem-se dois momentos. O primeiro vai de 2005 até 2009 e é interessante analisar porque entra no primeiro período estudado no presente trabalho, que vai de outubro de 2008 até outubro de 2009. Portanto, a primeira parte do plano consistiu em implementar o projeto através de pesquisas de mercado e das tendências do turismo global. Nessa primeira fase foram abordados os eixos de divulgação do Brasil no exterior, não mais sobre as mulheres, as praias e o Rio de Janeiro como espaço paradisíaco. Temos a impressão de ver o início de uma política de diversidade cultural e paisagística, bem como um começo de modernidade e humanização da população, de trocas culturais, como mostra o esquema a seguir:



Dados do Plano Aquarela 2020, documento oficial da Embratur¹³.

O esquema mostra o que ficou estabelecido como mensagem a ser transmitida na promoção turística internacional do Brasil. Em natureza, encontram-se o patrimônio da humanidade, as praias, as florestas e a biodiversidade brasileira. Em cultura viva, são as festas, a música e a arte popular. O povo é representado como a alegria, o clima é a ideia de "sol o ano inteiro" e, finalmente, a modernidade com a infraestrutura, a juventude e os contrastes.

Kajihara finaliza sua pesquisa em 2008 e, portanto, não analisou a segunda fase do Plano Aquarela que também é pertinente, pois ela vai de 2010 a 2016 e corresponde ao segundo período de análise deste trabalho, de junho de 2013 a julho de 2014. Essa segunda fase foi dividida em duas partes: de 2010 a 2012, com uma "exposição moderada" da imagem do Brasil, – principalmente devido às das Olimpíadas de Londres em 2012, e entre 2012 e

¹³ EMBRATUR. Plano Aquarela 2020. Marketing turístico internacional do Brasil. Gráfica Brasil, 2006. Disponível em: <http://www.embratur.gov.br/lai_embratur_secom/opencms/menu/embratur/planosdemarketing.html>. Acesso em: 10/04/2017.

2016, com o desenvolvimento das relações públicas e "exposição intensa" da imagem do Brasil. Lê-se o seguinte no documento Plano Aquarela 2020 da Embratur:

Como o Brasil também será sede das Olimpíadas, o momento de maior impacto de exposição de imagem do Brasil será entre 2012 e 2016, quando todas as ferramentas de promoção turística deverão estar em atuação plena. Também nesse período, todos os temas relacionados à imagem do Brasil que são maiores do que o turismo deverão ser coordenados e voltados para uma estratégia única do país. Este esforço envolverá especialmente os setores de relações internacionais, exportações, cultura, turismo, esporte e atração de investimentos. (EMBRATUR, 2009, p. 53).

Essa estratégia visa também o turismo regional através das cidades-sede. Assim, a comunicação foi integrada e intensificada tanto nos Estados como no exterior.

Finalmente, a ação mais recente do turismo brasileiro foi a criação do "Plano Brasil + Turismo", consiste num conjunto de medidas para aproveitar melhor os potenciais turísticos do Brasil. O projeto foi lançado oficialmente em 2017, mas partiu das conclusões de uma pesquisa para encontrar soluções concretas para o desenvolvimento do turismo no Brasil. A ideia é formar parcerias entre o governo, empresas privadas e a sociedade civil e tomar medidas para atrair os turistas estrangeiros e fazer com que eles fiquem mais tempo, para que mais dinheiro circule na economia. O projeto tem também como objetivo incentivar os brasileiros a viajar dentro do próprio país.

É de salientar, ainda, o objetivo de criar quase 6 milhões de empregos até 2022. Um pacote de medidas será adotado para resolver alguns problemas que ainda dificultam a vinda de estrangeiros ao país: o visto eletrônico para países como Estados Unidos, Canadá e Japão; a abertura total das companhias aéreas para o capital estrangeiro e, conseqüentemente, o aumento do número de rotas, de vôos e de conexões; a modernização da gestão da Embratur que mudou de estatuto e de nome, passando a se chamar Agência Brasileira de Promoção do Turismo; mudanças na lei do turismo; novas formas de hospedagem, sendo os cruzeiros reconhecidos como prestadores de serviços turísticos; investimento na qualificação profissional, entre outros.

Paralelamente, o Ministério do Turismo criou o Programa de Regionalização do Turismo. No site do Ministério encontramos o objetivo do Programa. "Seu objetivo principal é o de apoiar a estruturação dos destinos, a gestão e a promoção do turismo no País". Para tal, o programa foi reformulado em 2013 com oito eixos de atuação. Este programa incita as

regiões bem como seus Estados a desenvolverem políticas específicas com vista ao desenvolvimento da região; elas não precisam mais esperar as medidas a nível nacional.

Até este momento, não podemos analisar qual "nova imagem" do Brasil será promovida pela estratégia de marketing. Com base no material divulgado até o momento, se nota um retorno à valorização de paisagens naturais, do ecoturismo e de praias. Privilegia-se também a diversidade cultural, o folclore. Por outro lado, cria-se um site moderno, interativo e lúdico, como ilustra a imagem a seguir:



Identidade visual do "Programa Brasil + Turismo" do Ministério do Turismo brasileiro¹⁴.

As consequências dessas novas medidas só poderão ser perceptíveis daqui a alguns anos. Por enquanto, nossa análise baseia-se nos projetos que já foram concluídos, ou estão em fase de finalização, e que puderam motivar as interpretações dos correspondentes internacionais do jornal *Le Monde* em seus artigos, que comentaremos na terceira e última parte do nosso trabalho.

¹⁴ Documento iconográfico disponível em: <http://www.turismo.gov.br/brasilmaisturismo/>. Acesso em 10/04/2017.

TERCEIRA PARTE

III. A IMAGEM DO BRASIL NO JORNAL *LE MONDE*

1. O discurso midiático e a realidade

Entende-se por discurso uma construção que é social. Para ser analisado, é preciso considerar diversos contextos, dentre eles os autores e a sociedade em que vivem. |As pessoas são criadoras do discurso, o que implica que elas mesmas também sejam construtoras da realidade. Para fazer uma análise do discurso, utilizamos o conceito de Foucault definido em *Arqueologia do Saber*:

Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições e existência. (FOUCAULT, 2008, p. 132-133).

Foucault é referência quando se fala em discurso, principalmente nas nuances e nas relações de poder entre o assunto tratado e o local em que ele está sendo veiculado. A maneira como o conteúdo em questão foi produzido também tem de ser levada em conta. Foucault fala, ainda, do suporte histórico e institucional que podem impossibilitar ou possibilitar a realização dos discursos. No caso dos jornais, é preciso lembrar que a enunciação jornalística é pautada por duas instâncias: a produção do conteúdo para o jornal e o público que receberá a informação e, por sua vez, fará uma nova interpretação do conteúdo jornalístico.

Há ainda mais dois aspectos que não podem deixar de ser mencionados: a ética na transmissão das informações, que, normalmente, é condicionada pela linha editorial de cada jornal, e a finalidade comercial do produto que precisa não apenas chamar a atenção dos seus leitores, como, também, garantir a negociação dos espaços publicitários.

Por isso, a forma como o jornalista se posiciona com relação ao produto, a matéria jornalística não é neutra. Apesar da ideia de liberdade de expressão e de imprensa, há uma orientação dada ao que é transmitido para o público. Esses direcionamentos se dão por um conjunto de procedimentos discursivos que podem interferir não apenas no produto final como também desde o início, no assunto a ser tratado, na escolha das fontes, nas questões, nas imagens e, finalmente, no texto publicado.

Dessa forma, os meios de comunicação procedem, ou podem proceder, à construção de uma realidade. Nessa questão da realidade, temos também a objetividade, que apesar de ser considerada como um dos pilares do jornalismo, muitas vezes, é deixada de lado para dar espaço a uma atualidade que vai chamar mais a atenção do público leitor. No *Dicionário de Análise do Discurso*, Edgardo Castro fala sobre o conceito de discurso. Para ele, o discurso é algo contextualizado:

O discurso não intervém em um contexto, mas como se o contexto não passasse de uma moldura, um cenário; de fato, não existe discurso que não seja contextualizado: não se pode de fato, atribuir um sentido a um enunciado fora de contexto. Além disso, o discurso contribui para definir seu contexto e pode modificá-lo durante a enunciação. (CASTRO, 2006, p. 171).

Nesse caso, diferente do que é esperado, não há um pensamento neutro mas, sim, visões diferentes sobre o mesmo assunto, que podem ser propostas junto aos fatores já mencionados anteriormente (público, linha editorial, publicidade, etc.) e, principalmente, da contextualização que é dada. Os mesmos dados podem ser interpretados de maneiras diferentes. É como a visão do copo meio vazio ou meio cheio. Dependendo da linha editorial do jornal, as notícias poderão ser negativas para um país ou para um governo, enquanto que a mesma notícia pode parecer positiva em outro jornal. Para Foucault, a verdade não está mais no discurso em si, mas no que ele diz. É preciso encontrar o que está do outro lado do discurso:

A análise do campo discursivo é orientada de forma inteiramente diferente; trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. (FOUCAULT, 2009, p. 31)

A realidade apresentada pela mídia passa a ser um recorte, uma colagem e uma seleção da realidade. Podemos falar nesse caso de realidade jornalística, que nem sempre é uma representação fiel da realidade material. O discurso não é apenas a expressão de práticas sociais, mas também uma dimensão construtiva delas. Foucault fala ainda sobre a sociedade e o discurso produzido por ela:

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo

número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2009, p. 8-9)

Vamos, pois, analisar a linha editorial do jornal francês *Le Monde* e, a partir do discurso e da linha editorial deste periódico, analisaremos o discurso jornalístico sobre o Brasil.

2. Os jornais franceses: um breve histórico

Diferentemente do Brasil, a França tem uma sólida tradição política, econômica e, principalmente, jornalística. A imprensa francesa nasceu no "Ancien Régime"¹⁵ e se desenvolveu com o Iluminismo. A invenção do processo gráfico por Johannes Gutenberg revolucionou a difusão de textos e do conhecimento. Os periódicos apareceram desde o fim do século XV e eram, inicialmente, almanaques anuais com temas destinados ao mundo rural. A imprensa periódica, por sua vez, só apareceu no século XVII.

O primeiro jornal francês, *La Gazette*, foi criado por Théophraste Renaudot e seu primeiro número foi lançado em 30 de maio de 1631. O periódico tinha quatro páginas com informações classificadas em ordem cronológica. Patrick Eveno considera *La Gazette* como sendo realmente um jornal: "c'est un véritable journal, qui recense des nouvelles fraîches et paraît à périodicité fixe, à destination d'un large public" (EVENO, 2012, p. 11). No Brasil foi preciso aguardar a autorização da corte portuguesa para fundar a Imprensa Régia; o jornal *Gazeta do Rio de Janeiro* foi então publicado em 1808. Esse atraso de quase dois séculos interferiu muito no desenvolvimento de conteúdos jornalísticos independentes no Brasil e grande parte das informações era escrita por estrangeiros que estavam no país.

A expansão da imprensa francesa deu-se nos anos 1770-1780. O número de títulos regulares passou de cerca de 20, na metade do século, para mais de 85 em 1785. Os *Affiches*, que misturavam informações com anúncios, estavam em pleno desenvolvimento com mais de 15 mil exemplares. Com a Revolução Francesa, em 1789, houve uma reviravolta na imprensa mundial, principalmente devido ao artigo nº 11 sobre a liberdade de expressão prevista na

¹⁵ *L'Ancien Régime* ou Antigo Regime é o nome dado ao regime político francês que designa os dois séculos que antecederam a Revolução Francesa, é caracterizado por um regime concentrado na pessoa do monarca, centralizado e absolutista.

Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão em que se lê o seguinte: "A livre comunicação das idéias e das opiniões é um dos mais preciosos direitos do homem. Todo cidadão pode, portanto, falar, escrever, imprimir livremente, respondendo, todavia, pelos abusos desta liberdade nos termos previstos na lei".

Enquanto que nos Estados Unidos o artigo nº 11 contribuiu de forma positiva para a força da imprensa e a sua atuação na sociedade com a criação da conhecida expressão "quarto poder", na França o discurso não era o mesmo. O "poder" da imprensa francesa continuou sendo regulamentado pelas "leis da República":

Dans la mesure où la liberté de la presse n'est pas expressément désignée par la Déclaration de 1789, c'est en tant que citoyen ordinaire que le journaliste exerce son droit d'expression dans un journal. D'un côté, un droit est reconnu à une entité-presse, aussi importante que la liberté d'opinion et d'assemblée. De l'autre, l'exercice de journalisme est certes accepté, mais il doit se garder de violer les lois de la République. (EVENO, 2012, p. 20)

Apesar do caráter peculiar da imprensa francesa, os jornais da época não pararam de ser criados durante um período de três anos de junho de 1789 até agosto de 1792. Em 1789 foram criados mais de 500 novos jornais. O autor fala mesmo em "liberdade ilimitada" da imprensa. Entre 1815 e 1870, apareceram diferentes formatos e jornais especializados: crônicas, folhetins, jornais em quiosques, jornais políticos e revistas. Enquanto alguns jornais lutavam contra a monarquia restaurada, outros inseriam publicidades e lançavam também a imprensa de entretenimento com os romances em folhetins.

Com o golpe de Estado de Louis-Napoléon Bonaparte em 1851 e a proclamação do estado de sítio, os jornais começaram a fechar e novos títulos não podiam ser criados. Um sistema de advertências foi implantado para controlar o conteúdo das publicações. Os jornais passaram a ser obrigados a publicar decretos oficiais. Em 1850, um decreto previu uma atenuação das regras e autorizou a criação de novos jornais, dentre eles, o *Le Temps*, em 1861, e o *Le Figaro* em 1866.

O jornal *Le Temps* merece destaque, pois é ele que posteriormente dará nascimento ao jornal *Le Monde*. O *Le Temps* foi criado pelo jornalista protestante Auguste Nefftzer. O primeiro número apareceu em 24 de abril de 1861, inspirado na filosofia liberal e no *Times* inglês, mas o público-alvo era a elite francesa: "Le programme de Nefftzer et du *Temps*, c'est la liberté; pour la presse bien évidemment, mais aussi pour la politique – avec pour but la démocratisation –, pour la religion, pour l'économie et le commerce". (EVENO, 2012, p. 57).

Inicialmente com tiragem de 3 mil exemplares, em pouco tempo o jornal cresceu e passou para 11 mil exemplares em 1869 – quando começou a praticar o anonimato dos jornalistas que trabalhavam com temas políticos, fazendo com que marcasse sua independência e se diferenciasse dos dois maiores concorrentes: *Le Figaro* e *Journal des débats*. Passou para 22 mil exemplares em 1880. O jornal se tornou o mais importante da Terceira República, além de ser considerado o porta-voz oficioso do governo.

Installé en 1912 dans un superbe immeuble de la rue des Italiens construit à son intention, *Le Temps* est le "journal officieux" de la III^e République: authentiquement républicain, mais modéré, ayant des affinités avec le Quai d'Orsay et le ministère des Finances. (EVENO, 2012, p. 57).

Em 29 de julho de 1881 foi votada a lei da liberdade de imprensa inspirada no artigo 11 da Declaração Universal dos Direitos Humanos. A lei de 1881 é considerada o texto jurídico fundador da liberdade de imprensa e de expressão na França. O artigo n° 5 declara que "tout journal ou écrit périodique peut être publié, sans autorisation au préalable, et sans dépôt de cautionnement". Esta medida que por um lado facilitou a publicação de novos jornais, mas, por outro, intensificou a formação de monopólios midiáticos.

Segundo Emmanuelle Gaillard, o período que vai de 1850 até 1950, foi a era de ouro da imprensa francesa, com uma explosão do número de jornais periódicos. Em Paris, por exemplo, em 1885, havia 1540 títulos e, dois anos depois, 1665 títulos. Durante a III^a República o diário tornou-se "un produit de consommation courante, grâce à l'industrialisation de la fabrication, à la modernisation de la distribution et aux avancées de l'alphabetisation".

Depois de conhecer seu apogeu, o período entre guerras não favoreceu a imprensa. A concorrência do rádio e de outros meios de comunicação, como o cinema e a música gravada, fez com que os jornais, ainda dominantes, tivessem que reinventar estratégias de venda. A divulgação das informações, a propaganda partidária, a censura e a adesão patriótica de parte dos jornalistas fez com que muitos questionamentos surgissem. Esses questionamentos eram principalmente sobre como divulgar a vida nas trincheiras, os mortos na guerra, entre outros. A imprensa clandestina individual ganhou força durante o regime de Vichy. Imprimiram-se mais de 1200 títulos com diferentes formatos e tiragens.

O período após a Segunda Guerra Mundial é decisivo para a imprensa francesa. Nessa época, todos os jornais que surgiram durante a ocupação alemã foram proibidos de circular depois da Liberação e os que interromperam suas atividades foram encorajados a fazer novas

publicações. Porém, foram criadas três portarias conhecidas como "Les ordonnances de 1944 sur la liberté de la presse" que, dentre outras modificações, instituíram a abolição da censura e a restauração do regime da lei de liberdade da imprensa de 1881. Foram, também, fixados os critérios econômicos, financeiros e morais para a reorganização da imprensa escrita. Houve, finalmente, a dissolução dos jornais que foram impresos durante a ocupação alemã e a criação da *Agence France-Presse*. Assim, todos os jornais franceses que continuaram a ser publicados durante o Regime de Vichy foram proibidos, como explica o historiador Patrick Eveno:

Le paysage médiatique français est profondément bouleversé à la Libération. Les médias sont considérés comme coupables de soumission aux ordres de Vichy et des Allemands, de collaboration avec l'ennemi, mais aussi d'avoir trop facilement accepté les règles du marché durant l'entre-deux-guerres. (EVENO, 2012, p. 189).

Neste contexto, o *Le Temps*, deixa de existir em 1942. Dois anos depois, em 1944, foi criado o jornal *Le Monde* que, beneficiado dessa extinção, alugou as instalações, as máquinas, o formato, a apresentação e recuperou os redatores e empregados do extinto *Le Temps*. A primeira edição apareceu em 18 de dezembro de 1944 com a data de 19 de dezembro.

3. O jornal *Le Monde*

A história do jornal *Le Monde* está relacionada com o fim da Segunda Guerra Mundial. Como já dissemos, os jornais que surgiram durante a ocupação alemã foram proibidos de circular. É o caso do jornal *Le Temps*, que foi acusado de colaboração com a Alemanha nazista e que deu lugar ao *Le Monde*, criado por Hubert Beuve-Méry em 1944. A criação foi impulsionada pelo general Charles de Gaulle que desejava que a França tivesse um “jornal de prestígio” voltado, também, para o público estrangeiro e que fosse porta-voz da república.

A linha editorial pretendia ser neutra, mas o próprio fundador Beuve-Méry era considerado pragmático e conservador. Além disso, no contexto da Guerra Fria, da guerra da Indochina e da guerra da Argélia, o jornal optou por um projeto destinado às elites políticas, econômicas e intelectuais francesas, bem como por debates equilibrados e por uma rubrica de "opinião livre". Segundo Patrick Eveno, o jornal era antisoviético e antiamericano, postura que permanece até hoje.

Hubert Beuve-Méry, et *Le Monde* avec lui, se réclame de plusieurs valeurs - la liberté, la volonté de justice sociale, l'humanisme chrétien et la défense de la démocratie parlementaire - et de contre-valeurs: l'anti-communisme, l'antifascisme, un antiaméricanisme modéré, un anti-autoritarisme qui cependant ne craint pas de prôner l'ordre républicain. (EVENO, 2012, p. 198).

Hubert Beuve-Méry pretendia que o *Le Monde* fosse também independente, tanto dos partidos políticos, como das comunidades religiosas e das potências financeiras. Para isso, era preciso garantir a independência econômica para o jornal e independência intelectual e política para os redatores. No seu surgimento, o jornal era "*gaulliste*", mas em 1946 ele se torna favorável à ratificação da Constituição. Em 1947, ele se torna hostil ao *Le Rassemblement du peuple français* (RPF), partido criado por De Gaulle. Esses dois eventos marcam o início da ruptura com o general De Gaulle.

Os grandes desafios da época não eram mais o pertencimento ao movimento "*gaulliste*" e, sim, as posições políticas face às guerras coloniais e à Guerra Fria. Uma parte da redação era favorável aos Estados Unidos e a manutenção das colônias, enquanto que a outra parte era mais neutra e apontava o insucesso da questão colonial. Em 1951, uma crise no interior do jornal fez nascer a *Société des rédacteurs du Monde*, criada com a missão de velar pela independência jornalística do *Le Monde*. Nessa época, os funcionários do jornal possuíam um lugar central na gestão do periódico, que passou a ter uma linha editorial de centro-esquerda.

Em 1962, com a independência da Argélia e a mudança constitucional, aconteceu a ruptura total do jornal com De Gaulle. *Le Monde* defendeu o sistema parlamentarista e avaliou que a França precisava de modernização. A partir dos anos 1960, o jornal estava em plena expansão, a qual continuaria por 20 anos. Enquanto que em 1955 a tiragem era de menos de 120 mil¹⁶ exemplares por dia, em 1969 o número passa para 140 mil e, em 1970, para 500 mil exemplares por dia.

Entre 1976 e 1994 houve diversas crises no seio do jornal em consequência das escolhas políticas. Nos anos 1970, várias linhas de pensamento se exprimem no jornal, entre o reformismo, a ideologia de esquerda e o apoio político a François Mitterrand. Em 1981, o jornal perdeu 90 mil exemplares, ou seja, quase um quarto dos leitores, devido ao partidarismo a favor de François Mitterrand. A tiragem caiu para 335 mil exemplares, o jornal

¹⁶ Dados obtidos no site da ODJ disponível em <<http://www.ojd.com/Support/le-monde>> 17/10/2015.

vendeu a sede e diversos ex-redatores publicaram livros contra o jornal. Em 1995, o jornal apareceu com um novo formato editorial (divisão entre opinião e informação, ilustrações, reforma gráfica, etc.), ganhou 65 mil exemplares e passou a ser o único jornal a conquistar leitores. Entre 2000 e 2004 novos escândalos prejudicaram o jornal, principalmente devido o lançamento do livro investigativo *La face cachée du Monde* que critica o funcionamento do jornal *Le Monde*, bem como de seus dirigentes. O livro aponta ainda o apoio do jornal a políticos, a pressão do jornal com a equipe do político Lionel Jospin. E finalmente, há críticas contra a forma que o jornal utiliza seu contra-poder de forma abusiva.

Em 2005 o grupo comprou vários meios de comunicação e recebeu capital de grupos franceses, espanhóis e italianos ligados à imprensa. Com isso, se tornou o terceiro grupo da imprensa francesa, "le groupe ainsi formé; avec 650 millions d'euros de chiffre d'affaires, et bientôt 900 millions d'euros en intégrant les quotidiens méditerranées de Lagardère, emploie 3 000 personnes dont près de 1 000 journalistes, et publie plus de 40 titres" (EVENO, 2012, p. 208).

Entre 2007 e 2010, novas crises, dessa vez ligadas à escolha da nova direção, fizeram com que houvesse várias trocas de diretores e, novamente, instabilidade econômica. Em 2010, o jornal passa a ser controlado majoritariamente por três grandes empresários franceses que são: Pierre Bergé, Xavier Niel e Matthieu Pigasse. Além de serem sócios majoritários, eles aumentaram o capital do grupo *Le Monde* ocasionando a perda de controle do grupo por seus funcionários. Em contrapartida, foi assinada a "Charte d'éthique et de déontologie du Groupe La Vie - Le Monde" para garantir a independência e a liberdade das redações do grupo *Le Monde*. Em 2014, outras crises internas aconteceram, dessa vez por causa da digitalização do grupo, da supressão de vários cargos e a eliminação de rubricas do jornal. Entre 2014-2015, o jornal contou com uma tiragem de menos de 300 mil exemplares, como mostra o quadro a seguir.

Tabela 3: Difusão do jornal *Le Monde* de 1945 até 2015.

Ano	Difusão
1945	80 000
1956	140 000
1962	182 408

1969	354 623
1976	440 000
1999	483 988
2002	390 840
2006	350 039
2007	358 655
2008	340 131
2009	323 039
2010	319 022
2011	325 295
2012	318 236
2013	303 432
2014	298 529
2015	296 951

Número de vendas do jornal *Le Monde*. Fonte: Office de justification de la diffusion (OJD).

O jornal *Le Monde* é considerado, por muitos estudiosos, como sendo de centro-esquerda. O grupo não concorda com esta definição e, para tentar esclarecer essas questões relacionadas com a parte deontologia da publicação, no próprio site é possível encontrar sua linha editorial, que teve sua última atualização em 2014. No código deontológico encontramos um parágrafo específico relativo à independência editorial, que diz:

L'indépendance éditoriale des journaux du groupe Le Monde à l'égard de ses actionnaires, des annonceurs, des pouvoirs publics, politiques, économiques, idéologiques et religieux est la condition nécessaire d'une information libre et de qualité. Aucun texte ne peut leur être imposé, aucune

orientation ne peut leur être dictée par une intervention ou une contrainte extérieure.

O documento explica, ainda, que a linha editorial de cada publicação do grupo não será motivada por interesses externos e de anunciantes, ficando a cargo dos responsáveis editoriais a "linha editorial e o conteúdo das suas publicações."

3.1. Metodologia de análise do jornal *Le Monde*

Para identificar as relações socioculturais referentes ao Brasil na imprensa francesa, utilizamos alguns métodos para analisar os documentos encontrados. No caso do jornal *Le Monde*, havia três opções. A primeira era a de analisar os jornais originais na Biblioteca de Lyon. Essa primeira opção foi rapidamente descartada por vários motivos, dentre eles o fato de ser um trabalho fastidioso, de requerer muito tempo para encontrar as reportagens interessantes para o trabalho e, finalmente, por não termos a certeza de conseguir completar a missão em função do tempo e da indisponibilidade física durante o período do duplo diploma.

A segunda opção era a de utilizar os softwares disponíveis para análise de conteúdos. Eram duas opções: a primeira era o *PhPress*,¹⁷ que é disponibilizado gratuitamente, mas necessita ser instalado, o que não era possível nos computadores da UFPR. E a segunda opção era o arquivo eletrônico *Europresse*¹⁸, que é uma ferramenta paga através de uma assinatura anual e também foi descartada por não termos a certeza de poder utilizá-la no exterior da União Europeia.

A terceira opção era o próprio site do jornal *Le Monde*, que disponibiliza gratuitamente e sem inscrição o acervo de todas as reportagens feitas pelo jornal desde 1944. Ao longo da existência do jornal, o Brasil foi citado 39428 vezes. O número é impressionante, mas, é claro, o fato de ser referenciado não significa que é uma reportagem sobre o país, como veremos. Muitas vezes é apenas uma citação indireta como por exemplo na sigla BRICS onde o Brasil aparece apenas por fazer parte de um bloco econômico, um resultado de um jogo ou uma referência histórica.

Nos dois períodos analisados, utilizamos para a nossa busca algumas palavras-chaves como "Brésil" e "société" e excluímos da busca as palavras "sport" e "football", visto que estas duas últimas dizem respeito, sobretudo, às competições em si e, quase em sua totalidade,

¹⁷ PhPress. Disponível para download no site (<http://www.phpress.org/>)

¹⁸ Europresse. Disponível em (<http://nouveau.europresse.com>).

se referem apenas aos resultados dos jogos, à compra e à venda do passe de jogadores. Nesse caso, optamos por examinar separadamente os dois períodos de tempo escolhidos para a análise. É importante mencionar o fato de que no primeiro período estudado, que foi de outubro de 2008 até outubro de 2009, ainda não se falava da Copa do Mundo de 2014, apesar de o Brasil ter sido selecionado para acolher o evento em outubro de 2007. Nessa primeira parte da pesquisa, foram encontrados 137 elementos, divididos em 14 páginas, que poderiam ser interessantes para o prosseguimento da primeira etapa da análise, como mostra o documento a seguir.

[INTERNATIONAL](#)
[POLITIQUE](#)
[SOCIÉTÉ](#)
[ÉCO](#)
[CULTURE](#)
[IDÉES](#)
[PLANÈTE](#)
[SPORT](#)
[SCIENCES](#)
[PIXELS](#)
[CAMPUS](#)
[LE MAG](#)
[ÉDITION ABONNÉS](#)

Recherche

Résultats de votre recherche

137 éléments trouvés (0.055 sec.) "entre le 01/10/2008 et le 31/10/2009" avec l'expression "brésil , société" (sans "sport, football") dans "tout le texte", classés "par date décroissante".
 Pour accéder à l'intégralité des articles, abonnez-vous au Monde.fr

< 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 14 >

Chris Viehbacher : "Sanofi-Aventis n'a pas besoin d'une méga-fusion"
LE MONDE | 30 octobre 2009
 Le patron du laboratoire français, affiche sa confiance malgré l'expiration d'importants brevets... Classement mondial. Le leader français, Sanofi-Aventis, se situe en cinquième position mondiale, derrière les américains Pfizer et Merck, et les suisses Novartis et Roche. Chiffres. Le chiffre...

A Rio de Janeiro, la coexistence entre la ville et ses favelas est menacée par la guerre des gangs
Le Monde.fr | 27 octobre 2009
 Rio de Janeiro reçoit plus de 700 000 touristes pour le carnaval. ...Ni les agressions, ni la criminalité en hausse ne les ont découragés... Rio de Janeiro de notre envoyé spécial. Les hôtels affichent complet. Rio de Janeiro a reçu 700 000 touristes pour le carnaval. Ni les agressions, ni la...

L'exploitation sexuelle des mineurs se mondialise
LE MONDE | 26 octobre 2009
 Le troisième Congrès mondial sur les abus envers les enfants pointe Internet et un "tourisme" plus diffus... Au Brésil, où 100 000 enfants et adolescents seraient victimes d'exploitation sexuelle, une lutte sérieuse est menée contre la prostitution sur les routes. Une écrasante majorité des 2...

En continu

- 14:52 Test: « Wonder Boy The Dragon's Trap »
- 14:35 Ubisoft s'implante à Bordeaux
- 14:32 Tchat : le pari de Theresa May
- 14:25 Des déchets plastiques dans l'Arctique
- 14:23 USA : pression démocrate en Géorgie
- 14:17 Ils votent pour la 1re fois en 2017
- 13:50 Un photographe syrien en larmes
- 13:49 Brexit : Juncker attend les élections

Toute l'actualité "en continu" < 1/5 >

Le Monde.fr
 Un abonnement souscrit. **25€** POUR 3 MOIS >
 Un abonnement offert.

PUBLICITE

Les plus partagés

- 1 Tribunal Monsanto : la firme américaine reconnue coupable d'atteinte aux droits humains 25922
- 2 A quel point publier des photos de ses enfants sur Facebook est-il dangereux ? 11075
- 3 Jean-Luc Mélenchon assure qu'il ne veut pas sortir de l'Europe 7412
- 4 Immigration et terrorisme : Marine Le Pen multiplie les intox 6563

Elementos encontrados através do motor de busca do site *Le Monde*.

Após essa primeira busca, começamos a classificação do material que apresentava as palavras "Brésil" e "societé", tanto no título como nos primeiros parágrafos do texto. As palavras-chaves apareceram muitas vezes no interior do texto na maior parte dos artigos encontrados.

Apesar das inúmeras discussões sobre os gêneros básicos do texto jornalístico e as divergências entre autores sobre a definição de artigo, reportagem e matéria jornalística decidimos utilizar o termo "artigo" como sinônimo de um texto não opinativo e que tem como objetivo informar um fato de forma objetiva ou o mais imparcial possível. O artigo responde às perguntas básicas: o quê?, quem?, onde?, quando?, como? e porquê?. Para isso, há uma preferência pela ordem direta, utiliza-se a terceira pessoa, utiliza-se citações dos entrevistados entre aspas ou em itálico. O vocabulário é coloquial e conotativo.

Com relação à informação transmitida e o conhecimento obtido através de uma notícia, o autor Muniz Sodré sugere que:

conforme o teor da informação, as características dos discursos das notícias e o próprio encadeamento delas, são produzidos conhecimentos de dois tipos. O que traz familiaridade com um tema – e nesse caso o discurso é concreto e descritivo, apenas assinalando os acontecimentos, e o que produz conceitos sobre um tema - com um discurso mais abstrato e analítico, oferecendo informação contextualizada. (SODRÉ, 1986, p. 32)

O texto jornalístico precisa também ser impessoal e claro. Para Sodré, a clareza no jornalismo é um: “atributo indispensável ao jornalismo, diz respeito à objetividade narrativa, com vistas à compreensão imediata. O excesso de detalhes, muitas vezes, obscurece a história ao invés de enriquecê-la.” (SODRÉ, 1986, p. 76).

Ao analisar os resultados da busca, decidimos, portanto, excluir da pesquisa os artigos nos quais o Brasil foi apenas citado de forma indireta. Por exemplo, quando se citava zonas econômicas, falava-se do BRICS e, entre parênteses, havia a lista dos países pertencentes a esse grupo (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). O artigo de 13/10/2008, da rubrica de Economia, cujo título é "Urgence"¹⁹ é, na verdade, um artigo explicativo com três perguntas e respostas. O Brasil é apenas citado na primeira pergunta como sendo um dos países que possui as mais fortes taxas de câmbio, juntamente com a Índia, a Rússia e a União Europeia.

¹⁹ ANÔNIMO, "Urgence", *Le Monde*, 13 out. 2008. Disponível em <http://www.lemonde.fr/economie/article/2008/10/13/urgence_1106001_3234.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=136>. Acesso em 19/04/2017.

Não foram analisados, também, os artigos sobre questões meramente econômicas que citavam apenas a população ou a sociedade, como, por exemplo, o texto de 04/12/2008 intitulado "Dans les pays émergents, l'immobilier ne connaît pas la crise"²⁰. O texto é sobre um salão imobiliário em Cannes e um dos entrevistados é um brasileiro que tem uma associação para desenvolver o setor imobiliário no Nordeste do Brasil.

Outros artigos também não foram analisados, por não se enquadrarem nos critérios escolhidos para a análise ou por fazerem parte de rubricas que também não possuem relação direta com os aspectos sociais e econômicos do Brasil. Encontramos textos sobre acordos bilaterais entre a França e o Brasil. Neste caso, analisamos o texto para saber se tratava de aspectos apenas econômicos ou de acordos que poderiam interferir na sociedade. O artigo de 24/12/2008 com o título: "Accord franco-brésilien sur la défense, la crise et le défi climatique", [Na rubrica "Amériques"²¹], faz parte dos textos não selecionados. Apesar de se tratar de um encontro entre os dois presidentes da época – Lula e Nicolas Sarkozy –, o texto fala apenas das questões econômicas da venda de equipamentos bélicos e de segurança interna, além do montante que a França iria lucrar com o acordo. Os outros acordos assinados na mesma ocasião nem sequer foram mencionados.

Temos, por exemplo, artigos sobre a gravidez por substituição (popularmente chamada “barriga de aluguel”), ser autorizada no Brasil e a ajuda da marinha brasileira nas buscas pelos destroços do avião Air France voo 477 em Fernando de Noronha, os livros publicados sobre o Brasil, entre outros.

Excluímos também, como já anunciado anteriormente, os relatos sobre competições esportivas, campeonatos nacionais e internacionais, ou sobre as trocas de jogadores e jogadores brasileiros que jogavam em times franceses e europeus de forma geral. O resultado da busca no site *Le Monde* aparece como no documento à seguir:

²⁰ ALLIX, Grégoire "Dans les pays émergents, l'immobilier ne connaît pas la crise", *Le Monde*, 5 dez. 2008. Disponível em <http://www.lemonde.fr/planete/article/2008/12/04/dans-les-pays-emergents-l-immobilier-ne-connaît-pas-la-crise_1126752_3244.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=119>. Acesso em 19/04/2017.

²¹ LANGELLIER, Jean-Pierre, "Accord franco-brésilien sur la défense, la crise et le défi climatique", *Le Monde*, 24 dez. 2008. Disponível em <http://www.lemonde.fr/ameriques/article/2008/12/24/accord-franco-bresilien-sur-la-defense-la-crise-et-le-defi-climatique_1134745_3222.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=109>. Acesso em 19/04/2017.

Au Mexique, miné par la violence, les artistes s'appuient sur de riches collectionneurs

LE MONDE | 8 novembre 2008

Les artistes mexicains sont, comme leurs aînés, les Rivera, les Orozco, soucieux de politique... Chaque jour, à Mexico, dans la petite pièce qui lui sert d'atelier, Ilan Libeman se penche sur une énorme loupe et recopie au crayon, sur un mode hyperréaliste, les portraits d'enfants disparus publiés en...

Hernando de Soto : "Il faut faire fructifier la richesse des pauvres"

LE MONDE MAGAZINE | 7 novembre 2008

Entretien avec l'économiste péruvien Hernando de Soto... "Les pauvres ne sont pas le problème, ils sont la solution", écrit Hernando de Soto dans son ouvrage devenu un classique, *Le Mystère du capital* (Fammarion, 2005). Les pays du Sud regorgent de commerçants, de vendeurs, d'entrepreneurs. Après...

Gilbert Pastor : "Avec la crise financière, des difficultés pourraient survenir"

LE MONDE | 4 novembre 2009

Gilbert Pastor est vice-président de la communauté d'agglomération, chargé du développement économique... Comment expliquez-vous la dynamique de créations d'entreprises à Montpellier ? C'est la conjonction de deux éléments-clés : d'abord, une activité de recherche très dynamique, même si elle...

"Dans sa trajectoire de vie, l'entrepreneur social part souvent d'une révolte"

LE MONDE ECONOMIE | 20 octobre 2008

2008. Arnaud Mourut est, depuis 2005, directeur général d'Ashoka-France et chargé de développer les programmes de l'ONG en Belgique et en Suisse... 1999. Ce diplômé de l'ESCP crée et dirige "Sport sans frontières" : éducation et reconstruction personnelle par le sport... 1998... Champion de France de...

Quatre propositions pour améliorer l'accès aux soins

LE MONDE | 14 octobre 2008

COUVERTURE UNIVERSELLE... "Le système thaïlandais offre des soins de santé à la plus grande partie de ses 64 millions d'habitants", indique l'OMS. La mortalité infantile y a été réduite de plus de 80 % en trente ans. RÉFORME DES PRESTATIONS DE SERVICES... Au Brésil, "dans pratiquement l'ensemble des..."

Urgence

LE MONDE ECONOMIE | 13 octobre 2008

Quels sont les pays qui disposent des plus fortes réserves de change ? Les réserves de change de la Chine seraient aujourd'hui de plus de 2 000 milliards de dollars (1 500 milliards d'euros). En deuxième place, celles du Japon s'établissent à 996,74 milliards de dollars fin août. Puis vient la...

La chute d'America, Inc.

Le Monde.fr | 9 octobre 2008

L'intégralité du point de vue de Francis Fukuyama, professeur d'économie politique internationale à la John Hopkins School of Advanced International Studies... "Quel que soit le vainqueur du 4 novembre, un nouveau cycle politique s'ouvrira aux Etats-Unis", estime-t-il... Implosion des plus anciennes..."

Quatre propositions pour améliorer l'accès aux soins

LE MONDE | 14.10.2008 à 12h41 |

Par Paul Benkimoun

Abonnez-vous à partir de 1 € Réagir Ajouter Partager Tweeter

Trente ans après la conférence d'Alma-Ata, où fut adoptée une déclaration sur les soins de santé primaires et affiché l'objectif de "La santé pour tous en l'an 2000", l'Organisation mondiale de la santé (OMS) est revenue, mardi 14 octobre, dans la ville du Kazakhstan - rebaptisée entretiens Almaty - pour y présenter son "Rapport sur la santé dans le monde 2008".

Directrice générale de l'OMS, Margaret Chan réaffirme la pertinence des valeurs d'Alma-Ata et trace quatre voies de réforme pour "combler le fossé intolérable qui sépare les aspirations de la réalité". Difficile, en effet, de renier des valeurs comme "justice sociale et droit à une meilleure santé pour tous, participation et solidarité". Mais force est de constater, comme le fait - non sans euphémisme - le rapport 2008, que "la traduction de ces valeurs en réformes concrètes s'est faite de manière inégale".

Le texte souligne les avancées significatives accomplies depuis la déclaration d'Alma-Ata : "Dans l'ensemble, les populations sont en meilleure santé, plus prospères et vivent plus longtemps qu'il y a trente ans." A l'appui de ce jugement, l'exemple de la mortalité infantile : "Si les enfants continuaient à mourir au même rythme qu'en 1978, on aurait enregistré 16,2 millions de décès d'enfants dans le monde en 2006. Or il n'y en a eu que 9,5 millions. Cette différence de 6,7 millions représente 18 329 vies d'enfant sauvées chaque jour." Dans le même sens, le rapport souligne "la croissance de 35 % des dépenses mondiales pour la santé sur une période de cinq ans".

Cependant, l'OMS se fait plus sévère en pointant d'autres tendances. Les progrès réalisés au cours des dernières décennies "ont été profondément inégaux", laissant "un nombre considérable de pays à la traîne ou même en régression". Ces inégalités peuvent d'ailleurs être "considérables et souvent croissantes à l'intérieur des pays".

Le vieillissement, les effets d'une "urbanisation et d'une mondialisation mal gérées" ou encore le changement climatique renforcent les maladies contagieuses comme les pathologies chroniques non transmissibles. A cela s'ajoutent les effets de la mondialisation sur les systèmes de santé, notamment la ponction des ressources humaines du secteur au détriment des pays en développement.

Les réponses à ces défis sont tardives et inappropriées, estime le rapport, d'autant que "le secteur de la santé reste massivement sous-financé dans beaucoup trop de pays". Les politiques mondiales et nationales "se concentrent sur quelques questions particulières", tandis que "les systèmes de santé semblent dériver d'une priorité à court terme à une autre".

Le texte fustige trois tendances : les systèmes de santé "qui mettent l'accent de manière disproportionnée sur une offre étroite de soins curatifs spécialisés" ou

A lista dos artigos no resultado da busca no site do *Le Monde*.

Na coluna da esquerda do documento vemos a lista dos artigos selecionados pelo motor de busca a partir dos critérios de seleção apresentados anteriormente. Do lado direito, temos um exemplo texto intitulado "Quatre propositions pour améliorer l'accès aux soins"²² selecionado pelo motor de buscas. O trata das recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Brasil aparece de forma positiva no final do texto, em uma coluna que enumera iniciativas que funcionaram ao redor do mundo. Em "réforme des prestations de services", há a informação de que no Brasil "dans pratiquement l'ensemble des 5 560 municipalités, 27 000 équipes de santé familiale sont actives". Neste caso, não iremos

22 BENKIMOUN, Paul, "Quatre propositions pour améliorer l'accès aux soins", *Le Monde*, 14 out. 2008. Disponível em <http://abonnes.lemonde.fr/planete/article/2008/10/14/quatre-propositions-pour-ameliorer-l-acces-aux-soins_1106649_3244.html#JqgCC2iGM0qcRqam.99>. Acesso em 28/10/2015.

analisar este artigo específico, pois ele não se enquadra nos critérios de seleção definidos a seguir.

Os métodos de análise foram definidos para que não houvesse apenas uma escolha arbitrária e subjetiva do assunto tratado. Portanto, todos os textos que foram pré-selecionados através do buscador do próprio site *Le Monde*, foram lidos e selecionados de acordo com os seguintes critérios:

- a rubrica à qual pertence o texto (neste caso, nos interessa principalmente a parte sociocultural).
- o tamanho do artigo: as notas (texto com algumas linhas apenas), pequenos comentários, apenas a presença do nome "Brasil" ou de uma sigla não foram retidos na análise.
- a localização do Brasil nos artigos também foi levada em conta. A quantidade de vezes que o país é citado: se o texto se refere apenas ao Brasil ou a um grupo de países da América do Sul, BRICS, G20, entre outros.
- as referências utilizadas (país do futebol, cariocas, Rio de Janeiro, etc.).
- a forma como é retratado o Brasil: positiva ou negativa.
- as fontes utilizadas: administrativa, discursos oficiais, artísticas, acadêmicas, popular.

3.2. A análise dos artigos do *Le Monde* – de outubro de 2008 até outubro de 2009

Após aplicar os seis critérios de análise acima referidos, o número de artigos encontrado pelo motor de buscas foi reduzido. No período de outubro de 2008 a outubro de 2009, passamos de 137 para 55 artigos. De acordo com o último critério, decidimos, também, retirar da análise textos administrativos inteiramente traduzidos dos sites oficiais brasileiros sem comentários críticos ou modificações do texto. Consideramos, de fato, que o discurso oficial é pautado pelas próprias diretrizes e linha de pensamento político partidário. Retiramos também os artigos que forneciam apenas dados econômicos, sem fazer qualquer ligação com

a sociedade brasileira. No final, foram retidos 20 artigos. O site do *Le Monde* possibilita a escolha dos artigos por ordem cronológica crescente ou decrescente. Na maioria dos casos, optamos pela primeira opção. Porém, alguns artigos foram reunidos em categorias por tratarem do mesmo assunto ou por estarem interligados, como, por exemplo, o cinema, os temas sociais, entre outros.

O artigo intitulado “A Belém, dans la ferveur du 'Círio de Nazaré” (LIMA, 2008) é interessante de mencionar porque fala sobre tradição e religiosidade. É, de fato, uma fotorreportagem sobre o Círio de Nazaré, em Belém, e, logo no título, vemos que não foi necessário dizer que a cidade em questão (Belém) pertencia ao Brasil. Observa-se a mesma coisa em outros artigos que falam apenas da “Bahia” ou do “Rio”, como se o leitor francês já estivesse habituado e pudesse localizar essas cidades ou regiões. Nesta fotorreportagem sobre Belém, são apresentadas oito imagens legendadas que resumem a festa que se realiza no mês de outubro. A primeira imagem fala de “gigantesque procession” “avec une ferveur et une dévotion hors du commun”. Apenas na terceira foto é citado o país: “les pèlerins arrivent de tous les Etats du Brésil, ainsi que d'autres pays d'Amérique latine”. Nas imagens seguintes, alguns peregrinos aparecem de joelhos, descalços e recebendo atendimento médico. A última foto explica que a festa “est la plus importante fête religieuse du Brésil par son ampleur et la ferveur qu'elle dégage”. Temos, portanto, uma fotorreportagem descritiva com elementos reais da festa e sem palavras ou críticas negativas relativas ao aspecto religioso do Brasil.

A parte sociocultural recebe destaque com oito artigos, mas com subtemas diversificados e rubricas que mesclam a cultura com outras áreas, como a economia, o cinema e os direitos autorais. Essa parte sociocultural é, de fato, interessante principalmente por não levar aos leitores os clichês carnavalescos. A cultura do grafite, por exemplo, aparece em “Il faut marcher dans la sculpture” (BELLET, 2008). O escultor americano Richard Serra, ao falar de suas obras, explica que em Porto Alegre “la totalité de la ville est graffitée”. O autor critica, porém, o fato de os anúncios publicitários e a cultura consumista serem tão frequentes no Brasil, de forma que eles não são atingidos por pixações. “Ils épargnent les choses qui les nient et les oppressent le plus! Qui leur disent tous les jours d'acheter des choses dont ils n'ont pas besoin.” Há uma crítica também sobre os jovens e o movimento feminista que não protestam contra os anúncios publicitários, enquanto que os grafites artísticos são alvo de vandalizações. “Mais ils graffitent l'art parce que cela représente pour eux quelque chose de parfaitement inutile, quand ils n'ont pas grandi avec, et qu'ils y résistent”. O entrevistado termina com a ideia de que quanto mais estiverem confrontados à arte nas ruas, mais eles

poderão se apropriar da linguagem e, finalmente, irão entender a dualidade entre protestar contra publicidades e valorizar a arte de rua.

Os quatro artigos seguintes falam da produção cinematográfica brasileira, e, por isso, resolvemos reuni-los. "*La Terre des hommes rouges': au coeur de la révolte des Indiens Kaiowa*" (DOUIN, 2008), fala do filme ítalo-brasileiro *Birdwatchers* de Marco Bechis. O filme retrata a vida dos índios Guaranis, da tribo Kaiowá. O tema central é a estereotipação do índio desde o começo do filme.

[...] l'obligation, pour ces Indiens de la tribu kaiowa du Brésil, de mimer ce qu'ils furent, jusqu'à la caricature. De leur identité, leur image, il ne leur reste plus que cette dérisoire mise en spectacle, une mascarade comme symptôme de ce que le monde attend d'eux, à l'issue de laquelle ils n'ont plus qu'à revêtir le jean et le tee-shirt des inféodés à la société de consommation. (p. 1).

O texto mostra, ainda, que o filme não é nem uma ficção, nem um documentário, exatamente por colocar em evidência os próprios índios que representam eles mesmos e todos os aspectos negativos que vivem no dia-a-dia, "par une enquête sur les humiliations subies, la spoliation de leurs terres par les fermiers blancs et la dissipation de leur culture." A questão da sexualidade abordada no filme é comentada com o exemplo dos flertes entre adolescentes índios e brancos, o que seria mal visto pelos "brancos". No final, temos uma dualidade entre os índios que escolhem o suicídio, acreditando ir para outra dimensão, e os que ficam e se afastam dos cadáveres "ensevelis avec leur téléphone portable et leurs chaussures de sport, ces fétiches de la société ennemie, signes de leur trahison."

"Un palmarès controversé qui reflète une sélection confuse", (SOTINEL, 2009) comenta o filme *Tropa de Elite*. Ele foi escolhido para ser exibido na Feira de Berlim, mas, pelo próprio título, podemos perceber que a seleção não agradou ao crítico. Nesse texto há apenas uma crítica sobre o filme, ou melhor, sobre alguns personagens que têm papéis "ridicules" ou "répugnants". Não se fala especialmente sobre o Brasil, mas, sim, sobre o Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) "le travail mortifère du BOPE [...], qui lutte contre le trafic de drogue dans les favelas de Rio en recourant à la torture et aux exécutions extrajudiciaires". (p. 1).

"Une famille brésilienne': chronique familiale d'un Brésil en crise" (MANDELBAUM, 2009), temos uma crítica sobre o filme *Linha de Passe* que foi traduzido para o francês como: ["Une famille brésilienne"], do cineasta Walter Salles que, como o título francês indica, trata da organização familiar brasileira a qual o jornal compreendeu como

sendo “ces itinéraires dont on sent bien qu'ils sont les indices d'une authenticité sociologique de la société et plus particulièrement de la jeunesse brésilienne” (p. 1). A comparação do filme com a realidade do Brasil é interessante. O autor sugere que o filme deveria se tornar um livro. “Ces itinéraires dont on sent bien qu'ils sont les indices d'une authenticité sociologique de la société [...], risquaient a priori de placer Une famille brésilienne sous les auspices du film à thèse”. (p. 2).

O jornal aproveitou outra parte das perguntas feitas ao cineasta Walter Sales para escrever um outro texto. Em “Nous voulions montrer sans juger” (SOTINEL, 2009), o cineasta explica o sucesso dos seus filmes *Central do Brasil* e *Carnets de Voyage* (em português, *Diários de Motocicleta*). O cineasta exprime o desejo de falar sobre os jovens, mas sem entrar nas questões já debatidas da violência, das drogas e das favelas. O realizador explica também que os jovens brasileiros praticamente não se sentem representados nos filmes, pois as cenas mostradas estão muito longe das realidades deles: “En parlant avec les jeunes, ils ne se reconnaissaient pas dans les films ou les séries télévisées”. (p. 1)

Ainda na lógica audiovisual, “La vie comme à la télé” é um artigo sobre as telenovelas brasileiras que, há décadas, são conhecidas dos franceses. A questão central é um estudo feito no Brasil e citado pela professora do Collège de France, Esther Duflo. No estudo em questão, as telenovelas teriam uma relação direta com a queda da taxa de fertilidade no Brasil. Isso porque, normalmente, as personagens bem sucedidas nas tramas são mulheres, com carreira sólida e poucos filhos ou nenhum. O texto termina com uma pequena reflexão crítica sobre as possíveis consequências que “*Plus belle la vie*” terá na sociedade francesa em alguns anos.

“Le chantier de la Cité de la musique à été suspendu” (EDELDMANN, 2009), é um artigo bastante crítico com relação à administração do Rio de Janeiro. O texto começa com uma frase irônica e estereotipada: “C'est une histoire joliment 'carioca', qui devrait donc faire se succéder insultes et embrassades.” (p. 1). O problema em questão foi o adiamento da construção da Cidade da Música, no Rio, por questões políticas e de orçamento. O projeto é assinado pelo francês Christian de Portzamparc que também construiu a Cidade da Música de Paris. O projeto, lançado em 2002, deveria ter custado 80 milhões de reais mas, em 2008, já havia custado 518 milhões. Apesar de ter sido “bien accueilli”, a obra já havia sido paralisada duas vezes, vítima “d'une certaine fantaisie locale”; a primeira, por causa dos Jogos Panamericanos de 2007 e a segunda por falta de pagamento, o que o autor do texto considera uma “situation rarement propice à la maîtrise d'un tel chantier.” (p. 1).

Finalmente, selecionamos o texto “Téléchargement: Gilberto Gil dit “non” aux sanctions”, (ANÔNIMO, 2009), no qual Gilberto Gil defendia a livre utilização da internet

como sendo imprescindível para a democracia: "Ce sont les libertés dans une société démocratique qui sont en jeu" (p. 1). O artista foi um dos primeiros a disponibilizar toda a sua obra para download gratuito no Brasil. O autor, porém, não analisa a visão do artista, nem critica a questão da pirataria, apesar de informar que a lei Hadopi estava para ser votada na época.

Outros artigos publicados pelo *Le Monde* contém uma parte econômica e política ligada a temas sociais. Os outros onze artigos selecionados inicialmente, parecem pertencer a categorias diversas (a economia, a política, a ecologia etc.), mas, a sua orientação bem como a forma como foi trabalhada a matéria têm a ver com o nosso objeto de pesquisa e, por isso, foram também analisados.

"Dans sa trajectoire de vie, l'entrepreneur social part souvent d'une révolte" (TRICORNOT, 2008), o autor valoriza os empreendedores sociais; neste artigo, o Brasil ganha um destaque positivo: "Dans les pays en développement, la créativité et l'inventivité sont quasiment obligatoires". (p. 1). O texto explica a proposta do Instituto Ideaas, que lançou o projeto de levar energia elétrica para o campo. Trata-se de utilizar a energia como forma de lutar contra o êxodo rural e a concentração da população carente nas favelas.

Em "La diversité, avantage concurrentiel de l'entreprise" (BRONNER, 2009), o jornalista valoriza a mestiçagem da população do ponto de vista empresarial. Para isso, entrevistou Gérard Mestrallet (diretor de GDF Suez – companhia de energia francesa) que relaciona a força econômica brasileira com a mestiçagem da população: "Regardez le Brésil. Le fait d'être une société totalement métissée lui donne une force inouïe. Pour moi, c'est un des principaux facteurs de son émergence parmi les grandes puissances" (p. 1). Gérard Mestrallet acrescenta que a França poderia ter também essa vantagem: "De ce point de vue, la composition sociologique de la France devrait être un avantage". No entanto, o diretor de GDF Suez pensa que o foco francês ainda precisa ser modificado: "on se focalise souvent sur les signaux sombres" (p. 1 e 2).

"A Rio, un mur 'écologique' pour contenir une favela" (LANGELLIER, 2009), é um artigo sobre a nova moda das "eco barreiras" no Rio de Janeiro. O autor explica que a "écobarrière" é "un mur de brique d'un mètre de haut, surmonté d'une clôture d'acier d'un mètre soixante" (p. 1). O objetivo é o de "contenir l'expansion irrésistible" da favela. Apesar de ser uma palavra "à la mode", o muro ainda é um projeto que "n'existe que sur le papier". Segundo o jornalista, o projeto é importante porque visa conter problemas provenientes das chuvas, principalmente nas favelas. Langellier utiliza também o argumento de que o projeto é prioridade do novo governo e aponta para os problemas que a cidade enfrenta. "Celle-ci s'est

fixé comme priorité de combattre, avec le soutien de l'Etat de Rio de Janeiro, le désordre urbain et la croissance anarchique de la mégalopole" (p. 1).

A segunda parte do artigo "Chasser les délinquants" tem praticamente a mesma quantidade de parágrafos e o próprio jornalista propõe inúmeras "soluções", mais interessantes do que o muro, para conter o fenômeno de "favelisation" das principais cidades brasileiras.

Primeiro, o autor propõe uma "réponse multiforme" com um trabalho policial, urbano, econômico, social e cultural. Em seguida, ele diz que é preciso "chasser les délinquants qui imposent leur loi à cette population pauvre, et contrôler l'évolution urbaine en recourant à toute la technologie disponible". Por fim, dá um exemplo concreto, mas sem citar estudos científicos ou fontes especializadas no assunto: "Exemple: un système de surveillance par satellite permettra de déceler le début d'une construction illégale et d'en ordonner la destruction." (p. 1 e 2).

O artigo "A Rio de Janeiro, la coexistence entre la ville et ses favelas est menacée par la guerre des gangs" (PARANAGUA, 2009) começa pela exposição de um paradoxo. Por um lado, a febre carnavalesca impregna o Rio de Janeiro de um clima festivo e atrai turistas do mundo inteiro. Por outro, as mortes próximas ao sambódromo. Festa, morte e criminalidade são associadas para qualificar a situação no Brasil desde as primeiras linhas da matéria.

Les hôtels affichent complet. Rio de Janeiro a reçu 700 000 touristes pour le carnaval. Ni les agressions, ni la découverte, fin décembre, de cadavres carbonisés près du "sambodrome" où défilent les écoles de samba, ni la criminalité en hausse ne les ont découragés. (p.1).

O artigo continua com a entrevista de um dono de hotel que acha que "le Brésil st plutôt pacifique", mas algumas precauções devem ser tomadas como "embaucher des gardes du corps" e "circuler en voiture blindée". A dualidade continua entre a "favela" e "l'asphalte" esse último representando a ideia de cidade desenvolvida e de solidez das construções diferentemente do que podemos encontrar nas favelas. Os hotéis propõem uma visita guiada à favela da Rocinha. O panfleto da excursão mostra o caráter "instructif, nullement voyeur" do passeio que é feito "en toute sécurité". O texto critica ainda o fato de que a "favela s'est urbanisée, comme l'attestent les distributeurs d'argent ou les enseignes McDonald's".

O tom muda nos parágrafos seguintes, quando se comenta o tráfico de droga. Explica-se que a cocaína transforma o crime organizado. Hoje os "padrinhos" das escolas de samba são os donos da loteria clandestina. Os "convoyeurs de drogue préfèrent une vie brève et

intense à une existence sans perspectives". A fronteira entre a favela e a cidade é chamada "bande de Gaza": "les habitants s'y sentent aussi désemparés que les populations du Proche-Orient" (p. 1), acrescenta o jornalista.

O vocabulário exprime a ideia de violência. Expressões como "homicides", "confusion entre les trafiquants", "rixes" e "règlements de compte" remetem para problemas sociais como a luta a favor do desarmamento e a corrupção da polícia.

A questão hidráulica, principalmente relacionada à construção de barragens, foi comentada no artigo "L'impact écologique des grands barrages reste à améliorer, selon les ONG" (BEZAT, 2009). O texto descreve a migração de populações que seguem o fluxo de trabalho através do país: "Dès qu'elles ont eu vent du projet de barrage à Sao Salvador (Brésil), des dizaines de familles pauvres ont afflué vers cet eldorado et se sont installées le long de la rivière Tocantins" (p. 1).

Um projeto de barragem em São Salvador do Tocantins pequeno município de menos de 3 mil habitantes, localizado no Estado do Tocantins, obrigou inúmeras famílias a se deslocar para arranjar trabalho numa cidade localizada que "n'avait rien à leur offrir." O texto continua com uma crítica sobre o sistema de indenização dos atingidos pela construção de barragens: "Rien, sinon les dédommagements que les constructeurs accordent aux riverains victimes de la construction de ces grands ouvrages. Parfois, même quand ces sans-terre n'y ont pas vraiment droit" (p. 1).

A obra estava para ser inaugurada e, segundo o autor, era necessária pois o consumo de eletricidade no Brasil aumenta 5% por ano. Apesar dos aspectos negativos do projeto apontados pelos ecologistas sobre o projeto, o diretor de GDF Suez no Brasil explica que as normas foram muito bem respeitadas, "en allant au-delà des lois et règlements du pays". O texto não explica o futuro reservado à população local e aos que migraram em busca de emprego. Apenas cita trechos da entrevista do responsável da GDF Suez no Brasil, mas explica que "la société a dû répondre à un strict cahier des charges, et dépenser plus de 100 millions d'euros (10 % du projet) pour protéger des populations fragiles et la biodiversité de la région" (p. 1).

“A la simple lecture des statistiques, il ne fait pas bon vivre dans l'Etat d'Acre, au Brésil, petit territoire de l'Amazonie”. O artigo "Au Brésil, l'Etat d'Acre mesure le 'bien-être durable' " (CARMEL, 2009) começa com essa frase e evoca sobre o bem-estar duradouro.

Ao longo do texto encontramos dados sobre o baixo nível de desenvolvimento humano no Estado do Acre, que é o pior do Brasil. O jornalista sublinha o contraste entre a riqueza do país, concentrada em alguns Estados, e as regiões paupérrimas, do norte do país, por exemplo. No entanto, também explica que os indicadores sociais da ONU não podem ser aplicados corretamente em uma região em que a troca de bens não se faz essencialmente com dinheiro:

Pourtant les habitants de cette région de forêts ne sont pas plus mal lotis que les exclus des bidonvilles de Rio de Janeiro ou de Sao Paulo. Au contraire. Mais l'essentiel de leurs échanges échappent à la comptabilité nationale qui, de la mégalopole au village amazonien, utilise la même grille de lecture pour juger du bien-être d'une société. (p. 1)

A região Norte e as questões sociais são evocados em “Les pays pollueurs doivent assumer leurs propres responsabilités” (FRACHON & PARANAGUA, 2009). O texto reproduz declarações do então presidente Lula sobre as questões climáticas e sobre o alto crescimento de alguns países, dentre eles o Brasil. Lula explica a necessidade de manter o diálogo com a população local: "Aucun gouvernement brésilien n'a entretenu de relations aussi étroites avec les mouvements sociaux, basées non pas sur la cooptation mais sur la participation". (p. 1). O texto também denuncia os emissores de gás carbônico e defende a utilização do etanol como combustível ecológico: "on est allé jusqu'à prétendre que la hausse des denrées alimentaires était causée par l'éthanol. Or, seul 1 % des terres cultivées au Brésil sont consacrées à la canne à sucre". (p. 1). Não se encontra, no texto, nenhum posicionamento crítico, mesmo quando o presidente é entrevistado. Portanto, o artigo é positivo, evitando a confrontação de ideias.

O texto "L'exploitation sexuelle des mineurs se mondialise" (GASNIER, 2009) relata a realização, no Rio de Janeiro, de uma conferência internacional sobre a exploração sexual de crianças na qual 137 países participaram. O Brasil se destaca, desde o primeiro parágrafo do texto, em que se dá a palavra ao então presidente Luiz Inácio Lula da Silva que diz que os não se deve "être hypocrite sur un sujet aussi important". (p. 1).

Nos primeiros parágrafos fornecem-se dados gerais sobre o problema da prostituição infantil no mundo. Porém, uma grande parte do texto é dedicada ao Brasil. Seis parágrafos tratam diretamente do Brasil ou de casos de exploração sexual de menores e a maioria dos exemplos remete ao Brasil. Finalmente, o anexo, ou seja, o "*encadré*", trata também da política aplicada pelo governo para lutar contra a prostituição nas estradas brasileiras e das ações de sensibilização e de vigilância nesta área.

As redes sociais, principalmente o extinto Orkut também entraram em discussão. No texto, há um reconhecimento das novas medidas e sanções adotadas pelo Brasil com relação à internet, principalmente no caso de crimes virtuais. O país aumentou os controles e as punições contra os pedófilos que utilizam a internet. Relata-se, ainda, o pedido de Google Brasil para retirar 805 perfis do Orkut “où des images de pornographie infantile étaient accessibles” (p. 1). Gasnier fala ainda da "charte de bonne conduite, proposée aux hôtels et aux voyageurs", mas explica que no nordeste do Brasil, "région pauvre victime du tourisme sexuel", ainda é possível entrar em alguns hotéis acompanhados por menores. A importância do caso brasileiro aparece nitidamente no artigo. A imagem do Brasil frente aos desafios sociais e às suas consequências numa escala mundial surge através da evocação do turismo sexual no Nordeste do país

O documentário "*Cendrillons, Loups et Princes charmants*", do cineasta brasileiro Joel Zito Araujo, também é citado. O filme retrata a vida dessas jovens que entram nas redes da prostituição internacional, acreditando na promessa de uma situação amorosa pois elas "rêvent d'épouser un étranger, plutôt que de devenir femmes de ménage" (p. 2).

A autora do artigo não comenta apenas a vida política brasileira, mas também se concentra sobre o funcionamento da sociedade. A negligência das famílias é também um elemento central. No texto, cita-se a definição da UNICEF da prostituta brasileira: "Selon l'Unicef, les prostituées brésiliennes sont surtout des adolescentes et femmes noires et indiennes, peu éduquées et vivant dans des familles pauvres, en banlieue des grandes villes". (p. 2). Temos aqui uma definição bastante precisa social e etnicamente falando. De fato, a prostituição afeta uma parte importante da população vulnerável.

No final do texto, um parágrafo intitulado "au Brésil, le combat contre la prostitution sur les routes" explica os altos índices de prostituição de crianças e adolescentes nas estradas do país: "Une écrasante majorité des 2 millions de camionneurs recourent aux prostituées mineures, moins chères; parfois rétribuées avec une boîte de sardines". Medidas de sensibilização foram adotadas para tentar mudar o comportamento dos caminhoneiros. Para a autora, os resultados "sont encourageants".

O artigo "A Belém, les altermondialistes se recentrent sur le combat écologiste" (CARAMEL, 2009), relata o início do Fórum Social Mundial em Belém do Pará, em 2009. O autor apresenta o histórico do movimento altermondialista e evoca os desafios que ele

enfrenta. Belém é designada como capital mundial dos altermondialistas, várias vezes citados no artigo:

C'est aussi l'espoir de Candido Grzybowski, le directeur de l'Institut brésilien d'analyses sociales et économiques : "Ceux qui veulent préserver l'environnement doivent prendre en compte le sort des populations." Lutte contre le réchauffement, agrocarburants et sécurité alimentaire, accès aux ressources naturelles, dette écologique... Les sujets où se croisent l'environnement et les luttes sociales ne manquent pas. L'Amazonie en est le meilleur symbole, et le Forum compte bien peser dans le débat international. (p. 2)

A enumeração sublinha a gravidade da situação da região amazônica descrita aqui de uma maneira negativa na sua dimensão desafiadora. O termo "lutte" insiste na dificuldade das ações que os altermondialistas deverão realizar. "*Réchauffement*", "*sécurité*", "*dette écologique*", são assuntos diretamente ligados à Amazônia. Esta zona do território brasileiro é apresentada como o "*meilleur symbole*" dos problemas enfrentados pela humanidade nessas últimas décadas. Entretanto, Belém, o Estado do Pará e, de fato, o norte do Brasil, são associados ao importante acontecimento que é o Fórum Social Mundial. Neste artigo, o Brasil se destaca por sua posição central nas grandes questões ambientais e por sua atuação na organização de movimentos e entidades alternativas.

O texto "Le Brésil s'interroge sur l'amnistie qui avait ouvert la voie à la démocratie en 1979" (Langellier, 2009), aborda um problema histórico relacionado à Ditadura Militar no Brasil e à lei de Anistia de 1979. Esta lei "a profité en même temps aux persécuteurs et aux persécutés, aux prisonniers et à leurs tortionnaires. Elle a permis à ces derniers d'échapper à la justice" (p. 1). As famílias das vítimas, bem como a Ordem dos Advogados do Brasil, pedem uma revisão da lei para, nas palavras do antigo presidente Lula, "récupérer la mémoire des persécutés". O texto, apesar de ser relativamente longo (oito parágrafos), não aprofunda o debate, citando apenas outros países que abriram os arquivos da época, como a Argentina e o Chile. O jornalista não se posiciona de forma positiva ou negativa em relação ao Brasil.

O artigo "Camargo Corrêa, véritable empire industriel au Brésil" (Langellier, 2009) fala da industrialização e da diversificação de atividades econômicas no Brasil. O grupo Camargo Corrêa serve de exemplo. O texto é totalmente positivo com relação à empresa; tanto que faz-nos pensar em uma publicidade e não num texto jornalístico. Nas expressões como "l'un des plus prospères et des plus puissants du pays, est un véritable empire industriel",

"en plein essor", "le groupe soigne son image" e "stimule la formation professionnelle" encontramos adjetivos positivos e cada parágrafo oferece uma visão de sucesso.

Na metade do texto, conta-se a história do fundador deste império industrial: "Le jeune Sebastiao commence à 17 ans, après la mort de son père qui laisse dix orphelins, à transporter de la terre dans un chariot tiré par un âne" (p. 1). O empresário é apresentado como um indivíduo que veio das camadas populares e que, por isso, é ainda mais merecedor do sucesso conseguido. Não se mencionam aspectos negativos da empresa, mesmo quando se diz na afirmação que o grupo "profite à plein du 'miracle économique' de 1967-1975, sous la dictature militaire".

O texto foi publicado em 28/01/2009 e dois meses depois, em 25/03/2009, a imprensa brasileira já começava a revelar escândalos de corrupção ligados diretamente à empresa. A empresa continuou a ser acusada de crimes de corrupção, de lavagem de dinheiro, de atuação em organização criminosa e de pagamento de propina.

Ao terminar a primeira parte da nossa análise, percebemos que, apesar dos textos ainda veicularem alguns estereótipos como o carnaval, o Rio de Janeiro e a violência, a representação do Brasil de outubro de 2008 até outubro de 2009 foi positiva. Encontramos debates interessantes, entrevistas com fontes variadas e não apenas a reprodução de discursos oficiais. No quadro a seguir, fizemos um recaptulativo do artigos e dos aspectos positivos e/ou negativos para os quais remetem as expressões utilizadas pelos autores.

Tabela 4: Principais aspectos e avaliações dos artigos selecionados entre 2008 e 2009.

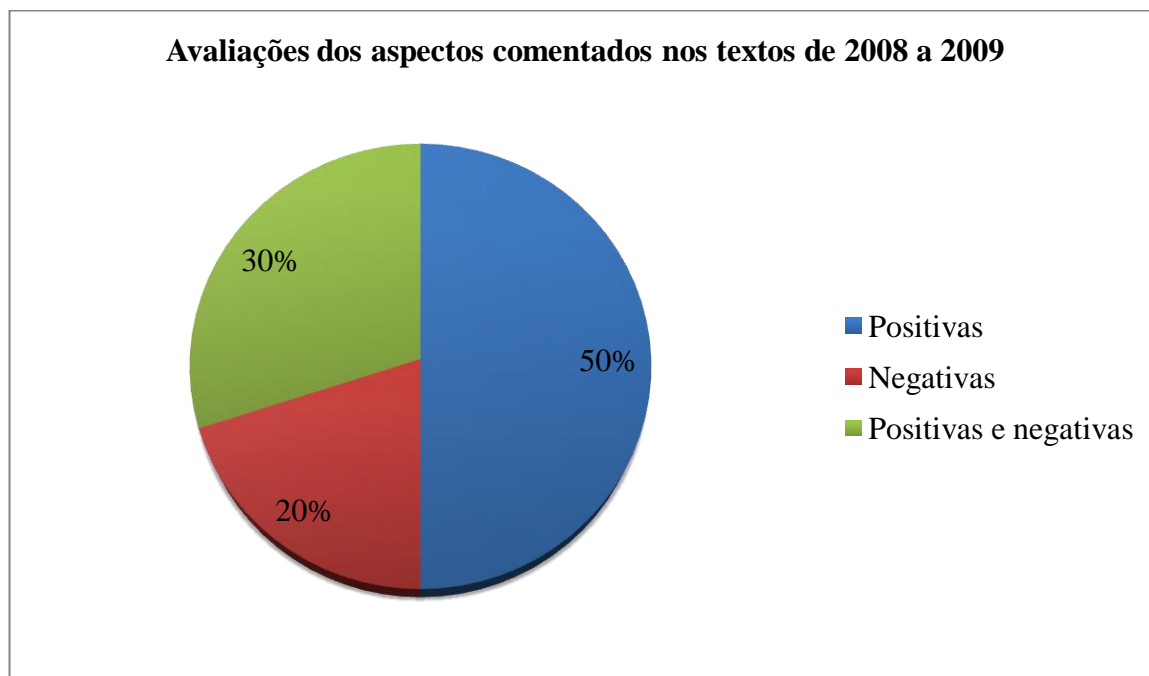
Data do artigo	Editoria	Tema	Aspectos comentados	Avaliação do jornalista
13/10/2008	Société	Religião	- une gigantesque procession - la plus importante fête religieuse du Brésil	Positivas
20/10/2008	Talents	Empreendedorismo social	- lutter contre l'exode rural - un système peu coûteux	Positivas
16/12/2008	Cinéma	Documentário sobre os índios	- les humiliations subies - la dissipation de leur culture - la société ennemie	Positivas e negativas

20/12/2008	Culture	Grafite	- la totalité de la ville est graffitée - a l'exception des panneaux publicitaires	Positivas e negativas
06/01/2009	Culture	Música	- une histoire joliment "carioca" - faire se succéder insultes et embrassades	Negativas
22/01/2009	Planète	Ecologia	- l'expansion irrésistible de la favela - chasser les délinquants - reconquérir le territoire	Negativas
27/01/2009	Planète	Ecologia	- une opportunité de renforcer les liens entre ONG [...] et mouvements sociaux - le Forum 2009 prend toutefois une coloration nouvelle	Positivas
28/01/2009	Economie	Indústria	- un véritable empire industriel en plein essor - elle stimule la formation professionnelle	Positivas
31/01/2009	Le magazine	Televisão	- Les relations que le public entretient avec la télévision - Ils mettent en scène des familles de fiction de la bourgeoisie citadine	Positivas
05/02/2009	Economie	Barragens	- le plateau du Cerrado, [...] n'avait rien à leur offrir - des dizaines de familles pauvres ont afflué vers cet eldorado	Negativas
06/02/2009	Cinéma	Filme policial	- Immense succès public au Brésil - le travail mortifère du BOPE	Positivas e negativas
02/03/2009	Planète	Desenvolvimento Humano	- piètres résultats - ne sont pas plus mal lotis - échappent à la comptabilité nationale	Negativas e positivas
17/03/2009	Cinéma	Entrevista	- Les succès planétaires de "Central do Brasil" et	Positivas

			de "Carnets de voyage" [...] servent de tremplin pour des projets plus ardues - Nous voulions montrer sans juger, et ce n'est pas ce qu'une partie de la société brésilienne désire	
24/03/2009	Cinéma	Filme	- le microcosme romanesque renvoie [...] à la sociologie des classes défavorisées du pays - authenticité sociologique [...] de la jeunesse brésilienne.	Positivas
07/07/2009	International	Poluição	- la priorité: les pauvres - discuter le climat	Positivas
12/07/2009	Technologies	Pirataria na internet	- opposé aux sanctions contre le piratage sur Internet - Ce sont les libertés dans une société démocratique qui sont en jeu	Positivas
25/08/2009	Amériques	História	- la loi [de Anistia] a profité en même temps aux persécuteurs et aux persécutés - L'important, n'est pas de "punir les militaires", mais de "récupérer la mémoire des persécutés"	Positivas e negativas
03/10/2009	Société	Mestiçagem	- une société totalement métissée - une force inouïe	Positivas
26/10/2009	Planète	Prostituição infantil	- elles rêvent d'épouser un étranger - la prostitution sur les routes	Positivas e negativas
27/10/2009	International	Sociedade	- agressions - carnaval - criminalité en hausse - la cocaïne	Negativas

Os principais aspectos negativos como habitualmente dizem respeito às desigualdades sociais, à violência, ao tráfico de droga e à prostituição. Os aspectos positivos estão

diretamente ligados à economia, à ecologia, à indústria, à diversidade étnica e, na maioria dos textos, aos aspectos culturais. Alguns escritos apresentam tanto aspectos positivos, quanto negativos e, neste caso, aparecem numa terceira categoria no gráfico a seguir. Não os classificamos, pois, em função do seu aspecto dominante. O gráfico à seguir fornece as porcentagens dos aspectos analisados.



Como se pode ver no gráfico, 50% dos textos, ou seja, dez textos mostram o Brasil apenas de forma positiva. Além disso, apenas 20% dos textos, ou seja quatro textos, apresentam apenas aspectos negativos do país. Os outros 30%, ou seja seis textos remetem para aspectos positivos e negativos.

3.3. A análise dos artigos do *Le Monde* – de junho de 2013 até julho de 2014

Entre junho de 2013 e julho de 2014, o jornal *Le Monde* publicou 277 artigos sobre o Brasil e selecionamos 21, recorrendo à mesma metodologia proposta na parte "2.1.1. Metodologia de análise do jornal *Le Monde*". Novamente optamos por utilizar a ordem cronológica proposta pelo próprio site do jornal *Le Monde*, mas também reagrupamos alguns

textos em categorias por tratarem do mesmo assunto ou por continuar a discussão de um tema tratado em várias matérias como por exemplo a Copa do Mundo de 2014.

Os cinco primeiros artigos têm como tema os protestos no Brasil em 2013²³. O primeiro, "Un million de Brésiliens dans la rue, mort d'un second manifestant" anuncia diretamente a gravidade da situação. O início da reportagem disponibilizada no site do *Le Monde* é um vídeo de 51 segundos com imagens de manifestantes protestando contra a corrupção. Em seguida os manifestantes aparecem correndo da polícia nas ruas do Brasil e ouvimos sons de tiros. No vídeo não há comentários, nem identificação das cidades. As imagens são fortes e mostram o afrontamento dos manifestantes com a polícia. Em seguida, o jornalista comenta as imagens explicando que os manifestantes continuam a sua ação. A reportagem continua com a descrição das principais capitais de Estados onde se realizavam as manifestações e com uma fotorreportagem de dez imagens resumindo os seus motivos. Palavras como "opposition", "les manifestants élargissent la contestation", "débordements", "bus incendiés", "les violences policières", traduzem os aspectos negativos das manifestações.

No segundo texto, o Brasil aparece diretamente no título: "Brésil : Dilma Rousseff promet d'agir pour les services publics et contre la corruption". "Rare ampleur" é a expressão escolhida pelo jornal para se referir aos movimentos sociais brasileiros. O jornalista reproduz parte do discurso de Dilma Rousseff que se preparava para receber os líderes dos movimentos contestatórios. Na maioria dos parágrafos, encontramos um breve histórico dos motivos que levaram os manifestantes à rua. O texto não caracteriza os movimentos sociais nem de forma positiva tampouco negativa. Porém deixa implícita a ideia negativa da situação.

O terceiro artigo intitulado "Dilma Rousseff propose une réforme de la Constitution brésilienne" começa por descrever a fisionomia cansada da presidente Dilma Rousseff. "La mine défaite, les yeux cernés, le sourire forcé". Os parágrafos seguintes explicam que o objetivo da presidente é o de "apaiser" os manifestantes que haviam começado suas ações duas semanas antes. Uma das medidas, a reforma da Constituição por meio de um referendo, é considerada como, "la plus spectaculaire" e "l'annonce semble de pois". Em seguida, os jornalistas explicam a reforma constitucional não é simples: "le chemin est long et les obstacles nombreux". Além disso, criticam a presidente por não ter explicado o conteúdo da reforma e como iria aplicá-la. Informam ainda que os constitucionalistas acolheram

²³ Os protestos também conhecidos como Manifestações dos 20 centavos, foram manifestações populares que aconteceram de abril a julho de 2013 no Brasil. Inicialmente surgiram em forma de contestação contra o aumento da tarifa dos transportes públicos nas capitais. Pouco tempo depois, milhões de brasileiros foram às ruas protestar contra diversos temas como a corrupção, os gastos públicos e a realização de eventos esportivos internacionais.

"froidement" o anúncio da reforma constitucional. Os dois últimos parágrafos anunciam as novas manifestações e o "scepticisme" da população.

Em "Brésil : 'J'ai mal à mon pays' " (BOURCIER & HOPQUIN, 2013), acompanhamos um manifestante brasileiro, descobrindo assim o dia-a-dia de um morador da favela da Rocinha. O vídeo de quase dois minutos não acrescenta nada às informações contidas no texto. Expressões como "la marée humaine" e "la masse immense" que remetem para os manifestantes e "génération Facebook" que remete para os jovens manifestantes, foram usadas traçar o perfil dos brasileiros que foram à rua. Na metade da reportagem aparecem outros entrevistados que são todos membros de uma família que se consideram "privilégiés". A ideia de descrença na classe política é generalizada na frase "comme tous les Brésiliens, les Pacito n'ont aucune confiance en leurs élus" (p. 3). Mas, a ideia de esperança exprime-se através da filha do casal Pacito "[qui] les rabroue gentiment, leur reproche leur pessimisme" (p. 4).

Finalmente, em "Brésil, le cocon de la contestation" (HOPQUIN, 2013) explica-se o surgimento das manifestações no Brasil através da influência do meio universitário. A Universidade de São Paulo (USP) é caracterizada como sendo uma "citadelle du savoir" e um "berceau de l'élite du Brésil moderne". Os muros da USP e os seguranças "l'isolent en principe de l'ignorance, de la violence et de la misère" (p. 1). Em seguida, temos a descrição da "plus prestigieuse" universidade da América Latina que foi uma das "matrices du mouvement actuel". Foram entrevistados vários jovens estudantes que também se tornaram manifestantes, mas isto "n'est pas un hasard", pois movimento contestatório "est largement porté par la jeunesse éduquée du Brésil" (p. 1). O texto relaciona-se indiretamente com o texto anterior quando fala que é a juventude, ou a "génération Facebook" que manifestava nas ruas. A ideia de elitismo é sublinhada pois os entrevistados "incarnent parfaitement cette jeunesse triée sur le volet, promise à la réussite, mais en même temps tenaillée par l'idée que la société brésilienne est à revoir" (p. 2). Nos parágrafos seguintes, temos inúmeras referências ao elitismo da universidade que acolhe estudantes: "issus de milieux relativement favorisés". A USP "est gratuite mais cet accès démocratique recouvre une certaine hypocrisie". Esta universidade "s'est toujours montrée réticente à l'introduction de quotas". (p. 2). Ao analisarmos este artigo, percebemos uma caracterização negativa do papel de uma universidade elitista e de seus estudantes nas manifestações sociais. Tanto a universidade como os alunos são vistos negativamente devido à classe social da qual fazem parte.

Os artigos seguintes tratam de outro tema recorrente em 2013 no Brasil, a realização da Jornada Mundial da Juventude (JMJ). O evento realizou-se em julho de 2013 no Rio de Janeiro e o jornal *Le Monde* dedicou diversos textos ao assunto. De acordo com nossos critérios de análise, foram selecionados dois artigos. O primeiro, "Les catholiques français ne redoutent pas le climat de fronde sociale au Brésil avant les JMJ", adota principalmente o ponto de vista dos franceses que iriam participar do evento. Apesar das manifestações populares contra o governo, os franceses não se mostravam preocupados em participar do evento. Tanto que os participantes franceses argumentavam com ideias como "événement positif" e "accueil chaleureux [dos brasileiros]". O texto relata ainda as medidas "de commande et de contrôle" adotadas pelo governo brasileiro com vista à segurança dos participantes. Apesar das críticas sobre o custo do evento, e da referência às manifestações sociais, o artigo exprime uma visão positiva do evento e não apresenta argumentos contrários à ida de estrangeiros ao país.

Em "L'Eglise au risque des évangéliques" (BOURCIER, 2013) evidencia-se o paradoxo entre a realização da JMJ no Brasil e o aumento dos evangélicos no país. O artigo divide-se em quatro partes. Primeiro apresenta-se um histórico das visitas dos papas anteriores. Durante a primeira visita em 1980, "Près de 89 % des Brésiliens se disent catholiques". Em seguida, a igreja católica é caracterizada nessa época como "toute-puissante"; é uma "forteresse imprenable, sourdes aux critiques croissantes des théologiens de la libération" (p. 1). Os tempos mudaram e "L'Eglise romaine a d'évidence perdu de son lustre". As causas deste declínio da Igreja Católica são várias: as principais são: "son érosion numérique face aux Eglises évangéliques" (p. 1) e, claro, "les affaires de pédophilie et de corruption à répétition". Ficamos a saber que os católicos "sont passés à 64 % de la population" enquanto que os evangélicos "ont, eux, progressé de 50 %". A diversidade religiosa no Brasil é considerada extrema e a descrição das igrejas pentecostais é entusiasta:

"Un mouvement spectaculaire, d'une ampleur sans précédent, qui s'est développé sur la base d'un message de rupture avec l'ordre symbolique catholique, principalement dans les milieux urbains et périphériques, chez les jeunes et les familles les plus pauvres. Avec cette idée simple de remettre, précisément, ces problèmes de nature terrestre au centre des lieux de culte, sinon à leur portée." (p. 2)

Segundo o autor, com o aumento dos evangélicos, o Brasil fica agora em segundo lugar no mundo, atrás dos Estados Unidos. Na última década, o número de evangélicos aumentou em 70%, mas o artigo chama a atenção para o nível social dessa população que vive

"parfois beaucoup plus dans certains quartiers éloignés des grandes villes" (p. 2). Insiste-se novamente na dualidade do Brasil que oscila entre a fé e o desenvolvimento "d'une société qui, malgré son enrichissement et sa mondialisation accélérée, n'en reste pas moins profondément ancrée dans la foi" (p. 2).

Na terceira parte, "les choix de simplicité du Pape François" são referidos. Os movimentos sociais de junho são vistos como um "mouvement social brésilien inédit". Estes movimentos justificariam o discurso do Papa sobre "la lutte contre la pauvreté et la réduction des inégalités, et aussi contre la corruption et sur les questions d'ordre éthique" (p. 2). O autor critica também o "prosélytisme" e o "empire prospère" da Igreja Universal do Reino de Deus e refere-se à "bancada evangélica" que conta com quase 70 deputados. Na última parte, insiste-se no poder nos evangélicos e na sua influência na vida política brasileira: parece "difficile d'inverser le mouvement". O exemplo do pastor Marco Feliciano, "connu pour ses propos racistes, homophobes et misogynes" é bastante significativo; ele conseguiu "accéder à la tête de la commission parlementaire des droits de l'homme" (p. 3). Por fim, o movimento evangélico é visto como "socialement conservateur"; mas ele consegue adeptos pois os fiéis confiam no pastor e votam com mais facilidade nos candidatos que fazem parte da mesma comunidade religiosa.

No que diz respeito à questão sociocultural, seis textos que tratam de arte, de cinema, de música brasileira e de turismo. O artigo "A ArtRio, les milliardaires n'achètent pas" (AZIMI, 2013), apesar de aparecer na rubrica de cultura, refere-se às manifestações sociais e à economia brasileira. Nos dois primeiros parágrafos, descrevem-se as condições em que se realizou o evento: "pluie incessante, fermeture d'aéroport, queues interminables aux stations de taxi"; refere-se também ao "climat social extrêmement tendu du mois de juin". A feira de arte contemporânea é considerada pela jornalista como sendo "décalée dans un pays traversé par de fortes inégalités". A jornalista fazer perguntas sobre esse paradoxo, mas não obtém respostas esclarecedoras por parte dos entrevistados. Os entrevistados são "moins tracassés par les tensions sociales". Em seguida, a jornalista aponta para o número de milionários brasileiros que "a grimpé de 25% depuis début 2013", e para o crescimento das vendas nas galerias de arte brasileiras. Mencionam-se também a instalação de galerias internacionais, bem como as altas taxas de importação no Brasil: "L'élan des galeries étrangères risque toutefois d'être freiné par le poids des taxes à l'importation d'œuvres d'art" (p. 2). Nos dois parágrafos com o subtítulo "déficit d'éducation" verifica-se que apesar de haver dinheiro para comprar, falta o conhecimento necessário: "L'éducation, voilà bien le talon d'Achille du

marché brésilien" (p. 2). Por fim, evocam-se os problemas na saúde e na educação e o fato de a filantropia ser pouco desenvolvida no mercado da arte brasileiro.

O segundo texto, "Le phrasé soul d'Ed Motta rassemble au Duc des Lombards" (MORTAIGNE, 2013), é sobre Ed Motta que estava em turnê na Europa. O artigo descreve a trajetória do artista que representa "un pan de la musique brésilienne peu connue hors des frontières du pays" (p. 1). O perfil do artista é delineado nos parágrafos seguintes; trata-se de um indivíduo que "cultive un certain personnage, raffiné, dandy dans l'âme" (p. 1). O álbum do cantor é o resultado de "un soin perfectionniste"; o cantor é "subtil, adepte de l'human *beat box*". O artigo é positivo mesmo quando aborda assuntos melindrosos que dizem respeito ao artista: "Ed Motta a parfois la langue venimeuse" quando se refere às mulheres e a alguns famosos brasileiros nas redes sociais.

Em "Haro sur les biographes brésiliens : les stars mènent la fronde" a expressão inaugural do artigo anuncia a complexidade do assunto: "un vrai sac de nœuds!". Apesar de terem conseguido uma redução das taxas dos CDs e aumento do controle do direito de autor, "des monstres sacrés de la musique populaire" pediram ao Congresso brasileiro que fosse abolido o direito de publicar biografias não autorizadas. São elevados no texto à categoria de "censeurs", isso porque parte deles lutaram contra a ditadura militar no Brasil. O artigo prossegue com informações sobre as falhas da justiça e com exemplos de artistas que conseguiram retirar do mercado biografias não autorizadas, recorrendo ao "lobbying politique". O texto é crítico e apresenta aspectos negativos relacionados com os artistas.

"Les musiciens brésiliens d'aujourd'hui et de demain", é um artigo sobre novos nomes da música brasileira. "Une nouvelle esthétique" da música brasileira é apresentada, falando-se depois sobre o "creux" deixado entre a geração de 1960 que contava com nomes como Caetano Veloso, Gilberto Gil e Chico Buarque. O artigo apresenta um breve histórico da música dos anos 1980, influenciada pelo rock, e fala depois da "musique sentimentale" do interior: o sertanejo, o rap e a "vulgarité déshabillée" do funk carioca. Por fim, o autor apresenta artistas atuais como Karol Conka "femme indépendante" e Siba que optou por "une musique de bar". Apesar de conter uma crítica ao funk carioca, o texto é positivo pois retrata jovens artistas que se reapropriaram da música tradicional para valorizá-la.

Em "Rencontre avec Caetano Veloso, hippie tropical" (MORTAIGNE, 2014), o cantor é definido como um "ardent Brésilien". Il a les yeux noir ébène, facilement ébahis, jamais perdus", "élégant et concis". O texto relata o início da carreira do cantor, a perseguição política de que foi vítima durante a ditadura militar e a "révolution tropicaliste" graças à qual adquiriu o estatuto de "pop star". O comentário sobre Caetano Veloso, "musicien chercheur" é

sempre positivo: tem "sourire large et éclairé". É apresentado como um "caméléon sophistiqué", por ter praticado vários gêneros musicais ao longo da sua carreira; foi sucessivamente um "voyou pasolinien", um "dandy", um "crooner gominé" e um "rocker tranchant". Alguns parágrafos são dedicados à história de vida do cantor. A parte mais crítica do artigo diz respeito aos movimentos sociais no Brasil.

A sua identificação com a "gauche festive" devido à sua origem burguesa não é suficiente para que o parágrafo seja crítico. Em seguida, vemos que o artista mantém uma coluna no jornal *O Globo* que "qu'il n'épargne pas de ses virulentes critiques. Il est libre. Parfois contradictoire et esthétisant" (p. 3). Ao longo do texto, encontramos elementos positivos sobre o cantor; as observações desfavoráveis, essas, são citadas brevemente e sem debate contraditório.

Em " 'Les Bruits de Recife' : échos fantômes de la paranoïa brésilienne" (LUCIANI, 2014) temos a crítica do filme "*O som ao redor*" o título em francês é "*Les bruits de Recife*". O artigo descreve o filme, mas sem expressar muitas opiniões, como foi o caso do filme "*Une famille brésilienne*" que já analisamos. Na primeira parte, compara-se o bairro Setubal de Recife, que "semble être enfermé sous un globe de verre" (p. 1), e a capital do Estado de Pernambuco, Recife, "est l'une des villes les plus meurtrières du monde" (p. 1). Analisa-se então a situação paradoxal de insegurança que se vive no bairro onde um pequeno roubo causa "une paranoïa constante", e onde os moradores passam a ter um "statut d'enfermés volontaires". Por fim, temos uma caracterização positiva do filme, "objet cinématographique rare, alliance étonnante d'inventivité et de rigueur" (p. 2).

As questões econômicas durante o período analisado são tratadas de maneira contraditória: alguns aspectos econômicos são considerados positivos em um texto, e negativos em outro. Foram selecionados seis textos sobre questões econômicas. O texto "Les vacances au Brésil : pas plus de trois jours" (BOURCIER, 2013) faz parte da série "C'est quoi les vacances" composta por oito textos sobre diferentes países. No texto de Bourcier, o Brasil é visto como um lugar paradisíaco desprovido de turistas:

Difficile d'imaginer terre plus touristique, plus fertile et verdoyante, riche de plages blanches et sauvages, de côtes infinies et de folle nature. Le Brésil, avec ses 7 500 kilomètres de littoral, ses déferlements de musiques et de liturgies, de fêtes et de lieux dont la nostalgie vous saisit avant même d'y avoir mis les pieds, comme Rio de Janeiro, Sao Luis, Salvador de Bahia, l'Amazonie encore ou le Pantanal avec ses animaux sortis tout droit de l'arche de Noé. Voilà ce pays de rêve et de vacances... mais sans vacanciers. Ou si peu. (p. 1)

Segundo o autor, o país é ainda pouco atrativo para os turistas estrangeiros. Apesar de não sofrer mais de problemas como " le manque d'infrastructures, l'état catastrophique des routes, les transports déficients, la rareté et les coûts prohibitifs de l'hébergement" (p. 1), o país não consegue fazer com que os próprios habitantes viagem durante as férias. O texto evoca toda a história do país depois da revolução industrial, época em que apenas a elite econômica fazia turismo. O jornalista diz que é possível vender parte das férias ao empregador, daí a seguinte constatação: "Il n'y aura pas d'âge d'or des vacances au Brésil" (p. 3). Na última parte do texto intitulada "paradis de tristesse", Bourcier verifica que "au final, les Brésiliens d'aujourd'hui n'ont pas la religion des vacances" (p. 4).

Em "Brésil: nouvelle terre d'avenir pour les start-up digitales ?" (MOURRI, 2014) chama-se a atenção para o fato de o Brasil favorecer "le décollage d'entreprises innovantes". "Forte croissance économique", "nouvelle classe moyenne", "qualité des services", são aspectos positivos que explicam o crescimento das start-ups no Brasil. O programa de incubadoras de empresas lançado pelo governo brasileiro também é considerado como "particulièrement intéressant"; é visto como uma "facilité" e até como "un avantage". O artigo fala ainda do crescimento econômico do país: "la forte croissance économique qu'a connue le pays jusqu'en 2010 a contribué au développement d'une nouvelle classe moyenne" (p. 1). Esta nova classe média contribui para a criação de novas empresas. Existe no Brasil "un vivier d'opportunités pour les start-up digitales" (p. 1). Mas o jornalista fala do problema da língua e da forma de negociar que constituem barreiras ao desenvolvimento do setor. A caracterização dos novos empreendedores também é positiva: "l'ambiance est jeune, détendue mais professionnelle". (p. 2).

Segundo o texto "*Croissance molle et inflation minent l'économie brésilienne*" (GUÉLAUD, 2013) o Brasil já não estava se desenvolvendo como o esperado: "Hauts niveaux des taux d'intérêt, croissance ralentie, pressions inflationnistes, stagnation du prix des matières premières... Le Brésil, au moins provisoirement, n'est plus ce qu'il était" (p. 1). O jornalista fala ainda da "méfiance des investisseurs" e escreve que o aumento dos juros "n'a surpris personne. Cette hausse, la sixième d'affilée depuis avril 2013, était attendue des marchés et des économistes" (p. 1).

O texto aponta, em seguida, para diversos aspectos negativos como os preços de produtos de consumo "qui progressent trop rapidement". A política monetária "semble peser sur la croissance qui a ralenti", apesar do "potentiel de croissance". Além disso, "le budget est

sous tension", "le creusement du déficit courant est de nature à inquiéter les investisseurs" (p. 1). Finalmente, o jornalista menciona a desvalorização monetária.

O artigo "Le Brésil mène la bataille contre l'hégémonie américaine sur le Web" (EUDES, 2014) mostra a influência do Brasil na área diplomática. O texto explica as medidas adotadas pela presidente Dilma Rousseff ao ser informada sobre a interceptação de suas conversas telefônicas pelos Estados Unidos. A então presidente "s'indigne sans retenue", pois "la surveillance de masse du Net est incompatible avec la liberté d'expression, la démocratie et la souveraineté nationale" (p. 1). Dilma Rousseff "annule même une visite d'Etat à Washington prévue de longue date" (p. 1). A interceptação destas conversas traduz a importância do Brasil na cena internacional.

O texto salienta a forte relação do Brasil com a Alemanha; ambos os países conseguiram com que a ONU adotasse uma resolução que estipula que "le respect de la vie privée des internautes est un droit humain fondamental". O governo francês, esse, é criticado pois "ne semble pas prêt à affronter les Etats-Unis sur ce dossier" (p. 2). Além disso, a publicação comenta positivamente o evento NETmundial que iria acontecer em São Paulo: "Ainsi, avant même d'avoir eu lieu, le NETmundial aurait déjà remporté un succès important : contraindre Washington à entrer dans un processus de partage du pouvoir, pour ne pas arriver à Sao Paulo isolé, en position d'accusé." (p. 3). Na parte final, intitulada "optimisme", o Brasil aparece novamente em boa posição para as possíveis negociações. Um dos entrevistados acrescenta que o Brasil "est proche des principes européens, et en même temps, il a la confiance des pays les moins développés" (p. 4).

No início de "Pour la troisième année consécutive, le Brésil affiche une croissance modérée", (BOURCIER, 2014) o jornalista aborda a questão das eleições presidenciais que aconteceria em outubro de 2014. O autor fala depois do crescimento econômico no Brasil utilizando expressões positivas: "une croissance plus forte qu'attendue" (p. 1), "avec une progression de 0,7%". Mas logo em seguida, o discurso é sempre negativo: "C'est la troisième année consécutive que le pays voit son produit intérieur brut (PIB) augmenter doucement" (p. 1). Ao falar dos setores que se desenvolveram encontramos apenas as porcentagens, porém o resultado dos setores que aumentaram pouco são comentados negativamente: "un résultat médiocre", "croissance atone", "un chiffre inquiétant au regard de la chute" são as principais expressões utilizadas pelo autor. Na última parte intitulada "conjuncture incertaine" fala-se da "inflation élevée qui affecte sensiblement la confiance des investisseurs privés et des

consommateurs" (p. 2). Um entrevistado que considera o ano de 2014 como "atypique" por causa das eleições e da Copa do Mundo.

Por fim, o artigo "L'irrésistible croissance du marché brésilien du cosmétique" (BOURCIER, 2013) começa por referir aspectos financeiros e por evocar o desenvolvimento de empresas do setor dos cosméticos. Mas o jornalista aborda finalmente aspectos sociais e culturais do público consumidor brasileiro; por isso, o documento foi incluído na análise. O texto começa com a frase "au Brésil, on ne badine pas avec son apparence, même en période de fronde sociale" (p. 1). No mesmo parágrafo, fala-se do "essor de la classe moyenne" e apresenta-se o Brasil como o "eldorado pour l'industrie cosmétique mondiale". O artigo apresenta os brasileiros como sendo "ceux qui dépensent le plus à la surface de globe pour acquérir des parfums" (p. 1). O autor comenta negativamente o consumo brasileiro e relata a abertura de um laboratório da L'Oréal no Rio de Janeiro que é especializado em cabelos:

"Connaissant notamment le rapport quasi obsessionnel que les Brésiliennes entretiennent avec leur chevelure, les chercheurs ont pu développer toute une gamme de produits destinés à satisfaire ces clientes exigeantes. Ils ont notamment décliné huit catégories de cheveux, avec leur longueur et le nombre d'ondulations". (p.2).

O jornal *Le Monde*, em 2014, criou uma página eletrônica exclusiva sobre o Brasil. O site possui 113 páginas relacionadas ao Brasil. Certos textos pertencem aos arquivos do jornal de forma que não foram produzidos exclusivamente para a página do site. Comenta-se muito o futebol; fornecem-se os resultados dos jogos e o histórico dos jogadores. Alguns artigos, escritos por sociólogos, são opinativos; não puderam, pois, serem retidos porque não pertencem ao gênero jornalístico. Finalmente, selecionamos dois textos.

O autor de "Porto Alegre, le rêve brisé" (BOURCIER, 2014) fala, uma das doze cidades que acolheram a Copa do Mundo. O artigo é descritivo e positivo. A cidade tenta manter algumas tradições como o chimarrão e o churrasco: "comme tous les vendredis soirs, une savoureuse odeur de churrasco, la viande grillé sur barbecue, s'invite dans le paysage". (p. 1). Porto Alegre também é elogiada pelos avanços conquistados ao longo dos anos: "la riche capitale de ce sud extrême du Brésil", a população é vista com "dynamisme" e a consciência cidadã é "infiniment plus solide que partout ailleurs au Brésil" (p. 1). O Partido dos Trabalhadores é citado por ter criado o orçamento participativo, por ter regularizado a

moradia de 53 mil famílias e por ter feito "une redistribution d'investissements publics au profit des périphéries" (p. 2).

Apesar disso, os tempos mudaram e Porto Alegre "qui a toujours cultivé si farouchement sa différence est devenue une es douze villes brésiliennes de la Coupe du monde" (p. 1). O jornalista enumera alguns aspectos negativos das obras da Copa do Mundo: um "lot de travaux en retard, ses dépassements de budgets". O crescimento e a riqueza da cidade a deixou "plus violente". O jornalista aponta ainda a estagnação da cidade: "Dans le fond, cette cité autrefois emblématique pour avoir été le banc d'essai d'une expérience originale de démocratie locale renvoie aujourd'hui une curieuse impression de déjà-vu. Une ville microcosme d'un Brésil immuable" (p. 1).

Frisa-se o contraste entre a riqueza e a pobreza na cidade de Porto Alegre. Uma das entrevistadas "énumère le nom des quartiers nouveaux et anciens, des plus nantis aux miséreux, des faubourgs ouvriers au centre des affaires et de l'air conditionné, comme autant d'images d'un passé de luttes et de conquêtes sociales" (p. 1). O autor refere-se novamente aos problemas colocados pela Copa do Mundo: "les travaux, commencés depuis deux ans, forment une longue tranchée d'asphalte bordée d'une succession de voies cahoteuses, de bidonvilles et maisons défoncées" (p. 3). Por fim, o jornalista evoca também as manifestações de junho de 2013 contra o governo: "comme ailleurs, le vent de la contestation de juin 2013 a fortement soufflé et parcourt encore aujourd'hui les rues et ruelles de cette capitale" (p. 1).

"Amers Indiens" (HOPQUIN, 2014) é um título que remete para a problemática que enfrentam os índios no Brasil. O autor do "chaos de rues et de maisons, entassement d'habitants que la pauvreté et plus encore le mirage d'en sortir ont dressés là" (p. 1). O autor mantém uma posição negativa ao longo dos parágrafos. A dificuldade em ter acesso à educação, a adaptação difícil em uma cidade, assim como a necessidade de se afastar do centro para conseguir construir uma casa são encarados como fatores de exclusão social: "Désorienté par la vie urbaine, paumé par le changement de mode de vie, il vivota puis, avec un cousin, acheta pas cher ce bout de terrain à flanc de colline" (p. 1).

O sentimento de exclusão do índio faz com que haja uma necessidade de retorno às tradições: "sa femme est absente, repartie au village pour un mois, retour aux sources que les autres essayent également de faire tous les deux ou trois ans" (p. 1). Para o jornalista, os índios "vivent ainsi entre deux mondes, deux cultures, dans une sorte de syncrétisme au quotidien" (p. 1).

Várias etnias são citadas ao longo do artigo, para mostrar que, apesar das diferenças culturais os problemas enfrentados são os mesmos. A Copa do Mundo é citada em dois momentos. Os Tikuna acompanharam o evento com muito interesse. Estes índios "ont pavoisé leur rue aux couleurs brésiliennes" (p. 1) e "ils ne ratent aucun match à la télévision"; o interesse é tanto que "ils ont même constitué une équipe de foot" (p. 2). Em seguida, o jornalista apresenta aspectos negativos da condição dos índios no Brasil: "le statut des populations indigènes reste toujours fragile" (p. 2). O jornalista cita ainda o protesto de um jovem índio na cerimônia de abertura da Copa: "n'a été que le symbole de ce malaise qu'on veut faire taire" (p. 2).

O documento mostra ainda que os índios "doivent ainsi se battre" de tal forma que os animais selvagens não são os maiores perigos que eles podem enfrentar: "les Yanomami luttent aussi contre des prédateurs, des dangers plus mortels que les serpents, les scorpions ou les araignées venimeuses, car ils ont moins l'habitude de s'en prémunir" (p. 2). A demarcação de terras insuficientes e a exploração mineral prejudica também a vida deles: "Isolées, fragiles, ces populations sont la proie des chercheurs d'or clandestins, des trafiquants ou d'employeurs sans scrupule qui les réduisent en quasi-esclavage" (p. 3).

O crescimento econômico do Brasil é criticado através da expressão "dans la boulimie de croissance que connaît aujourd'hui le Brésil" (p. 2). O crescimento econômico e a vida na cidade atraem os índios, mas os problemas são ainda maiores quando não há acompanhamento social: "Mais, pour beaucoup de populations indigènes, les lumières de la ville continuent d'attirer. Trompés par ces fausses promesses, incapables de s'adapter à la vie citadine, ils y vivent de l'artisanat et de quelques allocations, sombrent parfois dans l'alcoolisme" (p. 3).

Ao terminarmos a análise nesta segunda parte da nossa pesquisa, constatamos que houve uma significativa mudança na forma como o Brasil é apresentado no jornal *Le Monde*. Na primeira parte da análise vimos que a avaliação dos jornalistas era positiva. No segundo conjunto de textos, os aspectos negativos dominaram principalmente depois dos movimentos sociais de abril a junho de 2013. Ao longo dos textos as críticas, os comentários e o posicionamento das perguntas eram negativos. No quadro a seguir fornecemos um recaptulativo dos artigos bem como dos aspectos positivos e/ou negativos.

Tabela 5: Principais aspectos e avaliações dos artigos selecionados entre 2013 e 2014.

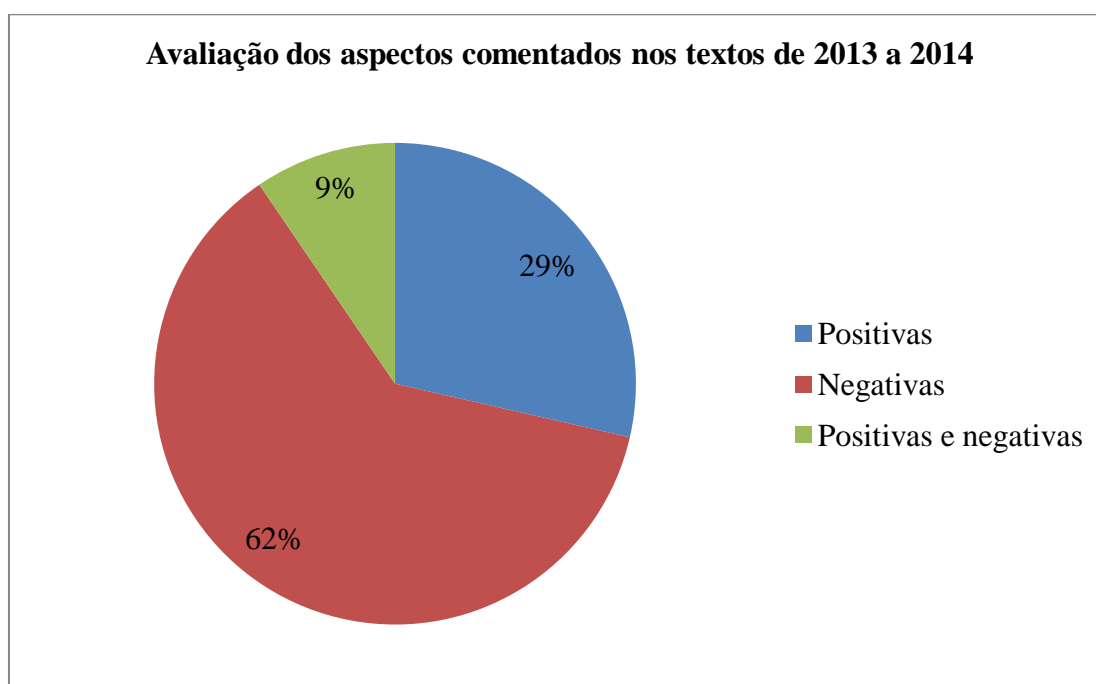
Data do artigo	Editória	Tema	Aspectos comentados	Avaliação do jornalista
20/06/2013	<i>Amériques</i>	Protestos	- C'est un mouvement légitime et pacifique en dépit de quelques débordements - les violences policières	Negativas
22/06/2013	<i>Amériques</i>	Protestos	- Confrontée à un mouvement social d'une rare ampleur - Face à cette répression, la colère a brusquement pris de l'ampleur	Negativas
25/06/2013	<i>Amériques</i>	Protestos	- Les manifestants ont crié jour après jour leur fatigue de la corruption - L'annonce a été accueillie plutôt froidement par les juristes et spécialistes en droit constitutionnel	Negativas
28/06/2013	<i>Amériques</i>	Religião	- l'archevêque [...] porte quant à lui un regard plutôt bienveillant sur les protestations - tout le monde s'attend à un accueil chaleureux	Positivas
29/06/2013	<i>Idées</i>	Protestos	- Pablo est de la "génération Facebook", - les Pacito n'ont aucune confiance en leurs élus	Negativas
09/07/2013	<i>Amériques</i>	Protestos	- ils incarnent parfaitement cette jeunesse triée sur le volet, promise à la réussite, - L'université est gratuite mais cet accès démocratique recouvre une certaine hypocrisie	Negativas
16/07/2013	<i>Amériques</i>	Religião	- l'incapacité de l'Eglise catholique à s'adapter aux mutations d'une société modifiée la donne - ce pentecôtisme à	Positivas e Negativas

			montré qu'il pouvait être un facteur [...] d'égalitarisme social	
25/07/2013	<i>Economie</i>	Cosméticos	- on ne badine pas avec son apparence - Les Brésiliens sont ceux qui dépensent le plus [...] pour acquérir des parfums	Negativas
17/08/2013	<i>Magazine du Monde</i>	Férias	- Il n'y aura pas d'âge d'or des vacances au Brésil - les Brésiliens d'aujourd'hui n'ont pas la religion des vacances	Negativas
05/09/2013	<i>Culture</i>	ArtRio	- Pluie incessante, fermeture d'aéroport, queues interminables aux stations de taxi - Le climat social extrêmement tendu du mois de juin	Negativas
16/10/2013	<i>Culture</i>	Música	- album produit avec un soin perfectionniste dans le studio - Ed Motta cultive un certain personnage, raffiné, dandy dans l'âme	Positivas
25/10/2013	<i>Livres</i>	Artistas	- Mais voici que des monstres sacrés de la musique populaire se sont pris les pieds dans le tapis - En face, tous, [...] s'inquiètent de cette "censure privée"	Negativas
28/11/2013	<i>Economie</i>	Inflação	Le Brésil, au moins provisoirement, n'est plus ce qu'il était, - Il a perdu de sa superbe sur le plan macroéconomique	Negativas
27/02/2014	<i>Culture</i>	Cinema	Ce presque rien [...] suffit pourtant à entretenir auprès des habitants une paranoïa constante, - <i>Les Bruits de Recife</i> vaut pour la force du tableau sociétal qu'il propose	Positivas e Negativas
28/02/2014	<i>Economie</i>	Crescimento econômico	- Les services ont eux aussi enregistré un	Negativas

			<p>résultat médiocre</p> <ul style="list-style-type: none"> - Au total, elle atteint une croissance atone de 1,3 % sur l'année croissance atone 	
08/04/2014	<i>Culture</i>	Música	<ul style="list-style-type: none"> - On a cru la créativité brésilienne écrasée par les « papes » Gilberto Gil ou Caetano Veloso, il n'en est rien - Karol Conka, partie de la défense des femmes et nouvelle coqueluche rap du label Mr. Bongo 	Positivas
23/04/2014	<i>Economie</i>	Internet	<p>[Dilma Rousseff] affirme que la surveillance est incompatible avec [...] la souveraineté nationale</p> <ul style="list-style-type: none"> - Elle annule même une visite d'Etat à Washington prévue de longue date. 	Positivas
16/05/2014	<i>Economie</i>	Start-up	<ul style="list-style-type: none"> - Brasilia favorise le décollage d'entreprises innovantes - C'est un vivier d'opportunités pour les start-up digitales. 	Positivas
18/05/2014	<i>Amériques</i>	Caetano Veloso	<ul style="list-style-type: none"> - Élégant et concis, le chanteur est venu à Paris pour deux concerts - Il est libre. Parfois contradictoire et esthétisant. 	Positivas
15/06/2014	<i>Brésil 2014</i>	Porto Alegre	<ul style="list-style-type: none"> - Dans le fond, cette cité autrefois emblématique [...] renvoie aujourd'hui une curieuse impression de déjà-vu. - Comme les autres agglomérations du pays, elle s'est enrichie. Elle est devenue plus violente aussi 	Negativas
26/06/2014	<i>Brésil 2014</i>	Índios	<ul style="list-style-type: none"> - La dénutrition touche encore près d'un enfant sur deux en pays Yanomami - les Tenharin doivent 	Negativas

			ainsi se battre pour conserver les droits sur leur territoire	
--	--	--	---	--

Os principais aspectos negativos dessa vez são relacionados às manifestações sociais. Em seguida temos a Copa do Mundo e finalmente os aspectos econômicos com uma desaceleração do crescimento e as desigualdades do país. Os aspectos positivos são diretamente ligados aos aspectos culturais. Apenas dois textos apresentam tanto aspectos positivos quanto negativos, um sobre a Jornada Mundial da Juventude e o outro sobre o cinema. No gráfico a seguir temos os dados em porcentagens dos aspectos analisados.



Neste segundo conjunto de textos verificamos um aumento dos aspectos negativos que se encontram em 62% dos textos, ou seja, em treze artigos em que se apresenta o Brasil apenas de forma negativa. Os aspectos positivos são referidos em 29% dos textos, ou seja, em seis textos. Em dois textos, que representam 9% do conjunto, encontram-se aspectos positivos e negativos.

CONCLUSÃO

Neste trabalho estudamos a forma como o Brasil foi representado no jornal *Le Monde* e as mudanças que ocorreram nessa representação ao longo dos anos. Para nossa análise, selecionamos artigos publicados pelo jornal *Le Monde* em dois períodos. O primeiro foi de outubro de 2008 até outubro de 2009 e o segundo foi de outubro de 2013 até outubro de 2014.

A escolha da imagem do Brasil no jornal *Le Monde* como tema central não tem a ver com interesses pessoais ou ufanismo. Ao contrário, a pesquisa visa determinar o ponto de partida da construção, através do discurso jornalístico, de uma nova imagem do país e os elementos que foram benéficos nesse processo e quais eventos internos proporcionaram repercussões negativas no exterior. Ao estudarmos os textos do *Le Monde*, verificamos uma mudança na forma como o Brasil era representado nos últimos anos. No primeiro período estudado que vai de outubro de 2008 até outubro de 2009, o Brasil foi apresentado de forma positiva como um país em pleno desenvolvimento, com inúmeras possibilidades de crescimento e de investimento. Apesar de manter alguns estereótipos negativos principalmente relacionados ao Rio de Janeiro e às favelas. Encontramos também um vocabulário que transmite uma ideia de violência bem como o tratamento de temas mais pesados como a droga e a prostituição infantil.

Em contrapartida, no segundo período que vai de outubro de 2013 até outubro de 2014, o país passa a ser visto de forma negativa. Os jornalistas apontam para a desaceleração do crescimento, para a instabilidade política, para os problemas de infraestrutura e para as desigualdades sociais. O discurso foi mais pesado, as manifestações sociais deram um tom de gravidade aos textos. Apesar de não termos encontrados estereótipos negativos neste segundo período, é nítida a negatividade transmitida pelos textos. Apenas um dos textos fala sobre um dos estereótipos brasileiros que é o culto à beleza que mesmo em períodos de crise, o brasileiro não deixa de lado a aparência física.

Fez-se necessário também uma pesquisa bibliográfica para definir conceitos como a identidade nacional, a diversidade cultural ou a nação. Este é um fator que poderíamos ter repensado, pois a parte teórica é majoritária na problematização da pesquisa o que não era previsto inicialmente. Isso deu-se à dificuldade em encontrar estudos mais recentes no Brasil sobre os conceitos debatidos na primeira parte da pesquisa. Foi preciso, portanto, uma linha do tempo evolutiva dos conceitos para que pudéssemos nos situar nos diferentes momentos da pesquisa. Na segunda parte, analisamos a representação do Brasil do ponto de vista dos

próprios brasileiros e a imagem que o país transmite para o exterior. Para tal, comentamos as ações de divulgação da Embratur e do Ministério do Turismo e a forma como a França retransmitiu essas informações. Neste caso também, encontramos algumas dificuldades principalmente pela falta de diversidade de estudos econômicos e de estudos sobre as relações internacionais brasileiras nos últimos dez anos.

Uma das grandes dificuldades deste tipo de estudo é a quantidade de jornais disponíveis. Inicialmente, o objetivo era o de trabalhar também sobre os jornais *Libération* e *Le Figaro* para poder ter uma visão mais completa da questão. Por razões práticas, tivemos de trabalhar apenas com o jornal *Le Monde*. Mesmo optando por apenas um jornal, os artigos eram numerosos demais para serem analisados no âmbito de uma dissertação de mestrado. Para solucionar a questão poderíamos ter seguido um caminho menos complexo como diversos trabalhos acadêmicos que consultamos. Para tal, poderíamos ter feito a análise de forma geral, citando apenas os aspectos comentados pelos jornalistas. Dessa forma, a quantidade de artigos analisados seria maior, porém sem aprofundamento de cada texto o que poderia nos dar um resultado restrito e transversal. Restrito do ponto de vista das incertezas sobre o assunto, no qual não poderíamos questionar certos resultados sem ter acesso fácil ao artigo, data e rubrica. E transversal por não ter o aprofundamento de cada texto e a possibilidade de discutí-los individualmente de forma crítica. Mas preferimos aplicar critérios de seleção. Com isso, reduzimos o número de artigos e garantimos o seu interesse. Portanto, os critérios pré-estabelecidos foram muito úteis. Os textos foram selecionados a partir de critérios jornalísticos como a objetividade e a clareza, a editoria, o tamanho do texto, a importância do Brasil no artigo, a contextualização do assunto e a escolha dos entrevistados.

Esta pesquisa foi a ocasião de darmos conta do que é um trabalho de pesquisa tanto no Brasil como na França. Mesmo que a terceira parte da pesquisa possa ser vista como um trabalho prático ou mesmo de apuração jornalística, a intenção foi utilizar as leituras que realizamos ao longo deste trabalho para termos elementos de reflexão sobre o trabalho do jornalista. Não queríamos estigmatizar o processo de produção jornalística mesmo sabendo que há falhas. Às vezes, há conflito com a própria visão do jornalista e o meio de comunicação no qual ele trabalha. Consideramos também que a existência de estereótipos nas mídias é quase inevitável. A própria constituição do objetivo de um artigo deixa margem aos estereótipos. Já mencionamos as "características" de um artigo como a objetividade e a clareza. Apesar disso, não podemos esquecer que os dois conceitos são quase impossíveis de serem atingidos. O que pode ser feito é um texto o mais objetivo e o mais claro possível dentro das condições dadas ao jornalista. Não podemos deixar de citar também o tempo e os

recursos que nem sempre estão disponíveis ao jornalista, além é claro do público leitor do cotidiano. Os estereótipos são códigos de compreensão para definir pessoas ou grupos. O que não os libera de problemas como mascarar a realidade através de simplificações, e o mais importante, trazer preconceitos.

Outra contribuição é com relação à prática jornalística que tem um papel de agente social e que deve continuar tendo liberdade e recursos para continuar o trabalho. Porém, sem deixar de lado a responsabilidade na escolha dos temas, dos entrevistados e do direcionamento dado em cada artigo. É importante salientar também que independente da linha editorial e do direcionamento dado pelo jornalista ao escrever determinado artigo, é o público que recebe e toma consciência do texto.

A importância do jornal *Le Monde* na França e no mundo e a pertinência dos textos selecionados fazem com que, ao apresentar um estudo mais abrangente da imagem do Brasil na imprensa francesa, os resultados obtidos sejam sólidos e permitam enveredar por novas pistas de pesquisa. Seria interessante estudar um período maior de tempo e entrevistar os jornalistas que escrevem sobre o Brasil para os jornais franceses.

Uma das intenções ao escrever este trabalho foi de deixá-lo acessível ao máximo de leitores. O material coletado e analisado, na maior parte do tempo foi escrito numa linguagem simples. A barreira linguística dos textos escritos em francês não pode, é claro, ser negligenciada, mas grande parte dos autores utilizados já se encontram traduzidos nos dois países.

Por fim, este estudo permitiu perceber como as agências de turismo oficiais desempenham um papel relevante na imagem que o Brasil transmite para o exterior. Compreendemos a importância da escolha das ferramentas de marketing na divulgação do país no exterior.

O que podemos deixar como questionamento agora é a forma como o Brasil será representado posteriormente na imprensa francesa. Por enquanto, acreditamos que é ainda prematuro de julgar as possíveis consequências dessas mudanças. Mesmo sabendo que para isso, será necessário levar em consideração as políticas públicas implementadas nos governos anteriores, a participação popular, mas também os aspectos negativos nos últimos anos principalmente relacionados à instabilidade política, a corrupção e a baixa no crescimento econômico.

BIBLIOGRAFIA

I. Textos do *Corpus*:

Os números dos textos do *corpus* servirão para numerar os anexos onde os artigos são reproduzidos na íntegra.

1. ANÔNIMO, "La vie comme à la télé", *Le Monde*, 31 jan. 2009. Disponível em <http://www.lemonde.fr/vous/article/2009/01/31/la-vie-comme-a-la-tele_1148866_3238.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=92>. Acesso em 12/05/2017.
2. ANÔNIMO, "Téléchargement : Gilberto Gil dit 'non' aux sanctions", *Le Monde*, 12 jul. 2009. Disponível em <http://abonnes.lemonde.fr/technologies/article/2009/07/12/telechargement-gilberto-gil-dit-non-aux-sanctions_1218075_651865.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=35>. Acesso em 12/05/2017.
3. ANÔNIMO, "Un million de Brésiliens dans la rue, mort d'un second manifestant", *Le Monde*, 20 jun. 2013. Disponível em <http://www.lemonde.fr/ameriques/article/2013/06/20/bresil-des-dizaines-de-milliers-de-manifestants-dans-les-rues_3433966_3222.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=15>. Acesso em 12/05/2017.
4. ANÔNIMO, "Brésil : Dilma Rousseff promet d'agir pour les services publics et contre la corruption", *Le Monde*, 22 jun. 2013. Disponível em <http://www.lemonde.fr/ameriques/article/2013/06/22/bresil-dilma-rousseff-promet-d-agir-pour-les-services-publics-et-contre-la-corruption_3434729_3222.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=16>. Acesso em 12/05/2017.
5. AZIMI, Roxana, "A ArtRio, les milliardaires n'achètent pas", *Le Monde*, 05 set. 2013. Disponível em <http://www.lemonde.fr/culture/article/2013/09/05/a-artrio-les-milliardaires-n-achetent-pas_3471786_3246.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=74>. Acesso em 12/05/2017.
6. BELLET, Harry, "Il faut marcher dans la sculpture", *Le Monde*, 20 dez. 2008. Disponível em <http://abonnes.lemonde.fr/culture/article/2008/12/20/il-faut-marcher-dans-la-sculpture_1133496_3246.html?xtmc=bresil&xtcr=1>. Acesso em 12/05/2017.
7. BEZAT, Jean-Michel, "L'impact écologique des grands barrages resta à améliorer, selon ONG", *Le Monde*, 05 fev. 2009. Disponível em <[http://www.lemonde.fr/economie/article/2009/02/05/l-impact-ecologique-des-grands-barrages-reste-a-ameliorer-selon-les-ong_1151075_3234.html?xtmc=l impact ecologique des grands barrages reste a a meliorer selon les ong&xtcr=1](http://www.lemonde.fr/economie/article/2009/02/05/l-impact-ecologique-des-grands-barrages-reste-a-ameliorer-selon-les-ong_1151075_3234.html?xtmc=l%20impact%20ecologique%20des%20grands%20barrages%20reste%20a%20ameliorer%20selon%20les%20ong&xtcr=1)>. Acesso em 12/05/2017.

8. BOURCIER, Nicolas e HOPQUIN, Benoît, "Dilma Rousseff propose une réforme de la Constitution brésilienne", *Le Monde*, 25 jun. 2013. Disponível em <http://www.lemonde.fr/ameriques/article/2013/06/25/dilma-rousseff-propose-une-reforme-de-la-constitution-brasilienne_3436059_3222.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=17>. Acesso em 12/05/2017.
9. BOURCIER, Nicolas, " L'irrésistible croissance du marché brésilien du cosmétique", *Le Monde*, 25 jul. 2013. Disponível em <http://www.lemonde.fr/economie/article/2013/07/25/l-irresistible-croissance-du-marche-brasilien-du-cosmetique_3453292_3234.html?xtmc=l_irresistible_croissance_du_marche_bresilien_du_cosmetique&xtcr=2>. Acesso em 12/05/2017.
10. BOURCIER, Nicolas e HOPQUIN, Benoît, "Brésil : 'J'ai mal à mon pays' ", *Le Monde*, 29 jun. 2013. Disponível em <http://www.lemonde.fr/idees/article/2013/06/27/bresil-j-ai-mal-a-mon-pays_3438165_3232.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=24>. Acesso em 12/05/2017.
11. BOURCIER, Nicolas, "L'Eglise au risque des évangéliques", *Le Monde*, 16 jul. 2013. Disponível em <http://abonnes.lemonde.fr/ameriques/article/2013/07/16/l-eglise-au-risque-des-evangeliques_3448479_3222.html>. Acesso em 12/05/2017.
12. BOURCIER, Nicolas, "Les vacances au Brésil : pas plus de trois jours", *Le Monde*, 17 ago. 2013. Disponível em <http://abonnes.lemonde.fr/vous/article/2013/08/15/trois-jours-au-plus_3462084_3238.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=59>. Acesso em 12/05/2017.
13. BOURCIER, Nicolas, "Porto Alegre, le rêve brisé", *Le Monde*, 15 jun. 2014. Disponível em <http://abonnes.lemonde.fr/coupe-du-monde/article/2014/06/10/l-envers-du-stade-porto-alegre-le-reve-brise_4433943_1616627.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=240>. Acesso em 12/05/2017.
14. BOURCIER, Nicolas, "Pour la troisième année consécutive, le Brésil affiche une croissance modérée", *Le Monde*, 28 fev. 2014. Disponível em <http://abonnes.lemonde.fr/economie/article/2014/02/28/pour-la-troisieme-annee-consecutive-le-bresil-affiche-une-croissance-moderee_4375380_3234.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=168>. Acesso em 12/05/2017.
15. BRONNER, Luc, "La diversité, avantage concurrentiel de l'entreprise", *Le Monde*, 03 set. 2009. Disponível em <http://www.lemonde.fr/societe/article/2009/10/03/la-diversite-avantage-concurrentiel-de-l-entreprise_1248868_3224.html>. Acesso em 12/05/2017.
16. CAMEL, Laurence, "A Belém, les altermondialistes se recentrent sur le combat écologiste", *Le Monde*, 27 jan. 2009. Disponível em <<http://www.lemonde.fr/planete/article/2009/01/27/a-belem-les-altermondialistes-se-recentrent-sur-le-combat->

- [ecologiste_1146864_3244.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=99](http://www.lemonde.fr/planete/article/2009/02/26/au-bresil-l-etat-d-acre-mesure-le-bien-etre-durable_1160671_3244.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=99)>. Acesso em 12/05/2017.
17. CAMEL, Laurence, "Au Brésil, l'Etat d'Acre mesure le 'bien-être durable' ", *Le Monde*, 02 mar. 2009. Disponível em <http://www.lemonde.fr/planete/article/2009/02/26/au-bresil-l-etat-d-acre-mesure-le-bien-etre-durable_1160671_3244.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=82>. Acesso em 12/05/2017.
18. DOUIN, Jean-Luc, " 'La Terre des hommes rouges': au coeur de la révolte des Indiens Kaiowa", *Le Monde*, 16 dez. 2008. Disponível em <http://www.lemonde.fr/cinema/article/2008/12/16/la-terre-des-hommes-rouges-la-revolte-des-indiens-kaiowa_1131769_3476.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=114>. Acesso em 12/05/2017.
19. EDELMANN, Frédéric, "Le chantier de la Cité de la musique à Rio de Janeiro a été suspendu", *Le Monde*, 06 jan. 2009. Disponível em <http://www.lemonde.fr/culture/article/2009/01/05/le-chantier-de-la-cite-de-la-musique-a-rio-de-janeiro-a-ete-suspendu_1138023_3246.html?xtmc=cidade_da_musica&xtcr=1>. Acesso em 12/05/2017.
20. EUDES, Yves, "Le Brésil mène la bataille contre l'hégémonie américaine sur le Web", *Le Monde*, 23 abr. 2014. Disponível em <http://abonnes.lemonde.fr/economie/article/2014/04/22/le-bresil-a-l-avant-garde-de-la-fronde-du-net_4405175_3234.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=208>. Acesso em 12/05/2017.
21. GASNIER, Annie, "L'exploitation sexuelle des mineurs se mondialise", *Le Monde*, 26 set. 2009. Disponível em <http://www.lemonde.fr/planete/article/2008/11/28/l-exploitation-sexuelle-des-mineurs-se-mondialise_1124411_3244.html?xtmc=orkut&xtcr=1>. Acesso em 12/05/2017.
22. GOLDBAUM, Maxime, "Les catholiques français ne redoutent pas le climat de fronde sociale au Brésil avant les JMJ", *Le Monde*, 28 jun. 2013. Disponível em <http://www.lemonde.fr/ameriques/article/2013/06/27/les-catholiques-francais-ne-redoutent-pas-le-climat-de-fronde-sociale-au-bresil-avant-les-jmj_3436859_3222.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=21>. Acesso em 12/05/2017.
23. GUELAUD, Claire, " Croissance molle et inflation minent l'économie brésilienne", *Le Monde*, 28 nov. 2013. Disponível em <http://abonnes.lemonde.fr/economie/article/2013/11/28/croissance-molle-et-inflation-au-bresil_3522372_3234.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=119>. Acesso em 12/05/2017.
24. HOPQUIM, Benoît, "Brésil, le cocon de la contestation", *Le Monde*, 09 jul. 2013. Disponível em <http://www.lemonde.fr/ameriques/article/2013/07/09/bresil-le-cocon-de-la-contestation_3444571_3222.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=31>. Acesso em 12/05/2017.

25. HOPQUIN, Benoît, "Amers Indiens", *Le Monde*, 26 jun. 2014. Disponível em <http://abonnes.lemonde.fr/coupe-du-monde/article/2014/06/25/amers-indiens_4444703_1616627.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=248>. Acesso em 12/05/2017.
26. LANGELLIER, Jean-Pierre, "A Rio, un mur 'écologique' pour contenir une favela", *Le Monde*, 22 jan. 2009. Disponível em <http://www.lemonde.fr/planete/article/2009/01/22/a-rio-un-mur-ecologique-pour-contenir-une-favela_1145093_3244.html?xtmc=bresil&xtcr=1>. Acesso em 12/05/2017.
27. LANGELLIER, Jean-Pierre, "Camargo Corrêa, véritable empire industriel au Brésil", *Le Monde*, 28 jan. 2009, Disponível em <http://www.lemonde.fr/la-crise-financiere/article/2009/01/28/camargo-correa-veritable-empire-industriel-au-bresil_1147605_1101386.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=97>. Acesso em 12/05/2017.
28. LANGELLIER, Jean-Pierre, "Le Brésil s'interroge sur l'amnistie qui avait ouvert la voie à la démocratie en 1979", *Le Monde*, 25 ago. 2009. Disponível em <http://www.lemonde.fr/ameriques/article/2009/08/25/le-bresil-s-interroge-sur-l-amnistie-qui-avait-ouvert-la-voie-a-la-democratie-en-1979_1231667_3222.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=29>. Acesso em 12/05/2017.
29. LIMA, Mauricio, "A Belem, dans la ferveur du 'Cirio de Nazaré' ", *Le Monde*, 14 out. 2008. Disponível em <http://abonnes.lemonde.fr/societe/portfolio/2008/10/13/a-belem-dans-la-ferveur-du-cirio-de-nazare_1106076_3224.html#i4XQwdzA0RfcKeH2.99>. Acesso em 12/05/2017.
30. LUCIANI, Noémie, " 'Les Bruits de Recife' : échos fantômes de la paranoïa brésilienne", *Le Monde*, 27 fev. 2014. Disponível em <http://abonnes.lemonde.fr/culture/article/2014/02/25/les-bruits-de-recife-echos-fantomes-de-la-paranoia-bresilienne_4372769_3246.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=167>. Acesso em 12/05/2017.
31. MANDELBAUM, Jacques, " 'Une famille brésilienne': chronique familiale d'un Brésil en crise", *Le Monde*, 24 mar. 2009. Disponível em <http://www.lemonde.fr/cinema/article/2009/03/17/une-famille-bresilienne-chronique-familiale-d-un-bresil-en-crise_1169020_3476.html>. Acesso em 12/05/2017.
32. MORTAIGNE, Véronique, "Le phrasé soul d'Ed Motta rassemble au Duc des Lombards", *Le Monde*, 16 out. 2013. Disponível em <http://www.lemonde.fr/culture/article/2013/10/08/le-bresilien-ed-motta-rassemble-au-duc-des-lombards_3492027_3246.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=98>. Acesso em 12/05/2017.
33. MORTAIGNE, Véronique, "Haro sur les biographes brésiliens : les stars mènent la fronde ", *Le Monde*, 25 out. 2013. Disponível em <<http://abonnes.lemonde.fr/livres/article/2013/10/24/haro-sur-les-biographes->

bresiliens-les-stars-menant-la-fronde_3501785_3260.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=100>. Acesso em 12/05/2017.

34. MORTAIGNE, Véronique, "Les musiciens brésiliens d'aujourd'hui et de demain", *Le Monde*, 08 abr. 2014. Disponível em <http://www.lemonde.fr/culture/article/2014/04/07/les-musiciens-bresiliens-d-aujourd-hui-et-de-demain_4396818_3246.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=196>. Acesso em 12/05/2017.
35. MORTAIGNE, Véronique, "Rencontre avec Caetano Veloso, hippie tropical", *Le Monde*, 18 mai. 2014. Disponível em <http://abonnes.lemonde.fr/ameriques/article/2014/05/17/caetano-veloso-hippie-tropical_4420297_3222.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=223>. Acesso em 12/05/2017.
36. MOURRI, Julia, "Brésil : nouvelle terre d'avenir pour les start-up digitales ?", *Le Monde*, 16 mai. 2014. Disponível em <http://www.lemonde.fr/economie/article/2014/05/12/bresil-nouvelle-terre-d-avenir-pour-les-start-up-digitales_4415542_3234.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=221>. Acesso em 12/05/2017.
37. PARANAGUA, Paulo, "Les pays pollueurs doivent assumer leurs propres responsabilités", *Le Monde*, 07 jul. 2009. Disponível em <http://www.lemonde.fr/international/article/2009/07/07/les-pays-pollueurs-doivent-assumer-leurs-propres-responsabilites_1216201_3210.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=39>. Acesso em 12/05/2017.
38. PARANAGUA, Paulo, "A Rio de Janeiro, la coexistence entre la ville et ses favelas est menacée par la guerre des gangs", *Le Monde*, 27 set. 2009. Disponível em <http://www.lemonde.fr/international/article/2005/03/20/a-rio-de-janeiro-la-coexistence-entre-la-ville-et-ses-favelas-est-menacee-par-la-guerre-des-gangs_397556_3210.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=2>. Acesso em 12/05/2017.
39. SOTINEL, Thomas, "Nous voulions montrer sans juger", *Le Monde*, 24 mar. 2009. Disponível em <http://abonnes.lemonde.fr/cinema/article/2009/03/17/walter-salles-nous-voulions-montrer-sans-juger_1169021_3476.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=75>. Acesso em 12/05/2017.
40. SOTINEL, Thomas, "Un palmarès controversé qui reflète une sélection confuse", *Le Monde*, 06 fev. 2009. Disponível em <http://www.lemonde.fr/cinema/article/2008/02/18/festival-un-palmars-controverse-qui-reflete-une-selection-confuse_1012763_3476.html?xtmc=bresil_societe&xtcr=90>. Acesso em 12/05/2017.
41. TRICORNOT, Adrien, "Dans sa trajectoire de vie, l'entrepreneur social part souvent d'une révolte", *Le Monde*, 20 out. 2008. Disponível em <http://abonnes.lemonde.fr/talents-fr/article/2008/10/20/dans-sa-trajectoire-de-vie-l-entrepreneur-social-part-souvent-d-une-revolte_1108764_3504.html?xtmc=institut_ideaas&xtcr=1>. Acesso em 12/05/2017.

II. Textos de consulta geral e específica:

42. ALFONSO, Louise Prado, *EMBRATUR: Formadora de imagens da nação brasileira*, São Paulo, Annablume, 2006.
43. AMOSSY, Ruth e HARSCHBERG PIERROT, Anne, *Stéréotypes et clichés*, Paris, Armand Colin, 2014.
44. BASTIDE, Roger, *Brésil terre des contrastes*, Paris, L'Harmattan, 1999.
45. BOSI, Alfredo, *Dialética da colonização* (1936), São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
46. BRASIL, Constituição (1988), *Constituição da República Federativa do Brasil*, Brasília, Senado, 1988.
47. BRUNET, S. H., *Les mots de la fin du siècle*, Paris, Belin, 1996.
48. CASTRO, Edgardo, *Vocabulário de Foucault: Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*, Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2009.
49. CONCEIÇÃO, Mirtes Rose Menezes, *Materialização de políticas culturais: o Museu da Gente Sergipana e a construção de identidades*, IV Seminário Internacional - Políticas culturais, 16 a 18 de outubro de 2013. Disponível em: <<http://culturadigital.br/politicaculturalcasaderuibarbosa/files/2013/11/Mirtes-Rose-Menezes-da-Concei%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 14/04/2017
50. COSTA, Everaldo Batista e SUZUKI, Júlio César, *A ideologia espacial constitutiva do Estado nacional brasileiro, XII Colóquio Internacional de Geocrítica*, 2012.
51. ÉVENO, Patrick, *Histoire de la presse française: de Théophraste Renaudot à la révolution numérique*, Paris, Flammarion, 2012.
52. FISCHER, Gustave-Nicolas, *Les concepts fondamentaux de la psychologie sociale*, Paris, Dunod, 2010.
53. FREYRE, Gilberto, *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*,. Edição crítica de Guillermo Giucci, Enrique Larreta, Edson Fonseca, Paris, Allca XX, 2002.
54. FOUCAULT, Michel, *A arqueologia do saber*, Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7 Ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2008.
55. FOUCAULT, Michel, *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19ª.ed. São Paulo, Edições Loyola, 2009A.

56. GAILLARD, Emmanuelle, *L'âge d'or de la presse, Histoire par l'image*, disponível em: <<http://www.histoire-image.org/etudes/age-presse>>. Acesso em 15/04/2017.
57. GERVAISE, Yves, *Géopolitique du Brésil: les chemins de la puissance*, Paris, Presses Universitaires de France, 2012.
58. GUIMARÃES, Juarez Rocha, *Culturas brasileiras de participação democrática*. In: AVRITZER, Leonardo (org.). *Experiências nacionais de participação social*. São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção Democracia Participativa). Disponível em: http://www.ibase.br/userimages/juarez_guimaraes_port.pdf. Acesso em: 09/06/2017.
59. HALL, Stuart, *A identidade cultural na pós-modernidade*, Rio de Janeiro, TupyKurumin, 2006.
60. IMBERT, Patrick, *Hybridités discursives dans les amériques* in. *Le grand récit des Amériques polyphonie des identités culturelles dans le contexte de la continentalisation* pps 85-101, Canadá, Les éditions de l'IQRC, 2001.
61. KAJIHARA, Kelly Akemi, *A Imagem do Brasil no Exterior: Análise do material de divulgação oficial da EMBRATUR, desde 1966 até 2008*, *Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo*, vol. 5, nº 3, 2011.
62. KANT, Immanuel, *Idéia de uma história universal com um propósito cosmopolita*, Tradução: Artur Mourão, Portugal, Lusosofiapress, s/d.
63. KAUFMAN, Jean-Claude, *L'identité en question*, Exposition Biométrie : le corps identité. Cité des sciences et de l'industrie, Paris. Disponível em: http://www.cite-sciences.fr/archives/francais/ala_cite/expositions/biometrie/nonvoyants/programme_details_1_1.htm. Acesso em: 09/06/2017.
64. KRONES, Joachin Michael, *Turismo e baianidade: a construção da marca "Bahia"*, III ENECULT, Salvador, 23 a 25 de maio de 2007. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2007/JoachimMichaelKrones.pdf>>. Acesso em: 14/04/2017.
65. LEVI-STRAUSS, Claude, *Race et Histoire Race et Culture*, 1952, Paris, Editions Unesco, 2001.
66. LEYENS, Jacques-Philippe, YZERBYT, Vincent, et SCHADRON, Georges, *Stéréotypes et cognition sociale*, Ixelles, Editions Mardaga, 1996.
67. LIPPMANN, Walter, *Public Opinion*, New York, Pelican Books, 1946.
68. MAGNOLI, Demetrio, *O Estado em busca do seu território. Terra Brasilis – Revista de História do Pensamento Geográfico no Brasil*. Anos III-IV, nº 4-5, Rio de Janeiro, 2003.
69. MARCON, Frank, *Quilombo urbano da Maloca: espaço e etnicidade em Aracaju/SE*. In: LEITE, Rogério Proença (Org). *Cultura e vida urbana: ensaios sobre a cidade*. São Cristóvão, Editora UFS, 2008. p. 85/106.

70. MUNANGA, Kabengele, *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1999.
71. PUTNAM, Robert D, *Diplomacy and domestic politics: the logic of the two-level games*. In: *International Organization*, vol. 42, n.3, Cambridge, Summer, 1988.
72. RENAN, Ernest, *Qu'est-ce qu'une nation?*, 1882, Paris, Fayard/Mille et une nuits, 1997.
73. RIBEIRO, Darcy, *O Povo Brasileiro. A formação e o Sentido do Brasil*, 1995. 2a ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.
74. ROMERO Silvio, *Historia da Literatura Brasileira. Tomo primeiro*, Rio de Janeiro, Garnier - Livreiro Editor, 1888 B.L.
75. SCHNAPPER, Dominique, *Modernité et aculturations, Communications*, n. 43 p. 151. Paris, Seuil, Disponível em <http://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1986_num_43_1_1645>. Acesso em 22/10/2015.
76. SCHERER-WARREN, Ilse, *Movimentos sociais no Brasil contemporâneo*. In: *História: Debates e Tendências*, vol. 7, nº 1, p. 9-21, jan./jun. 2008.
77. SODRÉ, Muniz, *Técnica de Reportagem – Notas sobre a Narrativa Jornalística*. São Paulo, Summus, 1986.
78. THÉRY, Hervé, *Le Brésil. Pays émergé*, Paris, Armand Colin, 2014.
79. TYLOR, Edward Burnett e RADIN, Paul, *Cultura primitiva*, Ayuso, 1981.
80. UNESCO E MINISTÉRIO DA CULTURA, *Patrimônio imaterial: política e instrumentos de identificação, documentação e salvaguarda*, Brasília, 2008.
81. UNESCO E MINISTÉRIO DA CULTURA, *Convenção Para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial*, Paris, 2003.
82. UNESCO E MINISTÉRIO DA CULTURA, *Convenção Para Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais*, Paris, 2005.
83. VASCONCELOS, Cláudia Pereira, *Ser-tão baiano: A baianidade e a sertanidade no jogo identitário da cultura baiana*, IV ENECULT, Salvador, 28 a 30 de maio de 2008. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14139.pdf>>. Acesso em 14/04/2017.
84. VIGEVANI, T.; CEPALUNI, G., *A Política Externa de Lula da Silva: A Estratégia da Autonomia pela diversificação*, *Contexto Internacional*, vol. 29, n 2, 2007, p. 273-335, Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cint/v29n2/v29n2a02.pdf>>. Acesso em: 29/10/2016.

85. WILLIAMS, Raymond, *Cultura*, 2ª edição; tradução Lólio Lourenço de Oliveira- Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
86. WILLIAMS, Raymond, *Marxismo e Literatura*, tradução de Waltensir Dutra, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.

Ilustração da capa: Autor anônimo, sem título, imagem original disponível em: <<http://www.expat.com/upload/blog/feeds/small/771586.jpg>>. Acesso em: 09/06/2017.

ANEXOS

ANEXO 1

LA VIE COMME À LA TÉLÉ

Les relations que le public entretient avec la télévision sont une mine inépuisable pour les sociologues. Esther Duflo, professeure au Collège de France, mentionnait ainsi, dans *Libération* du 27 janvier, une étude montrant l'impact des *telenovelas* sur la fertilité au Brésil. Ces feuilletons tournés au kilomètre rassemblent, chaque soir, entre 60 et 80 millions de Brésiliens. Ils mettent en scène des familles de fiction de la bourgeoisie citadine qui se distinguent notamment de celles qui les regardent, issues majoritairement des milieux populaires, par un nombre d'enfants très inférieur. "72 % des héroïnes de moins de 50 ans dans les feuilletons diffusés par Rede Globo (chaîne spécialisée dans ce genre de programme) entre 1965 et 1999 n'avaient pas d'enfants", souligne Esther Duflo. Pendant la même période, "le taux de fertilité au Brésil passait de 6,3 enfants par femme en 1960, à 2,3 en 1990". Dans quelle mesure le "modèle" familial véhiculé par ces feuilletons a-t-il contribué à cette baisse de la fertilité ? L'étude brésilienne y voit un lien direct de cause à effet.

En extrapolant, on peut d'ores et déjà se demander quelles conséquences le feuilleton à succès "Plus belle la vie" aura sur la société française des prochaines années. Un simple coup d'œil au trombinoscope présentant, sur le site de la série de France 3, les membres des différentes familles (Nassri, Torres, Chaumette, Frémont, Lévy-Leserman, etc.) et leurs liens - "amour", "amis", "haine", "ex-amour", "amour et haine" -, figurés par des flèches portant des coeurs ou des éclairs partant dans tous les sens, laisse rêveur...

LE MONDE | 31.01.2009 | Autor anônimo

ANEXO 2

Téléchargement : Gilberto Gil dit "non" aux sanctions

Dans un entretien à "El País", le chanteur brésilien ancien ministre de la culture de Lula se dit opposé aux sanctions contre le piratage sur Internet.

Gilberto Gil, le chanteur brésilien ancien ministre de la culture de Lula se dit opposé aux sanctions contre le piratage sur Internet. *"Ce sont les libertés dans une société démocratique qui sont en jeu. Ces sanctions pourraient seulement être appliquées dans le cas d'un grand consensus social"* déclare le musicien au quotidien *El País*, dimanche 12 juillet.

Grande figure du mouvement tropicaliste des années 1960 au Brésil, Gilberto Gil, 67 ans, a été ministre de la culture du gouvernement Lula pendant 5 ans et demi jusqu'en juillet 2008. Les limites aux possibilités offertes au public par la technologie *"doivent être établies après un large débat démocratique"*, précise le chanteur, qui incite régulièrement les spectateurs de ses concerts à le filmer et le photographier. Il se dit soulagé *"de ne plus avoir à se surveiller pour éviter de dire des choses qu'il ne doit pas dire"*, depuis qu'il a quitté le gouvernement brésilien. Pour lui, dans le domaine de la culture, il faut *"rechercher un équilibre"* entre *"l'intérêt commun"* et *"l'agenda du monde capitaliste"*.

Le parlement français est en passe d'adopter la deuxième version de la loi Hadopi contre le piratage sur Internet qui prévoit des sanctions pénales contre les contrevenants, un texte salué par les créateurs mais jugé *"inutilement répressif"* par l'opposition de gauche.

LE MONDE avec AFP | 12.07.2009 | Autor anônimo

ANEXO 3

Un million de Brésiliens dans la rue, mort d'un second manifestant

La présidente, Dilma Rousseff, a convoqué une réunion de crise avec ses ministres vendredi matin.

Bien que la plupart des grandes villes du pays aient cédé à la pression populaire en revenant sur leur décision d'augmenter le tarif des transports en commun, les protestataires brésiliens ont maintenu la pression jeudi 20 juin. Au moins un million de personnes ont défilé dans les rues de 80 villes du Brésil, pour cette première journée d'action nationale. Signe de la fébrilité du pouvoir, Gilberto Carvalho, le chef de cabinet à la présidence, a indiqué que le Brésil *"doit se préparer à l'éventualité que les manifestations qui secouent le pays affectent les Journées mondiales de la jeunesse catholique (JMJ) et la visite du pape François en juillet à Rio de Janeiro"*.

Le mouvement a cependant été endeuillé par la mort de deux manifestants. Le premier, âgé de 18 ans, a été renversé par une voiture, dans la ville de Ribeirão Preto, à 330 kilomètres de São Paulo. D'après la presse locale, le véhicule a tenté de doubler un groupe de manifestants qui bloquaient une rue et a renversé trois personnes. Une vidéo montrant l'accident a rapidement circulé sur les réseaux sociaux.

La seconde, une employée municipale de 54 ans, chargée du nettoyage à Belem do Para (Amazonie), a succombé jeudi, à un infarctus. Elle balayait la rue avec ses collègues quand un groupe de manifestants est arrivé et une bombe lacrymogène a explosé. En prenant la fuite, elle a eu un arrêt cardiaque.

RASSEMBLEMENTS VILLE PAR VILLE

A **Rio de Janeiro**, où se déroulait le match Espagne-Tahiti au stade Maracaña, la police a évalué à 300 000 le nombre de manifestants. Les manifestants ont afflué vers la place Candelaria, point de départ du défilé, au centre-ville. Après un début de marche pacifique, les premiers incidents ont éclaté devant la mairie entre un groupe de manifestants et la police. La police militaire de Rio, extrêmement discrète au début de la manifestation, a diffusé sur les réseaux des tracts à imprimer demandant aux manifestants de *"l'aider à les protéger"* : *"sans violence, paix, éloignez ceux qui insistent pour semer le trouble dans une manifestation pacifique."* Au moins 40 personnes ont été blessées, dont un journaliste de la TV Globo, touché au front par une balle en caoutchouc.

A **Salvador de Bahia**, théâtre de la première manifestation dans l'après-midi, des affrontements violents ont également éclaté entre une partie des 50 000 manifestants et les policiers. Alors que les manifestants tentaient de forcer un barrage policier aux cris de *"Fonte Nova ! Fonte Nova !"*, le nom du stade de Salvador situé à deux kilomètres de là, la police a tiré des gaz lacrymogènes et des balles en caoutchouc, contraignant les protestataires à reculer. Au moins un manifestant a été blessé par l'un de ces tirs, tandis qu'un policier a également été blessé. Les manifestants ont incendié un bus et jeté des pierres sur des minibus de la FIFA, organisatrice de la Coupe des confédérations, qui se dispute actuellement dans le pays, et du Mondial dans un an.

A **São Paulo**, ils étaient au moins 110 000 à manifester, selon la police.

A **Brasilia**, 30 000 habitants ont défilé dans les rues de la ville au mot d'ordre : "*Brésil, réveille-toi !*" Des manifestants ont attaqué dans la soirée le ministère des affaires étrangères, d'où ils ont été refoulés de justesse par la police. Un groupe de manifestants a réussi à briser une des portes vitrées d'entrée du bâtiment officiel et a été empêché *in extremis* d'y pénétrer par la police. Ce groupe de manifestants avait auparavant jeté des objets enflammés et des bouteilles contre le bâtiment officiel, l'un des plus emblématiques de la capitale, dessiné par l'architecte Oscar Niemeyer. Les affrontements ont fait une trentaine de blessés.

20 centimes de trop

La décision des autorités brésiliennes d'augmenter les tarifs des transports en commun réveille la contestation sociale dès le 11 juin. Ils sont 5 000 à Sao Paulo pour dire leur opposition à cette mesure qui fait passer le prix du ticket de bus de 3 à 3,20 reales (1,05 à 1,12 euro). Le mouvement gagne les principales villes du pays en quelques jours.

Un rassemblement important a également eu lieu à **Vitoria** (100 000 manifestants), où un groupe de manifestants a détruit les cabines de péage d'un pont qui relie la ville à sa voisine. Devant le tribunal de justice, le bataillon de choc a dû intervenir avec des gaz lacrymogènes pour disperser un groupe radical.

La ville de **Belem** a connu des affrontements entre policiers et manifestants refoulés par des gaz lacrymogènes et des sprays au poivre. Au moins deux policiers et un journaliste ont été blessés.

SYNDICATS ET PARTIS S'IMPLIQUENT

Après dix jours de manifestations qui ont souvent dégénéré en violences, la contestation ne faiblit pas au Brésil. Sur les réseaux sociaux, les appels à manifester continuent de se multiplier. Rien ne semble laisser présager un essoufflement rapide de ce mouvement diffus, sans étiquette politique ou syndicale, ni leaders clairement identifiés.

Il cristallise désormais toutes les frustrations de la population de ce pays émergent de 194 millions d'habitants : services publics précaires comme la santé et l'éducation, corruption de la classe politique, sommes colossales – 11 milliards d'euros – investies pour l'organisation du Mondial 2014 de football.

La grande nouveauté, jeudi, est que certains syndicats, partis politiques et organisations de la société civile ont affiché leur intention de participer aux cortèges sous leurs banderoles. Les Paysans sans terre (MST), l'Union nationale des étudiants (UNE), la Centrale unique des travailleurs (CUT), le Parti des travailleurs (PT gauche, au pouvoir) et le Parti communiste du Brésil (PCdoB) entre autres veulent se joindre aux manifestants qui rejettent depuis le début de leur mouvement toute étiquette.

La présidente, Dilma Rousseff, a de son côté annulé un voyage au Japon prévu du 26 au 28 juin, en raison du mouvement de protestation qui embrase le pays. Elle a convoqué une réunion de crise avec ses ministres vendredi matin. Le ministre de la justice, Eduardo Cardoso, participera notamment à la réunion, selon le site du quotidien de São Paulo *La Folha*, assurant que les autorités de Brasilia ont été "effrayées" et "choquées" par l'attaque du ministère des affaires étrangères. Toujours selon *La Folha*, les participants évalueront la situation, les slogans et revendications des manifestants, ainsi que l'opportunité d'une adresse radiotélévisée de M^{me} Rousseff à un pays en révolte.

LE MONDE avec AFP | 20.06.2013 | Autor anônimo

ANEXO 4

Brésil : Dilma Rousseff promet d'agir pour les services publics et contre la corruption

La présidente a annoncé dans une allocution à la nation qu'elle allait recevoir les représentants du mouvement.

Confrontée à un mouvement social d'une rare ampleur, la présidente brésilienne Dilma Rousseff a promis vendredi 21 juin dans une allocution à la nation un *"grand pacte"* pour l'amélioration des services publics, s'engageant à faire *"beaucoup plus pour lutter contre la corruption"*. La dirigeante, qui n'a pas manqué de condamner les actes de violence et de vandalisme ayant émaillé certaines manifestations, a également réitéré le soutien de son gouvernement au changement social.

Parmi les chantiers évoqués, elle a insisté sur sa volonté de développer des *"transports en commun de qualité à des tarifs justes"*, la santé et l'éducation, en faveur de laquelle elle souhaite consacrer 100 % des recettes pétrolières du pays. Un projet paralysé par de forts blocages politiques.

La présidente a par ailleurs annoncé qu'elle allait *"recevoir les leaders des manifestations pacifiques, les représentants des organisations de jeunes, des syndicats, des mouvements de travailleurs, des associations populaires"*. *"Nous avons besoin de leur contributions (...) de leur énergie et créativité, de leur pari sur l'avenir et de leur capacité à remettre en question les erreurs du passé et du présent"*, a-t-elle souligné.

Dans son discours, l'héritière du président Lula a néanmoins averti qu'elle serait *"intransigeante envers la violence et le désordre"*. *"Le gouvernement et la société ne peuvent accepter qu'une minorité violente et autoritaire détruise le patrimoine public et privé, attaque des temples, incendie des voitures, lance des pierres sur des autobus et tente de semer le chaos dans nos principaux centres urbains"*, a-t-elle asséné.

"NOUS ALLONS FAIRE UNE GRANDE COUPE DU MONDE !"

Le mouvement de contestation brésilien est parti le 13 juin d'une petite manifestation violemment réprimée par la police contre la hausse des tarifs des transports publics à São Paulo. Face à cette répression, la colère a brusquement pris de l'ampleur et s'est dirigée pêle-mêle contre le coût de la vie, la corruption et les 11 milliards de dollars (8,4 milliards d'euros) dépensés pour l'organisation de la Coupe du monde de football en 2014 au détriment d'investissements dans les services publics.

Dilma Rousseff a reconnu également que le Brésil avait besoin d'*"oxygéner"* son *"système politique"* en trouvant *"des mécanismes pour rendre les institutions plus transparentes, plus résistantes aux déviances, et surtout plus perméables à l'influence de la société"*. *"Nous avons besoin, mais vraiment besoin, de moyens plus efficaces pour combattre la corruption"*, a-t-elle insisté. Sept ministres soupçonnés de corruption ont été limogés depuis son arrivée au pouvoir en 2011.

La présidente a enfin défendu les dépenses engagées pour l'organisation du Mondial 2014. *"Je veux préciser que l'argent dépensé dans les stades par le gouvernement fédéral (...) sera dûment remboursé par les entreprises et les gouvernements des Etats qui les exploiteront". "Je ne permettrai jamais que les deniers du gouvernement fédéral (...) négligent les secteurs prioritaires, comme la santé et l'éducation. (...) Nous allons faire une grande Coupe du monde !", a-t-elle lancé.*

LE MONDE avec AFP et REUTERS | 22.06.2013 | Autor anônimo

ANEXO 5

A ArtRio, les milliardaires n'achètent pas

La 3e édition de la foire brésilienne d'art contemporain se tient dans un contexte social tendu.

Pluie incessante, fermeture d'aéroport, queues interminables aux stations de taxi. La 3^e édition de la foire ArtRio à Rio de Janeiro n'a pas ouvert ses portes, mercredi 4 septembre, sous les meilleurs auspices météorologiques ou logistiques. Il en faut toutefois plus pour entamer le moral des Cariocas. Le climat social extrêmement tendu du mois de juin n'a pas davantage grevé leur humeur.

Pourtant, une foire d'art contemporain installée à un jet de pierre d'une favela peut sembler décalée dans un pays traversé par de fortes inégalités. La foule qui s'est mobilisée contre l'augmentation du tarif du billet de bus ne risque-t-elle pas de bondir devant les prix parfois astronomiques des œuvres présentées sur ArtRio ?

UN PARADOXE, ICI COMME AILLEURS

"Une foire d'art est un paradoxe partout, ici comme ailleurs, observe Marcio Botner, codirecteur de la galerie A Gentil Carioca à Rio. Mais est-ce qu'en France, si vous aviez à nouveau un Mai-68, les boutiques de l'avenue Montaigne fermeraient ? A quoi cela servirait-il ? En protestant contre une foire, vous n'allez pas au cœur du problème, vous le décontextualisez."

De son côté, la directrice du salon Brenda Valansi s'avoue peu préoccupée par les Black Blocs, un groupe extrémiste qui menace de manifester à l'occasion de la Fête d'indépendance du pays, samedi 7 septembre. *"Nous nous sommes préparés, nous avons la police de notre côté, mais je ne pense pas qu'ils viendront jusqu'ici. Le mouvement n'est pas aussi fort qu'il l'a été au début"*, estime-t-elle. Et d'ajouter : *"Voilà dix ans, notre société était pyramidale. Maintenant, elle s'est élargie en son centre, avec une forte classe moyenne qui désormais sait ce qu'elle veut et le réclame. Ce réveil est positif, ça va de pair avec l'envie de culture. C'est aussi ça le nouveau Brésil."*

Les exposants du salon sont d'ailleurs moins tracassés par les tensions sociales que par la fête juive de Roch Hashana qui a retenu à São Paulo plusieurs collectionneurs importants. Leur cible n'est pas la classe moyenne frondeuse mais les nouvelles grosses fortunes. D'après le magazine *Forbes*, le nombre de milliardaires brésiliens a grimpé de 25 % depuis début 2013. En parallèle, le chiffre d'affaires moyen des galeries brésiliennes aurait progressé de plus de 22 % en un an, selon une étude réalisée par le portail *Latitude*.

"Je ne sais pas combien de temps cela va durer, mais nous vivons une période de boom économique. Il n'y a pas qu'un seul profil de collectionneur, mais aussi bien des petits que des gros amateurs, constate Alexandre Gabriel, directeur de la galerie Fortes Vilaça à São Paulo. Ce phénomène se développe depuis vingt ans, et il s'est accéléré ces dix dernières années." Les poids lourds internationaux ont flairé ce potentiel.

Zwirner, Pace ou Victoria Miro participent pour la première fois à la foire. La puissante enseignes londonienne White Cube croit au long terme : elle a inauguré en 2012 une antenne à São Paulo. Même le jeune galeriste de Belleville, Emmanuel Hervé, n'exclut pas d'ouvrir une

succursale à Rio. *"Les Brésiliens sont à la fois très chauvins et très ouverts. Le fait que le MAR ait ouvert en 2013, et que la collection Daros se soit établie ici est un signe"*, estime le jeune homme. L'élan des galeries étrangères risque toutefois d'être freiné par le poids des taxes à l'importation d'œuvres d'art. D'ordinaire autour de 40 %, elles ont été réduites à environ 25 % le temps du salon, mais ce uniquement pour les acheteurs cariocas. Pas de quoi démonter pour autant les vieux routiers. *"Ici comme partout, les riches possèdent des résidences dans plusieurs pays et peuvent se faire livrer ailleurs, confie un galeriste londonien. On peut toujours contourner le problème."*

DÉFICIT D'ÉDUCATION

Malgré l'éventail des subterfuges, les bourses ne se délient pas facilement. Lors du vernissage d'ArtRio, les acheteurs sont restés prudents. *"Il y a de l'argent, mais cela ne veut pas dire que les gens ont les connaissances nécessaires pour acheter"*, remarque la collectionneuse Mara Fainziliber.

L'éducation, voilà bien le talon d'Achille du marché brésilien. Une faille que le MAR s'efforce de combler en misant sur la pédagogie. L'institution a besoin pour cela de donateurs. Or, comme le regrette Marcio Fainziliber, membre du board du MAR et mécène, *"les particuliers n'ont pas de tradition philanthropique, car il n'y a pas de déduction fiscale. Vous trouvez des avantages fiscaux pour le sport, mais aucun si vous voulez bâtir une école ou un hôpital, ou si vous souhaitez donner des œuvres à un musée."* Cette absurdité, ajoutée au piètre état des services publics et à la corruption, a poussé sa femme Mara à participer aux manifestations de cet été. Au Brésil, on peut être grand collectionneur mais citoyen avant tout.

LE MONDE | 05.09.2013 | Propos recueillis par Roxana Azimi

ANEXO 6

"Il faut marcher dans la sculpture"

Entretien avec l'artiste américain Richard Serra.

Malgré ses presque 100 tonnes, elle a beaucoup bougé. *Slat* est une oeuvre du sculpteur américain Richard Serra, un des plus importants artistes d'aujourd'hui. Composée de cinq plaques d'acier de près de 20 tonnes chacune et d'une hauteur de 11 mètres, *Slat* est arrivée à la Défense en 1984. Mais les graffitis et l'évolution du quartier d'affaires, en bordure de Paris, ont beaucoup fait souffrir la sculpture. Elle a dû être démontée pour être restaurée. Elle est de retour, depuis le 15 décembre, au carrefour de la Folie, au pied de la Grande Arche de la Défense.

L'oeuvre, mise en place par l'Etablissement public pour l'aménagement de la Défense, est, selon Richard Serra, *"un parallélogramme qui, lorsqu'on le pénètre, se transforme pour donner la sensation d'un espace triangulaire. Elle s'ouvre et se ferme à mesure de la marche"*.

Une visiteuse de votre exposition au Musée d'art moderne de New York, en 2007, s'était sentie oppressée par l'échelle de vos oeuvres. N'est-ce pas la même chose avec "Slat" ?

Huit cent mille personnes ont vu cette exposition, et je ne pense pas qu'elles aient toutes ressenti ce que vous décrivez. Je crois qu'elles ont en majorité été intéressées par l'expérience consistant à marcher dans la sculpture. Jusqu'à très récemment, la sculpture était quelque chose que vous pouviez décrire ou dépeindre comme un objet. Ce que je fais, c'est le contraire d'un objet. Je fais un objet, avec un sujet, la personne qui le pénètre et qui va ressentir une expérience. Sans elle, il n'y a pas d'oeuvre. Certaines s'y sentent piégées, mais quelques-unes seulement.

Mes pièces provoquent une sensation de condensation, contraction du temps, ou au contraire son expansion. Un temps de la sculpture, si vous marchez dedans ou autour, qui est différent du temps de l'architecture. L'anticipation ou la mémoire de ce que vous y ressentez sont différentes, les relations subjectives à ce qu'elles évoquent sont différentes.

Le regard des gens sur vos oeuvres a-t-il changé ? A une époque, les riverains protestaient contre la présence de Clara-Clara aux Tuileries. Aujourd'hui qu'elle y est réinstallée, ce n'est plus le cas...

Le tout premier jour de l'installation de *Clara-Clara*, il y avait un père avec son fils. C'était un ingénieur naval. Il expliquait à son gosse que l'une des courbes de la sculpture était exactement la même que l'autre, mais inversée, le haut en bas. Le petit garçon devait avoir 7 ans. Il a grandi depuis avec cette oeuvre en tête, et il a compris cela. Je crois que la résistance est moindre, non seulement parce que mes oeuvres sont plus souvent exposées, mais parce que les gens en comprennent mieux le sens, et qu'elles peuvent faire aussi partie de leur vie. Ce n'est possible que si ces oeuvres sont dans l'espace public.

Mais elles sont parfois dégradées. Votre oeuvre à Bâle est en très mauvais état...

Les Suisses ! On ne sait jamais comment les oeuvres vont être reçues. J'en ai une à Londres qui n'a jamais été taguée. Je reviens de Porto Alegre au Brésil. La totalité de la ville est

graffitée. A l'exception des panneaux publicitaires ! Ils épargnent les choses qui les nient et les oppressent le plus ! Qui leur disent tous les jours d'acheter des choses dont ils n'ont pas besoin.

Les jeunes ne comprennent pas cette contradiction : ainsi, les femmes sont probablement les plus concernées par ces pubs qui les déshabillent pour vendre n'importe quoi, pourtant je n'ai jamais vu un mouvement féministe protester ou les graffiter. Mais ils graffitent l'art parce que cela représente pour eux quelque chose de parfaitement inutile, quand ils n'ont pas grandi avec, et qu'ils y résistent. C'est parfaitement compréhensible. Mais plus ils y seront confrontés, plus ils comprendront que c'est un langage qu'ils peuvent s'approprier, comme celui d'un écrivain ou d'un musicien. Aux Etats-Unis, il y a encore des générations qui résistent au rock'n'roll ou à l'art abstrait. Mais les plus jeunes y sont venus. Et cela varie selon les pays : je n'ai pas aidé Picasso, je n'ai pas aidé Brancusi, je n'ai pas aidé Giacometti. La France l'a fait.

Vous avez dédié une de vos oeuvres, installée chez François Pinault, à l'ancien président du Centre Pompidou, Dominique Bozo. Pourquoi ?

Quand je suis venu pour la première fois à Paris, il m'a beaucoup aidé. C'est lui qui est responsable de *Slat*, et de *Clara-Clara*. Et on est devenu amis, jusqu'à sa mort. Il avait un oeil remarquable. Comme Kirk Varnedoe, ou d'autres conservateurs, comme Alfred Pacquement, il a eu un rôle moteur pour mon travail. Ce que je fais était difficilement diffusable par le marché, à mes débuts. Leo Castelli était un des rares qui ne se demandait pas si ça allait se vendre ou pas. Et la France m'a toujours beaucoup soutenu.

Vous êtes intéressé par le travail de l'Américain Matthew Barney, qui est baroque, et entre la sculpture et le cinéma. C'est très loin de vous pourtant...

La plupart des artistes ne sont pas intéressés par l'oeuvre de ceux de leurs confrères qui travaillent dans le même sens qu'eux. Si je regarde la jeune génération, ce qui m'intéresse chez Matthew Barney, quand il fait ses films, et j'ai joué dans l'un d'eux (*Cremaster 3*, 2002), c'est la façon dont il est capable de négocier un travail d'équipe, réellement collectif, avec des gens très variés, qu'il sait organiser, douze heures par jour.

J'ai une sculpture à côté d'une des siennes dans les locaux de Bernard Arnault, avenue Montaigne. Ces deux oeuvres n'ont jamais été prévues pour être ensemble, mais ça marche bien. J'ai vu l'exposition "Picasso et les maîtres", c'est le même principe, ça tient. Surtout les derniers, quand il est un vieil artiste, et qu'il fait certains de ses travaux les plus inventifs, courageux, énergiques qu'il soit possible d'imaginer.

LE MONDE | 20.12.2008 | Propos recueillis par Harry Bellet

ANEXO 7

L'impact écologique des grands barrages reste à améliorer, selon les ONG

Au Brésil, GDF Suez veut faire du projet de Sao Salvador un modèle de bonnes pratiques.

Dès qu'elles ont eu vent du projet de barrage à Sao Salvador (Brésil), des dizaines de familles pauvres ont afflué vers cet eldorado et se sont installées le long de la rivière Tocantins. Pourtant, le plateau du Cerrado, planté d'arbres maigrichons et parcouru de troupeaux en semi-liberté, n'avait rien à leur offrir. Rien, sinon les dédommagements que les constructeurs accordent aux riverains victimes de la construction de ces grands ouvrages. Parfois, même quand ces sans-terre n'y ont pas vraiment droit.

Mais c'est déjà de l'histoire ancienne. Jeudi 5 février, le président du Brésil devait inaugurer cet ouvrage de 241 mégawatts (MW) construit par un consortium brésilien et GDF Suez. Luiz Inacio Lula da Silva n'a pas d'états d'âme : la consommation d'électricité progresse de 5 % par an et il privilégie le développement économique. Par ailleurs, Sao Salvador n'est pas au nombre des projets épinglés par les écologistes du fait de mauvaises pratiques.

"Il y a un impact négatif, mais nous avons oeuvré pour le réduire, en partenariat avec les municipalités et les associations. Et en allant au-delà des lois et règlements du pays", assure Gil Marannao, directeur du développement de GDF Suez Energy Brazil. Suez a mobilisé 37 millions d'euros (sur un coût de 307 millions) pour un programme environnemental qui doit servir d'exemple (réduction des gaz à effet de serre émis par le lac de retenue, relogement des familles, protection de la biodiversité...).

Pour les groupes français comme EDF, GDF Suez ou Alstom, qui clament leur engagement en faveur du développement durable, ces "éléphants blancs" sont un enjeu pour leur image, pressés qu'ils sont par certains gouvernements, les organisations non gouvernementales (ONG) et la Banque mondiale. *"Des normes internationales se mettent en place, et le poids de la société civile se renforce, même en Chine et en Inde, se félicite Sébastien Godinot, des Amis de la Terre. Mais le point négatif, c'est que les projets sont de plus en plus gros et leur impact environnemental de plus en plus lourd."*

Les promoteurs de barrages y consacrent une part substantielle de leurs investissements, variable selon l'implantation et les populations. *"Il est de plus de 12 % à Sao Salvador", calcule M. Marannao, mais il peut descendre à 6 %, comme à Jirau (3 300 MW), projet phare de Suez au Brésil, ou monter à plus de 20 %. En 2005, le lancement au Laos par EDF du projet Nam Theun 2 (1 070 MW) sur un affluent du Mékong, a marqué le retour de la Banque mondiale - après le rapport critique de la Commission mondiale des barrages sur leur impact négatif. "Sans son feu vert, nous n'y serions pas allés", affirme le PDG d'EDF, Pierre Gadonneix. Pilote du consortium international, la société a dû répondre à un strict cahier des charges, et dépenser plus de 100 millions d'euros (10 % du projet) pour protéger des populations fragiles et la biodiversité de la région. "Il en faudrait trois fois plus, surtout pour les 80 000 personnes affectées en aval", assure M. Godinot.*

UN ÉNORME POTENTIEL

La Coface (assurance-crédit à l'export) est de plus en plus vigilante. Elle n'a pas cautionné le projet de barrage de Merowe (Soudan), dont Alstom est un fournisseur important, "*en raison du manque de transparence et d'études d'impact insuffisantes*", estiment Les Amis de la Terre. Les banquiers sont aussi sous haute surveillance des ONG. Sur le projet turc d'Ilisu (1 200 MW), Ankara n'a pas respecté les 150 recommandations prévues : 70 000 personnes (en majorité kurdes) risquent d'être brutalement déplacées, des sites archéologiques engloutis... Après les agences de crédit allemande, autrichienne et suisse, la Société générale devrait se retirer. "*BNP Paribas, Crédit agricole et Société générale travaillent sur des normes, mais n'ont rien mis en place*", regrette M. Godinot, qui les juge en retard sur HSBC ou Dexia.

L'hydroélectricité représente un énorme potentiel énergétique dans les pays émergents. A lui seul, le Brésil pourrait multiplier par trois ses capacités et ajouter 240 000 MW supplémentaires, note Dirk Beeuwsaert, directeur général adjoint de GDF Suez.

Patron du secteur hydroélectrique d'Alstom, Philippe Cochet estime que "*70 % du potentiel hydroélectrique mondial n'est pas exploité*", mais qu'il ne pourra l'être qu'en respectant les règles. Les firmes exploitant ces usines hydroélectriques devront aussi gérer l'après durant de longues années. C'est la menace la plus lourde, même si ces barrages apportent de l'électricité. Et, avec elle, des promesses de développement.

Les grands barrages

Définition internationale Ce sont les ouvrages de plus de 15 mètres de hauteur dont le réservoir contient au moins 3 millions de m³ d'eau.

Les projets En 2009, 1 201 ouvrages sont en construction selon la Commission internationale des grands barrages. Ils devraient accroître de 19 % la capacité hydroélectrique mondiale. Chine, Inde, Brésil, Japon et Turquie offrent les plus grands potentiels.

LE MONDE | 05.02.2009 | Propos recueillis par Jean-Michel Bezat

ANEXO 8

Dilma Rousseff propose une réforme de la Constitution brésilienne

Les promesses de la présidente du Brésil sont accueillies avec scepticisme par la société civile.

La mine défaite, les yeux cernés, le sourire forcé, la présidente Dilma Rousseff a annoncé, lundi 24 juin, à Brasilia, plusieurs mesures visant à apaiser la colère qui s'est déversée dans les rues du pays depuis près de deux semaines. Les manifestants ont crié jour après jour leur fatigue de la corruption et leur souhait de voir s'améliorer les transports, l'éducation et la santé. La présidente a tenté de les apaiser avec cinq propositions allant d'une baisse des taxes dans les transports à de nouveaux investissements dans la santé et l'éducation.

La mesure la plus spectaculaire, mais aussi la plus discutée par les commentateurs politiques, est de proposer au Congrès *"un débat sur la convocation d'un référendum populaire qui autorise le fonctionnement d'un processus constituant spécifique pour mener la réforme politique dont le pays a tant besoin"*. Derrière cette formule alambiquée, il s'agit de demander au peuple brésilien s'il veut une Assemblée constituante qui modifierait les institutions actuelles afin de mettre en place une réforme politique.

L'annonce semble de poids : la dernière Assemblée constituante remonte à 1986, après le renversement de la dictature militaire et la restauration de la démocratie. Mais les experts font valoir que le chemin est long et les obstacles nombreux avant d'en arriver là. Seul en effet le Congrès peut décider d'un référendum et le Parti des travailleurs (PT, gauche) de Dilma Rousseff n'y a pas la majorité. Par ailleurs, la présidente n'a pas expliqué le contenu des réformes qu'elle souhaitait entreprendre. *"Le Brésil est mûr pour avancer et il a clairement dit qu'il ne veut pas rester où il est"*, a-t-elle simplement affirmé. Selon les médias, la réforme pourrait comporter une modification du système proportionnel, du financement des campagnes et de la durée de passages télévisés des candidats.

UNE ANNONCE FRAÎCHEMENT ACCUEILLIE PAR LES CONSTITUTIONNALISTES

L'annonce a été accueillie plutôt froidement par les juristes et spécialistes en droit constitutionnel. Selon eux, une Assemblée constituante ne peut pas être organisée pour un seul sujet, puisque, par essence, elle permet de changer toute la Constitution. *"Les textes n'envisagent pas de Constituante partielle"*, a souligné Luis Roberto Barroso, dernier juge nommé à la Cour suprême. Deux autres hauts magistrats ont soutenu son interprétation. Marcus Vinicius Furtado, président national de l'Ordre des avocats (OAB), a indiqué qu'il existait suffisamment de lois pour modifier les règles électorales, *"sans avoir besoin de faire appel à une Constitution"*.

La présidente a également promis d'investir 18,5 milliards d'euros dans les transports publics, notamment dans des lignes de métro, mais sans donner d'échéance. Le sujet est sensible : la hausse des prix des billets de bus et de métro, de 20 centimes de réal (7 centimes d'euros), à Sao Paulo, avait servi d'étincelle à l'explosion populaire. Les Brésiliens, déjà exaspérés par l'insuffisance, le coût prohibitif et la piètre qualité des infrastructures, avaient été révoltés par

cette décision quand onze milliards d'euros d'argent public vont être dépensés dans l'organisation de la Coupe du monde de football.

La présidente a encore promis de durcir les peines contre les acteurs de la corruption. Mais elle n'a pas annoncé le retrait d'un projet de loi, dite PEC 37, qui transférera les dossiers de corruption du ministère public vers la police. Beaucoup de Brésiliens y voient une manière d'étouffer les innombrables affaires qui touchent régulièrement les responsables politiques.

Ces annonces de Dilma Rousseff s'ajoutent à celles faites lors d'un discours télévisé, vendredi 21 juin, notamment le versement de l'intégralité des futures royalties tirées du pétrole au développement de l'éducation. La hausse prévue des péages dans l'Etat de Sao Paulo a également été repoussée, comme l'avait été celle du prix du ticket de métro et de bus.

Peu avant son discours, la présidente a reçu des représentants du Mouvement Passe Livre ("libre passage"), qui milite pour la gratuité des tickets de transports. Le MPL a été le fer de lance de la contestation. *"Le dialogue est un pas important, mais sans actions concrètes qui confirment les améliorations pour la population, il n'existe pas de progrès"*, a estimé Mayara Longo Vivian, reflétant l'opinion générale. Le MPL a annoncé qu'il allait continuer *"la lutte pour des transports gratuits"*.

UN TROISIÈME MANIFESTANT TUÉ

De son côté, la société civile s'est d'ores et déjà préparé à des consultations d'ampleur nationale. Des réunions publiques ont eu lieu lundi dans de nombreuses villes du pays pour mettre en forme les revendications. A Rio de Janeiro, avocats, médecins, urbanistes, représentants locaux de partis de gauche et de la Commission des droits de l'homme se sont retrouvés pendant plusieurs heures au siège de l'Ordre des avocats. Ils ont évoqué devant un public de plusieurs centaines de personnes, très jeunes pour la plupart, une réforme du système politique.

Sitôt les annonces de la présidente faites, des centaines de personnes sont descendues dans les rues pour exprimer leur scepticisme. De nouvelles manifestations ont eu lieu dans huit capitales d'Etats du Brésil, dont Porto Alegre (10 000 manifestants), Sao Luis (7 000). A Rio de Janeiro, quelque 2 000 manifestants se sont rassemblés dans le centre-ville. Lors d'un autre rassemblement, à proximité du Complexe de Maré, un groupement de dix-sept favelas de la zone nord, une intervention musclée des forces de l'ordre contre des jeunes casseurs, selon la police, a entraîné la mort par balle d'un individu. Ce décès portant à trois le nombre de morts depuis le début du mouvement, le 13 juin.

Dans la soirée, on apprenait par le ministre de l'éducation, Aloizio Mercadante, que deux dates étaient envisagées pour le référendum : le 7 septembre, jour de l'indépendance du Brésil, et le 15 novembre, anniversaire de la proclamation de la République. Mardi dans la journée, la présidente avait également rendez-vous avec Joaquim Barbosa, le président de la Cour suprême et candidat préféré des manifestants de Sao Paulo, selon un récent sondage, en cas de participation à la présidentielle de 2014.

LE MONDE | 25.06.2013 | Propos recueillis par Nicolas Bourcier et Benoît Hopquin

ANEXO 9

L'irrésistible croissance du marché brésilien du cosmétique

Les ventes de produits de beauté y ont atteint 33 milliards d'euros en 2011, soit une croissance de 142 % en l'espace de cinq années.

Au Brésil, on ne badine pas avec son apparence, même en période de fronde sociale. L'essor de la classe moyenne et la diffusion, au sein de la société, des habitudes de consommation, ont transformé le pays en eldorado pour l'industrie cosmétique mondiale.

Les ventes de produits de beauté y ont atteint 33 milliards d'euros en 2011, soit une croissance de 142 % en l'espace de cinq années.

Cette progression, si elle conservait sa dynamique, pourrait faire passer le Brésil devant le Japon - actuellement deuxième marché mondial (+ 40 % de croissance sur la même période) -, derrière celui des Etats-Unis (+ 7,3 %).

D'après les spécialistes, la demande brésilienne a été particulièrement élevée depuis une demi-douzaine d'années et ne semble pas près de s'atténuer.

Entre 2006 et 2011, la vente des produits d'épilation a par exemple augmenté de 299 %, celle des produits cosmétiques de 281 % et celle des protections solaires de 230 %. Et bien que le pays ne représente qu'à peine 3 % de la population mondiale, il caracole aujourd'hui en tête du marché des déodorants avec 12 % du segment. Les Brésiliens sont également ceux qui dépensent le plus à la surface de globe pour acquérir des parfums.

Globalement, ils consacrent un budget de près de 200 euros par personne et par an à l'achat de produits cosmétiques, mais aussi à la parfumerie et à l'hygiène personnelle. C'est donc un marché sur lequel lorgnent tous les grands des secteurs concernés.

MAGASINS ET LABORATOIRES

Le distributeur Sephora, propriété du géant français du luxe LVMH, avait ainsi ouvert, en juillet 2012, à Sao Paulo, son premier magasin brésilien. Depuis, quatre autres ont été inaugurés et une trentaine devraient ouvrir leurs portes dans les quatre prochaines années.

Installé de longue date au Brésil, L'Oréal, le numéro un mondial des cosmétiques, a quant à lui ouvert, en 2008 à Rio de Janeiro, un laboratoire d'essais et d'évaluation spécialisé dans le traitement des cheveux.

Connaissant notamment le rapport quasi obsessionnel que les Brésiliennes entretiennent avec leur chevelure, les chercheurs ont pu développer toute une gamme de produits destinés à satisfaire ces clientes exigeantes. Ils ont notamment décliné huit catégories de cheveux, avec leur longueur et le nombre d'ondulations.

D'ici à deux à trois ans, L'Oréal devrait encore ouvrir un gigantesque centre de développement et de production à Rio de Janeiro. Les premières démarches ont d'ailleurs déjà été effectuées pour l'acquisition d'un terrain.

Au deuxième trimestre, le groupe a enregistré une progression de 4,2 % de son chiffre d'affaires, à 5,81 millions d'euros au Brésil ; et de 6,4 % si l'on ne tient pas compte des effets de change.

LE MONDE | 25.07.2013 | Propos recueillis par Nicolas Bourcier

ANEXO 10

Brésil : "J'ai mal à mon pays"

De gauche, de droite, de la classe moyenne, de la petite bourgeoisie, le mouvement des révoltés rassemble presque toutes les strates de la société brésilienne. Portraits croisés de "frondeurs".

Ils étaient de la marée humaine qui a déferlé depuis plus d'une semaine dans les rues du Brésil. Comme plus d'un million de compatriotes, avec le soutien de trois citoyens sur quatre, selon les sondages, ils ont protesté contre un système politique dévoyé. Pablo de Amorin Ribeiro et la famille Pacito sont des membres symptomatiques de ce mouvement social qui traverse les catégories, étudiants, classes moyennes, petite-bourgeoisie, gauche et droite mêlées dans une révolte commune.

A Rio de Janeiro, ce jeudi-là, le jeune Pablo avait noué un foulard autour de sa ceinture avant de sortir de chez lui. Non pas qu'il soit un habitué des coups de force contre les policiers – il n'a jamais vraiment manifesté auparavant –, mais les scènes de violence à coups de gaz lacrymogène provoquées par certains membres des forces de l'ordre, observées à la télévision et sur les réseaux sociaux depuis le début des rassemblements, l'ont incité à être prévoyant, *"on ne sait jamais"*, sourit-il.

A 24 ans, Pablo est de la *"génération Facebook"*, comme il dit, depuis déjà huit ans, un tiers de sa jeune vie. Père dans quelques mois d'un premier fils, il croque la vie à pleines dents, avec l'assurance de ceux qui ont appris à savourer chaque seconde de l'existence. *"Je descends manifester parce que ma génération mérite mieux que ce que nos dirigeants nous offrent."*

Etudiant le soir dans un établissement privé de Botafogo, un quartier du centre de Rio de Janeiro, il vit à la Rocinha, la plus grande favela du Brésil avec quelque 120 000 habitants (peut-être plus, personne ne sait vraiment), surplombant les quartiers les plus chics de la ville avec la mer pour seul trait d'union.

Comme tous ses copains de fortune, il se marre quand on lui parle de la police de pacification (UPP), ces unités installées dans trente-trois favelas de la cité carioca dont sa Rocinha, *"occupée"* depuis novembre 2011. *"C'est une fausse sécurité, comme une paix factice, précise-t-il. On voit moins d'armes au grand jour, c'est vrai, mais elles sont là, cachées quelque part, parce que le trafic, lui, il n'a pas changé."* Les UPP sont un peu à l'image de tout le pays, souligne-t-il, une sorte de théâtre des bonnes intentions, où les choses vont peut-être un peu mieux, mais pas comme on le raconte dans les médias traditionnels. *"Tellement de choses sont fausses, tellement d'espoirs ont été déçus toutes ces années, on nous a trop bercés, il faut que cela s'arrête."*

300 À 500 EUROS PAR MOIS

Né d'une mère partie tenter sa chance à Londres voilà plus d'un an et d'un père conseiller en gestion lui venant en aide financièrement, Pablo affirme disposer de 300 à 500 euros par mois, selon ses vacances de barman qu'une boîte d'intérim lui propose. *"C'est encore la même chose, dit-il, d'après le discours officiel je fais partie de cette "nouvelle classe moyenne", mais*

je ne sais vraiment pas ce que cela veut dire au final. Moi, je me sens davantage appartenir aux classes les moins élevées." Il ajoute, sans aucune plainte : "Vous imaginez vivre à Rio, une des villes devenues en quelques années une des plus chères au monde, avec pareille somme par mois ?"

Lorsqu'il a vu les prix des tickets de bus augmenter ces derniers mois, il a bondi. Après les premières manifestations de Sao Paulo, Pablo a naturellement suivi le mouvement. *"Les transports sont non seulement chers, mais en plus ils sont déficients. Pour tout Rio, nous avons deux lignes de métro, c'est ridicule. Pour ma part, je dois prendre parfois deux bus. Même maintenant, après l'abandon par les autorités d'augmenter ses tarifs, je paie donc 11 reais par jour de transports, soit plus de 250 reais par mois, presque un tiers de mon argent."*

Lui-même dit avoir voté pour le candidat d'extrême gauche Marcelo Freixo, contre le maire actuel Eduardo Paes, appartenant au Parti du mouvement démocratique brésilien (centre), membre de la coalition gouvernementale. *"Mon père votait autrefois de temps en temps pour le PT, mais il ne le fait plus. Il ne vient pas plus à la manif, je le fais à sa place", s'amuse-t-il.* Sa jeune culture politique, il dit l'avoir apprise auprès d'un oncle, un proche de Leonel Brizola, le flamboyant leader de gauche (1922-2004), ancien gouverneur et maire de Rio, fondateur du Parti démocratique du travail. Dilma Rousseff faisait partie de cette formation avant de rejoindre le PT. *"Cela ne veut pas dire que je suis dans l'obligation de la suivre. Je ne crois pas que ça soit avec elle qu'un jour j'obtienne un salaire digne", lâche-t-il avant de disparaître parmi la foule des manifestants.*

A Sao Paulo, ce même jeudi, la famille Pacito était un peu surprise de se retrouver au milieu de la masse immense qui déferlait sur la principale avenue de la ville. Paulo, 50 ans, et sa femme, Dialize, 49 ans, n'ont jamais manifesté. Ces plaintes collectives sur la voie publique, ce n'est pas vraiment dans les moeurs de la petite bourgeoisie brésilienne à laquelle ils appartiennent. Ils se savent *"privilegiés"* et, à ce titre, contraints par la décence de se taire. Il ne leur serait jamais venu à l'idée de venir sans l'insistance de Luiza, 17 ans, leur fille unique. *"J'ai tant pleuré qu'ils ont fini par céder." "Très bien, nous irons tous",* a alors décrété Paulo. Dialize a écrit sur un carton un slogan pour dire son ras-le-bol de la corruption et ils sont partis tous trois vers l'avenida Paulista.

"J'AI EU POUR LA PREMIÈRE FOIS L'IMPRESSION DE COMPTER"

Deux jours plus tard, revenus chez eux, dans leur immeuble surprotégé, dans le quartier bien fréquenté de Palmeiras, à 3 800 euros le mètre carré, ils expliquent les raisons de ce coup de sang. Ils sont heureux d'avoir forcé leur nature et d'avoir été là, au milieu de 100 000 autres, pour crier leur mécontentement d'un système politique qui ne tourne pas rond. *"J'étais perdue dans la foule mais j'ai eu pour la première fois l'impression de compter, d'être entendue",* dit Luiza. Il fallait qu'ils le fassent. Ils racontent pourquoi.

Paulo Sergio Pacito est concessionnaire automobile. Né dans une petite ville d'une famille modeste, il colle assez bien au rêve brésilien. Employé de banque, il a créé son entreprise à partir de rien, quand il avait 28 ans. S'amorçaient alors les années 1990, qui virent le décollage économique de son pays. Il a *"travaillé dur"* pour accompagner ce boom jusqu'à avoir aujourd'hui une entreprise de onze salariés. A 39 ans, il a même entamé les études que ses parents n'avaient pu lui payer et est devenu avocat.

Sa femme, Dialize Viera Rocha Pacito, a un parcours presque opposé. Elle est issue d'une riche famille de Sao Paulo, à moitié ruinée par l'hyperinflation qui a sévi dans le pays à la fin des années 1980. Quand on a retiré trois zéros à la monnaie nationale, la fortune a fondu d'autant et enterré les rêves de rente à vie. Dialize a étudié l'orthophonie, ouvert son cabinet qui s'est mis à tourner à plein régime, au diapason de l'économie de son pays.

Les Pacito ne sont pas à plaindre, donc, et ne cherchent pas à l'être. Ils pourraient continuer en silence à payer chaque mois les 500 euros d'une assurance qui leur donne accès aux meilleurs soins ou les 350 euros de l'école privée de leur fille. Cet enseignement de qualité lui ouvrira les portes des meilleures facultés de droit. *"Un jeune issu du système public n'a quasiment aucune chance d'intégrer l'université, tant le niveau est faible et les moyens dérisoires, constate Dialize. Même chose pour la santé publique, qui est dans un état déplorable. Nous nous en sortons car nous pouvons payer, pas les gens pauvres."* *"Pourtant, il y a de l'argent dans ce pays, beaucoup d'argent, explique Paulo. Mais 4 % de la population détiennent 90 % de la richesse."* Les Pacito ne peuvent fermer les yeux sur cette injustice, ne serait-ce que par conviction religieuse : ils sont baptistes dans un pays où les Eglises évangéliques prospèrent sur le besoin de morale.

AUCUNE CONFIANCE DANS LA CLASSE POLITIQUE

De ses fenêtres, la famille voit avancer la rénovation somptueuse du stade de Palmeiras, un des grands clubs de football de la ville. *"Il n'y a pas de bonnes écoles, pas de bons hôpitaux, pas de bons transports mais on va dépenser 11 milliards d'euros pour la Coupe du monde, enrage Paulo. On nous donne le football et le carnaval pour que nous ne pensions pas. C'est de l'aliénation mentale."*

La conversation débouche naturellement sur la politique. Elle prend un tour acrimonieux. Comme tous les Brésiliens, les Pacito n'ont aucune confiance en leurs élus. *"On est homme politique de père en fils, par héritage, explique Paulo. C'est devenu une corporation qui se partage les privilèges."* Et puis il y a la corruption, cette nécrose qui fait enrager Dialize. *"Les hommes politiques ont l'impunité dans ce pays."* Paulo essaye de comprendre cette gangrène : *"Le Brésil est un pays neuf, issu de la colonisation. Les gens sont venus ici pour survivre. Il y a toujours cette idée de prédation, de s'intéresser d'abord à sa situation. Les leaders politiques pensent à eux, à leurs petits-enfants, pas au pays."*

Les Pacito ont toujours voté centre droit. Ils avaient cru en Fernando Collor, élu président du Brésil en 1990, avec un discours rénovateur, avant d'être destitué deux ans plus tard pour corruption. Une énorme déception. En 2002, quand Lula est arrivé au pouvoir, ils ont observé l'homme de gauche avec un mélange d'inquiétude et d'espoir. *"Nous ne partagions pas ses opinions mais nous espérions qu'il allait peut-être moraliser le système, explique Paulo. Il n'en a rien été. C'est avec lui que nous avons connu les pires scandales."*

Leur fille les rabroue gentiment, leur reproche leur pessimisme. Elle fonde de grands espoirs dans le mouvement social qu'elle voit grandir. *"Je ne m'intéressais pas à la politique auparavant. Il y a trop de corruption à droite comme à gauche. Mais ces manifestations marquent pour moi un réveil de la société. J'ai envie de croire qu'elles vont changer les choses."* A ses côtés, Paulo et Dialize laissent dire leur fille. Eux sont revenus de ce genre

d'espoir. Paulo soupire : *"Je suis triste d'avouer ça à un étranger mais j'ai mal pour mon pays."*

LE MONDE | 29.06.2013 | Propos recueillis par Nicolas Bourcier et Benoît Hopquin

ANEXO 11

L'Eglise au risque des évangéliques

Alors que se tiendront les Journées mondiales de la jeunesse à partir du 23 juillet à Rio de Janeiro, les Brésiliens sont de plus en plus nombreux à rejoindre les Eglises évangéliques.

A sa descente d'avion, le pape s'écarte soudain du tapis rouge, il s'agenouille et dépose un baiser sur le sol brésilien. L'image fait le tour du monde, en ce mois de juin 1980, et Jean Paul II peut inaugurer avec allégresse et une ferveur fédératrice cette première visite papale au *"plus grand pays catholique de la planète"*. Pendant treize jours et avec autant de villes visitées, le souverain pontife entraînera quelque 50 millions de fidèles dans son sillage.

L'époque est bénie pour le Vatican. Près de 89 % des Brésiliens se disent catholiques, on prétend même que *"celui qui n'est pas croyant n'est pas brésilien"*. L'institution paraît alors toute-puissante. Elle se donne des allures de forteresse imprenable, sourde aux critiques croissantes des théologiens de la libération. Jean Paul II n'avait-il pas dénoncé, lors de son premier voyage à l'étranger, en janvier 1979, au Mexique, les accents de militantisme politique du clergé et des communautés ecclésiales ? *"Vous n'êtes pas des dirigeants sociaux ni des dirigeants politiques, lança-t-il aux prêtres réunis à Puebla. N'oubliez pas que vous servez l'Evangile en le réduisant à des problèmes de nature terrestre."*

Depuis, les temps ont changé. Jean Paul II est certes revenu par deux fois au Brésil, en 1991 et 1997. Son successeur, Benoît XVI, s'y est déplacé en 2007. Et le pape François s'apprête à fouler le sol de Rio de Janeiro pour un marathon spirituel aux Journées mondiales de la jeunesse (JMJ), du 23 au 28 juillet, première grande manifestation populaire du pontificat de l'ancien cardinal Bergoglio. Mais l'Eglise romaine a d'évidence perdu de son lustre.

D'un côté, elle n'a pas réussi à enrayer son érosion numérique face aux Eglises évangéliques, dont l'inventivité, la proximité et la dynamique de croissance n'ont cessé d'inquiéter l'épiscopat. De l'autre, elle a vu son image écornée par les affaires de pédophilie et de corruption à répétition. Quant à ces théologiens de la libération qui mettaient la curie en garde contre son fonctionnement, ils ont été réduits au silence, le Vatican condamnant ce courant comme une hérésie *"d'autant plus dangereuse qu'elle est proche de la vérité"*...

UNE BRÈCHE CHEZ LES CATHOLIQUES

De fait, les catholiques brésiliens sont passés à 64 % de la population, d'après les chiffres 2013 de l'IBGE, l'Insee brésilien. Une brèche qui a vu une baisse de 15 % du nombre des catholiques âgés de 15 à 19 ans, entre 2000 et 2010. Dans le même laps de temps et pour la même tranche d'âge, les évangéliques ont, eux, progressé de 50 %.

Dans ce Brésil où la diversité et le pluralisme religieux sont extrêmes, ce sont principalement les Eglises pentecôtistes évangéliques qui bénéficient de ce déclin du catholicisme. Un mouvement spectaculaire, d'une ampleur sans précédent, qui s'est développé sur la base d'un message de rupture avec l'ordre symbolique catholique, principalement dans les milieux urbains et périphériques, chez les jeunes et les familles les plus pauvres. Avec cette idée

simple de remettre, précisément, ces problèmes de nature terrestre au centre des lieux de culte, sinon à leur portée.

Avec 60 % des 42,3 millions de protestants évangéliques recensés, le pays est devenu en quelques années la plus grande nation pentecôtiste après les Etats-Unis. Alors qu'ils ne formaient que 6,6 % de la population en 1980, les évangéliques, dans leur ensemble, sont passés à près de 25 % de la population, soit plus de 16 millions de nouveaux fidèles. Ces dix dernières années, leur nombre a augmenté de 70 %, parfois beaucoup plus dans certains quartiers éloignés des grandes villes. Si cette progression devait se poursuivre, ils constitueraient plus de la moitié de la population brésilienne dès 2030.

Cette tendance jette une lumière crue sur l'incapacité de l'Eglise catholique à s'adapter aux mutations d'une société qui, malgré son enrichissement et sa mondialisation accélérée, n'en reste pas moins profondément ancrée dans la foi. Ce que l'ancien président Luiz Inacio Lula da Silva a ainsi résumé avec les mots dont il avait le secret : *"Il est possible que Dieu ne soit pas brésilien, mais au moins il a passé pas mal de temps au Brésil."*

Du temps, il en a fallu avant qu'un pape n'évoque ces mouvements qui concurrencent l'Eglise romaine. Dans un discours prononcé lors du Conseil des évêques latino-américains de 2007, à Aparecida, le lieu religieux le plus important du Brésil, situé entre Rio de Janeiro et Sao Paulo, le pape Benoît XVI a condamné le *"mélange erroné"* entre la foi et la politique. Des paroles qui n'ont pas produit l'effet escompté. Pis, le refus du pape de rencontrer le Père Marcelo Rossi fut interprété comme le "boycottage" d'un des symboles les plus éclatants du "renouveau charismatique", ce courant spirituel apparu au sein de l'Eglise catholique romaine à la fin des années 1960 et dont la liturgie moins traditionnelle forme une sorte de contrepoids au pentecôtisme. Le pape ne multipliera les gestes de réconciliation que plus tard, recevant notamment le "prédicateur" Padre Rossi en 2010, à Rome.

LES CHOIX DE SIMPLICITÉ DU PAPE FRANÇOIS

Originaire du sous-continent, connu pour sa proximité avec les fidèles, souvent les plus pauvres et les exclus, le nouveau pape François a multiplié les gestes d'austérité et de simplicité avant sa visite. Le choix d'occuper une chambre simple de quelques mètres carrés à peine et le refus de rouler en voiture blindée ont séduit.

En début d'année, il se disait que son prédécesseur, Benoît XVI, avait prévu de parler spécialement des femmes et des jeunes au cours de son séjour carioca. Sa renonciation, en février, suivie, au mois de juin, d'un mouvement social brésilien inédit ont modifié la donne. D'après les médias locaux, le nouveau pape a préféré centrer son message sur la lutte contre la pauvreté et la réduction des inégalités, et aussi contre la corruption et sur les questions d'ordre éthique.

Autant de sujets qui ne parviendront pas à arrêter d'un coup de baguette magique l'érosion de la foi catholique, mais qui permettront à l'Eglise romaine de formuler de nouveaux objectifs plus en prise avec la réalité brésilienne. Avec l'idée de colmater les brèches au sein même de l'institution. Le schisme, comme on l'appelle ici, entre les prêtres du Nordeste et d'Amazonie, tournés davantage vers les questions de défense des droits de l'homme, la déforestation

illégal et la lutte pour la reconnaissance des terres indiennes, et les leaders catholiques traditionnels, plus conservateurs, du Sud et du Sud-Est.

Le chemin s'annonce difficile. Selon un récent décompte réalisé par l'Eglise, le pays affiche un déficit de plus de 20 000 prêtres. Sur le terrain des médias, la très évangélique Eglise universelle du royaume de Dieu, fondée en 1977 et connue pour son prosélytisme, s'impose comme un empire prospère. Du reste, sa chaîne de télévision, TV Record, est devenue la deuxième du pays en audience. Au Congrès, l'influent Front parlementaire évangélique, appelé aussi "bancada evangelica", qui compte près de 70 députés sur 513, a notamment réussi à faire adopter un texte délivrant des passeports diplomatiques à ses principaux leaders spirituels, leur donnant un statut équivalent à celui des envoyés du Vatican.

DIFFICILE D'INVERSER LE MOUVEMENT

Dans un curieux jeu d'équilibre et de gestion pragmatique du pouvoir, les autorités brésiliennes ont permis au pasteur évangélique Marco Feliciano, connu pour ses propos racistes, homophobes et misogynes, d'accéder à la tête de la commission parlementaire des droits de l'homme, en mars. Son nom a été l'un des plus vilipendés durant le mouvement de contestation de juin.

L'exemple du pasteur Feliciano, alors qu'il est lui-même l'objet d'une enquête pour détournement de fonds, illustre à quel point son ascension obéit à une vaste stratégie d'occupation du terrain par les évangéliques au sein du pouvoir. Le Front occupe 18 des 72 sièges de la commission de la sécurité sociale et de la famille. Ils sont 14 sur les 36 postes de la commission des droits de l'homme, 7 sur 16 à la commission Constitution et justice. A la commission science et technologie, les évangéliques occupent un tiers des sièges.

Difficile dans ce cadre d'inverser le mouvement. Même avec un changement de paradigme de la part du pape, les réseaux d'influence irrigués par une occupation et un maillage du terrain paraissent solidement installés. Mieux, ce pentecôtisme, socialement conservateur, a montré au fil des ans qu'il pouvait être un facteur non seulement de fraternité communautaire mais d'égalitarisme social, comme le souligne Alain Rouquié, spécialiste reconnu de l'Amérique latine. *"Il a sans doute apporté sa contribution à un nouveau contexte culturel, certes ambigu et à l'origine d'un clientélisme fondé sur des signes religieux, où le fidèle ne fait confiance qu'à son coreligionnaire, mais où les humbles acceptent de voter pour leurs semblables"*, écrit-il.

En termes de stratégie, le pape François a donc choisi de se rendre, lors de sa prochaine visite, dans deux localités de Rio - Guaratiba à l'ouest et la petite favela Varginha dans la zone nord - où les évangéliques prolifèrent. Deux endroits où, comme dans tant d'autres, l'Eglise romaine paraissait lointaine, sinon absente. Des lieux qui permettront de mesurer l'ampleur de la tâche à accomplir pour le nouveau pape dans ce qui demeure encore, malgré tout, le *"plus grand pays catholique de la planète"*.

ANEXO 12

Les vacances au Brésil : pas plus de trois jours

Série "C'est quoi les vacances ?" (6/8). Loisirs, congés, repos : ces mots n'ont pas la même signification ni la même histoire dans tous les pays. Nos journalistes ont enquêté sur les manières de lever le pied à travers le monde. Aujourd'hui, le Brésil.

Trompe-l'œil, le Brésil ? Difficile d'imaginer terre plus touristique, plus fertile et verdoyante, riche de plages blanches et sauvages, de côtes infinies et de folle nature. Le Brésil, avec ses 7 500 kilomètres de littoral, ses déferlements de musiques et de liturgies, de fêtes et de lieux dont la nostalgie vous saisit avant même d'y avoir mis les pieds, comme Rio de Janeiro, Sao Luis, Salvador de Bahia, l'Amazonie encore ou le Pantanal avec ses animaux sortis tout droit de l'arche de Noé. Voilà ce pays de rêve et de vacances... mais sans vacanciers. Ou si peu. "*Comment pourrait-il en être autrement ? Nous sommes le continent du labour*", explique le sociologue Ricardo Antunes, professeur à l'université d'Etat de Campinas.

A regarder les chiffres, à peine 6,2 millions de touristes étrangers auront foulé le sol brésilien en 2013. C'est dix fois moins qu'en Espagne. Presque cinq fois moins que le nombre de touristes venus à Paris en 2012. Longtemps, on a évoqué le manque d'infrastructures, l'état catastrophique des routes, les transports déficients, la rareté et les coûts prohibitifs de l'hébergement. On constate aussi un manque d'engouement chez les vacanciers brésiliens eux-mêmes. Avec l'entrée de près de 50 millions de personnes dans la nouvelle classe dite "moyenne" ces dix dernières années, le marché des loisirs et du tourisme s'est bien sûr densifié dans certaines régions, mais le taux de natifs partant en vacances demeure très faible. Cette année, les prévisions du ministère du tourisme tablent sur une augmentation de 6 % des vols domestiques, avec quelque 215 millions de voyages sur les lignes aériennes – soit à peine un peu plus d'un billet par habitant, dans un pays vaste, où le train n'existe quasiment pas. Comment expliquer une telle désaffection ?

"SURVIVRE PAR LE TRAVAIL"

Historiquement, la révolution industrielle de la fin du XIX^e siècle a légèrement desserré les liens du système patriarcal très autoritaire qui prévalait dans la société brésilienne. "*Mais l'idée de survivre par le travail est restée*", précise Ricardo Antunes. *Trois siècles d'héritage colonial et d'esclavage, abolis tardivement en 1888, marquent encore les consciences collectives, ne laissant que très peu d'espace à la notion de "temps libre", défendue en Europe durant cette même période.*" Christianne Luce Gomes, professeure à l'université fédérale du Minas Gerais et responsable du département d'études consacré aux loisirs, ajoute : "*La faiblesse des revenus, une morale chrétienne toujours très prégnante avec son goût du sacrifice et de l'effort au travail, conjuguées au préjugé de ne pas perdre son temps, forment un cocktail qui ne favorise pas la prise en compte de la notion de vacances, ou ferias.*"

Ce terme portugais *ferias* reste au Brésil fortement prisonnier de sa signification originelle. Il dérive du *feriae* latin qui désigne un jour où l'on ne travaille pas pour des raisons religieuses. Comme le rappelle le psychologue José Clerton de Oliveira Martins, professeur à l'université de Fortaleza et coordinateur d'un laboratoire sur le travail et le temps libre, la langue portugaise est la seule à avoir gardé ce mot pour nommer les jours de la semaine. La *prima*

feira est devenue le dimanche, *domingo*, jour du Seigneur, la *segunda feira*, le lundi, la *terça feira*, le mardi, etc. Au Brésil, on parle donc plutôt de *feriado*, ce jour férié unique accordé par les autorités pendant lequel les familles se précipitent à la plage pour pique-niquer, même par temps gris, au milieu de la foule, dans un joyeux tohu-bohu bon enfant, avant de rentrer chez soi, le soir, en voiture ou en bus surchargés dans les files interminables des embouteillages du retour. Le *feriado*, profondément enraciné dans la coutume brésilienne, ne dure que le temps d'une journée, voire deux ou trois au maximum s'il tombe à proximité d'un week-end. Bien souvent, pour beaucoup de Brésiliens, il tient lieu de vacances.

"TOURISME NATIONAL"

Pourtant, sur le papier, le Brésil est le deuxième pays du monde à signer en 1924 la convention sur le travail de l'Organisation internationale du travail. Le document introduit des jours fériés dans quelques rares branches professionnelles, mais il faudra attendre dix ans avant que les congés payés deviennent un droit pour tous. En même temps, dans les années 1920, les autorités lancent pour la première fois l'idée d'un "*tourisme national*". Des campagnes sont organisées pour promouvoir le carnaval de Rio de Janeiro, qui se professionnalise et s'organise autour des écoles de samba naissantes. La cité carioca gagne un prestige international avec le célèbre Copacabana Palace, sur la plage éponyme, face à la mer, construit en 1923 par la richissime famille Guinle. Mistinguett, la reine de l'opérette parisienne, viendra inaugurer le bal d'ouverture.

Plus loin, Petropolis, la ville impériale, située à moins de deux heures de Rio, se voit dotée au début des années 1940 du plus grand hôtel casino d'Amérique latine, le Quitandinha. Une construction pharaonique dans le pur style normand, à l'extérieur, et rococo hollywoodien pour les intérieurs, avec un lac bordé de sable importé de la plage de... Copacabana. La haute bourgeoisie brésilienne s'y rend, comme au Copacabana, pour voir et se faire voir. D'autres lieux de villégiatures dites "rurales" suivront à Teresopolis, Nova Friburgo ou dans les villes de cure des montagnes environnantes. L'image de vacances réservées à une élite, dans des endroits de luxe, se développe. Les riches Brésiliens partent en vacances en Europe pour la culture, dans leur maison secondaire et dans les palaces en famille, comme l'immortaliseront les films comiques et populaires dits "*chanchada*", précurseurs des séries télévisées, les *telenovelas*.

"ÉCART ENTRE RÉALITÉ SOCIALE ET RÉALITÉ LÉGALE"

En 1943, une nouvelle législation du travail est mise en place, unique dans le continent sud-américain. Le pays est soumis à la dictature de l'Estado novo, implanté en 1937 par le président Getulio Vargas, le seul véritable "caudillo" que le Brésil ait connu. Messager des classes urbaines, apôtre de l'industrialisation, il instaure les huit heures de travail par jour, les quarante-quatre heures par semaine avec un arrêt obligatoire, le week-end "*de préférence*". A cela s'ajoutent trente jours de congés payés par an, à prendre en une seule fois, ou en deux fois à titre exceptionnel.

Cependant, la loi contient un bémol de taille : dix jours de congés peuvent être "vendus" à vil prix à l'employeur, un moyen de pression du patron sur son obligé. "*Dès l'origine, le texte*

portait en lui les germes du populisme, responsable de cet écart entre réalité sociale et réalité légale, analyse Christianne Luce Gomez. Quasiment personne ne prenait l'intégralité de ses congés. Le manque d'argent, les habitudes, les pressions des patrons faisaient qu'on restait chez soi ou en famille." Il n'y aura pas d'âge d'or des vacances au Brésil.

Le jeune Roberto Machado, lui, n'en a jamais pris. Pas plus qu'il n'est parti en voyage avant ses 21 ans. La route, les valises, le stress de prendre la route, les frères et sœurs qui se chamaillent et les parents qui s'énervent ? Ce philosophe reconnu, aujourd'hui âgé de 70 ans, spécialiste de Marcel Proust et de sa *Recherche du temps perdu*, assure n'avoir aucun souvenir de vacances. Non que sa famille n'ait pas eu les moyens, au contraire, le jeune homme faisait partie de la petite élite de Recife, où son père fabriquait des chapeaux. *"Mais personne ne partait, raconte-t-il. Notre jeunesse s'est faite sans même connaître l'idée de vacances. Nous allions quelquefois dans notre cabane en bord de mer, sans électricité ni eau courante. La plage, le foot, les grillades tous ensemble, toutes classes sociales confondues, c'était fantastique, même si cela ne durait que quelques jours."*

UN CADEAU, NON UN DROIT

Durant la dictature militaire (1964-1985), les vacances sont perçues comme une compensation, une sorte de cadeau accordé aux salariés, non comme un droit. A la suite des plans d'industrialisation des années 1960, les journées de travail se prolongent, bafouant les lois en vigueur, quels que soient les secteurs d'activité. La structure élitiste, paternaliste et autoritaire s'enracine. Comme l'écrit justement Charles Vanhecke, dans son *Brésil* (Seuil, 1976), les relations sociales obéissent à un régime de tutelle et de dépendance : le *fazendeiro* et ses paysans, le patron avec ses ouvriers, le chef politique et ses *"clients"*. *"L'époque était à la lutte pour des droits à un travail digne ou contre la répression, pas pour les congés"*, souligne Roberto Machado.

Dans son étude *Histoire des loisirs 1969-1979* (non traduit, 1994), Denise Bernuzzi de Sant'Anna montre bien comment cette notion de "congés" disparaît alors de la vie des travailleurs : tout en censurant les manifestations artistiques, la dictature impose aux Brésiliens une discipline de tous les jours et les seules activités de loisirs sont celles voulues par l'employeur.

La Constitution du 5 octobre 1988, qui met fin à la dictature, inscrira les droits de l'homme et ceux des travailleurs au cœur du nouveau projet démocratique. Les congés redeviennent un droit. Le pays passe aux quarante heures par semaine, un tiers du salaire est versé en prime quelques jours avant la date de l'arrêt de travail posé par l'employé. Les plus aisés des Brésiliens voyagent dès lors à l'étranger, préférant des tarifs d'avion moins chers que ceux des lignes intérieures. Le boom des crédits bancaires des années 2000 permet de payer en 15 ou 20 fois des *"pacotes"*, des formules de deux ou trois jours de repos, tout compris.

"PARADIS DE TRISTESSE"

Au final, les Brésiliens d'aujourd'hui n'ont pas la religion des vacances. *"Les classes travailleuses n'ont pas le temps d'en prendre"*, affirme le sociologue Ricardo Antunes. Avec

des salaires insuffisants – un peu plus de 1 000 reais (325 euros) par mois pour la classe moyenne –, l'orientation de l'économie vers les activités de service, qui touchent près de 12 millions de personnes, et le turn-over de plus en plus fréquent des emplois, les Brésiliens continuent de travailler pour amasser des biens matériels, pas pour jouir de loisirs. De toute façon, la plupart n'y ont pas accès."

Ancien ouvrier tourneur et syndicaliste, l'ex-président Luiz Inacio Lula da Silva avait élevé le travail comme *"une chose quasi magique, quasi merveilleuse"*. Il ajoutait que *"jamais on ne se sentira plus citoyen qu'avec un travail qui permet chaque mois de faire vivre sa famille"*. Le problème, souligne Ricardo Ricci Uvinha, un des directeurs de l'Organisation mondiale du loisir, c'est que plus de 50 % des travailleurs brésiliens exercent une deuxième activité pour boucler les fins de mois, le plus souvent de façon informelle. *"La frontière entre les congés et le travail est devenue totalement poreuse, au point que l'expression "loisirs sérieux" ou "productifs", d'origine nord-américaine, fait florès depuis quelques années"*, précise-t-il. Le Brésil, ce *"paradis de tristesse"* selon Paul Claudel, a de beaux jours devant lui.

LE MONDE | 17.08.2013 | Propos recueillis par Nicolas Bourcier

ANEXO 13

Porto Alegre, le rêve brisé

Comme ailleurs, le vent de la contestation a fortement soufflé sur la ville, où débute le Mondial des Bleus, et parcourt encore aujourd'hui les rues et ruelles de cette capitale de l'« Etat gaúcho ».

La journée touche à sa fin et la chaleur humide qui enveloppe la petite colline se fait moins oppressante. Le long du belvédère, les couples alignés s'enlacent et regardent le soleil amorcer sa plongée au-dessus de l'embouchure du Rio Guaíba. Comme tous les vendredis soirs, une savoureuse odeur de *churrasco*, la viande grillée sur barbecue, s'invite dans le paysage. Il est 18 heures et Porto Alegre fait relâche. Vu de haut, de cette pointe du Morro Santa Teresa, la capitale du Rio Grande do Sul se donnerait même un air de fête.

Debout, le sourire large et éclairé, Claudia Favaro passe en revue l'étendue de sa ville. Architecte, ancienne proche du Parti des travailleurs, le PT, qui marqua durablement de son empreinte la riche capitale de ce sud extrême du Brésil, elle énumère le nom des quartiers nouveaux et anciens, des plus nantis aux miséreux, des faubourgs ouvriers au centre des affaires et de l'air conditionné, comme autant d'images d'un passé de luttes et de conquêtes sociales.

Avec éloquence, elle adoucit certains traits, vantant le dynamisme de ses habitants, ce côté « *cosmopolite* » d'un Porto Alegre qui passa longtemps pour « la ville des Allemands » avant que les colons germaniques ne soient rejoints par d'autres immigrants de la vieille Europe. Et insiste sur cette « *conscience citoyenne* », infiniment plus solide que partout ailleurs au Brésil. Le Rio Grande do Sul n'a-t-il pas été le seul Etat à avoir résisté au putsch de mars 1964 qui déboucha sur vingt et un ans de dictature militaire ?

Seulement voilà. Les temps ont changé et la mairie a passé la main. La cité qui a toujours cultivé si farouchement sa différence est devenue une des douze villes brésiliennes de la Coupe du monde. Avec son lot de travaux en retard, ses dépassements de budgets. Comme les autres agglomérations du pays, elle s'est enrichie. Elle est devenue plus violente aussi. Comme ailleurs, le vent de la contestation de juin 2013 a fortement soufflé et parcourt encore aujourd'hui les rues et ruelles de cette capitale de l'Etat gaúcho, comme on l'appelle.

Etrange panorama. Dans le fond, cette cité autrefois emblématique pour avoir été le banc d'essai d'une expérience originale de démocratie locale renvoie aujourd'hui une curieuse impression de déjà-vu. Une ville microcosme d'un Brésil immuable. Comme si Porto Alegre était rentrée dans le rang. La jeune architecte hausse à peine les épaules : que reste-t-il de l'expérience pionnière de Porto Alegre ?

Assis confortablement dans la salle de réunion du siège du PT de la ville, Olivio Dutra tient dans sa main une grosse *cuia*, ce gobelet de bois servant à la dégustation collective du chimarrao, l'infusion de maté sirotée à toute heure. Une petite croix de jésuites autour du cou — « *parce qu'ils étaient pionniers dans la région* » — l'ancien maire évoque les années passées avec la modestie d'un grand défricheur de la politique : « *Il y a eu quelques divisions, une bureaucratisation du processus.* » Et d'ajouter, non sans humour : « *L'amertume est bonne pour nous.* »

DE PLAIN-PIED DANS L'ÉCONOMIE GLOBALE

Dutra est l'homme qui a fait gagner le PT à Porto Alegre en 1988. Une victoire majuscule pour ce nouveau parti créé huit ans plus tôt par l'ex-leader syndical Luiz Inacio Lula da Silva. La dictature venait à peine de tomber. Le contexte était à la démocratisation du Brésil. L'atmosphère à l'euphorie. Rassemblés dans une large coalition de groupes de gauche et d'extrême gauche, d'églises, d'associations de professeurs et de quartiers, l'élu et le parti conçoivent un dispositif de contrôle populaire du budget municipal. Ce *orçamento participativo* (« budget participatif », OP) permet aux représentants de la société civile d'émettre leur avis sur la ventilation des investissements sociaux de la mairie. Les arbitrages budgétaires sont soumis à la délibération des citoyens, préalablement informés des options, puis rassemblés par quartiers.

« L'amertume est bonne pour nous. »

L'initiative inspirera les altermondialistes, réunis à Porto Alegre lors du premier Forum social mondial en 2001. Elle deviendra l'étendard du parti. Olivio Dutra, tenu plutôt pour un « modéré », fait preuve d'une audace administrative reprise par d'autres municipalités. Lui-même deviendra gouverneur de l'Etat et Porto Alegre restera entre les mains du PT jusqu'à la fin 2004.

Quelque 53 000 familles issues principalement des quartiers les plus pauvres obtiennent une régularisation de leur habitation. La population bénéficiant du tout-à-l'égout passera de 46 % à 74 %. Certains projets de réurbanisation des quartiers, comme celui de la Vila Planetario (*vila* dans le Sud remplace le terme *favela*), dans le centre-ville, ou Vila Santa Isabel, plus excentrée, permettra aux habitants d'être relogés sur place. L'OP entraînera également une redistribution d'investissements publics au profit des périphéries.

Dans le même temps, la bouillonnante Porto Alegre s'inscrit de plain-pied dans l'économie globale. General Motors y produit ses voitures « compacts », le géant Dell ses ordinateurs et le britannique American Tobacco ses cigarettes. Pourtant, après seize ans à la tête de la mairie, le PT est battu aux élections. On évoque l'usure du pouvoir. Une certaine insatisfaction aussi, déjà à l'époque, de la classe moyenne. La promesse encore de l'opposition de maintenir l'OP et son insistance à précipiter une alternance après quatre mandats pétistes. « *On avait perdu le rythme, reconnaît Raul Pont, grand gaillard de 70 ans, cofondateur du PT local, ancien maire et candidat malheureux. On passait même pour être comme les autres. C'était une sorte de perte d'image et de désenchantement avant l'heure. Imaginez, Lula était président et nous on perd ! Oui, les deux premières années du PT à Brasilia avaient été difficiles et, ici, l'opposition s'est réapproprié nos idées.* »

La coalition portée à la tête de la ville est emmenée par le sénateur José Fogaça du Partido Popular Socialista (PPS) et composée de douze partis. L'OP est maintenue mais elle s'intègre dans un processus plus large de gouvernance locale et est davantage liée aux entreprises. De fait, elle perd en intensité. L'architecte Claudia Favaro, comme d'autres, s'éloignera du PT. Elle intégrera les associations de quartiers et groupuscules d'extrême gauche qui foisonnent dans ces villes du Sud brésilien. « *La base est partie et les cadres du PT local, formés au terrain et compétents, ont été aspirés par Brasilia* », dit-elle. Devenue entre-temps cofondatrice du *comite popular* local, la jeune femme souligne les processus d'élitisation des quartiers et les besoins « *toujours aussi considérables* » des vilas de Porto Alegre mis en lumière, selon elle, par les grands projets d'infrastructures prévus pour la Coupe du monde.

Au sud, l'élargissement de l'avenue Tronco prévoit le déplacement de plus de 6 000 familles. La voie donne accès au stade Beira-Rio, fief des Rouges de l'Internacional et qui accueillera cinq matchs du Mondial. Les travaux, commencés depuis deux ans, forment une longue tranchée d'asphalte bordée d'une succession de voies cahoteuses, de bidonvilles et maisons défoncées. Cristal, Divisa, Vila Baraço ou Vila Cruzeiro : les noms des communautés défilent comme autant de témoignages d'une mobilisation passée. Ils étaient 10 000 sur l'avenue en juin 2013 pour réclamer de meilleures infrastructures et une prise en charge plus digne des familles menacées d'expulsion. L'extension de l'ouvrage a été ralentie. A ce jour, un total de 1 500 familles ont été relogées.

"Les gens veulent autre chose que de recevoir des équipes de football."

« Le problème aujourd'hui, c'est que d'un côté les autorités locales nous prennent pour des opposants au progrès alors que nos critiques portent sur les méthodes employées et que, de l'autre, on ne croit plus à cette gauche pétiste qui n'est plus une alternative », souligne José « Zé » Araujo. Projectionniste à la retraite, installé à quelques mètres de l'avenue depuis plus de quarante ans, il a participé à toutes les luttes du quartier. « Bien sûr qu'il y a eu des choses de faites, mais les besoins sont encore tellement importants que l'on a l'impression de revenir en arrière. »

Plus au nord, derrière l'autre stade flambant neuf des Bleus du Gremio, quelque 1 500 familles vivent dans le dénuement le plus complet. Monticules de déchets, toits de tôle sur pilotis, routes de terre défoncées, la Vila Dique est un bidonville accroché en bout de piste de l'aéroport international. Son projet d'extension a entraîné en 2013 la destruction au bulldozer d'une soixantaine de maisons installées au plus près du tarmac. Les débris sont restés et la piste n'a pas avancé d'un mètre. Et pour cause. Une étude géologique réalisée après les démolitions déclara le terrain impropre à la construction.

Lucide, Olivio Dutra sait que la reconquête de la mairie ne sera pas facile. *« Le Brésil a besoin de voix critiques et le PT doit aller plus loin parce que les gens veulent autre chose que de recevoir des équipes de football, ils veulent davantage encore que les conquêtes obtenues par Lula et Dilma, dit-il. Il nous faut plus d'audace démocratique, plus d'actions envers le peuple. »* L'ancien maire repose délicatement son gobelet de maté et assure qu'il ne sera plus candidat. *« La politique n'est pas une profession. »* Il se lève. Sur sa petite sacoche en cuir est gravée une longue phrase de Shakespeare. Elle dit en substance : *« Le fond n'est pas important, les rêves le sont. »*

LE MONDE | 15.06.2014 | Propos recueillis par Nicolas Bourcier

ANEXO 14

Pour la troisième année consécutive, le Brésil affiche une croissance modérée

En 2013, le produit intérieur brut du pays a progressé de 2,3%. Les experts pointent une inflation élevée.

La nouvelle ne pouvait pas mieux tomber pour Dilma Rousseff qui sollicitera un nouveau mandat présidentiel en octobre. Après une série ininterrompue de mauvais résultats et de prévisions toujours plus sombres, l'économie brésilienne vient d'enregistrer une croissance plus forte qu'attendue au quatrième trimestre 2013.

Avec une progression de 0,7 % au cours des trois derniers mois, selon les chiffres de l'Institut brésilien de géographie et de statistiques (IBGE) publiés jeudi 27 février, le pays enregistre une croissance de 2,3 % sur l'ensemble de l'année.

DIFFICULTÉS DE LA PRODUCTION INDUSTRIELLE

C'est la troisième année consécutive que le pays voit son produit intérieur brut (PIB) augmenter doucement. Cette croissance est « *satisfaisante* », a immédiatement souligné Guido Mantega, l'indéboulonnable ministre des finances. Le PIB brésilien avait cru de 1 % en 2012 et de 2,7 % en 2011, après un bond de 7,5 % en 2010, faisant oublier la baisse de 0,3 % de l'année précédente.

Surtout, le géant d'Amérique du Sud s'éloigne du spectre d'une récession technique, qu'avaient évoqué certains économistes après la contraction de 0,5 % enregistrée au troisième trimestre 2013. A titre de comparaison, la croissance du Brésil sur l'année se place loin derrière la Chine (7,7 %) mais devant le Royaume-Uni (1,9 %), l'Afrique du Sud (1,9 %) ou le Mexique (1,1 %).

Les secteurs de la septième économie au monde qui ont le plus progressé en 2013 ont été l'agriculture (+ 7 %) et les investissements (+ 6,3 %). La consommation privée des familles, l'un des principaux moteurs de la croissance depuis des années, n'a augmenté que de 2,3 %. Les services ont eux aussi enregistré un résultat médiocre de + 2 %, loin toutefois des difficultés de la production industrielle qui a chuté de 0,2 % au dernier trimestre. Au total, elle atteint une croissance atone de 1,3 % sur l'année. Un chiffre inquiétant au regard de la chute de 3,5 % de la production du mois de décembre 2013. Elle-même suivie en janvier par une dégringolade de 18,7 % de la production de voitures.

CONJONCTURE INCERTAINE

Malgré ces signaux d'alerte, M. Mantega a affirmé que les conditions étaient réunies pour que le pays atteigne en 2014 une croissance « *un peu meilleure* ». Lundi 24 février, le

gouvernement a abaissé sa prévision de croissance à 2,5 %. Le marché, selon une étude de l'Institut Focus, s'attend, lui, à 1,7 %.

Des experts pointent notamment l'inflation élevée qui affecte sensiblement la confiance des investisseurs privés et des consommateurs. Cette conjoncture incertaine a incité la banque centrale à relever son taux directeur sans discontinuer depuis le printemps 2013. Jeudi, elle a une nouvelle fois relevé le loyer de l'argent, en remontant son taux directeur à 10,75 % malgré le risque de contenir encore un peu plus l'activité économique.

« Celle-ci est très en dessous de ce que requiert la société brésilienne », s'est inquiété Paulo Skaf, le puissant patron de la Fédération des industries de Sao Paulo. Plus modéré, Virene Matesco, professeur à la Fondation Getulio-Vargas, prévoit une période d'« attente » de la part des entrepreneurs : « Nous avons des élections, une Coupe du monde de football et la menace d'une baisse de notre note souveraine de la part des agences de notation. C'est une année atypique. »

LE MONDE | 28.02.2014 | Propos recueillis par Nicolas Bourcier

ANEXO 15

"La diversité, avantage concurrentiel de l'entreprise"

Fadela Amara et Gérard Mestrallet débattent de l'intégration professionnelle des jeunes issus de l'immigration

Lui est polytechnicien et énarque, patron de GDF Suez, président de la Fondation Agir contre l'exclusion (FACE). Elle, a fait "*l'ENA de la rue*" et est devenue secrétaire d'Etat chargée de la politique de la ville à la faveur de l'ouverture prônée par Nicolas Sarkozy. Les parcours de Gérard Mestrallet, 60 ans, et Fadela Amara, 45 ans, sont aux antipodes. Mais ils se retrouvent sur le constat d'une société française en profonde transformation sur la question de la diversité, sociale et ethnique. Où l'on s'aperçoit que les grandes entreprises sont probablement en avance sur la société, la fonction publique et les partis politiques.

Les grandes entreprises ont fait beaucoup d'annonces sur la diversité. Politique de communication ou vrai tournant ?

Fadela Amara : Je n'ai pas envie de culpabiliser les entreprises en les mettant au pilori à cause des pratiques discriminatoires. Cela existe évidemment. Mais je constate une évolution importante. Sans attendre de directive politique, les chefs d'entreprise ont compris que la diversité est un atout.

Ce n'est pas de la compassion. Je ne crois pas à la philanthropie des entreprises. Il s'agit d'une démarche de compétitivité et c'est ce que je trouve très positif. Car les habitants des quartiers ne veulent pas être perçus de façon misérabiliste et bénéficier de politique d'assistanat. Ils veulent être traités comme les autres. Ni plus ni moins.

Gérard Mestrallet : Il s'agit d'un mouvement structurel. Aujourd'hui, il est évident pour toutes les grandes entreprises que la diversité est un avantage concurrentiel. Ne pas prendre en compte ce vivier de recrutement, se priver d'éventuels talents serait une erreur et une faute. C'est l'intérêt bien compris des entreprises que d'avancer sur ce sujet.

Pour certains secteurs comme le nôtre, où la problématique du recrutement est centrale, c'est encore plus évident : GDF Suez doit embaucher 100 000 personnes d'ici à 2013. Nos métiers dans l'énergie et l'environnement nous amènent à intervenir au coeur des villes, des villages et des quartiers. Nous devons ressembler aux territoires pour lesquels nous travaillons. Donc, on expérimente, on tâtonne. GDF Suez a créé des bourses pour des étudiants issus de zones d'éducation prioritaire (ZEP). Nous travaillons avec des associations locales qui nous proposent des candidats, suivis par des coachs en interne. Nous soutenons les écoles de la seconde chance. Nous avons mis en place des classes passerelles pour les jeunes en échec.

Comment expliquez-vous cette évolution ?

G.M. : La compétition internationale et la mondialisation ont contribué à l'intensification de la diversité au sein des entreprises. C'est une force pour une entreprise mais aussi à l'échelle d'un pays. Regardez le Brésil. Le fait d'être une société totalement métissée lui donne une force inouïe. Pour moi, c'est un des principaux facteurs de son émergence parmi les grandes puissances. De ce point de vue, la composition sociologique de la France devrait être un

avantage, nous permettant d'être moteur en Europe. On se focalise souvent sur les signaux sombres, mais voilà un indice de confiance très fort.

F.A. : Nous sommes en train d'accoucher d'une France diverse, d'une République métissée. Le mouvement n'est pas spectaculaire et ne se voit pas devant des caméras. Mais les discours et les pratiques ont radicalement évolué grâce à un travail de fourmi. C'est d'autant plus important que nous sommes un pays vieillissant. Or, où sont les jeunes ? Dans les quartiers. S'en priver, ce n'est pas seulement une injustice, c'est contre-productif. La société n'en a peut être pas encore conscience, mais les grandes entreprises l'ont bien perçu.

Comment se traduisent ces engagements ?

F.A. : Le monde économique n'est plus absent des discours politiques sur les banlieues. Les dispositifs imaginés par le passé - zones franches urbaines, zones de redynamisation urbaine - ont permis à des entreprises de s'installer dans des quartiers sensibles. Les raisons étaient d'abord fiscales. Aujourd'hui, le mouvement est complètement différent : les patrons que je rencontre veulent s'impliquer et conduire des politiques plus intenses. Ça n'est plus un intérêt de court terme, c'est une vision de long terme. Regardez les 20 000 jeunes engagés par des entreprises, sous forme de CDD, de CDI ou de stages, dans le cadre de la dynamique "Espoir banlieues".

G.M. : Un patron moderne ne prend pas des décisions uniquement pour une incitation fiscale. Ce qui se passe en ce moment est plus profond. Deux exemples. Dans le domaine de l'enseignement et de la recherche, l'université Dauphine a créé une chaire sur le management de la diversité. Au sein du temple du management, ce n'est pas rien. La diversité est aussi devenue un objet du dialogue social. Nous avons signé un accord sur la diversité à l'unanimité des syndicats européens. Les objectifs sont précis et il sera facile d'évaluer s'ils sont tenus. On n'est pas dans une opération marketing, on a pris des engagements concrets.

La fonction publique semble évoluer plus lentement que les entreprises. Pourquoi ?

G.M. : La fonction publique a longtemps été le rêve de beaucoup de parents pour assurer l'ascension sociale de leurs enfants. Mais aujourd'hui, beaucoup privilégient, à juste titre, la promotion sociale par l'entreprise, jugée plus ouverte et plus flexible.

F.A. : Notre système de recrutement contribue à la reproduction sociale : un tri social a lieu en amont des concours eux-mêmes. Mais il existe aussi, c'est un fait, une noblesse d'Etat qui ne voit pas d'un bon oeil l'émergence d'une élite des quartiers. Le président de la République a eu le courage politique de nommer des Rachida Dati ou des Rama Yade au gouvernement. C'était un message très fort qu'il faut poursuivre. Nous mettons ainsi en place des classes préparatoires intégrées aux grandes écoles de la fonction publique. Ces classes, qui concernent 15 à 20 élèves, sont déjà créées à l'Ecole nationale d'administration (ENA), dans les Instituts régionaux d'administration (IRA), dans les écoles de la magistrature, de l'administration pénitentiaire, de la police...

Les partis politiques n'ont pas suivi, si l'on en juge par les dernières élections municipales et européennes...

F.A. : Le sommet de l'Etat a bougé. Les partis politiques, eux, ont toujours tendance à être repliés sur eux-mêmes. C'est le cas sur la diversité et ça l'est toujours pour les femmes alors

que la question est nettement plus ancienne. Il faut que l'effort soit accentué. Qu'on ait des élus, des préfets, des procureurs, des directeurs issus des classes populaires et des quartiers.

LE MONDE | 03.10.2009 | Propos recueillis par Luc Bronner

ANEXO 16

A Belém, les altermondialistes se recentrent sur le combat écologiste

Près de 100 000 personnes sont attendues, aux portes de l'Amazonie, pour la nouvelle édition du Forum social mondial qui se tient jusqu'au 31 janvier.

Où sont passés les altermondialistes ? Alors que la crise financière a ébranlé les certitudes des plus fervents libéraux, ceux qui, il y a près de dix ans, dans le fracas du premier échec de l'Organisation mondiale du commerce à Seattle (Etats-Unis), allaient s'imposer comme une force montante de l'opposition à la globalisation libérale, font figure d'absents dans les débats sur la réforme du capitalisme, inscrite à l'agenda des grandes puissances et notamment à celui du Forum de Davos, qui se déroule cette semaine.

Huit ans après sa première édition à Porto Alegre, le Forum social mondial (FSM) s'est ouvert, mardi 27 janvier, pour cinq jours à Belém, aux portes de l'Amazonie, renouant avec le Brésil après des détours par l'Asie et l'Afrique, et une année "blanche" en 2008, durant laquelle le Forum fit place à une journée d'action mondiale passée assez inaperçue. Signe de l'attraction que continue d'exercer sur les mouvements de la société civile cet espace unique de rencontres et de débats, près de 100 000 personnes sont attendues dans la capitale de l'Etat du Parà.

Hors course les altermondialistes ? *"Le Forum social mondial s'alimente d'un renouvellement permanent d'organisations qui veulent rejoindre le processus"*, assure Catherine Gaudard, du Comité catholique contre la faim et pour le développement (CCFD), tout en reconnaissant que le mouvement a perdu en visibilité.

Tout le monde ne partage pas cet optimisme. *"Le mouvement s'est diffusé en Amérique latine, car il a coïncidé là-bas avec une vague progressiste; en Europe, il s'est vite essoufflé, et ailleurs il n'a pas pris"*, considère Gustavo Marin, de la Fondation pour le progrès de l'homme, qui juge en outre sévèrement la *"production"* du FSM : *"Concrètement, elle se résume à trois documents."*

"LES PLUS PAUVRES PREMIÈRES VICTIMES DU DÉRÈGLEMENT CLIMATIQUE"

De fait, en 2005, pour que le rassemblement ne se limite pas à un grand cri de protestation, des cahiers de propositions avaient été rédigés. Mais l'initiative est restée sans lendemain. *"Il n'y aura pas une seule voix altermondialiste nous donnant un nouveau modèle idéal de société. La crise actuelle nous fait voir plus clairement l'absurdité de certains mécanismes pervers du capitalisme. Mais l'autre monde auquel nous croyons se construira dans la diversité"*, explique le Brésilien Chico Whitaker, un des fondateurs du Forum. Il rappelle que la régulation plus stricte des marchés et le contrôle des paradis fiscaux dont il est aujourd'hui question sont des idées qui ont été portées par les altermondialistes.

Si la crise financière est au centre des débats, le Forum 2009 prend toutefois une coloration nouvelle, avec la place accordée au changement climatique et à la crise écologique. *"Ce signal est très important. Le changement climatique n'est pas seulement une question*

environnementale, et il est urgent que les mouvements sociaux s'en emparent. Les populations les plus pauvres seront les premières victimes du dérèglement climatique", explique Katia Maïa d'Oxfam International, qui voit là une opportunité de renforcer les liens entre ONG de protection de l'environnement et mouvements sociaux.

C'est aussi l'espoir de Candido Grzybowski, le directeur de l'Institut brésilien d'analyses sociales et économiques : *"Ceux qui veulent préserver l'environnement doivent prendre en compte le sort des populations."* Lutte contre le réchauffement, agrocarburants et sécurité alimentaire, accès aux ressources naturelles, dette écologique... Les sujets où se croisent l'environnement et les luttes sociales ne manquent pas. L'Amazonie en est le meilleur symbole, et le Forum compte bien peser dans le débat international.

Belém sera aussi l'occasion pour plusieurs milliers d'Indiens, représentants de ces peuples autochtones si peu pris en compte dans les discussions internationales, de faire entendre leur voix. Leur survie dépend des décisions que les Etats prendront ou pas pour préserver les grands écosystèmes planétaires.

Un espace de rencontres pour 129 ONG

Les trois premières éditions du Forum social mondial (FSM), qui se veut *"un espace ouvert de rencontres plurielles, diversifiées, non gouvernementales et non partisans"*, se sont d'abord tenues à Porto Alegre, au Brésil, puis en Inde, avant de revenir vers Porto Alegre. En 2006, le FSM a été organisé simultanément sur trois continents : au Mali, au Pakistan et au Venezuela.

129 organisations non gouvernementales participent à l'élaboration de ces rencontres qui visent, selon les initiateurs, à *"la formulation de propositions, l'échange d'expériences et l'articulation entre les organisations et les mouvements engagés dans des actions concrètes pour la construction d'un autre monde, plus solidaire, démocratique et juste, du niveau local à l'échelle internationale"*.

LE MONDE | 27.01.2009 | Propos recueillis par Laurence Caramel

ANEXO 17

Au Brésil, l'Etat d'Acre mesure le "bien-être durable"

Le territoire amazonien a élaboré un indicateur de développement humain qui s'appuie sur l'environnement.

A la simple lecture des statistiques, il ne fait pas bon vivre dans l'Etat d'Acre, au Brésil, petit territoire de l'Amazonie. Il affiche de piètres résultats en matière de développement humain, à en croire l'indicateur des Nations unies, calculé depuis 1990, et qui évalue à côté de la richesse matérielle (le produit intérieur brut, PIB, par habitant) l'accès des populations aux services de santé ou à l'éducation.

Pourtant les habitants de cette région de forêts ne sont pas plus mal lotis que les exclus des bidonvilles de Rio de Janeiro ou de Sao Paulo. Au contraire. Mais l'essentiel de leurs échanges échappent à la comptabilité nationale qui, de la mégalopole au village amazonien, utilise la même grille de lecture pour juger du bien-être d'une société.

"Imaginez que la forêt constitue le supermarché où nous faisons l'essentiel de nos courses, mais cela n'apparaît nulle part car il y a peu d'échanges monétaires. Du coup, il est facile de conclure que nous sommes sous-alimentés", explique Carlos Duarte, secrétaire d'Etat d'Acre à la forêt. Il est tout aussi réducteur de croire que les citoyens d'Acre ne peuvent pas se soigner, l'accès aux infrastructures modernes de santé étant moins aisé que dans les grandes villes ; ou qu'ils sont mal logés, disposant rarement d'un "habitat adéquat" qui, au sens de l'office des statistiques nationales, doit être construit en dur, comporter deux pièces et être entouré d'un trottoir pavé. En réalité, les soins sont souvent assurés par une médecine traditionnelle qui tire ses remèdes des plantes, et les "caboclos" - ces métisses qui forment le gros de la population - vivent dans des maisons en bois construites sur pilotis, mieux adaptées au climat que des cubes de béton.

Au début du XX^e siècle, grâce au boom du caoutchouc, l'Acre était une région riche. Au point de fournir près du tiers du PIB brésilien. La concurrence asiatique a mis un terme à cette épopée, il y a longtemps. Les élus de la région continuent toutefois de penser que leur forêt mérite d'être préservée et qu'elle rapporte plus "debout" que livrée à l'exploitation industrielle, ou convertie en pâturage ou en champs de soja.

Cette idée aujourd'hui défendue par le gouverneur Binho Marques, du Parti des travailleurs, reprend le vieux combat des "seringueiros", les ouvriers chargés de récolter le latex dans les plantations d'hévéas. Restait à en faire la démonstration. L'Acre s'est donc tourné vers des économistes afin qu'ils construisent un nouvel indicateur de richesse : l'indicateur de "bien-être durable".

"Nous avons élaboré un indicateur de développement humain en y intégrant une dimension environnementale", explique le coordinateur du projet André Abreu, de la fondation France Libertés. Qualité des sols, réserves en eau, préservation de la biodiversité, émissions de CO₂, etc. ont été pris en compte à côté de critères plus traditionnels : revenus, santé, éducation, logement. Ce travail réalisé par l'économiste Jean Gadrey et une équipe de chercheurs de l'université de Lille, vient d'être achevé. Il reste à le faire valider par la population : *"Nous allons lancer une consultation auprès des différents groupes sociaux pour être sûrs que notre indicateur reflète leur conception du bien-être",* poursuit M. Abreu.

Parallèlement, le gouvernement a entrepris de mieux valoriser la production liée à la forêt pour améliorer les revenus de la population. *"Il y a quelques années, un hectare valait 20 dollars quand la même surface plantée en soja pouvait rapporter 600 dollars. A ce prix, il était très difficile de lutter contre la déforestation"*, constate M. Duarte. *"Aujourd'hui, grâce aux filières commerciales consolidées autour du latex, des fruits, des plantes et essences pour les cosmétiques ou la pharmacologie, un hectare peut rapporter au petit exploitant près de 300 dollars par an. Et ce revenu est pérenne car l'exploitation respecte le renouvellement des ressources"*, assure l'ancien ingénieur forestier.

Dans une Amazonie chaque jour davantage grignotée par l'avancée des grandes exploitations agricoles, la forêt doit sa survie à la population qui l'habite. *"Ouvrir notre région à l'agrobusiness aurait débouché sur de graves conflits sociaux"*, reconnaît M. Duarte. Les déconvenues d'autres régions brésiliennes ont fini de convaincre qu'il fallait persévérer dans cette voie. L'Etat de Bahia s'est rué vers les plantations d'eucalyptus pour alimenter l'industrie de la pâte à papier. Quinze ans après, les sols sont ruinés, les nappes phréatiques épuisées et la plupart des entreprises sont parties. Le mirage de la richesse aura été de courte durée. Les autorités en ont tiré la leçon. Elles réfléchissent à leur tour à une autre mesure de la richesse.

LE MONDE | 02.03.2009 | Propos recueillis par Laurence Caramel

ANEXO 18

"La Terre des hommes rouges" : au coeur de la révolte des Indiens Kaiowa

Marco Bechis transpose en fiction le désespoir d'un clan de Guarani du Mato Grosso do Sul (Brésil).

Au bord d'un fleuve où glisse une barque emplie de touristes apparaît un groupe d'Indiens, masqués par un bosquet. Ils sont quasi nus, maquillés, apparemment stupéfaits de cette intrusion sur leur territoire. Ils lancent mollement une flèche qui tombe à l'eau. La scène suivante les montre ôtant leurs déguisements et percevant leur salaire de figurants, avant de s'en retourner dans la réserve où ils sont parqués.

Beaucoup de choses sont dites dès cette première scène : l'obligation, pour ces Indiens de la tribu kaiowa du Brésil, de mimer ce qu'ils furent, jusqu'à la caricature. De leur identité, leur image, il ne leur reste plus que cette dérisoire mise en spectacle, une mascarade comme symptôme de ce que le monde attend d'eux, à l'issue de laquelle ils n'ont plus qu'à revêtir le jean et le tee-shirt des inféodés à la société de consommation.

Birdwatchers, le titre original du film de Marco Bechis, donne une autre clé de lecture à ce qui n'est ni fiction ni documentaire : une histoire jouée par d'authentiques Guarani du Brésil, étayée par des faits vrais, par une enquête sur les humiliations subies, la spoliation de leurs terres par les fermiers blancs et la dissipation de leur culture.

Ce titre ironique, *Birdwatchers* - ceux qui observent les oiseaux - désigne aussi bien les touristes guettant le pittoresque d'un indigène local que les indigènes eux-mêmes, qui ont tant perdu de leurs coutumes dans une forêt dévastée qu'ils savent à peine chasser... sinon le propriétaire, cet oiseau impérialiste.

PRÉDATEUR RACISTE

La chasse la plus pratiquée et la plus efficace, ici, est d'ordre sexuel, c'est celle des garçons lorgnant les filles. D'un côté, un flirt indigne aux yeux des Blancs : l'idylle entre l'adolescent indien et la fille à la Vespa, fille d'un riche fermier. De l'autre, un rapport de force entre prédateur raciste et sauvage affamé : l'acte de luxure qu'un fermier ivre veut imposer à une Indienne qui le traite d'"*homme à la belle queue*", et qui en profite pour lui dérober son revolver. Ainsi les étreintes se font-elles dorénavant entre occupants et occupés, et sans procréation. C'est la fin des Guarani qui n'ont plus rien à transmettre, et plus personne à initier.

Marco Bechis tourne délibérément le dos aux films ayant déjà montré ces Indiens du Mato Grosso, avec vedettes hollywoodiennes : *Fitzcarraldo* de Werner Herzog, *La Mission* de Roland Joffé, *Le Nouveau Monde* de Terence Malick. Plutôt que de faire de l'explorateur blanc la figure centrale du récit, il peint la révolte de cette tribu qui, contestant la légalité des possessions agricoles, viole les terres qui lui furent volées, dresse un campement hors du périmètre qui lui est dévolu et impose l'intervention du chaman.

La mort qui guette ces Indiens assiégés et brimés est d'autant plus rapide que nombre d'entre eux (les jeunes surtout) se suicident pour échapper à leur souffrance d'ici-bas et revivre ailleurs, dans une autre dimension. Ils croient aux esprits, aux présences maléfiques, à l'éternité de leur âme. Mais ils sont alors maudits par les survivants pour lesquels ils ont déserté, abandonné le combat collectif. La tribu s'éloigne au plus vite des cadavres des pendus, ensevelis avec leur téléphone portable et leurs chaussures de sport, ces fétiches de la société ennemie, signes de leur trahison.

La musique de ce film qui se termine par un cri de fauve est l'ingrédient qui transcende ces strophes de rébellion. Elle est due à Domenico Zipoli, un missionnaire de l'ordre des jésuites mort en 1726. Baroque, majestueuse, tempête de chœurs, elle octroie une dimension mystique.

Film italo-brésilien de Marco Bechis avec Abrisio da Silva Pedro, Ambrosio Vilhalva, Claudio Santamaria, Chiara Caselli. (1 h 46.)

LE MONDE | 16.12.2008 | Propos recueillis par Jean-Luc Douin

ANEXO 19

Le chantier de la Cité de la musique à Rio de Janeiro a été suspendu

Discussion sur le financement par la nouvelle municipalité.

C'est une histoire joliment "carioca", qui devrait donc faire se succéder insultes et embrassades. En cause : le financement de la Cité de la musique de Rio de Janeiro, dessinée par le Français Christian de Portzamparc - déjà auteur de celle de Paris - et pratiquement terminée. Le 1^{er} janvier, le maire nouvellement élu, Eduardo Paes, du Parti du mouvement démocratique (PMDB), annonce, parmi une série de mesures visant à réduire les dépenses de la ville, que les travaux de la Cité sont suspendus pour une période de quatre mois.

Le projet, lancé en 2002 par l'ancien maire de Rio, Cesar Maia (Parti libéral, DEM), avait alors été estimé à 80 millions de reals (moins de 25 millions d'euros). L'édifice en a déjà englouti 518 millions, soit près de 160 millions d'euros. Il ne manque plus que quelques mois de travaux, et, selon la mairie, 40 millions de reals, 80 millions selon le constructeur.

La Cidade de musica est une magnifique construction en lévitation, à Barra da Tijuca - quartier de tours résidentielles de la zone ouest -, qui s'étend sur plus de 95 000 m². Le gros oeuvre est terminé et une partie des finitions, difficile à évaluer, alors même que le projet pourrait être en partie amendé. Survolant la Barra da Tijuca en hélicoptère, Portzamparc n'avait pas été exalté par le site. Mais l'idée d'inventer un projet culturel au milieu de "*ce centre impossible*" l'a conduit à imaginer un dispositif naval au coeur des boucles d'autoroute, et de penser une Cité surélevée, composée de deux terrasses d'où l'on pourrait "*découvrir les montagnes, la mer, la ville*".

Le projet, qui avait été plutôt bien accueilli, a cependant été victime d'une certaine fantaisie locale, que Portzamparc ne peut que constater. Ainsi, la Cité à peine commencée, la mairie a préféré miser sur les Jeux panaméricains de juillet 2007. En 2006 et 2007, les entreprises ont été priées d'arrêter le chantier et d'attendre sagement pour être payées - situation rarement propice à la maîtrise d'un tel chantier.

PORTE-AVIONS MÉLODIEUX

En 2008, cependant, M. Maia décide de mettre les bouchées doubles. Jusqu'à trois mille ouvriers travailleront alors pour finir ce grand porte-avions mélodieux, de façon qu'il puisse être inauguré au moins en partie par le maire, qui termine son troisième et dernier mandat le 31 décembre 2008. L'élection a lieu fin octobre, et c'est le centriste Eduardo Paes, du PMDB, proche de Lula, qui obtient 50,8 % des voix, devançant le candidat du Parti vert. Paes prend ses fonctions le 1^{er} janvier et décide donc la suspension des travaux pour quatre mois, le temps d'étudier le financement et la validité du projet.

Selon le quotidien *Folha de Sao Paulo*, il aurait consommé en 2008 "*un quart des investissements en travaux de la mairie*". Faisant valoir que de nombreux Cariocas auraient préféré une réalisation plus modeste, et que les sommes dépensées pour cette réalisation auraient dues être investies dans l'éducation et la santé, dont Rio a cruellement besoin. Ni Portzamparc ni son travail ne sont mis en cause. Au Brésil, l'architecte n'a aucune maîtrise sur les appels d'offres et les contrats avec les entreprises. C'est Rio Urbé, importante entreprise

municipale d'urbanisation, qui a géré les coûts, et l'Atelier Portzamparc assure n'être en rien responsable de la dérive des dépenses.

L'inauguration souhaitée par M. Maia a été annulée et remplacée, le 26 décembre 2008, par un plus modeste concert, auquel M. Paes n'a pas souhaité assister. Mais le quotidien *O Globo*, dès le 29 décembre 2008, s'est porté au secours de la Cité, décrivant avec lyrisme ses qualités architecturales et la qualité de son acoustique. Au reste, Portzamparc, dont la Cité est terminée à 95 %, ne se montre pas très inquiet. *"Depuis le début"*, nous dit-il, il s'est préoccupé *"des dimensions populaires de sa Cité, notamment de la présence de la danse et de l'enseignement"*.

Aux premières heures de l'ère Paes, Christian de Portzamparc a rencontré longuement Jandira Feghali (PC), candidate à la mairie, que M. Paes a intégré à son équipe comme secrétaire à la culture. Dans les prochains jours, Paes, Feghali, ainsi que les nouveaux responsables de la candidature de Rio aux Jeux olympiques de 2016, devraient visiter avec l'architecte ce chantier si vite inauguré.

LE MONDE | 06.01.2009 | Propos recueillis par Frédéric Edelmann

ANEXO 20

Le Brésil mène la bataille contre l'hégémonie américaine sur le Web

Un sommet visant à « désaméricaniser » la gouvernance d'Internet s'ouvre à Sao Paulo.

Au départ, il y a un gros coup de colère de la présidente brésilienne Dilma Rousseff. A l'arrivée, le sommet international sur la gouvernance de l'Internet, qui doit avoir lieu à Sao Paulo les 23 et 24 avril, a l'ambition de s'attaquer à rien moins que l'hégémonie américaine sur la Toile.

Lorsqu'en septembre 2013, M^{me} Rousseff apprend, grâce aux révélations d'Edward Snowden, que l'Agence de renseignement américaine (NSA) intercepte ses communications et celles des responsables dirigeants brésiliens, elle s'indigne sans retenue.

LA « DÉSAMÉRICANISATION » DES INSTANCES MONDIALES

A la tribune des Nations unies à New York, elle affirme que la surveillance de masse du Net est incompatible avec la liberté d'expression, la démocratie et la souveraineté nationale. Elle exige des Etats-Unis « *des explications, des excuses et des garanties que de telles opérations ne se répéteront jamais* ». Et annule même une visite d'Etat à Washington prévue de longue date.

M^{me} Rousseff préconise aussi un changement radical dans la gouvernance des organismes qui assurent le fonctionnement du Web au niveau mondial – adresses, noms de domaines, normes, protocoles, etc. Pour des raisons historiques, ces instances sont souvent sous la tutelle des Etats-Unis.

Leur « désaméricanisation » est une revendication déjà ancienne, qui est régulièrement reprise par de nombreux pays. Les Etats-Unis l'ont certes toujours rejetée, mais, cette fois, les partisans de la réforme se sentent en position de force, après l'onde de choc provoquée par le scandale des écoutes de la NSA.

OFFENSIVE DIPLOMATIQUE

Fait nouveau, la fronde se développe au sein même des organes de gouvernance. Réunis en octobre 2013 à Montevideo, la capitale de l'Uruguay, les dirigeants d'une dizaine d'entre eux se déclarent favorables à un mode de gouvernance plus « *multilatéral* », c'est-à-dire moins américain.

Ils souhaitent commencer par l'Icann (Internet Corporation for Assigned Names and Numbers), chargée de gérer les noms de domaines et adresses Internet. Celle-ci dépend du ministère américain du commerce. Elle sous-traite les opérations techniques – gestion des domaines « .com », « .net », etc. – à la société privée VeriSign.

Après Montevideo, le directeur de l'Icann, un Américain favorable à la fin de la tutelle des Etats-Unis, se rend au Brésil pour rencontrer la présidente Dilma Rousseff, qui s'engage à le soutenir.

Brasilia intensifie alors son offensive diplomatique et annonce la tenue, à Sao Paulo, pour le printemps 2014, d'un sommet international sur la gouvernance de l'Internet, baptisé NETmundial, en référence au Mondial de football qui aura lieu au Brésil en juin.

Dans le même temps, le pays s'allie à l'Allemagne, où le scandale des écoutes de la NSA a eu un fort retentissement, pour faire adopter par l'Assemblée générale des Nations unies une résolution affirmant que le respect de la vie privée des internautes est un droit humain fondamental. Puis Berlin fait connaître sa volonté de s'impliquer activement dans la préparation du sommet de Sao Paulo.

Le gouvernement français est resté, lui, très discret dans sa dénonciation des activités de la NSA. Paris ne semble pas prêt à affronter les Etats-Unis sur ce dossier. Mais à l'occasion de la visite officielle de François Hollande au Brésil, en décembre 2013, la France accepte d'être coorganisatrice du NETmundial.

LIBERTÉ D'EXPRESSION

En mars, la Chambre des députés brésilienne adopte une « loi Internet » garantissant la liberté d'expression, la protection de la vie privée et l'égalité de traitement de tous les types de contenus. Celle-ci a été approuvée par le Sénat à la veille de l'ouverture du sommet.

En fait, pour faire passer la loi, Brasilia a dû accepter un compromis. Au départ, il était prévu d'obliger tous les prestataires du Net (y compris américains) à stocker les données personnelles des internautes du Brésil dans des serveurs situés dans le pays – un concept proche du « cloud européen », préconisé par les Allemands. Mais il est vite apparu que ce projet serait coûteux et complexe, peut-être même infaisable, et il a été abandonné.

La surprise vient alors, en mars, des Etats-Unis. Washington annonce sa décision d'abandonner le contrôle de l'Icann, avant la fin 2015. En Europe, notamment en France, cette décision est largement interprétée comme une reculade : depuis l'affaire Snowden, ils auraient perdu leur « magistère moral » et ne pourraient plus exiger du reste du monde qu'il leur fasse confiance pour défendre les libertés sur le Web.

En privé, des fonctionnaires et des élus français sont convaincus que le moment est favorable. Selon eux, le scandale de la NSA a aussi provoqué un conflit entre le gouvernement fédéral des Etats-Unis et les grands groupes américains du Net, qui craignent de perdre la confiance des utilisateurs étrangers.

PROCESSUS DE PARTAGE DU POUVOIR

Les partisans de cette thèse citent la déclaration de Mark Zuckerberg, patron de Facebook, en mars : « *Le gouvernement américain devrait être le champion de l'Internet, et non pas une menace.* »

Ainsi, avant même d'avoir eu lieu, le NETmundial aurait déjà remporté un succès important : contraindre Washington à entrer dans un processus de partage du pouvoir, pour ne pas arriver à Sao Paulo isolé, en position d'accusé.

D'autres experts, notamment techniques, remarquent en privé que les Américains restent en position de force, et ont déjà posé leurs conditions : pas question que l'Icann soit placé sous le contrôle d'une bureaucratie intergouvernementale, ni des Nations unies.

En fait, conformément à leur tradition, ils souhaitent que la future gouvernance fasse une large place au secteur privé – notamment aux sociétés d'envergure mondiale du Web, qui sont majoritairement américaines.

Le conflit entre Washington et la Silicon Valley ne serait donc qu'un épiphénomène. Par ailleurs, le domaine de compétence de l'Icann n'a rien à voir avec les activités de la NSA, qui ne seront pas affectées par cette réforme.

Pour compliquer encore l'affaire, à Washington, des élus du Parti républicain s'opposent déjà au projet « d'internationalisation » de l'Icann, qu'ils considèrent comme une nouvelle preuve de la faiblesse du président Obama sur la scène internationale.

UN CONFLIT TRIANGULAIRE

Au total, onze pays sont coorganisateur du NETmundial aux côtés du Brésil – dont l'Allemagne, la France et les Etats-Unis. Son comité directeur a reçu 188 contributions émanant d'administrations, d'ONG, d'universités et d'organismes techniques de quarante-six pays.

Si l'on se fie aux documents préparatoires, on y parlera de tout : gouvernance juridique et technique, infrastructures, normes et standards, droits de l'homme, neutralité du Net, logiciels libres, cybersécurité, équilibre entre surveillance et respect de la vie privée...

L'objectif officiel des Brésiliens est de faire adopter une déclaration commune sur les principes d'une nouvelle gouvernance – qui devra être démocratique, transparente, responsable, respectueuse de la diversité culturelle... Elle devra être « *multi-parties-prenantes* », c'est-à-dire inclure les principaux acteurs du Net – vu leur nombre et leur diversité, cela pourrait poser des problèmes juridiques et logistiques inédits.

Au final, le Brésil reste sur une ligne assez classique, en opposition avec les Etats-Unis, puisqu'il veut en priorité accroître les pouvoirs d'organismes dépendant des Nations unies comme le Forum sur la Gouvernance de l'Internet (FGI), qui, à ce jour, est une simple instance consultative.

L'éternel conflit triangulaire entre les étatistes, les partisans de la privatisation et les libertaires va donc sans doute ressurgir dans tous les débats.

OPTIMISME

Malgré tout, l'un des Français invités au NETmundial en tant qu'expert, Mathieu Weill, directeur général de l'Association française pour le nommage Internet en coopération (Afnic), est raisonnablement optimiste : « *On ne va pas faire la révolution en deux jours, mais le Brésil est en bonne position pour faire avancer une réforme de la gouvernance. Il est proche des principes européens, et en même temps, il a la confiance des pays les moins développés.* »

Après l'Icann, les Etats partisans d'une autre gouvernance envisagent de s'intéresser à l'IETF (Internet Engineering Task Force), l'organisme qui fixe les normes permettant à Internet de se moderniser tout en restant un réseau unifié.

Or, l'IETF, pur produit de la culture Internet, est une réunion informelle d'ingénieurs travaillant bénévolement. Elle n'a ni statut juridique ni conseil d'administration, et elle fonctionne comme l'une des « activités » de l'Internet Society, une ONG installée à Washington et à Genève, dirigée par une équipe de treize personnes, dont six Américains.

L'IETF se réunit trois fois par an, dans différents pays, grâce au soutien financier de grandes entreprises du secteur. La philosophie de ses membres tient en une devise, édictée en 1992 par l'informaticien américain David Clark, l'un des fondateurs de l'Internet : « *Nous rejetons : les rois, les présidents et les élections. Nos croyances : trouver un vague consensus, et faire tourner du code.* » La tâche des réformateurs s'annonce compliquée.

LE MONDE | 23.04.2014 | Propos recueillis par Yves Eudes

ANEXO 21

L'exploitation sexuelle des mineurs se mondialise

Le troisième Congrès mondial sur les abus envers les enfants pointe Internet et un "tourisme" plus diffus.

Ne plus *"être hypocrite sur un sujet aussi important"*. C'est l'appel lancé par le président du Brésil à la tribune du troisième Congrès mondial de lutte contre l'exploitation sexuelle des enfants, qui s'est tenu à Rio de Janeiro du 25 au 28 novembre. Luiz Inacio Lula da Silva estime qu'il faudrait convaincre *"les parents du monde entier que l'éducation sexuelle à la maison est aussi importante qu'une assiette pleine"*, et en finir avec *"l'hypocrisie des religions"* sur ce thème.

Douze ans après le premier congrès, à Stockholm (Suède) en 1996, les 3 000 représentants de gouvernements, associations et organisations internationales de 137 pays, ont évoqué l'exploitation sexuelle non commerciale des enfants. *"C'est un tournant, estime Jacques Hintzy, président d'Unicef France, après avoir abordé la prostitution et les trafics, nous allons plus loin dans le cercle des proches de l'enfant."*

L'Organisation des Nations unies estime que 150 millions de filles et 73 millions de garçons dans le monde ont subi, au moins une fois, des violences sexuelles. Un mineur sur dix dans les pays occidentaux, précise le Conseil de l'Europe.

Depuis le précédent congrès, au Japon en 2001, la pédophilie sur Internet s'est amplifiée et préoccupe les personnes engagées dans cette lutte, comme la reine Silvia de Suède et sa fondation, World Childhood : *"Internet est un instrument fantastique, mais aussi dangereux, a-t-elle souligné, maintenant qu'il entre dans les pays du tiers-monde."*

Le Brésil vient d'augmenter les contrôles et les peines visant les pédophiles qui sévissent sur Internet. Une commission parlementaire avait identifié les comptes de 805 abonnés du portail de discussion Orkut où des images de pornographie infantile étaient accessibles, obligeant le serveur Google Brasil à dénoncer des communautés qui proposaient le matériel interdit.

Mais l'évolution des technologies facilite la circulation anonyme d'images, alors que les téléphones portables permettent un contact direct avec un mineur. Peu de gens seraient impliqués dans ce "commerce", mais Interpol a déjà répertorié 20 000 enfants utilisés dans le matériel pornographique. Les lois ne sont pas toujours adaptées aux réseaux éparpillés sur la planète.

L'arsenal législatif a en revanche été très utile contre le tourisme sexuel. La lutte se poursuit, les "enfes" comme Bangkok font place à une multiplication des destinations, la dernière à la mode serait Madagascar. La loi d'extraterritorialité, qui poursuit les touristes coupables de sévices là où ils résident, a permis aux pays riches de mesurer l'ampleur des traumatismes chez un enfant abusé. Par exemple en France, en 2001, lors du jugement du violeur d'une enfant thaïlandaise. Aux Etats-Unis, selon le département d'Etat, 65 personnes ont été condamnées au nom de cette loi. Une quarantaine de pays en sont signataires.

Il existe aussi une charte de bonne conduite, proposée aux hôtels et aux voyageurs. Mais dans le nord-est du Brésil, région pauvre victime du tourisme sexuel, il est possible d'entrer dans certains hôtels avec de très jeunes filles.

Pour son documentaire *Cendrillons, Loups et Princes charmants*, projeté en marge du congrès, Joel Zito Araujo a enquêté deux ans auprès d'adolescentes qui rêvent d'épouser un étranger, plutôt que de devenir femmes de ménage. Elles entrent dans la prostitution, sous les alizés, et parfois dans des réseaux internationaux.

"Des gamines se prostituaient, leur mère à proximité, raconte le réalisateur. L'une d'elles serrait dans sa main une sucette de bébé en plastique. Plus que leur corps, c'est leur âme qui est détruite." Selon l'Unicef, les prostituées brésiliennes sont surtout des adolescentes et femmes noires et indiennes, peu éduquées et vivant dans des familles pauvres, en banlieue des grandes villes.

Le document final des congressistes devait donc s'adresser aux gouvernements, au secteur privé, à la société civile et aux familles. *"Rester silencieux, c'est accepter", "Il n'y a pas de spectateur innocent"*, pouvait-on entendre au congrès.

Au Brésil, le combat contre la prostitution sur les routes

Au Brésil, où 100 000 enfants et adolescents seraient victimes d'exploitation sexuelle, une lutte sérieuse est menée contre la prostitution sur les routes. Une écrasante majorité des 2 millions de camionneurs recourent aux prostituées mineures, moins chères ; parfois rétribuées avec une boîte de sardines. La misère pousse leurs parents à les offrir aux routiers, dans les régions pauvres. Des campagnes de sensibilisation sont menées auprès des chauffeurs, de la police et des entreprises de transport, afin de changer le comportement des camionneurs, la plupart mariés et pères de famille. Les résultats sont encourageants.

LE MONDE | Mis à jour le 26.10.2009 | Propos recueillis par Annie Gasnier

ANEXO 22

Les catholiques français ne redoutent pas le climat de fronde sociale au Brésil avant les JMJ

Entre 1,5 et 2 millions de pèlerins se rendront aux Journées mondiales de la jeunesse le mois prochain à Rio, dans un pays secoué par un vaste mouvement de contestation sociale.

"Le pays n'est pas à feu et à sang !" Réunis lundi 24 juin avenue de la Boétie, à Paris, au siège de la Conférence des évêques de France, les organisateurs français des Journées mondiales de la jeunesse (JMJ), qui se dérouleront du 23 au 28 juillet prochain à Rio de Janeiro, assurent ne pas redouter le contexte de fronde sociale qui touche actuellement le Brésil. Cet événement planétaire, qui devrait rassembler entre 1,5 et 2 millions de fidèles, dont 5 500 français provenant de 96 diocèses, est *"perçu comme un événement positif au Brésil et tout le monde s'attend à un accueil chaleureux"*, tient à rassurer sœur Nathalie Becquart, directrice du Service national pour l'évangélisation des jeunes et pour les vocations (SNEJV), dont dépend l'organisation des JMJ pour la France.

"Nous aviserons si la situation se détériore ou si le ministère des affaires étrangères délivre des instructions particulières, mais il s'agit pour l'instant de manifestations certes massives, mais pacifiques", précise le père Didier Noblot, directeur adjoint du SNEJV. Alors que les autorités se préparent à l'éventualité d'une poursuite des manifestations pendant les JMJ, la présidente Dilma Rousseff a elle-même assuré à l'influent président des évêques brésiliens, Raymundo Damasceno, que la sécurité serait assurée. La venue du premier pape sud-américain dans le plus grand pays catholique au monde ne manque pas de force symbolique. *"Le pape est Argentin, mais Dieu est Brésilien"*, s'était d'ailleurs amusée Dilma Rousseff après l'élection du pape François, qui a réservé au Brésil l'honneur de son premier et unique voyage officiel à l'étranger de l'année. Ce premier test grandeur nature pour le pays, avant d'accueillir la Coupe du monde en 2014 puis les Jeux olympiques en 2016, se doit donc d'être une réussite.

SOUVENIRS DE MADRID

Les organisateurs et les participants ont encore en mémoire les dernières JMJ à Madrid en 2011. Les Indignés s'étaient mêlés à des milliers de défenseurs de la laïcité pour manifester contre la visite du pape Benoît XVI, croisant dans un face-à-face tendu, marqué par des échanges d'insultes, de jeunes pèlerins catholiques. *"A la base, c'est toujours compliqué d'aller dans un pays où existent de fortes inégalités, ou touché par la crise économique"*, souligne Elodie Mensah, 28 ans, qui gagnera le Brésil le 12 juillet avec les membres de sa paroisse de Saint-Ouen. *Il y a quelques petites inquiétudes, des précautions à prendre, mais comme pour tout touriste qui se rend dans un pays étranger"*, poursuit Elodie, déjà présente à Madrid en 2011. Pour rassurer les participants, les responsables brésiliens rappellent l'existence d'un centre intégré de commande et de contrôle, inauguré le 31 mai et regroupant notamment la police fédérale, les forces armées, la police civile, la police militaire et le corps des pompiers de Rio de Janeiro. Au total, 10 700 hommes seront mobilisés pour assurer la sécurité des JMJ.

Sur la toile, des internautes relaient également depuis quelques jours un article du journal *O Globo*, publié en mai, sur le coût d'organisation des JMJ, estimé à environ 40 millions d'euros, une somme répartie entre la municipalité de Rio de Janeiro, le gouvernement de l'Etat de Rio

et l'Etat fédéral brésilien. Le gouvernement brésilien estime que l'Eglise devrait recueillir environ 54 millions d'euros avec la taxe d'inscription des participants, selon *O Globo*. *"Ce n'est rien comparé aux 10 milliards d'euros liés à l'organisation de la Coupe du monde, rétorque le père Didier Noblot. Entre le logement, les dépenses alimentaires, les visites touristiques, les transports et les achats de souvenirs, les participants vont faire tourner l'économie locale."* Les retombées économiques sont en effet estimées à environ 300 millions d'euros par les autorités. Les dernières JMJ à Madrid avaient également suscité une polémique quant au coût des festivités. Elles auraient finalement contribué à injecter 354 millions d'euros dans les finances du pays.

"LES DEUX MOUVEMENTS SE REJOIGNENT"

Reste la rencontre entre deux mouvements, l'un spirituel, l'autre social, dans un pays qui compte 123 millions de fidèles sur 190 millions d'habitants, mais où l'institution catholique est fortement concurrencée par la montée en puissance des églises évangéliques depuis plusieurs années, et critiquée pour son incapacité à s'adapter aux mutations d'une société enrichie et mondialisée. Les revendications sociales des Brésiliens résonnent-elles aussi chez les jeunes catholiques qui se rendront à Rio ? *"Les JMJ ont une dimension sociale très forte. Cette semaine sera aussi l'occasion pour les Brésiliens de faire découvrir leurs conditions de vie. Les jeunes Brésiliens veulent un monde meilleur, et les jeunes des JMJ veulent transformer le monde"*, avance sœur Nathalie Becquart. Elodie Soumah se dit *"touchée"* et *"concernée"* par les revendications des Brésiliens. *"C'est un mouvement légitime et pacifique en dépit de quelques débordements."* Emmanuel Albuquerque, 29 ans, diacre au diocèse de Grenoble, originaire de Brasilia et arrivé en France en 2005, assure de son côté que *"les deux mouvements se rejoignent. L'Eglise a toujours lutté pour améliorer les conditions de vie, notamment dans les domaines de l'éducation et de la santé"*, poursuit le diacre, qui se rendra à Récife mi-juillet.

Certains membres influents de l'Eglise catholique brésilienne, discrets lors du déclenchement de la fronde, ont finalement fait entendre leurs voix. Les évêques du Brésil, dans une note publiée le 21 juin, ont ainsi exprimé leur *"solidarité"* et leur *"soutien aux manifestations, qui ont amené dans les rues des gens de tous âges. (...) Il s'agit d'un phénomène qui implique le peuple brésilien et réveille notre conscience. Il requiert attention et compréhension afin d'identifier ses valeurs et ses limites, toujours dans le but de construire la société juste et fraternelle que nous désirons"*. Dans un entretien accordé à Radio Vatican, l'archevêque de Rio, M^{gr} Orani Tempesta, a estimé que ces manifestations n'affecteraient en rien les JMJ, qui *"constituent un événement positif pour les jeunes qui portent des valeurs chrétiennes"*.

"NE PAS RENTRER DANS LE COMBAT POLITIQUE"

Sur sa page Facebook, l'archevêque de São Paulo, Odilo Pedro Scherer, porte quant à lui un regard plutôt bienveillant sur les protestations, estimant que *"ces événements sont l'occasion de donner une voix à tous ceux qui expriment des préoccupations croissantes, constatant un écart entre leurs désirs et leurs besoins"*. Tout en prenant ses distances avec la violence, il se félicite d'une *"prise de conscience collective"* de ceux qui sont descendus dans la rue, préoccupés par *"la direction empruntée par leur pays"*. *"J'espère que les voix qui montent de la rue seront entendues et comprises"*, conclut l'archevêque.

La venue du pape François, considéré comme conservateur en matière de doctrine mais progressiste sur les sujets sociaux, est-elle de nature à peser dans l'évolution d'un conflit

amorcé il y a deux semaines ? *"Aucun parti n'est capable de canaliser ce mécontentement, pas plus l'Eglise ou la théologie de la libération"*, affirmait ainsi au *Monde des religions* le dominicain et théologien de la libération, Frei Betto. La *"théologie de la libération"*, un courant de pensée venu d'Amérique latine pour notamment "christianiser le marxisme", en vogue dans les années 1960 et 1970, auquel l'ancien président brésilien Lula s'est lui-même partiellement identifié, *"a introduit, dans le débat théologique et social, des questions de justice et de participation politique"*. Mais sa visibilité et son influence sont désormais réduites à la portion congrue. En effet, nombreux sont ceux qui, à l'image d'Emmanuel Albuquerque, considèrent que *"le rôle de l'Eglise n'est pas de rentrer dans le combat politique"*. Dans moins d'un mois, à Rio, les deux sphères vont toutefois inévitablement se rencontrer.

LE MONDE | 28.06.2013 | Propos recueillis par Maxime Goldbaum

ANEXO 23

Croissance molle et inflation minent l'économie brésilienne

La politique monétaire de la Banque centrale, qui vient de relever son taux directeur pour la sixième fois depuis avril, pèse sur l'activité qui a ralenti.

Hauts niveaux des taux d'intérêt, croissance ralentie, pressions inflationnistes, stagnation du prix des matières premières... Le Brésil, au moins provisoirement, n'est plus ce qu'il était. Il a perdu de sa superbe sur le plan macroéconomique et ses fondamentaux sont moins solides, ce qui accroît la méfiance des investisseurs à son égard.

A contrario, analyse Juan-Carlos Rodado (Natixis), le Mexique d'Enrique Pena Nieto, qui s'est attaqué à un certain nombre de réformes, a le vent en poupe malgré une croissance qui devrait rester limitée à 2,7 % en 2014.

Le relèvement de 50 points de base, à 10 % du principal taux d'intérêt brésilien, le Selic, décidé mercredi 27 novembre par la Banque centrale brésilienne, n'a surpris personne. Cette hausse, la sixième d'affilée depuis avril 2013, était attendue des marchés et des économistes.

LES PRIX PROGRESSED TROP RAPIDEMENT

Le Brésil continue d'avoir des prix à la consommation qui progressent trop rapidement : ils ont augmenté de + 5,8 % en octobre, alors que l'objectif officiel et annuel d'inflation est de 4,25 %, avec une marge de 2 points à la hausse et à la baisse.

La politique monétaire de la Banque centrale, toutefois, semble peser sur la croissance qui a ralenti et qui devrait tourner, de l'avis de nombreux conjoncturistes, autour de 2 % à 2,3 % en 2013 comme en 2014. Soit un niveau très inférieur aux ambitions du pays et à son potentiel de croissance.

« La progression du PIB n'est pas bien brillante. Nous tablons sur 2,3 % cette année et on pourrait même avoir une légère contraction au dernier trimestre », relève Jean-Louis Martin, économiste au Crédit Agricole. *« Bien qu'en léger mieux, l'industrie brésilienne est loin d'avoir retrouvé ses niveaux d'activité de 2010 et de larges pans de l'économie ne sont pas compétitifs »,* ajoute-t-il.

LES « FONDAMENTAUX S'AFFAIBLISSENT »

« Le Brésil n'est pas à la veille d'une crise grave, mais ses fondamentaux macroéconomiques s'affaiblissent, ce qu'atteste le creusement du déficit de sa balance des paiements, qui atteint désormais 3,7 % du PIB », analyse Carlos Quenan, un autre spécialiste de l'Amérique latine chez Natixis.

Le budget est sous tension du fait de la hausse continue des dépenses sociales, des transferts, des baisses d'impôts et d'une activité languissante. Quant à la dette publique, même bien

gérée, elle représente 58,8 % du PIB au Brésil, contre seulement 35,9 % au Mexique. Le creusement du déficit courant est de nature à inquiéter les investisseurs.

De plus, la monnaie brésilienne, le real, joue au yo-yo par rapport au dollar depuis l'annonce en mai par Ben Bernanke, le président de la Réserve fédérale américaine (FED), d'un possible durcissement de la politique monétaire américaine. Plus d'un économiste, à l'instar de M. Quenan, pense que la dépréciation de la devise nationale brésilienne n'est pas encore terminée.

COÛT DE PLUS EN PLUS ÉLEVÉ

Fait inhabituel, le communiqué de la Banque centrale du Brésil accompagnant le relèvement du Selic à 10% ne mentionne pas l'objectif de maîtrise de l'inflation et il ne précise pas davantage quelle pourrait être la prochaine étape de l'ajustement brésilien. Le comité de politique monétaire de la Banque se réunit à la mi-janvier (le 14 ou le 15).

Nombreux sont les économistes à penser que le cycle de relèvement des taux d'intérêt, ouvert en avril 2013, ne devrait pas se prolonger longtemps en 2014, en raison, explique Dev Ashish (Société générale), du coût de plus en plus élevé, pour l'économie brésilienne et pour le gouvernement, du combat contre la hausse des prix.

LE MONDE | 28.11.2013 | Propos recueillis par Claire Guélaud

ANEXO 24

Brésil, le cocon de la contestation

L'université de São Paulo est la matrice du Movimento Passe livre, fer de lance de la fronde sociale. Un concentré d'une jeunesse favorisée mais consciente de l'être.

Ville au cœur de la ville, l'université de São Paulo est une citadelle du savoir défendue par de hauts murs, des barbelés et des vigiles lymphatiques qui l'isolent en principe de l'ignorance, de la violence et de la misère, bref des basses contingences de cette mégalopole de 20 millions d'habitants. A l'intérieur de ces remparts, s'étend un immense campus à l'américaine, 74 kilomètres carrés semés de belles pelouses et de bâtiments à l'architecture contemporaine qui accueillent plus de 80 000 étudiants, 6 000 professeurs et une bibliothèque comptant 7 millions de volumes.

L'université de São Paulo, plus connue par son sigle, USP, prononcé "ouspi", se veut donc un monde à part. Elle forme l'élite du Brésil moderne, a donné au pays cinquante ministres et une bonne partie de son intelligentsia. Elle est la plus prestigieuse et la plus sélective d'Amérique latine : moins d'un candidat sur 100 est retenu, à l'issue de l'examen d'entrée.

Mais, à l'heure du village planétaire, cet isolement est bien dérisoire. Le tumulte social qui secoue le Brésil a emporté ces vaines fortifications. Partout, fleurissent les calicots appelant à soutenir les manifestations. Sur les "murs de protestation" dressés dans presque chaque faculté, sauf peut-être... à l'Académie de police, sont jetées pêle-mêle les revendications terre à terre et les envolées lyriques. Des assemblées sont régulièrement organisées. Même la cruciale période des examens semestriels ne freine pas la mobilisation des étudiants.

MATRICE DU MOUVEMENT ACTUEL

L'université a été une des matrices du mouvement actuel. Le Movimento Passe livre (MPL), qui milite pour la gratuité des tickets de transports publics et constitue le fer de lance de la contestation, s'est structuré dans ce vase clos avant de déferler dans la rue, en juin. Depuis des années, au fil des réunions organisées dans ces amphithéâtres, ont été patiemment fourbis les revendications et les argumentaires qui s'expriment aujourd'hui.

Nombre des animateurs de ce collectif sans hiérarchie sont inscrits à l'USP : Nina Cappello, 23 ans, étudiante en droit, Raquel Alvès, 20 ans, étudiante en lettres, Caio Martins, 19 ans, ou Erica de Oliveira, 22 ans, étudiants en histoire, Matheus Preis, 19 ans, étudiant en sciences sociales, Marcelo Hotimsky, étudiant en philosophie. Une longue liste pourtant non exhaustive. Lorsque la présidente de la République, Dilma Rousseff, a reçu à Brasilia les responsables du MPL, lundi 24 juin, leur porte-parole était Mayara Vivian, 23 ans, une étudiante en géographie de l'USP.

Cette omniprésence n'est pas un hasard. Le mouvement de contestation est largement porté par la jeunesse éduquée du Brésil. Ce sont là des étudiants qui, à titre individuel, n'ont rien à craindre de l'avenir, dans un pays en croissance, mais qui ne supportent plus ses archaïsmes politiques ou économiques, le règne d'une oligarchie et le triomphe de la corruption.

"NOUS AVONS ÉTÉ SURPRIS D'ÊTRE AUSSI NOMBREUX"

Arthur, 19 ans, Gabrielle, 21 ans, et Marco, 22 ans, incarnent parfaitement cette jeunesse triée sur le volet, promise à la réussite, mais en même temps tenaillée par l'idée que la société brésilienne est à revoir. *"Le gouvernement veut faire passer le message que tout va bien mais ce n'est pas vrai, assure Arthur. Le Brésil connaît d'énormes difficultés. La croissance ne profite qu'à une poignée de gens." "Les infrastructures du pays n'ont pas bénéficié de la croissance, en matière de transports, de santé, d'éducation, ajoute Gabrielle. Il y avait plus urgent que d'investir des milliards dans des stades en vue de la Coupe du monde."* Alors, quand les manifestations ont commencé, le trio a aussitôt rejoint le mouvement. *"Nous avons été surpris d'être aussi nombreux. Cela faisait plaisir de voir que nous n'étions pas seuls à penser ainsi"*, explique Marco.

Comme l'essentiel des étudiants de l'USP, Arthur, Gabrielle et Marco sont issus de milieux relativement favorisés, enfants d'architecte, d'ingénieur ou de responsable culturel. L'université est gratuite mais cet accès démocratique recouvre une certaine hypocrisie : la sélection y est si dure que les élèves pauvres issus de l'enseignement public, au niveau médiocre, n'ont aucune chance de l'intégrer. Il faut être issu d'écoles privées ou de classes préparatoires onéreuses pour espérer être accepté, ce qui établit de fait une sélection par l'argent. Et l'administration de l'université s'est toujours montrée réticente à l'introduction de quotas pour les jeunes défavorisés.

Juge à Campo Grande, dans le Mato Grosso, Alexandre Correa Leite, 46 ans, est venu inscrire son fils Francisco, 19 ans, en économie. Il est représentatif de cette élite bourgeoise qui se sent aujourd'hui à l'étroit dans la société. *"Le Brésil va mieux, l'économie s'est améliorée, les conditions sociales aussi. Mais les hommes politiques restent les mêmes. Ils continuent de fonctionner en caste. Il y a toujours autant de corruption."*

"NOUS AVONS BESOIN DE RÉFORMES EN PROFONDEUR"

Sous un parasol de la cafétéria, Mariane, 19 ans, et Mariana, 18 ans, écluent gentiment une bière entre deux éclats de rire. Elles sont étudiantes à l'École polytechnique, tabernacle de l'USP et de l'excellence. Elles entament à peine leur cursus de cinq ans mais reçoivent déjà des propositions d'emploi.

Filles d'ingénieur ou de banquier, promises à un avenir personnel au moins aussi radieux que leurs parents, elles n'en sont pas moins solidaires du mouvement. *"Nous avons besoin de réformes en profondeur, notamment du système politique, pour mettre le Brésil au niveau"*, explique Mariana. L'organisation de la Coupe du monde, les deux amies ne sont pas pour. *"C'est trop tôt. Nous ne sommes pas prêts."* Mariane dénonce une manière de trompe-l'œil dans cette débauche d'argent et de stades flambant neufs, jetés à la face du monde. *"Nous avons ici un proverbe qui dit : "Couvrir le soleil avec une passoire." C'est ce que fait le gouvernement."*

Ancien élève et aujourd'hui professeur de sociologie à l'USP, Iram Jacome Rodrigues ne masque pas non plus sa sympathie pour ce mouvement, d'autant que sa fille, elle-même étudiante à l'USP, y participe activement. Dans son bureau où le regard est bouché par les livres puis dans son appartement avec vue imprenable sur São Paulo, cet homme cordial décrit

en entomologiste de la société brésilienne ce qui constitue à ses yeux les ressorts de la colère. Le pays a été emporté depuis vingt ans dans la spirale de la croissance et du développement, pris dans une folle cavalcade économique où il ne s'est pas vraiment interrogé sur ce qui se passait. Il le fait aujourd'hui, dans la rue. *"Il y a le sentiment que le pays ne peut continuer à avancer ainsi dans cette forme de capitalisme sauvage. Il y a un besoin de règles, de réduction des inégalités qui sont trop criantes. Il y a l'envie de moins de marché et de plus d'Etat."*

Dans un récent entretien au *Monde*, un autre sociologue, Marcelo Ridenti, ancien étudiant de l'USP devenu spécialiste des mouvements sociaux au Brésil, rappelle que, si une comparaison devait être établie avec une autre révolte, la plus pertinente serait le Mai 68 français, survenue en pleine période de prospérité. Avec l'USP dans le rôle et de la Sorbonne, et de Nanterre. Comme pour conforter cette analogie, sur un mur, un pochoir représente une caricature de CRS, réplique exacte de celle qui fleurissait à Paris il y a quarante-cinq ans.

L'USP doit largement sa notoriété aux Français qui la lancèrent dans les années 1930, comme l'anthropologue Claude Lévi-Strauss, l'historien Fernand Braudel, le géographe Pierre Monbeig, le philosophe Jean Maugüe et plus tard le mathématicien Jean Dieudonné ou le sociologue Roger Bastide. Dans *Tristes tropiques*, Claude Lévi-Strauss explique comment l'USP, émanation de l'oligarchie, devait à la fois créer une caste intellectuelle et fonder *"une opinion publique d'inspiration civile et laïque"*. Une double fonction à la fois élitiste et démocratique qu'elle n'a cessé d'occuper depuis lors.

Mais l'université n'avait plus connu pareille agitation depuis la fin des années 1970, quand, après une période de passivité, voire de complaisance, elle était devenue un foyer de contestation de la dictature militaire. De nombreux professeurs et étudiants furent alors exclus du sérail.

Ana Maria Bianchi, 67 ans, était étudiante à l'époque, avant d'être aujourd'hui professeure de méthodologie économique. Dans son bureau, une photo la montre en 1978, quand elle jouait dans une troupe de théâtre contestataire. Trente-cinq ans plus tard, elle regarde avec tendresse le mouvement actuel. *"J'ai été agréablement surprise par ce réveil, cet embrasement. Avec l'avènement de la démocratie, les gens s'étaient endormis, se contentant de voter une fois tous les quatre ans. Notre société a été saisie de cynisme. La corruption était présente à tous les échelons. Dans ce contexte, le premier réflexe était de se dire : Pourquoi pas moi, pourquoi ne pas entrer dans le système ? Or, ces jeunes refusent cette fatalité."* Mais Ana Maria Bianchi saisit également les limites de la contestation. Récemment, alors qu'elle faisait son marché, elle a été interpellée par un garçon qui travaillait à un étal. *"Il m'a dit : "C'est une révolte de fils à papa. Nous, nous avons autre chose à faire que manifester. Nous devons travailler.""*

Dans la faculté d'histoire, hall futuriste ouvert à tous vents, les banderoles vindicatives ou humoristiques accrochées aux rambardes ondoient dans la brise hivernale. Dérangée entre deux oraux d'étudiants, Gabriela Pellegrino Soares, 41 ans, professeure d'histoire latino-américaine, se passionne aussi pour ce mouvement. *"Il n'y a pas là de volonté révolutionnaire, juste l'envie de réformer certaines choses qui ne vont pas dans notre société."* L'enseignante a toujours soutenu le Parti des travailleurs (PT) du président Lula et maintenant de la présidente Dilma Rousseff mais doit se résoudre à un constat amer. *"Il y a une grosse désillusion. Lula s'est battu contre la misère, a mis en place des lois très*

bénéfiques. Mais les gens du PT ont fini par s'accommoder des mauvaises manières politiques. Ils se sont perdus."

LE MONDE | 09.07.2013 | Propos recueillis par Benoît Hopquin

ANEXO 25

Amers Indiens

Menacés par l'expansion citadine et les appétits fonciers des industries qui lorgnent leurs terres, les indigènes tentent de faire valoir leurs droits. En vain. Attirés par les lumières-mirages de Manaus, beaucoup sombrent dans la misère.

Il faut mériter la « Cité de Dieu », ce quartier populaire de Manaus, chaos de rues et de maisons, entassement d'habitants que la pauvreté et plus encore le mirage d'en sortir ont dressés là. Il faut s'éloigner du centre-ville, rouler vers la lisière de la forêt amazonienne, chercher, tourner en rond. Enfin, après le bar du Botafogo, en bas d'un chemin qui se termine en impasse, les ornières encore noyées de l'averse torrentielle de la veille, on déniche la maison de Bernardino Alexandro Perreira.

Il appartient au peuple Tikuna. C'est un « indigène » ou un « autochtone », pour reprendre la terminologie locale, mots qui n'ont aucun sens péjoratif au Brésil. « Indien » est au contraire considéré comme une insulte. Quand, dans la rue, un passant l'appelle ainsi, et cela lui arrive assez souvent, Bernardino Alexandro Perreira sait à quoi s'en tenir sur son opinion. « *Nous souffrons de la discrimination* », explique-t-il, sans s'appesantir.

Ils sont un peu plus d'une centaine de Tikuna à vivre dans la Cité de Dieu, au milieu des autres Brésiliens. Bernardino est arrivé à Manaus en 1989 pour poursuivre des études qui, dans son village, s'arrêtaient à un niveau élémentaire. Des religieux lui ont proposé de continuer. Il a quitté la forêt, fait cinq jours de pirogue et de bateau jusqu'à Manaus. Mais d'études il ne suivit guère. Désorienté par la vie urbaine, paumé par le changement de mode de vie, il vivota puis, avec un cousin, acheta pas cher ce bout de terrain à flanc de colline. Il y a construit une petite maison de briques nues et de béton brut, où il habite avec sa femme et ses huit enfants.

Peu à peu, d'autres Tikuna sont venus s'installer là et il y a désormais neuf constructions, en dur ou en bois, presque à touche-touche, dans la pente. S'est reconstituée une sorte de village, avec, plus grande que les autres, la demeure du cacique, le chef traditionnel. Sa femme est absente, repartie au village pour un mois, retour aux sources que les autres essayent également de faire tous les deux ou trois ans. Dans les espaces restés libres, Bernardino et ses voisins font pousser l'*urucu*, dont ils s'enduisent le corps lors des cérémonies rituelles, ou des plantes médicinales dont les graines ont été rapportées du village. Ils vivent ainsi entre deux mondes, deux cultures, dans une sorte de syncretisme au quotidien.

La Coupe du monde et sa bacchanale semblent bien loin de la Cité de Dieu. Et pourtant. Les Tikuna ont pavisé leur rue aux couleurs brésiliennes, au cas où on douterait de leur préférence. Une petite fille, âgée de 3 ans, les yeux comme deux billes de jade noir, se promène avec un maillot de la Seleção. Bernardino et les siens n'ont pas les moyens de se payer un billet mais ils ne ratent aucun match à la télévision. Ils ont même constitué une équipe de foot, essentiellement composée d'indigènes. Ils jouent – « *plus ou moins bien* », avoue-t-il – dans un petit championnat de quartier.

Comme Bernardino Alexandro Perreira, les Amérindiens d'Amazonie, répartis en 160 peuples et 200 langues, suivent le Mondial avec le même intérêt que les autres Brésiliens. Mais le foot n'est que le foot et l'architecture de l'Arena Amazonia, le stade de Manaus qui accueille les

matchs du Mondial, a beau s'inspirer, avec sa forme de panier tressé, de la culture autochtone, le statut des populations indigènes reste toujours fragile. Lors de la cérémonie d'ouverture, à Sao Paulo, le geste de protestation d'un jeune Indien, occulté par la télévision, n'a été que le symbole de ce malaise qu'on veut faire taire.

« *Les Indigènes regardent les matchs dans les villages qui ont la télévision. La plupart s'intéressent au foot mais dans son aspect sportif. Les implications économiques ne les intéressent pas* », explique Joao Neves Silva, secrétaire de la Coordination des organisations indigènes de l'Amazonie brésilienne (Coiab) et lui-même passionné de ballon rond. Après cet aparté sportif, incontournable rituel du moment, Joao explique comment son organisation essaye de fédérer les 140 000 autochtones de l'Amazonie. Lui-même appartient au peuple Galibi Marworno, une petite ethnie vivant près de la frontière avec la Guyane française.

« *La Constitution de 1988 garantit des droits aux indigènes* », explique le militant associatif. Depuis 1991, les peuples bénéficient ainsi du principe dit de « démarcation ». Au bout d'un long processus, ils peuvent faire enregistrer comme leurs des territoires. Ils ont alors le droit à l'usufruit du sol. Le sous-sol continue d'appartenir à l'Etat, mais ils peuvent prétendre à des dédommagements pour son exploitation. « *Les lois sont pro-indigènes mais l'Etat les rogne de plus en plus*, constate cependant Joao Neves Silva. *Sous la pression des groupes miniers, des propriétaires terriens ou des exploitants forestiers, des sous-articles sont régulièrement introduits par les parlementaires qui visent à en diminuer la portée.* »

Dans la boulimie de croissance que connaît aujourd'hui le Brésil, l'Amazonie et ses six millions de kilomètres carrés excitent les convoitises. « *Nous passons pour des paresseux qui ont de grandes terres mais qui ne produisent rien*, résume Joao Neves Silva. *Les gens pensent savoir mais ils ne cherchent pas à comprendre ce que nous sommes. Là où nous vivons, il y a des animaux, il y a des plantes, il y a des arbres. Là où le non-indigène s'installe, tout cela disparaît.* »

Installés entre les villes de Manaus (dont le nom vient d'un peuple décimé par la colonisation portugaise) et de Porto Velho, les Tenharin doivent ainsi se battre pour conserver les droits sur leur territoire, menacé par l'expansion citadine et les appétits fonciers qu'elle aiguise. Les indigènes perçoivent notamment un droit de passage sur une route qui traverse leurs terres, source permanente de conflits avec les entreprises de transport. En décembre 2013, un cacique a été retrouvé mort. La version officielle a conclu à un accident. Persuadés qu'il s'agissait d'un meurtre, les Tenharin se sont soulevés et ont incendié des locaux publics.

Au coeur de la forêt, les Yanomami luttent aussi contre des prédateurs, des dangers plus mortels que les serpents, les scorpions ou les araignées venimeuses, car ils ont moins l'habitude de s'en prémunir. Les 21 600 membres de ce peuple vivent dans 291 villages dispersés sur un territoire « démarqué » de 91 000 kilomètres carrés, soit deux fois la taille de la Suisse. La moitié de cette surface fait actuellement l'objet de projets de prospection minière, le sous-sol étant riche en or, en manganèse et en de multiples métaux précieux. Les habitants qui vivent de la chasse et de la culture sur brûlis de la banane, du manioc, de la betterave naturelle sont désarmés face à de tels enjeux.

« *Il y a vingt ou trente ans, l'opinion publique brésilienne était plus favorable aux droits des indigènes* », explique Silvio Cavuscens. Ce Suisse naturalisé brésilien anime la Secoya, acronyme d'une association créée en 1997 pour soutenir les droits du peuple Yanomami. Régulièrement, il se rend sur son territoire. Le voyage dure entre quatre et neuf jours, selon le

niveau des eaux, et le séjour, plusieurs mois, à circuler d'un village à l'autre, avec toujours le même sentiment pour Silvio, « *une profonde admiration de ces hommes qui vivent dans un milieu difficile et ont su s'adapter à cette nature* ».

Reste un terrible constat de terrain. « *Le Brésil prétend désormais être un pays développé mais certains indicateurs économiques et sanitaires des peuples indigènes sont pires que ceux de l'Afrique* », assure le responsable associatif. La dénutrition touche encore près d'un enfant sur deux en pays Yanomami. Les besoins en matière de santé et d'éducation restent considérables. Isolées, fragiles, ces populations sont la proie des chercheurs d'or clandestins, des trafiquants ou d'employeurs sans scrupule qui les réduisent en quasi-esclavage. « *Les Yanomami ne savent pas calculer. Ils comptent ainsi : 1,2,3, beaucoup.* » La Secoya essaye de former des cadres, connaissant le fonctionnement de la société brésilienne, afin qu'ils sachent défendre leurs droits.

Mais, pour beaucoup de populations indigènes, les lumières de la ville continuent d'attirer. Trompés par ces fausses promesses, incapables de s'adapter à la vie citadine, ils y vivent de l'artisanat et de quelques allocations, sombrent parfois dans l'alcoolisme. De nombreuses femmes font le voyage depuis la forêt, deviennent femmes de ménage à demeure. Incapables de se défendre, elles sont exploitées par leurs employeurs. A bout de ressources, certaines se prostituent pour survivre.

L'Amarn, l'association des femmes indigènes du Haut Rio Negro, les recueille et les aide quand elles n'ont plus où aller. Claudineia Gama Brito, une femme du peuple tariano, a ainsi trouvé refuge ici. « *Ça n'a pas marché* », dit-elle pudiquement, avec un sourire malgré tout, pour résumer son aventure urbaine, enchaînement malheureux de petits boulots et de grosses désillusions.

Clarisse Arbella est une des responsables de l'Amarn. Cette ancienne religieuse a, elle aussi, connu bien des déboires. Cette femme tucano, formidablement vive et lucide, sait « *le regard négatif de la rue sur les Indiens* » mais « *parents ont plus souffert du racisme qu'* », relativise-t-elle. « *L'indigène a aussi tendance à se dévaloriser tout seul. Il se dit : "Je suis indigène donc je ne sais pas faire ça."* Il y a un manque d'autoestime. Les mères ont également des difficultés avec leurs enfants, à l'adolescence. Les garçons et les filles se sentent en marge de la société brésilienne et, en même temps, ne parlent plus la langue indigène, ne savent plus d'où ils viennent. Ils sont en décalage permanent et basculent volontiers dans la drogue. » Un des buts de l'Amarn est justement de créer une passerelle entre ces deux mondes qui se tournent encore largement le dos.

Et voilà que Clarisse Arbella se met à son tour à parler de football, tandis qu'une télévision diffuse le match Suisse-France. Elle se dit intéressée, suit les rencontres retransmises. « *Je soutiens le Brésil comme tous les Indigènes* », dit-elle. Une manière pour eux de se sentir citoyens à part entière de ce pays, malgré tout. « *Ils aiment le football sans fanatisme* », explique Silvio Cavuscens. Peut-être une autre leçon de vie à méditer.

LE MONDE | 26.06.2014 | Propos recueillis par Benoît Hopquin

ANEXO 26

A Rio, un mur "écologique" pour contenir une favela

La future "limite écologique" aura un double objectif : contenir l'expansion irrésistible de la favela et protéger la forêt primaire voisine contre l'avancée du béton.

Un nouveau mot est à la mode à Rio de Janeiro : l'"écobarrière". Il désigne un mur de brique d'un mètre de haut, surmonté d'une clôture d'acier d'un mètre soixante. Pour l'instant, cette enceinte n'existe que sur le papier. Mais elle verra le jour avant la fin de l'année. Elle encerclera, sur une longueur de 900 m, la favela Dona Marta. Ce bidonville, adossé à une colline, surplombe Botafogo, un quartier résidentiel du sud de Rio.

La future "*limite écologique*", comme on l'appelle aussi, aura un double objectif : contenir l'expansion irrésistible de la favela, tout en protégeant, du même coup, la forêt primaire voisine contre l'avancée du béton. Ce mur devrait être le premier d'une série d'enclos autour des favelas de Rio. Sa construction est l'une des mesures annoncées récemment par la nouvelle équipe municipale. Celle-ci s'est fixé comme priorité de combattre, avec le soutien de l'Etat de Rio de Janeiro, le désordre urbain et la croissance anarchique de la mégalopole.

Dona Marta n'a pas été choisie au hasard. Cette favela, longtemps contrôlée, comme beaucoup d'autres, par les trafiquants de drogue, a été occupée, le 19 novembre 2008, par une compagnie de 125 policiers "communautaires" qui, depuis, y patrouillent 24 heures sur 24. Les 7 500 habitants ont été débarrassés des trafiquants, qui ont fui sans doute vers d'autres favelas.

Le projet municipal n'est pas du goût de tous. Certains responsables d'association fustigent une volonté d'instaurer une "*ségrégation sociale*", et regrettent que la population n'ait pas été consultée. Des militants dénoncent comme "*hypocrite*" l'argument écologique avancé par les autorités.

CHASSER LES DÉLINQUANTS

Une chose est sûre : l'érection de murs d'enceinte ne suffira pas à freiner le phénomène de la "favelisation" qui gangrène les principales villes du Brésil. Selon une récente enquête, 218 nouvelles favelas ont surgi de terre à Rio entre 1999 et 2008. Elles sont désormais au nombre de 968. Leur expansion est autant horizontale que verticale : il n'est pas rare d'y voir des immeubles de cinq, six étages, et même plus.

Cet immense problème exige une réponse multiforme : policière, urbaine, économique, sociale, culturelle. Le nouveau maire de Rio, Eduardo Paes, et le gouverneur de l'Etat, Sergio Cabral, appartenant tous les deux au Parti du mouvement démocratique brésilien (PMDB, centre), promettent d'améliorer la vie quotidienne des habitants en construisant des logements, des écoles et des dispensaires, ou en lançant des travaux d'assainissement.

Mais il leur faut d'abord chasser les délinquants qui imposent leur loi à cette population pauvre, et contrôler l'évolution urbaine en recourant à toute la technologie disponible. Exemple : un système de surveillance par satellite permettra de déceler le début d'une

construction illégale et d'en ordonner la destruction. Il s'agit de reconquérir le territoire longtemps abandonné aux délinquants et d'y réaffirmer la présence de la puissance publique.

LE MONDE | 22.01.2009 | Propos recueillis par Jean-Pierre Langellier

ANEXO 27

Camargo Corrêa, véritable empire industriel au Brésil

Ce conglomérat brésilien, l'un des plus prospères et des plus puissants du pays, est un véritable empire industriel en plein essor, qui opère dans de nombreux secteurs d'activité, et ne cesse de se diversifier.

"Nous fabriquons vos chaussures et l'asphalte sur lequel vous marchez." Le slogan du groupe Camargo Corrêa, l'une des dix-neuf entreprises venant de rentrer dans le classement du Boston Consulting Group sur les *"nouveaux challengers"* mondiaux, peut sembler trop modeste. Car ce conglomérat brésilien, l'un des plus prospères et des plus puissants du pays, est un véritable empire industriel en plein essor, qui opère dans de nombreux secteurs d'activité, et ne cesse de se diversifier.

En cinq ans, Camargo Corrêa a doublé de taille. En 2007, son chiffre d'affaires a progressé de 25 % et son bénéfice net de 19 %. Avec 57 000 salariés, le groupe est présent dans une vingtaine de pays, principalement en Amérique latine, mais aussi en Espagne, au Maroc, aux Etats-Unis et en Afrique lusophone. Il contrôle en totalité ou en majorité une trentaine d'entreprises.

En 2007, Camargo Corrêa s'est restructuré en cinq divisions : ingénierie et construction ; ciment ; chaussures, textiles et acier ; énergie, transports et infrastructures ; immobilier. La construction reste le coeur de son métier. C'est elle qui fit la fortune du fondateur du groupe, Sebastiao Camargo. Mort en 1994, son destin légendaire pourrait inspirer des images d'Epinal à la brésilienne.

Né dans l'Etat de Sao Paulo, le jeune Sebastiao commence à 17 ans, après la mort de son père qui laisse dix orphelins, à transporter de la terre dans un chariot tiré par un âne. En 1939, il s'associe avec un avocat et fonde une petite société, Camargo Corrêa. La naissance de Brasilia est sa chance.

SOIGNER SON IMAGE

Apprenant juste avant l'échéance des appels d'offres qu'il sera écarté pour manque de matériel adéquat, il réussit à rassembler plus de 100 tracteurs en trois jours. Il sera chargé d'aménager plusieurs routes d'accès à la future capitale.

Camargo Corrêa profite à plein du "miracle économique" de 1967-1975, sous la dictature militaire. Il participe à la construction du célèbre pont reliant, sur 13 km, Rio de Janeiro à la ville de Niteroi, et du complexe hydroélectrique d'Itaipu, sur la frontière entre le Brésil et le Paraguay. Le groupe est aujourd'hui contrôlé par les trois filles du fondateur et leurs maris. Victor Hallack, 55 ans, préside le conseil d'administration depuis 2006.

Leader au Brésil sur l'hydroélectricité, Camargo Corrêa construit le barrage de Mphanda Nkuma, au Mozambique, l'un des plus grands d'Afrique. A Suape, près de Recife, il édifie le plus grand chantier naval de l'hémisphère Sud. Il produit du ciment au Brésil et en Argentine.

Enfin, il est le deuxième fabricant de chaussures légères du Brésil. Cimentier et entrepreneur, il met en oeuvre des programmes de logements populaires.

Camargo Corrêa se veut politiquement et écologiquement correct. Par l'entremise de plusieurs fondations, le groupe soigne son image et s'affirme comme un agent de transformation sociale dans les communautés où il est implanté. Education, diversité culturelle, l'entreprise est sur tous les fronts. Elle stimule la formation professionnelle ou, par exemple, collecte au Brésil des livres destinés aux écoles d'Angola.

LE MONDE | 28.01.2009 | Propos recueillis par Jean-Pierre Langellier

ANEXO 28

Le Brésil s'interroge sur l'amnistie qui avait ouvert la voie à la démocratie en 1979

Les victimes de la dictature veulent la révision de la loi qui, à leurs yeux, a profité aux tortionnaires.

Les années de plomb (1964-1985), où régnait la dictature militaire, se rappellent au souvenir des Brésiliens, à la faveur, paradoxale, du trentième anniversaire d'un événement qui annonçait le retour progressif de la démocratie : le vote en août 1979 de la loi d'amnistie.

Ce texte, exigé par des milliers de manifestants, concédé par l'armée et voté par un Congrès à sa dévotion, répondait à une *"vraie clameur nationale"*, selon l'expression de l'actuel chef de l'Etat, Luiz Inacio Lula da Silva, incarcéré pendant un mois en 1980 avec sept autres syndicalistes.

Même si elle était moins radicale que ne le souhaitaient les opposants à la dictature, excluant de son champ les auteurs d'agressions armées, ceux-ci la saluèrent comme une grande victoire et une étape décisive vers la restauration d'un régime civil. Les quelque cinquante prisonniers politiques encore détenus retrouvèrent peu à peu la liberté, et les milliers d'exilés commencèrent à rentrer.

"MÉMOIRE DES PERSÉCUTÉS"

Trente ans plus tard, les victimes de la dictature et leurs familles portent sur ce texte un jugement beaucoup plus sévère, au point d'en demander la révision. Pour une raison majeure : en accordant l'amnistie à ceux qui avaient commis, entre 1961 et 1978, *"des crimes politiques et connexes"*, la loi a profité en même temps aux persécuteurs et aux persécutés, aux prisonniers et à leurs tortionnaires. Elle a permis à ces derniers d'échapper à la justice.

La perspective d'une modification de la loi est objet de polémique dans les cercles officiels. Certains ministres et magistrats la souhaitent, d'autres, non. L'armée, sans surprise, s'y oppose farouchement. L'Association des avocats avait lancé l'affaire, demandant en octobre 2008 à la Cour suprême de décider si les violences exercées par des militaires et des policiers pouvaient être amnistiées. En mars 2009, l'Association des magistrats a demandé aussi une nouvelle interprétation du texte.

Ancien opposant à la dictature, comme beaucoup de membres du gouvernement Lula, le ministre de la justice, Tarso Genro, s'est exprimé dans le même sens : *"Nous ne demandons pas que les tortionnaires soient torturés. Nous demandons qu'ils soient jugés et que leurs actes soient exposés à la société brésilienne."* Le ministre de la défense, Nelson Jobim, s'élève contre ce *"revanchisme"*. La Cour suprême, qui aura le dernier mot, est divisée.

Une éventuelle révision de la loi nourrit un débat juridique où les uns brandissent la Constitution (1988) qui a consacré l'amnistie, et les autres des conventions internationales ayant déclaré imprescriptibles les actes de torture. En Argentine et au Chili, des auteurs de crimes politiques commis sous les dictatures ont été jugés et condamnés. Au Brésil, les ex-tortionnaires estiment avoir *"défendu leur patrie en guerre"*.

Dans cette affaire, le président brésilien Lula fait montre de prudence. L'important, dit-il, n'est pas de "*punir les militaires*", mais de "*recupérer la mémoire des persécutés*". Le gouvernement a ouvert sur Internet une banque de données sur la répression des années de plomb. Il s'est gardé d'y inclure les archives secrètes des militaires, qui contiennent des informations sur les 400 morts et 160 disparus, victimes de la dictature.

LE MONDE | 25.08.2009 | Propos recueillis par Jean-Pierre Langellier

ANEXO 29

A Belem, dans la ferveur du "Cirio de Nazaré"

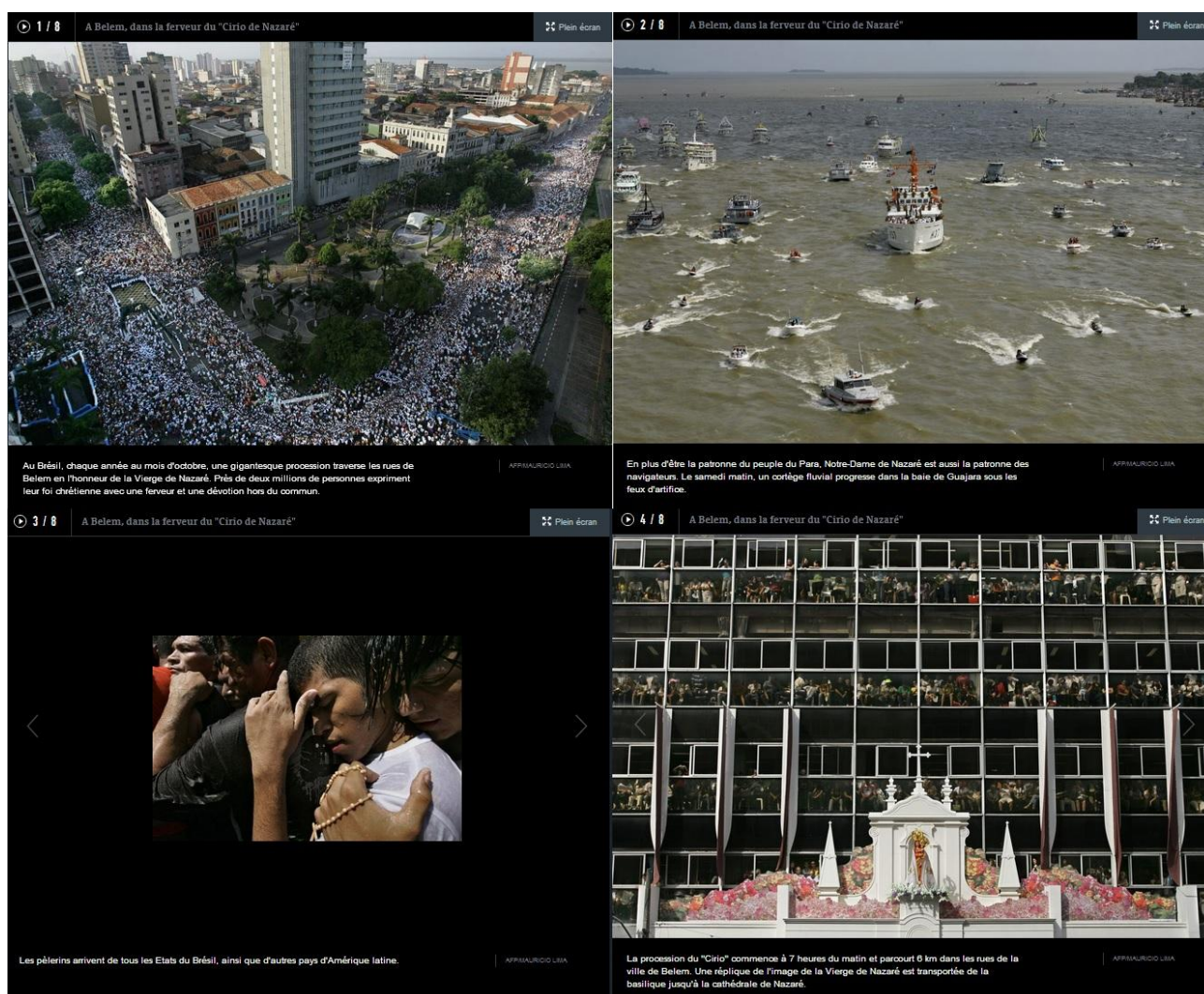


Foto 1: Au Brésil, chaque année au mois d'octobre, une gigantesque procession traverse les rues de Belem en l'honneur de la Vierge de Nazaré. Près de deux millions de personnes expriment leur foi chrétienne avec une ferveur et une dévotion hors du commun.

Foto 2: En plus d'être la patronne du peuple du Para, Notre-Dame de Nazaré est aussi la patronne des navigateurs. Le samedi matin, un cortège fluvial progresse dans la baie de Guajara sous les feux d'artifice.

Foto3: Les pèlerins arrivent de tous les Etats du Brésil, ainsi que d'autres pays d'Amérique latine.

Foto 4: La procession du "Cirio" commence à 7 heures du matin et parcourt 6 km dans les rues de la ville de Belem. Une réplique de l'image de la Vierge de Nazaré est transportée de la basilique jusqu'à la cathédrale de Nazaré.



Foto 5: Certain dévots parcourent le trajet sur les genoux.

Foto 6: Un pèlerin reçoit les premiers soins à l'écart de la procession.

Foto 7: Pendant la marche, une femme est évacuée à travers la foule.

Foto 8: Le "Círio" - la cérémonie du cierge – est la plus importante fête religieuse du Brésil par son ampleur et la ferveur qu'elle dégage.

LE MONDE | 14.10.2008 | Propos recueillis par Mauricio Lima

ANEXO 30

« Les Bruits de Recife » : échos fantômes de la paranoïa brésilienne

Kleber Mendonça Filho capte l'intranquillité des habitants d'un quartier cossu de la ville côtière.

Setubal, quartier aisé de Recife, sur la côte brésilienne, semble être enfermé sous un globe de verre. Ses habitants vivent une existence routinière et confortable, dont les plus grandes contrariétés sont la livraison tardive du nouvel écran de télévision, le chien du voisin qui aboie trop fort, ou, plus grave mais guère plus piquant, l'ennui. Pourtant, Recife est l'une des villes les plus meurtrières du monde, que le sociologue José Luiz Ratton croque en un parallèle inquiétant : « *Le problème de Rio de Janeiro, c'est le crime organisé. Ici, c'est le crime désorganisé.* » Mais si, dans les quartiers populaires, des groupuscules trop sauvagement constitués pour qu'on les qualifie de « mafieux » s'affrontent tous les jours, rien, presque rien de cette violence ne parvient jusqu'à Setubal.

ENFERMÉS VOLONTAIRES

Ce presque rien (un autoradio volé, une voiture rayée) suffit pourtant à entretenir auprès des habitants une paranoïa constante, qui tient lieu de fil rouge au film de Kleber Mendonça Filho, qui signe, avec *Les Bruits de Recife*, son premier long-métrage. A la suite du vol de l'autoradio, les membres d'une société de surveillance se mettent à démarcher les habitants du quartier pour proposer leurs services, assez rapidement acceptés. A croire que les sas, grilles, murs de béton sur lesquels les caméras de contrôle poussent comme de la mauvaise herbe ne font pas assez pour la tranquillité d'esprit des résidents. Dès lors, Setubal se dédouble. A l'abri de leur voiture ou derrière les murs, ils s'accrochent avec détermination à leur statut d'enfermés volontaires. Dans les rues, où l'on ne croise ordinairement personne, les membres de la société de surveillance affrontent l'extérieur, sous un petit chapiteau portatif qui les protège des pluies et des grandes chaleurs, sans que rien de plus menaçant ne se profile.

Si le sujet pouvait se prêter idéalement à une approche documentaire, Kleber Mendonça Filho a préféré convoquer la grammaire de la fiction. Le travail du son en est la marque la plus évidente : estompés ou accentués, imaginés ou en « son off » (c'est-à-dire, sans que la source soit visible pour le spectateur), les bruits du voisinage nous font accéder aux subjectivités troublées qui les perçoivent et s'en emparent pour entretenir leurs craintes. Le cinéaste pousse encore plus loin dans les codes fictionnels, ménageant au cœur de sa matière réaliste des espaces oniriques. Une jeune fille rêve qu'une horde silencieuse envahit sa maison. Une cascade claire se charge de sang. Un vieil homme part se baigner la nuit, en pleine tempête, comme pour défier des forces tout aussi invisibles que la menace tant redoutée des habitants de Setubal, mais peut-être, au bout du compte, plus réelles.

Loin de laisser la vérité humaine à distance, cette mise en fiction du réel semble n'avoir pour but que de nous en rapprocher, comme si nous y étions poursuivis à notre tour par les spectres sonores. Célébré au Brésil comme à l'étranger, *Les Bruits de Recife* vaut pour la force du tableau sociétal qu'il propose autant que comme objet cinématographique rare, alliance étonnante d'inventivité et de rigueur.

LE MONDE | 27.02.2014 | Propos recueillis par Noémie Luciani

ANEXO 31

"Une famille brésilienne" : chronique familiale d'un Brésil en crise

Fruit d'un long travail d'enquête, l'oeuvre de Walter Salles et Daniela Thomas déjoue brillamment les pièges du film à thèse.

Walter Salles est un équilibriste. Depuis ses débuts dans le cinéma, en 1983, il n'a jamais cessé de vouloir concilier sa démarche d'auteur et son désir de toucher un large public, tout en essayant de donner de son pays, le Brésil, une image dégagée de la gangue des clichés qui, entre exotisme et violence, en affectent la représentation. Cette ambition, qui est à son honneur, a donné lieu à des films inégaux, dont le dernier en date, *Une famille brésilienne*, doit être considéré comme une belle réussite.

Renouant avec sa coréalisatrice, Daniela Thomas, avec laquelle il avait inauguré sa collaboration sur *Terre lointaine*, son deuxième long métrage, en 1995, Walter Salles remet sur le métier dans ce nouveau film son ambition de prendre la température d'un pays dont les maux séculaires sont loin d'être résolus. Il crée pour ce faire une famille de Sao Paulo, dont le microcosme romanesque renvoie assez fidèlement à la sociologie des classes défavorisées du pays.

Cette famille, en l'absence d'une figure paternelle identifiée, est constituée d'une mère, Cleuza (rôle qui valut à l'actrice Sandra Corveloni le Prix d'interprétation féminine à Cannes en 2008), et de quatre fils qui semblent être tombés dans son giron comme autant de fruits du hasard passionnel et de la précarité sociale. Forte tête mais coeur tendre, cette mère courage, enceinte d'un petit cinquième de père tout aussi inconnu, élève la troupe d'une main de fer dans un gourbi, en faisant des ménages chez une bourgeoise des beaux quartiers.

Le film suivra sa trajectoire, en la croisant avec celles de la tumultueuse fratrie et en les confrontant toutes à une seule question : comment s'en sortir au quotidien pour survivre ?

Voici donc Dario, qui ne rêve que d'intégrer une équipe junior de football professionnelle, mais qui se heurte, à 18 ans révolus, à l'interdiction légale de son recrutement, sauf à pouvoir alimenter la caisse noire des entraîneurs. Voici Dinho, qui a quant à lui embrassé la foi pour exorciser sa tentation de la dérive sociale et qui s'implique désormais corps et âme dans la vie d'une communauté évangélique dont il attend une rédemption personnelle et collective.

Voici encore l'aîné, Denis, tête brûlée et séducteur invétéré, marié et père d'un enfant, qui délaisse à son tour sa famille pour gagner laborieusement de quoi la faire vivre comme coursier, et jouer son destin chaque jour au guidon de sa moto. Voici enfin Reginaldo, adolescent de 14 ans en deuil de sa jeunesse, plus noir de peau que ses frères et qui passe son temps dans les autobus pour retrouver un père dont sa mère ne lui a dévoilé que la profession : chauffeur de bus.

AUTHENTICITÉ SOCIOLOGIQUE

Ces itinéraires dont on sent bien qu'ils sont les indices d'une authenticité sociologique de la société et plus particulièrement de la jeunesse brésilienne, ajoutés à la construction chorale du

récit qui ambitionne de dresser un tableau exhaustif de la situation, risquent a priori de placer *Une famille brésilienne* sous les auspices du film à thèse.

Le film échappe avec une belle aisance à cet écueil, de même qu'il déjoue le misérabilisme ou le sensationnisme qui le guettaient. Fruit d'un long travail d'enquête et de proximité, tourné avec de jeunes acteurs et des non-professionnels, évoluant avec des moyens légers dans le flux tentaculaire de Sao Paulo, il parvient avec une réelle élégance à insuffler dans cette chronique moderne la juste dose de romanesque pour faire exister ses personnages et nous rendre sensibles à leur sort sans nous prendre pour autant en otage.

De même, l'extrême fragmentation narrative nécessitée par le passage incessant d'une histoire et d'un personnage à l'autre est-elle subjuguée par un sens du raccord et du rythme qui donne au film une grande fluidité.

Ce sentiment de continuité dans la rupture n'est pas qu'une question de forme. C'est aussi, finalement, le vrai sujet du film : comment continuer à vivre dans une société qui vous laisse au bord de la route ? Comment entretenir encore l'espoir de s'y intégrer sans renoncer à l'estime de soi que mille entraves quotidiennes vous incitent plus ou moins insidieusement à abandonner ?

C'est par l'attention à la fois triviale et généreuse qu'il porte à ces questions, par sa façon de ramener l'enjeu artistique à leur hauteur existentielle, qu'*Une famille brésilienne* conquiert tout à la fois ses personnages et ses spectateurs.

LE MONDE | 24.03.2009 | Propos recueillis par Jacques Mandelbaum

ANEXO 32

Le phrasé soul d'Ed Motta rassemble au Duc des Lombards

De retour à Paris, le compositeur et interprète fait entendre un pan méconnu de la musique brésilienne, très empreint des rythmes noirs-américains.

Le Brésilien Ed Motta a appris, lundi 7 octobre au Duc des Lombards, à Paris, où il se produit jusqu'au mercredi 9 (deux sets par soir, 20 heures et 22 heures, à l'ancienne) une nouvelle expression française : *"Merci infiniment."* Il la module d'une voix de flûte, tombe dans les graves, et revient à ce phrasé soul qu'il a cultivé depuis son plus jeune âge.

Né à Rio-de-Janeiro le 17 août (*"du signe du Lion égotique"*) 1971, le chanteur, auteur et compositeur, qui n'était pas venu dans la capitale depuis neuf ans, représente un pan de la musique brésilienne peu connue hors des frontières du pays, très empreint de la soul et du funk américains, et dont le porte étendard fut Tim Maia (1942-1998). Tim Maia, voix rauque à la Barry White, rythmique entachée des saccades de guitares de Jorge Benjor et des facéties de Earth, Wind and Fire, était l'oncle d'Ed Motta, qui partage avec son défunt aîné sa corpulence.

Le petit a marché sur les traces de son célèbre *tio*, mais sur des œufs. *"Il avait été élevé par ma mère, nous explique Ed Motta, dans un studio du Mouv' à Radio France où il est invité en vertu de l'admiration que lui porte les amateurs de soul music, et j'en ai conçu une certaine jalousie sans doute, et lui une très forte rivalité."*

"NIHILISTE ANARCHISTE PERFECTIONNISTE"

Pas de dette, donc, envers cet oncle mort d'obésité, de consommation abusive de whisky, de cocaïne et de marijuana, après avoir chamboulé le paysage musical brésilien et préparé la grande vague du funk des favelas et des faubourgs. Mais un hommage à son compositeur, Genival Cassiano, né en 1943, sans qui *"les succès de Tim Maia n'auraient pas existé"*.

Nœud papillon, gilet et chemise à raies, barbe fournie et crâne lisse, Ed Motta cultive un certain personnage, raffiné, dandy dans l'âme, *"nihiliste anarchiste pessimiste perfectionniste"*. Tim Maia, qui apporta au Brésil l'Amérique noire des années 1970, avait dix-neuf frères et sœurs, une moustache fournie, et mélangeait Wilson Pickett, Luther Vandross à la samba carioca (de Rio) et au baião nordestin – le label de David Byrne, Luaka Bop Records, a publié ce printemps une compilation de Tim Maia, *Nobody Can Live Forever*.

Ed Motta a pris le train suivant, et adoré le duo new-yorkais Steely Dan. Dans la conversation, il cite Billy Wilder, Igor Stravinsky, Stephen Sondheim, et le hard-rock, genre qui vit éclore ses talents de musicien (batter déchaîné à 15 ans), avant qu'il ne fonde en 1998 le groupe de jazz funk Conexao Japeri.

"AOR", SON NOUVEL ALBUM

Quinze albums plus tard, il est en tournée internationale pour présenter *AOR* (pour "*Adult Oriented rock, une expression créée par les radios américaines des années 1970*") dans sa version anglophone, la version lusophone étant réservée au Brésil. Neuf titres de sa composition, habillés en anglais par le parolier Rob Gallagher, et en portugais par de vieilles connaissances comme la papesse du rock brésilien Rita Lee. En quartet (basse, batterie, clavier, guitare), Ed Motta cisèle les thèmes d'*AOR*, album produit avec un soin perfectionniste dans le studio installé chez lui dans le quartier de Jardim Botânico.

"Je suis un musicien à l'esthétique rigoureuse, précise-t-il, j'aime la pop techniquement excellente, je travaille en studio et je n'ai pas cette idée très brésilienne, très physique de l'œuvre qui grandit par la scène." En scène justement, Ed Motta, au piano Rhodes, joue pourtant beaucoup de ses talents : chanteur subtil, adepte de l'*human beat box* (percussions et imitations d'instruments par le corps, grande spécialité brésilienne, avec le jazzman Hermeto Pascoal ou les groupes comme Barbatuques) et du récit improvisé – des sushis japonais aux séries américaines des années 1980, *Magnum* ou *Miami Vice*.

Le récit, à Paris, c'est aussi celui du vin et du fromage. Ed Motta a tenu une chronique sur le vin dans l'hebdomadaire *Veja* et le quotidien *Folha* de Sao Paulo pendant plusieurs années. *"J'ai arrêté, cela rendait mes plaisirs trop techniques"*, poursuit l'homme enclin à se sentir *"au-dessus, ou en dehors des choses de ce monde"*, ignorant les grandes manifestations qui ont envahi les rues brésiliennes en 2013 ou la lutte pour la refonte des sociétés de droits d'auteurs qui a mobilisé une bonne part des stars nationales cette année.

Ses albums, *AOR*, et auparavant *Owitzá* ou *Aystelum*, ont été suivis avec précision par la communauté internationale (Japon compris) des amateurs de soul, de jazz mélangé. Au Duc des Lombards, il se trouve quelques Brésiliens et, pour eux, il fait une concession. Ed Motta reprend en portugais l'un de ses succès populaire, *Colombina* (2000). Les autres ont retenu qu'il avait travaillé à New-York avec Donald Fagen (*Steely Dan*) et qu'il avait suivi les sentiers sinueux d'une soul très balancée.

VIRTUOSITÉ, MAROILLES ET LIVAROT

C'est charmant, virtuose, toujours précis, même entrecoupé de longues citations sur le Maroilles, le Neufchâtel, l'Epoisses, le Livarot, le Coulommiers, l'andouillette et le gésier de canard qui lui provoquent des rêves plus ou moins belliqueux (pour suivre les échappées gourmandes d'Ed Motta à Paris, lire son compte Twitter @EdMotta).

Ed Motta a parfois la langue venimeuse, ce qui lui avait valu une grosse réprimande publique il y a deux ans, pour médisance sur Facebook (sur les femmes laides, et certains noms de la musique populaire brésilienne). Affable en scène, il s'en prend en privé aux mœurs musicales du Brésil, *"un géant qui culturellement ne s'est pas encore réveillé"*. Tenu par une nomenclature opprimante, menée par la génération des Tropicalistes, Cæetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque de Hollanda (*"que j'admire"*, précise Ed Motta au sujet de ce dernier). *"Tant qu'ils seront vivants, nous serons morts, il faut leur baiser les pieds, faire allégeance, sinon rien ne se passe. Tout ce qui arrive en Europe est accepté par eux, Lenine, Crioulo, etc. J'ai l'impression que même si les Anglais parlent toujours autant des Beatles, les*

chapitres de l'histoire de la musique populaire continuent de se tourner. Pas au Brésil. Je suis universaliste, je ne suis pas de ceux qui veulent parler de leur village pour parler du monde."

Ed Motta est un collectionneur de vinyles. *"J'ai commencé tôt, et j'en ai 30 000 environ. Je voulais faire de la musique pour qu'un disque de moi figure dans cette collection",* poursuit cet admirateur de musiciens singuliers : *"Magma, Christian Vander, j'adore, Donny Hathaway, le meilleur chanteur soul, et puis le compositeur brésilien Moacir Santos, dont je possède un album très rare, Coisas de 1965, et qui a travaillé avec Lalo Shiffrin."*

LA QUESTION NOIRE, CENTRALE

Musicalement américain, métis carioca, Ed Motta place au centre de son art la question noire, traduite par le jazz, le funk, la soul, la samba et ce groove si particulier des Américains du sud quand ils jouent ces musiques hybrides et codées. *"Au Brésil, nous n'avons pas eu de Marcus Garvey ou de Malcolm X, ni même de Martin Luther King, plus policé, la révolution ne s'est pas faite et les Noirs restent en marge de la société. Ils ne sont pas présentateurs de télévision, rien de tout cela. Ils ont cette joie innocente !"*

Au pays du vin et du fromage, Ed Motta reconnaît ainsi une autre qualité : celle d'avoir amené à Paris le grand compositeur nègre de Rio Pixinguinha, en 1921, *"avant Villa-Lobos. Voilà bien un pays progressiste"*.

LE MONDE | 16.10.2013 | Propos recueillis par Véronique Mortaigne

ANEXO 33

Haro sur les biographes brésiliens : les stars mènent la fronde

Historiques défenseurs des libertés, Roberto Carlos, Gilberto Gil, Djavan, Caetano Veloso, Milton Nascimento ou Chico Buarque sont-ils les nouveaux censeurs ?

Un vrai sac de nœuds ! En juillet, les chanteurs, auteurs et compositeurs brésiliens, tous unis, avaient obtenu du Congrès brésilien la baisse des taxes sur les CD et le renforcement des contrôles sur l'ECAD, la société de droits d'auteur. Mais voici que des monstres sacrés de la musique populaire se sont pris les pieds dans le tapis en refusant à quiconque, sauf autorisation formelle, le droit d'établir leur biographie. Le débat s'est enflammé sur le Web, dans les journaux, à la télévision, épingleant Roberto Carlos, Gilberto Gil, Djavan, Caetano Veloso, Milton Nascimento ou Chico Buarque et les hissant au rang de censeurs !

Afin de renforcer leurs actions de lobbying politique, ces historiques défenseurs des libertés, dont deux anciens exilés (Caetano et Gil, qui fut ministre de la culture – du parti Vert – du président Lula), se sont regroupés au sein de Procure Saber ("cherchez à savoir"), un mouvement présidé par Paula Lavigne, ex-épouse et manageuse de Caetano Veloso. En face, tous, des éditeurs aux patrons de presse, s'inquiètent de cette "*censure privée*" où le "*biographé*" devient "*le maître de l'histoire*". Une situation insupportable, selon Fernando Moraes, auteur d'un livre sur la communiste allemande d'origine juive Olga Benario, ou pour la sœur de Chico Buarque, Ana de Holanda, ex-ministre de la culture (2011-2012) – leur père, Sergio Buarque de Hollanda, était un brillant historien.

OUI À LA PUBLICATION GRATUITE

Vent debout contre les biographes, le "roi" Roberto Carlos, incarnation de la *jovem guarda* (les yéyés), adoré du petit peuple : en juillet, on le voit photographié avec la présidente de la République, Dilma Rousseff, fêtant la réforme de l'ECAD que Roberto Carlos a accepté de soutenir à condition que soit combattue l'initiative de l'Association nationale des éditeurs de livres (ANEL).

En 2012, l'ANEL avait déposé un recours auprès de la Cour suprême, demandant la suppression pour inconstitutionnalité de deux articles du code civil liant la publication de biographies à l'accord des intéressés ou de leurs héritiers. En août, la presse avait vent des conclusions du procureur de la République, claires, nettes, et cruelles : "*Imaginez, dit-il en substance, un livre sur le I^{er} Empire qui ne mentionnerait pas le penchant de Dom Pedro I pour les aventures extraconjugales*", déterminantes dans le paysage politique de l'époque.

Des biographies, Roberto Carlos en a fait retirer plusieurs, dont *Roberto Carlos en détail*, de Paulo Cesar de Araujo, en 2007. A la clé, de possibles révélations : physiques (il aurait été amputé d'une jambe) ou sentimentales (il aurait préféré les filles légères à sa défunte femme Maria Rita, "*une sainte*").

DÉCISION EN NOVEMBRE

Protéger la vie privée, certes, mais aussi en finir avec ces biographes qui créent des "*actifs commerciaux*" sur le dos des célébrités, selon Gilberto Gil. Procure Saber a d'ailleurs précisé être "*opposé non à la publication des biographies mais à leur commercialisation*" et milite pour une publication gratuite sur Internet.

La cacophonie s'est poursuivie dans le quotidien *Globo*, où Chico Buarque a défendu les héritiers de Garrincha, qui avaient réclamé de l'argent à la Companhia das letras, éditeur de la biographie du footballeur. Luiz Schwarcz, fondateur de la plus importante maison d'édition du Brésil, a sifflé le 15 octobre la fin de la récré. "*Vous avez choisi, écrit-il, le mauvais méchant*", en présentant les écrivains et éditeurs comme des "*usuriers*". La Cour suprême tranchera en novembre.

LE MONDE | 25.10.2013 | Propos recueillis par Véronique Mortaigne

ANEXO 34

Les musiciens brésiliens d'aujourd'hui et de demain

On a cru la créativité brésilienne écrasée par les « papes » Gilberto Gil ou Caetano Veloso, il n'en est rien.

Des disques tout frais, une vague de concerts en Europe, notamment au festival Banlieues Bleues (jusqu'au 11 avril) : une nouvelle esthétique de la musique brésilienne s'est dévoilée en ce début de printemps. Le creux créatif constaté entre la génération issue des années 1960 et celle des années 2000 toucherait-il à sa fin ? On a assez reproché aux « papes » de la musique populaire brésilienne (MPB) de tirer toutes les ficelles et d'empêcher, par leurs statures, les émergences, pour ne pas remarquer que les digues viennent de s'ouvrir et qu'une créativité très mélangée coule désormais depuis le pays de braise.

Gilberto Gil, qui fut ministre de Lula (Luiz Inácio da Silva, président du Brésil de 2003 à 2011), Caetano Veloso, largement impliqué dans les débats de société sans toujours beaucoup de logique (il écrit notamment des chroniques pour le quotidien Globo), Chico Buarque, grand poète de la chanson devenu écrivain solitaire : ce trio, disait lors de son dernier passage à Paris le chanteur funk Ed Motta, a trop longtemps imposé une esthétique post bossa nova, avec des critères dits « *de qualité* ». Sans adoubement des aînés, aucune percée médiatique ne serait possible. Du moins, le pense-t-il.

LES ANNÉES 1980 ROCK ANGLO-SAXON

La grande vague rock a placé à partir des années 1980 la musique brésilienne dans l'axe du rock anglo-saxon, avec de belles réussites (Os Titas, Cazuzza...), mais assez mondialisées pour être inaudibles, ou presque, par un public étranger, qui, par ailleurs, possédait chez lui et dans sa langue des échantillons équivalents.

Caetano Veloso n'a jamais cessé de digérer le rock et toutes ses tendances, avec panache. Mais de sages héritiers de la bossa nova, du choro, du Ttopicalisme ou de la samba, parfois des stars magnifiques (Maria Bethania, Chico Buarque) ont rejoint les rangs de maisons de disques indépendantes comme Biscoito Fino, symbole de bonne MPB. Mais en terme de ventes et de consommation intérieure, le Brésil vit à l'heure de la musique sentimentale venue de l'intérieur du pays, genre *sertaneja*. Le rap national, très vivace, s'est structuré selon les modes anglo-saxons, échappant cependant aux envies de sexe, de grosses bagnoles et d'argent clinquant, pour prendre à bras le corps les problèmes sociaux (Racionais Mc's).

VULGARITÉ DÉSHABILLÉE DU FUNK CARIOCA

Sur le rayon de la vulgarité déshabillée, le funk carioca, avec sa rythmique découpée en tranches, n'a pas son pareil. Le Silencio à Paris invite le 30 avril trois adolescentes très fleur bleue et très provoc, les Pearls Negras, nées dans la favela la plus chic de la zone sud de Rio (enfin, celle où des hôtels, des maisons d'hôtes, des restaurants tenus par des étrangers, sont en train de s'implanter, tant la vue y est idéale), le Vidigal. Les « *bailes funk* » sont au cœur de

la vie nocturne des favelas, ils portent des paroles de jouissance immédiate et gourmande, mais aussi de remises en cause du système social.

Des chorégraphies métissées (samba, hip-hop, funk, capoeira) en ont surgi. Mais pour le moment, les albums de funk carioca ne fleurissent pas, même si les MC étendent leur autorité, avec maintenant des jeunes filles en shorts ultra-courts et talons hauts. Ce mouvement, né à la fin des années 1980, n'est pourtant pas passé inaperçu aux oreilles du label anglais Mr Bongo, qui a publié, dès 2005, une compilation, *Slum Dunk presents Funk Carioca*, avant celle, plus récente, d'Essay recordings de Frankfort. Représentatif : *Os Salientes*, Fofucha Preparada).

Ce n'est pas exactement le genre de Karol Conka, partie de la défense des femmes et nouvelle coqueluche rap du label Mr. Bongo. Karol Conka – nom qui n'a rien d'africain, mais signifie Karol (son prénom est Karoline) con (avec, en brésilien) ka (un « k ») – est née au sud, à Curitiba (Parana). Elle a puisé dans les vinyles de son grand-père Nordestin pour y retrouver des rythmes *caboclos* (mélanges de noirs et d'indiens), des chants de pêcheurs et autres exotismes populaires venus de l'Etat de Bahia, d'Alagoas et de Pernambuco.

KAROL CONKA, « FEMME INDÉPENDANTE »

La jeune femme, qui était en concert le 4 avril au 106 de Rouen, en première partie de Seun Kuti, trace une ligne directe entre elle et Chico Science, l'inventeur du *mangue-beat*, à l'origine du rock assez dur (les Brésiliens ont occupé le devant de la scène hard-rock avec des groupes comme Sepultura) mélangé aux musiques très hybrides qui animent les carnivals populaires à Recife et aux environs, tel le *maracatu*. Ce « mangue », la mangrove, très caractéristique de Recife, est une boue fertile, disait le musicien mort dans un accent de voiture en 1997, à l'âge de 29 ans.

Son groupe, Naçao Zumbi, du nom d'un roi nègre, a repris son héritage rock, tendance punk. Pour la partie dub et électro de l'affaire, Chico Science a trouvé ses prolongements chez DJ Dolores (1 Real CD, Crammed Disc). Mixeur, remixeur, inventeur, Dolores (auteur par ailleurs de la bande originale des *Bruits de Recife*, le film de Kleber Mendonça Filho) échantillonne et fait danser des sarabandes absolument tropicales. Karol Conka a publié *Batuk Freak*, son premier album, avec les moyens du bord, mais « *en femme indépendante* ». Après une carrière éclair, plus de quinze ans après sa mort, Chico Science est une référence première du nouveau paysage musical.

MAIS UM DISCOS, L'AUTRE LABEL

Depuis le début de l'année, il est un autre label qui distribue en salve la nouvelle vague brésilienne : Mais Um Discos La maison a été créée par un Britannique excentriquement voyageur, Lewis Robinson. Très présents sur les scènes européennes, les artistes de Mais Um Discos développent la philosophie maison : on fusionne les styles, on méprise les genres et on irrite les puristes. Le discours est parfois un peu gros, mais il donne des résultats, d'autant qu'il cache un ensemble d'artistes qui n'ont pas tourné le dos à la génération précédente, loin s'en faut.

Ainsi de Siba, qui fut l'un des fondateurs en 1992 du groupe recifense Mestre Ambrosio. D'abord guitariste, Siba s'est emparé de la rabeca, un violon hérité de la tradition ibérique. En 1996, le premier album de Mestre Ambrosio, très mélangé, avait été produit par le chanteur Lenine, également pernamboucain, et son complice d'alors, le joueur de tambourin Marcos Suzano. Siba a ensuite joué avec l'orchestre Fuloresta, percussions et fanfares rurales. Revenu à la guitare électrique, Siba se découvre davantage en scène, les tentatives de connexions entre la Zona da Mata (la zone côtière du nordeste) et le monde contemporain passant davantage par le beau feeling de Siba que par les studios d'enregistrement.

LA MUSIQUE DE BAR REMISE AU GOÛT DU JOUR

Karol Conka suit les codes très urbains du hip-hop et du funk dansé. Siba s'est réorienté vers une musique de bar, qu'une jeune génération a remis au goût du jour. C'est le cas de l'Orchestra Imperial, un big band formé notamment avec Moreno Veloso, le fils de Caetano, le vieux compositeur de samba Wilson das Neves, le guitariste Pedro Sa et le subtil Rodrigo Amarantes, dont le premier album solo, *Cavalo*, a paru en début d'année sans cacher son héritage (Caetano, Chico, Jobim, etc.). L'Orchestra Imperial fait des reprises de thèmes de gafiera (les guinguettes). Son dernier album, excellent, s'intitule *Fazendo As Pazes Com o Swing*, « Comment faire la paix avec le swing en le gardant bien brésilien ». Orchestra Imperial est un délicieux pont entre son patrimoine et le Brésil de 2014.

Il est certain qu'à l'occasion de la Coupe du monde de football, le Brésil va envoyer en bons messagers certains de ses artistes d'un nouveau genre. Le festival Banlieue Bleue a déjà pris le parti de les présenter : Siba, Carole Conka y ont joué, ainsi que les Paulistas de Meta Meta, mené par le saxophoniste Thiago França, entendu aux côtés de Criolo. Ils sont très free-jazz, très baroques, eux aussi des héritiers d'une tradition forte, qui influencia d'ailleurs les Tropicalistes historiques, celles des musiques ultra-urbaines de Sao Paulo, underground et transgenre.

Mais, là, c'est une autre histoire, qui passe par les bizarreries mélodiques de la bossa nova, celles du jazz, de la musique éthiopienne, de l'afro-beat et des architectures en béton.

LE MONDE | 08.04.2014 | Propos recueillis par Véronique Mortaigne

ANEXO 35

Rencontre avec Caetano Veloso, hippie tropical

De passage à Paris pour deux concerts, la star brésilienne revient sur ses engagements politiques et artistiques, le tropicalisme et la liberté créatrice.

Caetano Veloso est un ardent Brésilien. Il a les yeux noir ébène, facilement ébahis, jamais perdus. On ne va pas lui parler football, encore qu'il pourrait nous en entretenir en philosophe des cultures de masse. Son sujet de prédilection, c'est le Brésil profond, ses soieries tropicales, son chaos, sa créativité, ses antagonismes, ses frictions (« *J'adore les frictions, c'est la base du sexe* »). Le temps a blanchi la crinière du lion Caetano, qu'il a raccourcie sans toucher aux mèches, rejetées en arrière quand le rire éclate. Élégant et concis, le chanteur est venu à Paris pour deux concerts, au Grand Rex, vendredi 16 et dimanche 18 mai, au mitan d'une tournée européenne, suite de l'album baroque et rock *Abraço* (2012).

En 1968, le gouvernement militaire, en place depuis quatre ans, impose l'AI5, l'acte constitutionnel muselant toute opposition. Caetano Veloso, ses amis Gilberto Gil, Gal Costa, Tom Zé, tous artistes Bahianais, font la révolution tropicaliste. Ils introduisent des métaphores sociales, du rock psychédélique dans une chanson populaire dominée par la Jovem Guarda (les yéyés) et la bossa-nova. Cheveux lâchés, des « *cheveux de négresse* », disait alors un critique, profil taillé à la serpe, féminité revendiquée, Caetano Veloso a déjà pris sa place de pop star avec *Alegria, alegria*, une chanson simple en apparence, remplie de références (Jean-Paul Sartre, le Cinema Novo, le LSD, la guérilla...).

Cinq décennies ont passé, et Caetano Veloso, sourire large et éclairé, incarne toujours ce que le musicien français Manu Chao définit comme la caractéristique essentielle des Brésiliens : la *soltura*, cette capacité désinvolte à jouir du moment présent en laissant le corps vivre en liberté. Caetano Veloso est un musicien chercheur, un caméléon sophistiqué – hippie tropical auteur d'hymnes générationnels dès son premier album en 1967 ; voyou pasolinien pour *Estrangeiro*, arrangé en 1989 par le guitariste bruitiste new-yorkais Arto Lindsay ; dandy pour *Fina Estampa*, recueil de vieilles chansons sud-américaines en 1994 ; crooner gominé pour *A Foreign Sound*, des chansons de variété nord-américaine ; rocker tranchant depuis 2006 avec *Cê*, premier opus d'une trilogie déstructurée conçue avec trois jeunes musiciens. Caetano Veloso a 71 ans, et le voilà exhibant sa chair, son torse dévoilé, le visage à nu comme sur la pochette de l'album *Abraço*.

GRAVITÉ ET DÉSINVOLTURE

Caetano Veloso est nordestin, né en 1942 à Santo Amaro da Purificação, une bourgade de la baie qui s'étend derrière Salvador de Bahia, où les confréries noires mènent de païennes cérémonies, où les clochers d'église sont ornés de céramiques rapportées de Macao par les Portugais. En 1972, il est l'invité de l'ORTF, où Denise Glaser présente « Discorama » : « *J'ai rarement vu une telle concentration, une telle sérénité émanant d'une voix où tout a la gravité et la désinvolture de l'essentiel* », dit la voix off. Caetano Veloso, alors en exil à Londres, choisit de ne pas chanter du Veloso, mais une chanson patrimoniale, *Asa Branca*, sorte d'hymne au Nordeste, à sa sécheresse désertique, écrite en 1947 par le grand accordéoniste et chanteur Luiz Gonzaga (1912-1989).

Dans cet hôtel des Champs-Élysées, Caetano Veloso persiste dans son adhésion à un Brésil étrangement futuriste, habité de l'histoire du Nouveau Monde et des esprits africains du *candomblé*. Caetano Veloso, disait l'économiste brésilien Eduardo Giannetti da Fonseca, admirateur du chanteur « *depuis la sortie de Muito en 1978* », est double : « *D'un côté, il accompagne la quête d'un ordre civilisé au Brésil, d'une rigoureuse citoyenneté. De l'autre, il est notre cœur yoruba, cette âme sauvage, libre, joyeuse, indienne, qui se niche en chaque Brésilien. Son utopie est celle-là : faire en sorte que la civilisation ne tue pas la vitalité émotionnelle.* » Caetano Veloso voudrait « s'emparer » de la civilisation, comme l'a fait la bossa-nova, étrange et disciplinée.

Sourcils levés, corps au repos, le chanteur dit de la bossa-nova qu'elle lui a permis de « réinventer » ses Brésil, comme elle a accompagné l'essor d'une modernité brésilienne, dont la pierre angulaire fut l'ouverture de la première usine Volkswagen à Sao Bernardo do Campo (Sao Paulo) en 1959 et l'inauguration de la nouvelle capitale, Brasilia, en 1960. « *J'avais 17 ans, j'habitais dans une petite ville de l'intérieur de Bahia. Je me sentais inclus dans le monde moderne parce que j'écoutais la radio, je voyais des films, je lisais des magazines. Mais j'avais la sensation inconsciente que le Brésil était fermé sur lui-même, qu'il se pensait grand, mythique, alors qu'en réalité c'était un échec sur le plan mondial. En découvrant Joao Gilberto, j'ai senti au contraire que nous étions tout à coup investis d'une grande responsabilité. Moins de dix ans après, en créant le tropicalisme, contre les suiveurs de la bossa-nova, j'ai voulu reprendre son aspect le plus fort : le courage de casser, la violence esthétique qui est celle de rompre avec les habitudes d'un provincialisme commode. Il a fallu admettre la valeur esthétique du rock, de la production bon marché de la culture pour les masses.* »

« SCANDALEUSES INÉGALITÉS »

En 1968, la gauche traditionnelle n'apprécie guère l'expression artistique des tropicalistes. Caetano Veloso s'identifie aux contre-cultures : « *Je regardais avec admiration ceux qui risquaient leur vie pour lutter contre la dictature, tournant le dos au Parti communiste, lié à Moscou, et s'orientant vers la lutte armée.* » Fils d'un « *modeste fonctionnaire* » et de Dona Canô, morte en décembre 2013 à l'âge de 105 ans, mère adulée, qui est aussi celle de sa soeur cadette Maria Bethânia, diva de la chanson brésilienne, il ne se voyait pas « avec une arme à la main » : « *Pourtant, en 1963, je pensais que, au vu des inégalités scandaleuses de la société brésilienne, une révolution sanglante ne serait pas injustifiée. Je pense pareillement aujourd'hui.* »

Pour son dernier album, *Abrçoço*, Caetano Veloso a écrit *Um comunista*, dédié au guérillero Carlos Marighella, leader de l'Ação libertadora nacional (ALN), mort dans une embuscade en 1969. La chanson est longue, narrative. Il n'est pas sûr de la chanter à Paris. A Rome, le 7 mai, on lui a fait une ovation. Contacté en 1968 par une ex-collègue de la faculté de philosophie membre de l'ALN, Caetano Veloso est arrêté quelques jours plus tard, ainsi que Gilberto Gil. Ils choisissent de s'exiler à Londres. On leur colle une étiquette : « gauche festive », une expression utilisée avec humour par les intéressés eux-mêmes – « *des artistes, intellectuels, des étudiants aisés qui affichaient des positions de gauche avec charme, tout en menant une vie de plaisirs bourgeois* » : « *Dans mon livre Verdade Tropical, je compare cette expression avec le fameux "radical chic" de Tom Wolfe. Après la chute du mur de*

Berlin et le succès initial des politiques néolibérales de Thatcher et Reagan, afficher des idées de droite est devenu de bon ton. »

« GAUCHE FESTIVE »

« Gauche festive » est devenu « gauche caviar ». Que Caetano Veloso proteste « *face à l'oppression policière contre les gens des favelas* », le voici affublé de l'étiquette. Il en est irrité.

Caetano Veloso, père de quatre enfants, tient une chronique hebdomadaire dans le quotidien *O Globo*, qu'il n'épargne pas de ses virulentes critiques. Il est libre. Parfois contradictoire et esthétisant. Il a bien entendu commenté les mouvements sociaux qui parcourent le Brésil depuis 2013 face aux fortunes dépensées pour la Coupe du monde de football, plutôt que d'être employées pour les transports, l'éducation ou la santé. Ce que voit Caetano Veloso, c'est que le Brésil est créatif, « funk ». Les groupes de jeunes très métissés de la périphérie ont inventé les *rolézinhos* (« faire un petit tour ») : l'occupation festive et éphémère des luxueux centres commerciaux installés dans les quartiers nantis. « *Les rolézinhos sont sexy, hormonaux, apolitiques à première vue, comme la musique funk de Rio, avec ses effets électroniques et ses paroles obscènes qui sont la marque de la liberté créative – tout cela est composé, produit, enregistré et vendu dans les favelas. Ces manifestations d'énergie sociale ne sont jamais inoffensives politiquement.* »

Ces turbulentes occupations qui effraient le bourgeois sont, ajoute-t-il « *en parfaite corrélation avec l'étape historique dans laquelle nous sommes* », une longue période démocratique, beaucoup d'instabilité sociale et la commémoration des cinquante ans du coup d'Etat militaire de 1964. « *On n'a jamais autant parlé de la dictature. Il y a un désir de réparation, de vengeance, mais aussi des délires réactionnaires appelant au retour des militaires. Le Brésil doit absolument prendre conscience de son histoire* » et de son insertion dans un vaste mouvement. Le pays de braise a désormais son mouvement Occupy, ses indignés, ses Anonymous et ses Black Blocs.

Il y a eu de la casse, la police a lutté avec du gaz au poivre. En février, après la mort d'un cameraman de la TV Bandeirantes, la mairie de Rio interdit aux manifestants de porter des masques. Scandale dans la ville du Carnaval, des bals masqués et des transgressions. Caetano Veloso déteste, dit-il, « *la transe narcissique qui pousse des individus à casser les vitres et à vouloir défaire le canevas du pouvoir* ». Mais proteste sur le Net, posant grimé en « black bloc », une chemise noire sur la tête. « *En réalité, précise-t-il, c'est parce que j'avais trouvé belle et juste une fille liée à ce mouvement, que j'avais vue sur Midia Ninja, un réseau social alternatif.* » La presse brésilienne lui tombe dessus, le taxant d'irresponsabilité et d'opportunisme. « *Je suis redevenu le diable. Mais le génie brésilien, c'est bien l'image de Geraldo del Rey qui lève la tête au début du film de Glauber Rocha, Le Dieu noir et le Diable blond.* » Le Brésil, ajoute-t-il, n'a pas encore accompli son destin face au monde.

LE MONDE | 18.05.2014 | Propos recueillis par Véronique Mortaigne

ANEXO 36

Brésil : nouvelle terre d'avenir pour les start-up digitales ?

Brasilia favorise le décollage d'entreprises innovantes. Le projet national Start-up Brasil a ainsi été lancé en 2012, en partenariat avec plusieurs accélérateurs et incubateurs nationaux.

Le Massachusetts Institute of Technology (MIT) distinguera, pour la première fois, le 13 mai, les dix meilleurs innovateurs brésiliens de moins de 35 ans. Sélectionnés parmi 240 candidatures passées au crible, ces jeunes entrepreneurs présenteront leurs idées de start-up digitales à la Fédération des industries de Rio de Janeiro.

« *Le Brésil est un marché plein d'opportunités, que de jeunes innovateurs commencent à explorer* », s'enchantent Guilherme Junqueira, directeur exécutif de l'Association brésilienne des start-up (ABStartups). Créée en 2011 par un réseau d'entrepreneurs, l'association regroupe 2 633 jeunes pousses digitales brésiliennes. Celles-ci se concentrent pour la plupart à São Paulo, dans l'Etat du Minas Gérais et à Rio de Janeiro.

UN VIVIER D'OPPORTUNITÉS

La forte croissance économique qu'a connue le pays jusqu'en 2010 a contribué au développement d'une nouvelle classe moyenne, la « classe C », regroupant 95 millions de personnes au pouvoir d'achat grandissant, plus exigeants quant à la qualité des services de télécommunication.

Selon les estimations de la société d'études eMarketer, le nombre d'utilisateurs de smartphones au Brésil devrait augmenter de 36 % en 2014, se positionnant en tête des pays d'Amérique Latine, où cette croissance est évaluée à 28,3 %. D'ici à 2017, 70,5 millions de Brésiliens devraient posséder un smartphone. C'est un vivier d'opportunités pour les start-up digitales.

Ces dernières se spécialisent dans les sites et applications éducatifs d'e-learning et de cours en ligne. « *Le domaine de l'éducation en ligne est en plein essor au Brésil* », observe Samir Abdelkrim, fondateur du blog StartupBRICS, spécialisé dans l'innovation des pays émergents. Il cite les plateformes éducatives IdiomaFacil, Descomplica et Veduca, en tête du marché brésilien.

UN ÉCOSYSTÈME EN MUTATION

A l'image du Chili, qui a pris les devants dès 2010 avec son programme Start-up Chile, l'Etat brésilien commence à s'engager dans le décollage des entreprises innovantes. Le projet national Start-up Brasil a ainsi été lancé en 2012, en partenariat avec plusieurs accélérateurs et incubateurs nationaux.

Pour les soixante jeunes pousses les plus prometteuses, le gouvernement fédéral offre, entre autres, une bourse de 200 000 réais (64 450 euros). « *Ce programme est particulièrement*

intéressant, car il s'adresse aussi aux startups étrangères qui sont désireuses de créer de la valeur au Brésil », indique M. Abdelkrim. Leurs dirigeants reçoivent alors un visa d'un an.

Cette facilité représente un avantage dans un pays connu pour sa bureaucratie dissuasive. « *L'ouverture d'une entreprise au Brésil requiert au moins deux mois, et est soumise à un nombre incalculable de taxes », explique Frédérico Lacerda, fondateur de 21212, le tout premier accélérateur de start-up digitales du Brésil.*

Le Sénat a cependant approuvé, en octobre 2013, un projet de loi prévoyant une exemption fiscale pour les nouvelles entreprises digitales dont les revenus trimestriels bruts n'excèdent pas 30 000 dollars (22 000 euros).

Frédérico Lacerda souligne cependant que les start-up étrangères qui arrivent au Brésil se heurtent à d'autres barrières à l'entrée, outre celle de la langue. Les conceptions diffèrent dans la manière de faire des affaires : « *Signer un contrat résulte d'un long processus de relations amicales avec le partenaire. Aux Etats-Unis au contraire, les enjeux d'une négociation sont posés directement sur la table par les deux parties. »*

MULTIPLICATION DES ACCÉLÉRATEURS DE JEUNES POUSSÉS

Spécialisée dans l'aide au développement des startups digitales, la société 21212 a été créée en 2011 sur le modèle des accélérateurs américains. « *21 est l'indicateur téléphonique de Rio, 212 celui de New York , où nous avons également un bureau », précise Benjamin White, l'un des fondateurs et ancien vice-président du pôle digital de la chaîne de télévision américaine MTV.*

Dans les locaux de Botafogo, le nouveau quartier d'affaires de Rio de Janeiro, l'ambiance est jeune, détendue mais professionnelle. Moyenne d'âge de l'équipe : 26 ans. Une table de ping-pong trône sur une pelouse synthétique en guise de salle de réunion.

En trois ans, 21212 a contribué au développement de trente-sept compagnies innovantes, et a été imitée par d'autres accélérateurs, dont dix à Rio de Janeiro.

Jusqu'à présent, les start-up brésiliennes sont essentiellement calquées sur des modèles ayant déjà fait leurs preuves à l'étranger. Avec succès.

Par exemple, l'entreprise PagPop, « accélérée » par 21212, a développé un système de paiement par téléphonie mobile, à l'image de Square aux Etats-Unis. Un an seulement après son lancement, en 2012, celle-ci facturait déjà 1,5 millions de réais (490 000 euros), après avoir reçu un investissement d'Intel Capital.

DES MODÈLES INNOVANTS QUI S'EXPORTENT AUX ETATS-UNIS

La start-up digitale Queremos ! (« Nous voulons !»), est née d'un constat : de nombreux artistes venaient se produire en concert à São Paulo, la capitale économique du Brésil, «

délaissant systématiquement Rio où la demande était estimée insuffisante », relate Bruno Natal, 27 ans, l'un des fondateurs, également journaliste culturel au Globo.

Pour « *prouver le contraire* », il décide de créer, avec trois amis passionnés de musique, une plateforme digitale de crowdfunding, permettant aux cariocas d'encourager la venue de leurs chanteurs préférés. Payant à l'avance le prix du ticket d'entrée, les fans n'ont rien à perdre : « *Si la demande est insuffisante, ils sont automatiquement remboursés.* »

Depuis sa création en 2010, Queremos ! a fait venir à Rio des artistes de renommée internationale comme les groupes Vampire Weekend ou The Kooks. En novembre 2013, l'entreprise a vendu 700 entrées au prix de 140 réais (45 euros) pour le concert du groupe The XX, en onze heures seulement.

Sur les douze derniers mois, le nombre d'utilisateurs de la start-up a été multiplié par cinq, et son chiffre d'affaires a augmenté de 50 % par rapport à l'exercice 2012-2013.

Voici un an que Queremos ! est arrivée aux Etats-Unis sous la marque WeDemand . Basée à New York, celle-ci compte déjà 150 000 utilisateurs avides d'évènements musicaux en tous genres.

Pourtant, « *se développer au Brésil a été beaucoup plus simple que s'exporter aux Etats-Unis*, confie Bruno Natal. *Le marché de la musique et de la culture en général est déjà saturé dans les pays développés pour les start-up digitales. Le Brésil est encore vierge dans ce secteur : il y a tout à y créer !* »

LE MONDE | 16.05.2014 | Propos recueillis par Julia Mourri

ANEXO 37

"Les pays pollueurs doivent assumer leurs propres responsabilités"

Des extraits de l'entretien avec le président du Brésil, Luiz Inacio Lula da Silva.

"L'art de gouverner est plus difficile que l'art de la politique, *explique le président Lula*. Tant qu'on n'a pas de responsabilités, on peut multiplier les discours ou théoriser. Mais à l'heure de gouverner, il faut le faire en fonction de l'argent disponible, des possibilités concrètes. Surtout si on veut gouverner pour l'ensemble de la société, sans pour autant perdre de vue la priorité : les pauvres.

"Aucun gouvernement brésilien n'a entretenu de relations aussi étroites avec les mouvements sociaux, basées non pas sur la cooptation mais sur la participation. Depuis janvier 2003, les crédits destinés à l'agriculture familiale sont passés de 1 milliard de dollars à 7,5 milliards. Nous avons exproprié 43 millions d'hectares. Nous avons attribué plus de 50 % des terres distribuées tout au long de l'histoire du Brésil. Après la crise alimentaire, nous avons financé l'achat de 60 000 tracteurs et 300 000 machines-outils pour améliorer l'exploitation familiale.

"Pendant longtemps, j'ai prôné une réforme agraire radicale. Entre-temps, j'ai perdu trois élections. J'ai appris que le peuple souhaitait une réforme agraire tranquille et pacifique. J'avoue que j'ai eu du mal à prononcer ces mots.

"RÉDUIRE LA DÉFORESTATION"

"Personne ne connaît l'Amazonie aussi bien que les Brésiliens. Les 25 millions de personnes qui y vivent ont autant de droits que d'autres au travail et au bien-être matériel. Ils ont besoin de développement et d'emplois. Nous venons de procéder à une régularisation des terres pour en finir avec les propriétés clandestines. Nous sommes en train de délimiter les zones destinées à la canne à sucre. Nous engageons les agriculteurs et les autorités à replanter les arbres abattus. Il s'agit de les persuader que la réduction de la déforestation rapporte davantage. La préservation de l'Amazonie entraîne un avantage comparatif pour nos produits à l'étranger.

"Nous irons à Copenhague pour discuter du climat, mais aussi pour rectifier les informations fantaisistes. On est allé jusqu'à prétendre que la hausse des denrées alimentaires était causée par l'éthanol. Or, seul 1 % des terres cultivées au Brésil sont consacrées à la canne à sucre. Les pays pollueurs doivent assumer leurs propres responsabilités et réduire les émissions à effet de serre. Les pays riches ne peuvent se limiter à verser leur argent pour l'Amazonie. Il faut arrêter la pollution de la planète, nous devons discuter le modèle de consommation : les voitures vont-elles continuer à marcher avec du combustible fossile ou avec les nouveaux carburants propres ?"

LE MONDE | 07.07.2009 | Propos recueillis par Alain Frachon et Paulo A. Paranagua

ANEXO 38

A Rio de Janeiro, la coexistence entre la ville et ses favelas est menacée par la guerre des gangs

Rio de Janeiro reçoit plus de 700 000 touristes pour le carnaval. Ni les agressions, ni la criminalité en hausse ne les ont découragés.

Les hôtels affichent complet. Rio de Janeiro a reçu 700 000 touristes pour le carnaval. Ni les agressions, ni la découverte, fin décembre, de cadavres carbonisés près du "sambodrome" où défilent les écoles de samba, ni la criminalité en hausse ne les ont découragés.

"Les réservations pour la haute saison se font très en avance, explique un hôtelier. Et par rapport à d'autres régions du monde, le Brésil est plutôt pacifique." Des touristes fortunés ont pris la précaution d'embaucher des gardes du corps (80 euros l'heure), voire de circuler en voiture blindée (535 euros).

Les mornes couverts de baraques ont fait de Rio une ville partagée entre la "favela"(bidonville) et "l'asphalte". A Ipanema ou à Copacabana, les hôtels proposent un tour guidé à la favela Rocinha, visitée en son temps par le pape Jean Paul II. Le prospectus souligne le caractère "instructif, nullement voyeur" de l'excursion, "en toute sécurité". Source de culture populaire - la samba -, la favela s'est urbanisée, comme l'attestent les distributeurs d'argent ou les enseignes McDonald's.

La cocaïne a toutefois changé la donne. Son chiffre d'affaires a bouleversé le crime organisé et la psychologie des acteurs. Naguère, les "parrains" de la loterie clandestine, le "jogo do bicho", finançaient les écoles de samba et vieillissaient tranquillement. Désormais, les "soldats" convoyeurs de drogue préfèrent une vie brève et intense à une existence sans perspectives.

Le trafic a multiplié les canaux entre les dealers de la favela et les consommateurs de "l'asphalte". Comme la plupart des quartiers résidentiels jouxtent les mornes, les "balles perdues" des gangs ont fait irruption à travers les fenêtres des appartements. L'étroite frontière entre la favela de Vigario Geral et celle de Parada de Lucas est appelée "bande de Gaza" : pris entre les deux feux de bandes de narcotrafiants qui tiennent à marquer leur territoire, les habitants s'y sentent aussi désemparés que les populations du Proche-Orient.

En décembre 2004, la guerre a fait rage entre les trois factions qui se disputent les 800 favelas de Rio : le "Commandement rouge", le "Troisième commandement" et les "Amis des amis". Leur structure s'inspire de la guérilla urbaine des années 1960. Les prisons, les téléphones portables et la corruption des autorités pénitentiaires ont favorisé leur constitution en véritable pouvoir parallèle, capable d'obliger les commerces à fermer leurs portes ou à payer leur "protection".

"La spécificité de Rio par rapport à d'autres métropoles ou régions du Brésil est la confusion entre les trafiquants et la police militaire (PM)", pointe Silvia Ramos, du Centre d'études sur la sécurité et la citoyenneté (CESC), à l'université privée Candido Mendes. La recrudescence de la violence est souvent le signe d'un dérapage des arrangements négociés entre les uns et les autres. La corruption s'est étendue à tous les niveaux de la PM, à tel point que les policiers attendent de toucher 1 réal "pour le café", avant de laisser repartir l'automobiliste stoppé.

La campagne de désarmement commencée en juillet 2004 a battu un record à Rio de Janeiro, mais n'a pas eu d'incidence sur les meurtres. Sur les 50 000 homicides annuels commis au Brésil, la plupart répondent à des motifs *"futiles"*, rixes ou règlements de compte, perpétrés à l'arme de poing ou à l'arme blanche. *"En revanche, à Rio, le volume des homicides a explosé avec le trafic des fusils d'assaut AK 47"*, affirme Silvia Ramos.

L'armement des trafiquants comprend des mines antipersonnel et des obus. Les routes de la drogue coïncident avec celles des armes et des munitions, que les gangs utilisent sans retenue, comme si l'approvisionnement était intarissable. *"La consommation de cocaïne à Rio est plus réduite qu'en Europe ou aux Etats-Unis, poursuit la chercheuse. Le trafic d'armes et de drogue est la part d'ombre de la mondialisation."*

Le CESeC est un des rares organismes de la société civile présents sur le terrain de la sécurité urbaine. *"La guerre des gangs a explosé dans les favelas où il y a eu davantage d'investissement social, à Vidigal, Vigario Geral, Parada de Lucas, Rocinha ou Maré, confie Silvia Ramos. Justement là où des initiatives socioculturelles louables ont établi des connexions entre la favela et "l'asphalte"."*

Mais l'effort des communautés d'habitants soutenues par les ONG trouve ses limites dans l'absence de relais des politiques publiques.

LE MONDE | 27.10.2009 | Propos recueillis par Paulo A. Paranagua

ANEXO 39

"Nous voulions montrer sans juger"

Les succès planétaires de "Central do Brasil" (1998) et de "Carnets de voyage" (2003) servent aussi à Walter Salles, 52 ans, de tremplin pour mener à bien des projets plus ardues.

Comment avez-vous tracé le destin de ces quatre frères et de leur mère ?

Nous avons voulu suivre la trajectoire de personnages qui essaient de réécrire leur vie. C'est un point commun avec *Terre lointaine* (le premier film que Walter Salles et Daniela Thomas ont coréalisé), mais aussi avec *Carnets de voyage*, un désir de parler des différentes formes d'exil, économique, identitaire, géographique. Daniela Thomas et moi avons lu quelques faits divers qui parlaient de gens qui refusent le destin qui leur a été préparé, ce qui n'est pas si courant au Brésil ; et ces quatre jeunes étaient sans père, à la recherche d'un père hypothétique. Nous avons trouvé l'histoire du benjamin qui avait volé un bus pour retrouver un père conducteur, un jeune qui s'était laissé aller vers une Eglise évangélique et qui avait refusé à un moment la méthode de cette Eglise, nous sommes tombés sur l'histoire de mères qui avaient trois ou quatre enfants de pères différents et qui imposaient une morale très rigide au sein de cette famille très atomisée.

Vous avez mené cette recherche au hasard ?

Nous avons ce désir, Daniela et moi, de porter notre regard sur ce pays très jeune où la moitié des 188 millions d'habitants a moins de 22 ans. Nous avons l'impression que les films sur la jeunesse et particulièrement les films sur les périphéries montraient ces jeunes constamment en train de dériver vers la drogue ou la violence armée, et nous voulions montrer que la réalité est plus complexe. Nous n'avons pas fait ce film contre d'autres films mais avec le désir d'élargir la palette. Nous voulons regarder la jeunesse tous les dix ans et voilà dix ans que nous avons réalisé *Terre lointaine*. Nous avons mis presque trois ans pour mettre cette histoire sur pied.

Vous avez situé le film à Sao Paulo pour refuser l'exotisme de Rio ?

Bien sûr. La première version du scénario avait été écrite pour Rio. Nous avons amené le film à Sao Paulo après avoir compris qu'il s'agissait de jeunes en désir d'appartenance, un désir que la société brésilienne ne leur reconnaît pas. Cette quête est plus emblématique dans une ville qui la rend plus difficile : 20 millions d'habitants, pas de centre - même les taxis se perdent quand vous leur donnez une adresse -, sillonnée par 300 000 coursiers, avec des zones d'ombre où la police n'entre pas.

Mais vous ne montrez pas les grandes organisations criminelles...

En regardant les films brésiliens récents, vous avez l'impression que toutes nos périphéries - le film n'est pas sur une favela, mais sur une banlieue ouvrière - sont sous l'emprise des gangs ou de la police. Or, en sillonnant les banlieues de Sao Paulo, on a été frappés par leur absence. En parlant avec les jeunes, ils ne se reconnaissaient pas dans les films ou les séries télévisées. Je ne parle pas de *La Cité de Dieu* (un film de Fernando Meirelles réalisé en 2003) qui a été un film important pour le Brésil. Cela dit, l'appartenance aux gangs est du même ordre que les appartenances à l'Eglise ou au club de football que vous voyez dans notre film. Le désir

d'appartenir à un ensemble plus vaste que la cellule familiale. Par exemple, quand vous faites partie d'un club comme le Corinthians, qui est le plus grand du Brésil, on dit que vous appartenez à la "nation corinthienne".

Qui sont les acteurs de ce film ?

Comme il s'agissait de personnages qui redéfinissaient leur vie, nous ne voulions pas faire appel à des acteurs déjà installés dans cette position, mais plutôt à des gens qui voulaient s'octroyer une deuxième chance. Nous avons commencé nos recherches dans les groupes de théâtre de la périphérie de Sao Paulo, et il y en a des masses. Par exemple Sandra Corveloni, qui a gagné le Prix d'interprétation à Cannes, est actrice et metteur en scène dans une troupe, Tapa, elle vient de mettre en scène un Pirandello. C'est une actrice très différente du personnage du film, elle a toujours refusé de faire des *telenovelas*, il est encore possible de trouver des gens qui font des choix plus difficiles mais plus intègres. Pour chaque personnage de jeune, il y avait quatre ou cinq acteurs très talentueux et ça a peut-être été le plus difficile : priver ces jeunes de la possibilité de jouer.

Comment le film a-t-il été reçu au Brésil ?

Nous venons de recevoir le Prix de la critique brésilienne. Il a suscité un débat assez vif. Nous voulions montrer sans juger, et ce n'est pas ce qu'une partie de la société brésilienne désire. Une partie de la population veut que l'on fasse appel à la police pour se débarrasser des problèmes.

LE MONDE | 24.03.2009 | Propos recueillis par Thomas Sotinel

ANEXO 40

Un palmarès controversé qui reflète une sélection confuse

"Tropa de Elite" du Brésilien José Padilha a reçu l'Ours d'or du 58e festival de Berlin.

En décernant l'Ours d'or, le 16 février, au film brésilien *Tropa de Elite* ("Troupe d'élite"), le jury de la 58^e Berlinale, présidé par le réalisateur français Costa-Gavras, a spectaculairement pris parti dans la polémique qui a couvé tout au long des dix jours du festival. A quelques exceptions près - *There Will Be Blood*, de Paul Thomas Anderson, *Happy-Go-Lucky*, la charmante comédie de Mike Leigh -, les films retenus pour la compétition ont profondément divisé critiques et publics (la Berlinale accueille chaque année 200 000 spectateurs présents).

Immense succès public au Brésil, *Tropa de Elite*, réalisé par José Padilha, met en scène le travail mortifère du BOPE, une unité de la police brésilienne, vêtue d'uniformes noirs ornés d'une tête de mort, équipée d'armes de guerre, qui lutte contre le trafic de drogue dans les favelas de Rio en recourant à la torture et aux exécutions extrajudiciaires.

AFFLUENCE DE VIEUX ROCKERS

Parce que les autres groupes humains que filme Padilha - policiers corrompus, trafiquants sanguinaires et étudiants bien intentionnés - sont au mieux ridicules au pire répugnants, le film ne reconnaît le statut de personnage à part entière qu'aux policiers du BOPE, dont il souligne les tourments moraux. La figure centrale de *Tropa de Elite*, le capitaine Nascimento (Walter Moura) cherche à se faire muter et voit son mariage se défaire. Ces circonstances atténuantes ont suffi au jury de la Berlinale.

Celui-ci a par ailleurs préféré l'acteur iranien Reza Naji, interprète du *Chant des moineaux*, de Majid Majidi, à la performance hors du commun de Daniel Day-Lewis dans *There Will Be Blood*, de Paul Thomas Anderson, un film qui, de l'avis de plusieurs critiques, dépassait de la tête et des épaules le reste d'une sélection hétéroclite. Paul Thomas Anderson a reçu l'Ours d'argent du meilleur réalisateur pour cette fresque, portrait d'un magnat du pétrole dans les premières années du XX^e siècle. Daniel Day-Lewis y incarne un prospecteur dont on ne sait s'il s'agit d'un génie pervers ou d'un homme qui se distingue seulement par sa soif d'argent et son énergie. Johnny Greenwood (également guitariste du groupe Radiohead) s'est vu décerner le prix de la meilleure contribution artistique pour la partition dissonante qui accompagne *There Will Be Blood*.

Le prix du jury est allé à un autre film controversé, le documentaire *Standard Operating Procedure* dans lequel l'Américain Errol Morris revient sur les sévices infligés par des soldats américains aux détenus de la prison d'Abou Ghraib. Sally Hawkins a reçu le prix d'interprétation féminine pour le rôle de Poppy, l'institutrice de *Happy-Go-Lucky*.

FRUSTRATION DES FESTIVALIERS

Plus que le palmarès, qui reflète bien l'incohérence de la sélection, cette édition 2008 restera pour l'affluence de vieux rockers qui l'a marquée : après les Rolling Stones, Neil Young et Patti Smith, Madonna, qui a présenté son premier long métrage en tant que réalisatrice, *Filth and Wisdom*, faisait figure de débutante.

Et les films qui ont suscité le plus de curiosité pendant cette décade berlinoise n'existent pas encore. A l'European Film Market, le versant commercial de la Berlinale, la présentation des premières images de la biographie de Che Guevara par Steven Soderbergh (dont la société française Wild Bunch est le producteur majoritaire) a précédé les négociations autour du financement de *Coco*, le film sur la jeunesse de Coco Chanel (un rôle que doit tenir Audrey Tautou), que prépare actuellement la réalisatrice Anne Fontaine.

Mais les rockers et le négoce n'ont pas suffi à masquer la frustration de nombreux festivaliers. Certes le nombre de films présentés dans les différentes sections du festival - près de 400 - garantit quelques sujets de satisfaction, comme le très impressionnant *United Red Army*, du vétéran japonais Koji Wakamatsu, projeté dans la section Panorama, ou l'exquis *Nuit et jour*, que le Coréen Hong Sang-soo a présenté en compétition.

C'était beaucoup, mais quand même peu au regard de la masse de films sans grand relief qui ont fait l'ordinaire du festival. Nombre d'entre eux étaient des coproductions allemandes, comme *Black Ice*, mélodrame finlandais de Petri Kotwica, ou *Fireflies in The Garden*, mélodrame américain de Dennis Lee coproduit par la filiale de la major allemande Senator, tous deux sélectionnés en compétition.

LE MONDE | 06.02.2009 | Propos recueillis par Thomas Sotinel

ANEXO 41

"Dans sa trajectoire de vie, l'entrepreneur social part souvent d'une révolte"

Comment définiriez-vous un "entrepreneur social" ?

C'est une femme ou un homme qui met ses qualités entrepreneuriales au service de projets à vocation sociale ou environnementale, afin d'obtenir rapidement un résultat. Muhammad Yunus - le fondateur de l'institution de microfinance Grameen Bank et Prix Nobel de la paix en 2006 - a forgé l'expression "*social business*" : la performance économique au service de l'intérêt général.

La spécificité de notre organisation non gouvernementale (*ONG*), Ashoka, est de promouvoir le changement de système et l'innovation. On dit qu'il vaut mieux apprendre à un pauvre à pêcher que de lui donner du poisson. Nous sommes satisfaits quand on arrive, en plus, à révolutionner l'industrie de la pêche...

C'est-à-dire ?

Ashoka a adapté au secteur social et environnemental une approche empruntée au capital-risque, même si ce n'est pas exactement la même : identifier les bonnes personnes sur les bons projets susceptibles d'avoir un fort retour sur investissement social. Nos domaines d'intervention sont l'éducation, la santé, l'environnement, le développement durable, la lutte contre les discriminations et la citoyenneté. Nous recherchons les entrepreneurs les plus innovants dans ces secteurs. Nous voulons les aider à réussir pour qu'ils deviennent des exemples et que leur modèle soit imité. C'est ce qui se passe : dans près de 70 % des cas, ils sont copiés et ils favorisent d'ailleurs cette imitation.

Quel type "d'entreprise" est concerné ?

Nous parlons d'entreprendre au sens premier du mot. Peu importe la forme juridique utilisée : société, association, coopérative, etc. En France, d'ailleurs, nous aurions sans doute besoin d'un statut spécifique adapté aux entreprises à vocation sociale pour leur permettre de se développer plus rapidement. La clé du succès, c'est de réaliser la coopération entre le monde de l'entreprise classique et celui de l'organisation à vocation sociale : la segmentation entre "grands professionnels uniquement mus par le pouvoir et l'argent" et "idéalistes pas très compétents" ne tient plus. Il existe des convergences et des synergies comme le montre, par exemple, la coopération entre le groupe Danone et la Grameen Bank au Bangladesh.

Les pays en développement sont-ils à l'origine du concept...

Oui, tout ce que nous avons appris vient du Sud : Ashoka s'est installé dans les pays développés dans les années 2000, vingt ans après sa création en Inde. Comme pour le microcrédit, nous réalisons une importation d'innovations sociales du Sud vers le Nord.

Dans les pays en développement, la créativité et l'inventivité sont quasiment obligatoires. Au Brésil, le fondateur d'Ideas (*Institut pour le développement des énergies alternatives et du développement durable*), Fabio Rosa, a voulu lutter contre l'exode rural, qui pousse les pauvres vers les bidonvilles. Il a compris que la principale raison était le manque d'accès à l'électricité, qui prive les populations des bénéfices de la modernité (réfrigérateurs, télévision,

ordinateurs) et des activités économiques. Il a mis au point un système peu coûteux de production de courant monophasé, qu'il a étendu, en utilisant l'énergie solaire, dans les régions reculées d'Amazonie, touchant, au total, plus d'un million de personnes. Le président Lula s'en est inspiré dans son programme "Lumière pour tous". Ce n'est pas une exception : défrichant de nouvelles pistes, les entrepreneurs sociaux influencent souvent leur secteur et sa réglementation.

Comment l'appliquer à la France ?

L'Etat ne peut plus tout faire. Il a besoin de trouver des solutions plus efficaces et moins coûteuses aux problèmes qui se posent, par exemple le vieillissement de la population ou la santé au travail. Nous soutenons le groupe SIEL Bleu (*Sport initiative et loisirs*), créé par un ancien professeur de gymnastique, Jean-Michel Ricard : son association propose des exercices pour améliorer la santé des personnes âgées dans les maisons de retraite et les hôpitaux. Il a aussi développé une activité d'intervention dans les entreprises : des séances d'échauffement le matin sur les chantiers du bâtiment, qui réduisent très fortement les accidents du travail. Les revenus tirés de cette prestation permettent de soutenir l'association.

Comment trouvez-vous et choisissez-vous ces entreprises ?

Nous n'avons pas d'appel à projets mais un réseau de prescripteurs, dans toute la France, qui nous les envoient : journalistes, responsables de fondations ou d'associations comme Unis-Cité, fonctionnaires territoriaux, entrepreneurs sociaux, etc. Le processus de sélection comprend cinq critères - innovation, capacité d'entreprendre, créativité, potentiel d'impact social et éthique - évalués au cours de différentes étapes, comme la rencontre avec des professionnels du secteur ou un entretien avec un membre d'Ashoka d'un autre continent.

Quel soutien apportez-vous ?

Autour de chaque entrepreneur social, un petit groupe de professionnels bénévoles - cadres dirigeants, chefs d'entreprise, associés de cabinets de conseil - les aide à prendre du recul, à passer à la phase de croissance, en leur prodiguant les bons conseils. D'autre part, Ashoka assume le salaire et les charges de l'entrepreneur social, afin qu'il se consacre à temps plein à son projet. S'il est déjà en activité et rémunéré, nous lui donnons de l'argent pour recruter quelqu'un qui l'assistera, afin qu'il puisse se concentrer sur le développement. Il bénéficie aussi gratuitement des services de nos partenaires stratégiques comme McKinsey pour le conseil, Latham & Watkins pour le juridique et le fiscal, Hill & Knowton pour la communication... Enfin, les nouveaux membres bénéficient de l'appui de plus de deux mille entrepreneurs sociaux accompagnés depuis plus de vingt-cinq ans. Ashoka n'est ni un prix ni un soutien à durée déterminée, mais une communauté.

Comment devient-on entrepreneur social ?

C'est une trajectoire de vie qui naît souvent d'une révolte : être né dans une situation difficile, subir une discrimination, être confronté subitement à l'accident de la vie d'un proche, d'un conjoint, d'un enfant, être touché dans ses rencontres par un problème, surtout si l'on a reçu les valeurs de l'altruisme. Les entrepreneurs sociaux trouvent l'énergie de réagir, selon la vision de Gandhi : "*Soyez le changement que vous voulez voir dans le monde.*"

ANEXO 42

La charte d'éthique et de déontologie du groupe Le Monde

La charte est entrée en vigueur mardi 2 novembre 2010.

PRÉAMBULE

La présente Charte a pour objet de rappeler les principes essentiels d'indépendance, de liberté et de fiabilité de l'information, et de préciser les droits et devoirs des journalistes, des dirigeants comme des actionnaires. Elle aura force obligatoire entre les parties (sociétés ou associations des journalistes des différents titres, actionnaires, dirigeants du groupe Le Monde, directeurs des publications et des rédactions), et sera reprise par les statuts des sociétés du groupe Le Monde. En cas de changement à la tête d'un des titres du groupe, elle s'imposera en termes identiques à leurs nouvelles directions de la rédaction et de la publication.

Cette Charte, commune à l'ensemble des publications et sites du groupe Le Monde, s'ajoute aux chartes et accords adoptés précédemment par chacun de ces titres. Ces textes, qui sont annexés à la présente Charte, restent pleinement valides à la seule exception de celles de leurs dispositions qui seraient contradictoires avec celles de la présente Charte. Toute modification apportée à cette Charte doit être approuvée par vote au sein des publications et ne prend effet que dans celles qui l'ont effectivement approuvée.

La vocation des titres du groupe Le Monde est de fournir, sur tout support, une information de qualité, précise, vérifiée et équilibrée. Les journalistes doivent porter un regard critique sur l'information et faire écho au pluralisme des opinions.

Les journalistes disposent des moyens nécessaires pour exercer rigoureusement leur métier, collecter et vérifier les informations, indépendamment de toute pression extérieure. Ils s'interdisent toute manipulation et plagiat, ne relaient pas les rumeurs, évitent le sensationnalisme, les approximations et les partis-pris. Ils doivent éviter tout lien d'intérêt avec les acteurs des secteurs sur lesquels ils écrivent, et s'engagent à déclarer tout conflit d'intérêt.

Des principes déontologiques communs aux rédactions du groupe Le Monde seront rappelés en annexe de la Charte d'éthique et de déontologie, sans distinction de valeur et de force juridique avec le contenu de celle-ci.

L'indépendance éditoriale des journaux du groupe Le Monde à l'égard de ses actionnaires, des annonceurs, des pouvoirs publics, politiques, économiques, idéologiques et religieux est la condition nécessaire d'une information libre et de qualité. Aucun texte ne peut leur être imposé, aucune orientation ne peut leur être dictée par une intervention ou une contrainte extérieure.

Les actionnaires du groupe Le Monde garantissent l'indépendance économique de ses titres au sens de la présente Charte, mais se gardent d'intervenir dans leurs choix éditoriaux et leur traitement de l'information.

La ligne éditoriale de chaque titre, dans sa version papier comme dans sa version en ligne, ne saurait être guidée ni infléchie par les intérêts des annonceurs, pas plus que par ceux d'autres titres du groupe. Les directeurs de rédaction (ou leurs délégataires) sont les responsables éditoriaux de la ligne et du contenu de leur publication.

Au sein de chaque titre du groupe Le Monde, il existe un responsable de l'équilibre économique et de la gestion, distinct du responsable des contenus éditoriaux. En aucun cas, l'un de ces deux responsables ne peut prendre de décision ayant un impact sur le domaine de compétences de l'autre sans avoir obtenu l'accord de ce dernier.

Deux Comités d'éthique et de déontologie distincts, chargés respectivement du quotidien *Le Monde*, de ses suppléments ou déclinaisons, des sites du Monde Interactif et de ses applications numériques d'une part, et de l'ensemble des magazines (le "Pôle Magazines") et de leurs déclinaisons numériques d'autre part, sont chargés de veiller au respect de cette Charte.

Ils veilleront notamment à ce que soit observé l'ensemble des principes contenus dans la Déclaration des devoirs et des droits des journalistes (Munich, 1971), dont la pérennité est indispensable à l'indépendance éditoriale et qui constitue le socle déontologique de la profession de journaliste. Ces principes s'appliquent à la réalisation de tous les contenus éditoriaux produits par les rédactions du groupe, quels que soient leurs supports de diffusion.

Cette Charte sera publiée pour tout ou partie dans les différents titres du groupe dès son entrée en vigueur et restera accessible en intégralité et à tout moment sur chacun de leurs sites.

DEVOIRS ET DROITS DES ACTIONNAIRES

Les actionnaires du groupe Le Monde disposent des pouvoirs que leur confère le droit des sociétés. A ce titre, ils veillent à la bonne marche économique du groupe et de ses publications, à la définition de sa stratégie et de ses axes de développement. Pour assurer l'indépendance financière et politique des titres et sites du groupe, et pour en garantir l'indépendance et la liberté d'expression, chacun s'engage au respect des valeurs et principes définis au présent Code.

Les actionnaires proclament leur attachement à l'indépendance éditoriale de ses publications. Ils s'engagent à respecter la présente Charte, ainsi que les chartes spécifiques en usage dans chaque rédaction du groupe. Tout nouvel actionnaire, majoritaire ou minoritaire, devra prendre le même engagement. Les sociétés du groupe Le Monde ne pourront enregistrer les mouvements ou souscriptions de valeurs mobilières donnant accès au capital qu'en contrepartie de l'adhésion et de la signature de la présente Charte par leurs bénéficiaires.

Les actionnaires, leurs représentants et les membres des conseils de surveillance du groupe Le Monde ne prennent pas part aux choix éditoriaux. Ils n'assistent aux conférences de rédaction que sur invitation de la direction du journal ou de la rédaction, mais n'y interviennent pas. Ils

s'interdisent en outre de commander un article et de donner des instructions pour modifier un article ou empêcher sa publication.

La structure actionnariale du groupe Le Monde fera l'objet d'une publication annuelle sur support papier et/ou numérique par chaque titre du groupe. A cette occasion, un rappel des intérêts détenus par les principaux actionnaires sera également effectué.

Les actionnaires s'engagent à ne pas imposer de partenariats commerciaux au groupe avec les sociétés au capital desquelles ils figurent ou qui leur sont liées commercialement. De même, ils s'engagent à ne pas empêcher ou faire obstacle à des partenariats du même type avec des sociétés qui se trouveraient en concurrence avec les leurs.

Lorsqu'un actionnaire du groupe Le Monde ou une entreprise dirigée ou détenue par l'un de ces actionnaires est citée dans un article publié par un titre du groupe Le Monde, cette particularité est signalée dans le corps de l'article, dans sa titraille ou dans une note de bas de page.

GOUVERNANCE

Les actionnaires et membres des conseils de surveillance s'engagent à veiller à ce que, dans le cadre d'une expression publique, leurs déclarations ne puissent pas engager le groupe Le Monde, sauf dans le cas d'une communication décidée par le conseil de surveillance.

La qualité de membre d'un directoire du groupe est incompatible avec :

- un mandat électif national ou local (hors mandats municipaux dans des villes de moins de 30 000 habitants
- des fonctions de direction, d'encadrement ou de représentation d'un parti politique ou d'un syndicat
- des condamnations définitives à des peines de prison ferme liées aux sujets suivants : (i) incitation à la haine raciale ou pour discriminations ; (ii) financement illicite de partis politiques ; (iii) atteinte aux personnes.

DEVOIRS ET DROITS DES JOURNALISTES

Le présent Code reconnaît la Déclaration des devoirs et des droits des journalistes, adoptée en 1971, à Munich, dans les termes suivants :

Déclaration des devoirs et des droits des journalistes

Préambule

Le droit à l'information, à la libre expression et à la critique est une des libertés fondamentales de tout être humain.

De ce droit du public à connaître les faits et les opinions procède l'ensemble des devoirs et des droits des journalistes.

La responsabilité des journalistes vis-à-vis du public prime toute autre responsabilité, en particulier à l'égard de leurs employeurs et des pouvoirs publics.

La mission d'information comporte nécessairement des limites que les journalistes eux-mêmes s'imposent spontanément. Tel est l'objet de la déclaration des devoirs formulés ici.

Mais ces devoirs ne peuvent être effectivement respectés dans l'exercice de la profession de journaliste que si les conditions concrètes de l'indépendance et de la dignité professionnelle sont réalisées. Tel est l'objet de la déclaration des droits, qui suit.

Déclaration des devoirs

Les devoirs essentiels du journaliste, dans la recherche, la rédaction et le commentaire des événements, sont :

1/ Respecter la vérité, quelles qu'en puissent être les conséquences pour lui-même, et ce, en raison du droit que le public a de connaître la vérité ;

2/ Défendre la liberté de l'information, du commentaire et de la critique ;

3/ Publier seulement les informations dont l'origine est connue ou les accompagner, si c'est nécessaire, des réserves qui s'imposent ; ne pas supprimer les informations essentielles et ne pas altérer les textes et documents ;

4/ Ne pas user de méthodes déloyales pour obtenir des informations, des photographies et des documents ;

5/ S'obliger à respecter la vie privée des personnes ;

6/ Rectifier toute information publiée qui se révèle inexacte ;

7/ Garder le secret professionnel et ne pas divulguer la source des informations obtenues confidentiellement ;

8/ S'interdire le plagiat, la calomnie, la diffamation et les accusations sans fondement ainsi que de recevoir un quelconque avantage, en raison de la publication ou de la suppression d'une information ;

9/ Ne jamais confondre le métier de journaliste avec celui du publicitaire ou du propagandiste ; n'accepter aucune consigne, directe ou indirecte, des annonceurs ;

10/ Refuser toute pression et n'accepter de directive rédactionnelle que des responsables de rédaction.

Tout journaliste digne de ce nom se fait un devoir d'observer strictement les principes énoncés ci-dessus.

Reconnaissant le droit en vigueur dans chaque pays, le journaliste n'accepte, en matière d'honneur professionnel, que la juridiction de ses pairs, à l'exclusion de toute ingérence gouvernementale ou autre.

Déclaration des droits

1/ Les journalistes revendiquent le libre accès à toutes les sources d'information et le droit d'enquêter librement sur tous les faits qui conditionnent la vie publique.

Le secret des affaires publiques ou privées ne peut en ce cas être opposé au journaliste que par exception et en vertu de motifs clairement exprimés ;

2/ Le journaliste a le droit de refuser toute subordination qui serait contraire à la ligne générale de son entreprise, telle qu'elle est déterminée par écrit dans son contrat d'engagement, de même que toute subordination qui ne serait pas clairement impliquée par cette ligne générale ;

3/ Le journaliste ne peut être contraint à accomplir un acte professionnel ou à exprimer une opinion qui serait contraire à sa conviction ou à sa conscience ;

4/ L'équipe rédactionnelle doit être obligatoirement informée de toute décision importante de nature à affecter la vie de l'entreprise.

Elle doit être au moins consultée, avant décision définitive, sur toute mesure intéressant la composition de la rédaction : embauche, licenciement, mutation et promotion de journalistes ;

5/ En considération de sa fonction et de ses responsabilités, le journaliste a droit non seulement au bénéfice des conventions collectives, mais aussi à un contrat personnel assurant sa sécurité matérielle et morale ainsi qu'à une rémunération correspondant au rôle social qui est le sien et suffisante pour garantir son indépendance économique.

PUBLICITÉ

Dans chacun des titres du groupe Le Monde, sur support papier ou numérique, comme dans leurs suppléments ou numéros spéciaux, l'espace rédactionnel et l'espace publicitaire ou promotionnel doivent se distinguer sans aucune ambiguïté. La typographie, l'iconographie et la mise en page de la publicité ou des publi-reportages ne doivent pas prêter à confusion avec le contenu rédactionnel.

Les impératifs publicitaires ne peuvent pas être évoqués pour influencer sur les choix éditoriaux des titres du groupe Le Monde. Les journalistes ne contribuent pas, même de manière anonyme ou à titre gracieux, à la conception, à la rédaction, à l'illustration ou à la mise en page d'une publicité ou d'un publi-reportage publié dans un des titres du groupe.

Les annonceurs n'ont aucun droit de relecture et d'intervention sur les contenus, y compris dans les suppléments et numéros spéciaux qu'ils auraient contribué à financer.

PROTECTION DES MARQUES

Les marques du groupe Le Monde ne doivent pas être utilisées dans un cadre incompatible avec les valeurs du groupe. Les Comités d'éthique et de déontologie sont compétents pour apprécier et juger tout risque d'atteinte à l'image de la marque concernée.

En cas d'accord entraînant un risque de ce type, le président du directoire de la Société éditrice du Monde (SEM) (ou, si elle est distincte de la SEM, le représentant légal de la maison mère du Pôle Magazine) devra saisir le Comité d'éthique et de déontologie concerné, dans un délai lui permettant de se prononcer avant tout engagement irrévocable. A défaut, le Comité d'éthique et de déontologie pourra être saisi par l'un quelconque de ses membres. Il pourra interdire toute utilisation de la marque, en dehors du secteur de la communication et des médias, dont il estimera qu'elle porte atteinte à l'image de cette marque.

RÔLE ET POUVOIR DES SOCIÉTÉS DE JOURNALISTES

Instance représentative élue, le bureau des sociétés des journalistes (SDJ) ou de leur équivalent (associations de journalistes, sociétés de rédacteurs, etc.) de chaque publication a pour interlocuteur naturel et permanent la direction de sa rédaction du titre. En cas de litige, il peut saisir le Comité d'éthique et de déontologie compétent.

Confronté à un problème d'ordre déontologique, tout journaliste est en droit de saisir le bureau de sa SDJ, afin que ce dernier en prenne connaissance, le soumette à la direction de la rédaction en vue de trouver une solution. La direction de la rédaction et la direction de la publication peuvent également saisir le bureau de la SDJ.

La SDJ d'une publication est préalablement informée, dans un délai raisonnable, de toute décision relevant de la politique de développement du titre (notamment création ou acquisition d'un site internet, support audiovisuel et d'un nouveau produit ou d'une nouvelle activité). En cas de projet de changement de formule, la SDJ est informée par le directeur de la rédaction ou le directeur de publication. En cas de projet de modifications touchant au circuit de réalisation, et postérieurement à l'information des élus du personnel, le directeur de la rédaction en informera la SDJ concernée.

RÔLE ET POUVOIR DES COMITÉS D'ÉTHIQUE ET DE DÉONTOLOGIE

Les Comités d'éthique et de déontologie, auxquels les statuts des sociétés du groupe le Monde se réfèrent expressément, ont pour objet de veiller au respect de la présente Charte d'éthique et de déontologie dans les différentes publications et sites du groupe. Ils n'ont pas compétence pour se prononcer sur le contenu d'un article, ni pour prononcer des sanctions à l'encontre des journalistes.

En cas de litige sur l'interprétation ou l'application de la Charte, le Comité d'éthique et de déontologie concerné peut être saisi par deux de ses membres, par une SDJ, la direction de la rédaction ou par le président du directoire. Dans un délai d'un mois à dater de la saisine, et après avoir auditionné les personnes de son choix, le Comité émet un avis et/ou des

recommandations qui seront communiqués aux journalistes intéressés, à la direction de la rédaction concernée et au président du directoire, et qui pourront être publiés à sa demande. La direction du titre concerné s'engage à répondre de façon circonstanciée, et dans un délai de quinze jours, à l'avis ou aux recommandations du Comité d'éthique et de déontologie.

Les Comités d'éthique et de déontologie se réuniront sur convocation de leur président ou à la demande d'au moins deux de leurs membres, et au moins deux fois par an. Ils établiront un rapport annuel qui rendra compte des sujets dont ils auront été saisis ainsi que des avis et recommandations rendus, rapport qui sera tenu à la disposition de toute personne intéressée et distribué aux journalistes des titres et sites concernés.

Le Comité d'éthique et de déontologie du quotidien *Le Monde*, de ses suppléments ou déclinaisons et du site lemonde.fr sera constitué et statutairement composé comme suit, ainsi que précisé dans le pacte d'actionnaires passé entre la société Le Monde Libre et le Pôle d'indépendance : deux représentants de la Société des Rédacteurs du Monde (SRM), un représentant de la Société des Rédacteurs du Monde Interactif (SRMIA), un représentant des Sociétés des Cadres et Employés du Monde, un représentant de la Société des Lecteurs du *Monde*, le président du directoire de la société Le Monde SA (LMSA) ou son délégué, le directeur du *Monde* ou son représentant, le directeur de la rédaction du *Monde* ou son représentant, deux personnalités qualifiées et indépendantes, nommées par le conseil de surveillance de LMSA avec l'accord express des sociétés de journalistes concernées (SRM et SRMIA), une représentant de l'Association Hubert Beuve-Méry ou, en cas de dissolution de cette dernière, une personnalité qualifiée et indépendante, nommée par la Société des lecteurs du Monde et agréée par la SRM et la SRMIA, qui présidera le Comité.

Le cas échéant, si l'ordre du jour de la séance l'exige, les directeurs de la publication des titres ou sites concernés pourront être auditionnés.

Par ailleurs, à chaque fois que Le Monde.fr figurera à l'ordre du jour du comité, le responsable éditorial du Monde.fr y participera.

Le Comité d'éthique et de déontologie du Pôle Magazines sera constitué et statutairement composé comme suit, ainsi que précisé dans le pacte d'actionnaires passé entre la société Le Monde Libre et le Pôle d'indépendance : deux représentants de la SCP PVC, un représentant de la Société de journalistes de *Télérama*, un représentant de la Société de journalistes de *La Vie* un représentant de la Société de journalistes de *Courrier international*, le président du directoire de la société LMSA ou son délégué, le directeur de la rédaction de *Télérama*, le directeur de la rédaction de *La Vie*, le directeur de la rédaction de *Courrier international*, une personnalité qualifiée et indépendante, nommée par le conseil de surveillance de LMSA avec l'accord express des sociétés de journalistes du Pôle Magazines, qui présidera le Comité, un membre de l'Association Georges-Hourdin (étant entendu qu'il ne pourra avoir occupé précédemment de fonctions exécutives dans une publication du Groupe).

Le cas échéant, si l'ordre du jour de la séance l'exige, les directeurs de la publication des titres ou sites concernés pourront être auditionnés.

MODIFICATIONS DE LA CHARTE D'ÉTHIQUE ET DE DÉONTOLOGIE

Toute modification de la Charte d'éthique et déontologie du groupe Le Monde devra faire l'objet d'un vote des Assemblées générales de la SEM et de LMSA et avoir été préalablement approuvée par les deux Comités d'éthique et de déontologie et par les conseils de surveillance de la SEM et de LMSA.

Paris, le

La Société des rédacteurs du *Monde*

La Société des rédacteurs du Monde interactif

La Société des journalistes de *Télérama*

La Société des rédacteurs de *La Vie*

La Société des journalistes de *Courrier international*

Le Monde Libre

Le Pôle d'indépendance du groupe Le Monde

Le président du directoire de la Société éditrice du Monde et du Monde SA

La directrice de la rédaction du *Monde*

Les rédacteurs en chef du Monde.fr

La directrice de la rédaction de *Télérama*

Le directeur de la rédaction de *La Vie*

Le directeur de la rédaction de *Courrier international*.

ANNEXE

PRINCIPES DÉONTOLOGIQUES

Interviews : Les interviews publiés sous forme “Questions-réponses” ne doivent pas être relus par les personnes interrogées, ou alors dans le seul but d'éviter toute erreur factuelle ou de compréhension. Si la personne interrogée modifie substantiellement la teneur de ses propos, l'auteur de l'interview peut, avec la direction de la rédaction, refuser de publier l'entretien.

Voyages de presse : Est qualifié de voyage de presse un déplacement organisé à des fins promotionnelles et pris en charge par un organisme extérieur. Le recours aux voyages de presse doit rester exceptionnel et se justifier professionnellement. L'acceptation d'un voyage de presse doit faire systématiquement l'objet d'une discussion avec un responsable

hiérarchique, afin d'en déterminer l'intérêt et la nécessité. Tout journaliste peut refuser de participer à un voyage de presse, sans avoir à s'en justifier. La participation à un voyage de presse ne saurait valoir engagement du journaliste ou de sa rédaction à publier un article en résultant.

La mention "Envoyé spécial" ne peut être utilisée, en cas de publication d'un article, que dans l'hypothèse où les frais de transport ont été pris en charge par le journal concerné. Dans le cas contraire, il ne peut être fait mention que du lieu où ont été collectées les informations. Cadeaux : Les journalistes s'engagent à refuser tout cadeau d'une valeur supérieure à 70 euros, ou de nature à mettre en cause leur indépendance. En cas de prêt de produits en vue de la rédaction d'un article, la mise à disposition des produits ou matériels ne peut dépasser une durée de trois mois.

Droits de réponse et rectificatifs : Les droits de réponse sont publiés conformément à la loi. Tout journaliste concerné par la publication d'un droit de réponse doit être informé avant ladite publication. Il en va de même pour les rectificatifs.

Conflits d'intérêt : Les journalistes du groupe n'acceptent pas de traiter un sujet autour duquel apparaît un conflit d'intérêt personnel. Ils ne couvrent pas un domaine dans lequel un membre de leur famille ou de leur entourage proche occupe une fonction d'autorité. Ils n'achètent pas d'actions d'une société dont ils suivent les activités pour leur journal.

Toute chronique d'un ouvrage ou d'une œuvre dont l'auteur travaille régulièrement pour le titre ou le site qui la publie doit faire mention de cette qualité de collaborateur.

NB. D'autres principes rédactionnels peuvent figurer dans les textes et chartes propres aux différents titres du groupe.